

AS OBRAS DE RICHARD GREENHAM

Volume 3
(de 5)



Contendo
Dezessete Sermões

Créditos Editoriais

AS OBRAS DE RICHARD GREENHAM – VOLUME 3

Contendo Dezessete Sermões

Tradução, Revisão, Edição e Diagramação: Casuística Puritana

Base Textual: *The Works of Richard Greenham* (EEBO-TCP).

Ano de Publicação: 2026

NOTA SOBRE O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Esta tradução foi realizada com o auxílio de tecnologias de Inteligência Artificial de última geração, utilizadas como ferramenta de suporte para o processamento linguístico e a transposição de termos técnicos do inglês elisabetano. O objetivo final foi garantir que a voz pastoral de Richard Greenham soasse de forma clara, precisa e reverente para o leitor brasileiro moderno, preservando o peso teológico original de sua "cura de almas".

CASUÍSTICA PURITANA

Resgatando a teologia prática para o coração e a consciência.

Instagram: @casuisticapuritana

Site: www.casuisticapuritana.com

SUMÁRIO

SERMÃO 1. Sobre A Extinção Do Espírito.....	4
SERMÃO 2. Sobre A Murmuração.....	27
SERMÃO 3. Sobre O Zelo.....	42
SERMÃO 4. Sobre O Bom Nome.	53
SERMÃO 5. Da Humildade.....	75
SERMÃO 6. Da Boa Educação dos Filhos.....	99
SERMÃO 7. Do Arrependimento e da Verdadeira Tristeza pelo Pecado ..	112
SERMÃO 8. A Respeito da Aquisição Celestial — Parte 1.....	128
SERMÃO 9. A Respeito da Aquisição Celestial — Parte 2.....	149
SERMÃO 10. A Respeito da Aquisição Celestial — Parte 3.....	167
SERMÃO 11. Da Batalha Cristã.....	181
SERMÃO 12. De Diversas Instruções Cristãs.....	208
SERMÃO 13. Do fugir das más companhias, da idolatria e do juramento.	254
SERMÃO 14. Dos Deveres Mútuos entre os Ministros e o Povo.....	272
SERMÃO 15. Da Confissão de Pecados.....	322
SERMÃO 16. Dos Primeiros Efeitos da Cruz de Cristo — Parte 1.....	334
SERMÃO 17. Dos Primeiros Efeitos da Cruz de Cristo — Parte 2.....	351

SERMÃO 1. Sobre A Extinção Do Espírito.

1 Tessalonicenses 5:19. Não Apagueis O Espírito.

Toda a doutrina das Escrituras pode ser brevemente reduzida a estes dois pontos principais: primeiro, como podemos ser preparados para receber o Espírito de Deus; segundo, como o Espírito pode ser retido uma vez que o tenhamos recebido. E, portanto, tendo São Paulo se esforçado para instruir os tessalonicenses, na parte anterior desta Epístola, sobre como receber o Espírito, ele aqui os ensina como conservar e continuar com esse Espírito até o fim. E isso o Apóstolo faz dando-lhes uma ordem e um mandamento: que de modo algum apaguem o Espírito; com isso ensinando, sem dúvida, que assim como desviar-se do mal é o primeiro passo para a bondade, também o caminho mais seguro para conservar o Espírito de Deus em nossos corações é esforçarmo-nos para que ele não seja apagado.

Ora, o Apóstolo, sob grande e ponderada consideração, entrega aqui este preceito: pois, em primeiro lugar, ainda que todos aqueles que nunca provaram do Espírito de Deus sejam digna e justamente condenados, contudo, como diz nosso Salvador Cristo, uma condenação ainda mais justa e temível há de vir sobre aqueles que, tendo-o recebido uma vez, posteriormente o perdem de novo. Além disso, sem este Espírito de Deus, nenhum exercício santo pode ter seu pleno efeito; pois a Palavra não opera onde o Espírito de Deus está ausente; as orações não têm poder para penetrar na presença de Deus; os sacramentos parecem coisas pequenas e insignificantes aos nossos olhos; e todas as outras ordenanças e exercícios que Deus concedeu e ordenou ao homem tornam-se inúteis para ele onde o Espírito não está presente para aplicá-los em nossos corações, ali selando o seu fruto. Por fim, não somos aptos a receber nenhuma boa

graça das mãos de Deus; antes, não estimamos as graças de Deus quando não temos o Espírito para nos ensinar a dar-lhes o devido valor. Pois, fale-se da Lei ou do Evangelho; do pecado ou da justiça; fale-se de Cristo, ou de nossa redenção e justificação por Ele; sim, fale-se daquele imenso e pesado peso de glória com o qual os eleitos de Deus serão coroados — tudo isso não nos move, pouco somos afetados por isso, a menos que Deus nos dê do Seu bom Espírito para tirarmos proveito disso.

O Apóstolo, portanto, com boa razão, deu este preceito; e nós, por muitas e grandes causas, devemos atentar para ele, para que, de modo algum, o Espírito de Deus seja apagado em nós, privando-nos assim de todos esses frutos. Ora, visto que o Apóstolo diz: "Não apagueis o Espírito", parece claro que ele fala aos que já haviam recebido o Espírito; pois, assim como não se pode dizer que o fogo se apagou onde ele nunca esteve, da mesma forma não se pode dizer que apagam ou perdem o Espírito aqueles que ainda não o receberam. Sabei, pois, que este preceito pertence propriamente àqueles que receberam o Espírito de Deus, e estes, especialmente, devem fazer dele um uso particular. Quanto aos outros, ele não lhes pode aproveitar, a menos que, assim como a semente que jaz na terra por muito tempo depois brota e se torna frutífera, este preceito permaneça em suas mentes até que tenham provado (de maneira proveitosa) do Espírito de Deus, gerando neles, então, certa cautela para que não o apaguem.

Pois bem, àqueles que sentiram e encontraram o Espírito de Deus em si, a estes diz São Paulo neste lugar: "Acautelai-vos para que não apagueis o Espírito". Se considerarmos isso com alguma seriedade, estas duas questões se apresentarão e logo surgirão em nossa mente: primeiro, como podemos saber se temos ou não o Espírito de Deus; segundo, se o temos, se ele

pode ser perdido novamente ou não. Se estas perguntas forem bem e suficientemente respondidas, darão, sem dúvida, grande força a este preceito. Quanto à primeira, se quisermos saber se temos ou não o Espírito, devemos certamente compreender que, assim como quem melhor sabe que tem vida é aquele que a sente em si mesmo, da mesma forma quem melhor sabe se tem o Espírito de Deus é aquele que sente o Espírito operando em si. E se quisermos saber isso ainda mais pelas operações e efeitos peculiares do Espírito, atentemos para o seguinte.

Como Saber Se Temos O Espírito De Deus

Primeiro: Primeiramente, se nada houver no homem senão a própria natureza do homem; se nada além disso puder ser alcançado pela arte e esforço do homem, então certamente nesse homem não habita o Espírito de Deus. Pois o Espírito vem de Deus, é do alto, está acima da natureza; e, por isso, o Apóstolo contrapõe o Espírito de Deus ao espírito do mundo quando diz: "Nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus" (1 Co 2:14).

Além disso, o Espírito de Deus é eterno e dura para sempre; mas todas as ações e artifícios dos homens perecem e, com o tempo, chegam ao fim. Portanto, ainda que um homem possua sabedoria com grande conhecimento, e ainda que em inteligência e habilidade supere e exceda a média dos homens, se do alto ele não foi iluminado, se do céu sua sabedoria não foi santificada, seu conhecimento decairá, sua sabedoria murchará como a erva; ele ainda não provou do Espírito de Deus, que dura para sempre. E por isso diz São Paulo: "Ensinamos os mistérios de Deus, os quais nenhum dos príncipes e homens deste mundo, que estão acima dos outros em excelência, é capaz de compreender."

Segundo: Em segundo lugar, considera se há em ti alguma alteração ou mudança. Pois os sábios peritos na natureza podiam dizer que em toda geração há uma corrupção. E vemos que a semente semeada é muito modificada antes de crescer e dar fruto. Assim, é necessário que, na regeneração, haja uma corrupção do pecado, de modo que, assim como a semente na terra, também o pecado em nossos corpos mortais decaia, para que o novo homem seja ressuscitado, tomando o Espírito de Deus posse de nossas almas.

Por isso, o evangelista João faz deste o primeiro trabalho do Espírito: convencer o mundo do pecado; e isto é tão necessário que, sem isso, não há o Espírito de Deus, nem tampouco pode Cristo vir e entrar nesse homem. Disso decorre que Cristo comparou os judeus a crianças na praça que não dançavam, embora tivessem tocado flauta para elas; e a razão era que elas não haviam primeiro aprendido a lamentar com João. Pois aqueles que, pela pregação de João, aprenderam a lamentar seus pecados e, por causa de seus pecados, andavam pensativos em suas próprias almas, esses receberam a Cristo, dançaram e se alegraram ao ouvir as boas-novas do Evangelho. Por isso Cristo diz que meretrizes e prostitutas entraram no Reino dos Céus (visto que lamentaram seus pecados) antes dos orgulhosos fariseus, que não foram tocados por nenhum remorso de suas faltas. E é pela mesma causa que Cristo chama a Si apenas os que estão cansados e sobrecarregados, ensinando que, se eles não acharem que o pecado é uma carga pesada e um fardo para eles, não têm o Espírito de Deus, nem estão aptos a receber a Cristo.

Assim, ser convencido do pecado é a primeira obra do Espírito, a qual o Espírito opera em nós por estes graus: primeiro, ele desperta em nós um grande e geral espanto em razão de todos os

graves e enormes pecados que cometemos, e isso nos abate, nos aterroriza e nos mantém maravilhosamente atônitos; em seguida, trata conosco de modo mais particular: conduz-nos a uma tristeza especial por pecados específicos; priva-nos de nossos principais desejos e desfaz nossa presunção e apreço pelas melhores coisas que há em nós. Pois, então, ele expõe diante de nós a vaidade e as trevas de nosso entendimento, quão inaptos e desprovidos somos para compreender e conceber as coisas que, acima de todas as outras, nos dizem respeito de modo particular; depois, faz-nos ver a perversa corrupção de nosso juízo, e que diante de Deus, e nas coisas que Lhe pertencem, somos como animais brutos, incapazes de discernir as coisas que diferem ou de estabelecer uma distinção clara entre o bem e o mal; em seguida, faz-nos ver que a nossa razão é irracional — mais ainda, que nos é prejudicial, uma grande inimiga da fé e uma grande defensora da infidelidade e da incredulidade.

Quando chega às nossas afeições, vira-as de cabeça para baixo: transforma o nosso riso em pranto, o nosso prazer em sofrimento e o nosso maior deleite em amargurada tristeza. Se avança ainda mais e chega de vez ao coração, ao ânimo e à coragem que há em nós, então nos corta até a alma; então nos abate de imediato em humildade sob a mão de Deus. Pois enquanto lidávamos com os homens, éramos tão firmes quanto qualquer outro, e não recuávamos diante de ninguém; tínhamos razões a alegar em nossa defesa e coragem para nos defender contra todos os que lidavam conosco. Mas agora o Espírito nos atrai à presença de Deus e nos faz ver que temos de nos haver com Deus, e que a nossa força é fraqueza perante Ele. Então o nosso coração começa a desfalecer; pomos a mão sobre a boca e não ousamos responder; antes, tomamos prontamente a nossa cruz, porque o próprio Senhor assim o determinou. Contemplai aqui como o

Espírito opera; vede como o pecado é corrigido. E quem puder enxergar isso em si mesmo pode dizer com certeza que o Espírito de Deus habita nele; que não está em vão em seu interior; sim, que é poderoso e vivo em sua operação em seu coração. (Jo 16; Mt 11; 1 Co 2:14; Fp 1:9-10)

Terceiro: A terceira marca e efeito é o avanço dessa obra até a justificação. Pois, quando o Espírito nos trouxe até aqui, começa a abrir-nos uma porta para a graça e o favor de Deus; coloca em nossa mente que há misericórdia junto a Deus e, portanto, nos desperta a buscar misericórdia de Suas mãos. Depois, faz-nos ver como Cristo sofreu para tirar os pecados do mundo, a fim de que, na justiça de Cristo, possamos esperar ser justificados perante Deus. E isso ele não apenas nos faz ver, mas opera eficazmente uma firme convicção em nossos corações, confirmando-a por meio de dois efeitos notáveis.

O primeiro é uma alegria indizível e gloriosa, pela qual nossos corações devem necessariamente ser inteiramente tomados e arrebatados, ao nos vermos — pela justiça de Cristo, mediante a livre misericórdia e graça de Deus — remidos da morte, libertos do inferno e livres da temível condenação dos ímpios.

O segundo é a paz de consciência, que de fato excede todo o entendimento. Enquanto o pecado e a culpa do pecado permaneciam, não havia paz, nem repouso, nem sossego a serem encontrados, mas temores por dentro, terrores por fora e aflições por todos os lados. Contudo, uma vez pregado o pecado na cruz de Cristo, retirada a culpa do pecado de nossas consciências e removido para longe o seu castigo, deve então seguir-se uma grande paz; pois os nossos acusadores não ousam proceder contra nós, os nossos pecados estão perdoados e Deus está reconciliado conosco — e para isso temos a garantia e o

testemunho do Espírito. Poderiam a carne e o sangue persuadir-nos disso? Poderia alguma criatura nos assegurar de como Deus está disposto em relação a nós? Sem dúvida que não. E, portanto, onde estão esta alegria e esta paz, aí deve necessariamente estar o Espírito Santo, o autor e realizador das mesmas. Pois, assim como ninguém sabe o que há no homem, senão o espírito do homem que nele está, assim também ninguém conhece a vontade de Deus, senão o Espírito de Deus; e, por conseguinte, é o Espírito de Deus que deve certificar os nossos corações e espíritos acerca disso. (Sl 130:4; Rm 5:1-2; Rm 9:1; Fp 4:3-5; 1 Co 2:14-15)

Quarto: E disso surge aquilo que tomamos como a quarta marca, quando a encontramos em nós mesmos: a saber, a vida e a prontidão que há em nós para fazer o bem. Pois, quando um homem encontra favor da parte de Deus para o perdão dos pecados, então o amor de Deus o constringe; aquela alegria que ele concebe o impulsiona e lhe infunde vida para a prática daquelas coisas que são agradáveis a Deus. Então ele começa a achar-se não apenas resgatado do mal, mas também dedicado e moldado para aquilo que é bom. O seu entendimento é então iluminado para compreender os mistérios da piedade, a grande obra de sua redenção e tudo o que concerne à saúde salvadora de sua alma. O seu juízo é então reformado, e ele é capacitado a julgar entre a religião falsa e a verdadeira, entre as obras da carne e as do Espírito, entre o que é bom e o que é mau e desagradável aos olhos de Deus. Suas afeições são, em boa medida, alteradas: seu desejo não está voltado para as coisas terrenas, mas para as celestiais; suas alegrias não estão na terra, mas nos céus; sua ira é consumida e gasta, não em causas e contendas particulares, mas em seus próprios pecados e em tudo o que impede a glória de seu Deus.

Esta é a vida de Deus nele. Assim vive aquele que recebeu o Espírito, e assim ele conduz sua vida continuamente; pois os que receberam o Espírito são guiados pelo Espírito e vivem em conformidade, produzindo os frutos do Espírito. Contudo, esta vida traz fraqueza associada a ela, e os homens, por fragilidade, podem cair facilmente; por isso, diz-se que a sua vida está oculta em Cristo, porque ela não aparece de modo pleno e perfeito. Portanto, se, não obstante essas fraquezas e quedas, quisermos saber se ainda retemos o Espírito de Deus, devemos examinar-nos e provar nossos corações por estas regras:

Primeiro, se caímos por fraqueza (pois quem há que não caia?), e quisermos então saber se por nossa queda perdemos ou não o Espírito de Deus, vejamos que agrado ou desagrado temos pelo pecado; pois se, após a nossa queda, mantivermos o nosso antigo ódio ao pecado, e quanto mais frequentemente caímos, mais profundo e mortal ódio concebemos contra ele, indubitavelmente essa fraqueza ainda não nos privou do Espírito.

Segundo, vem e vê como andas com a tua tristeza; pois enquanto a tua tristeza aumentar por causa de teus pecados, não se pode pensar que o pecado e a carne tenham vencido e apagado totalmente o Espírito em ti.

Terceiro, prova o teu cuidado; e se cresceres em um cuidado piedoso, tanto sobre como pelejar contra o pecado em campo aberto, quanto sobre como frustrar o pecado em todos os seus ardis, então terás uma garantia ainda maior de que o pecado, embora seja grande como Golias, não prevaleceu até agora contra o teu pobre e pequeno Davi — isto é, contra aquelas poucas e pequenas graças que o bom Espírito de Deus te concedeu.

Mas a última é a mais certa, e é esta: quando és cuidadoso para redimir aquilo que perdeste pela queda, e tens o cuidado de correr para a frente com tanto mais rapidez quanto mais foste retardado por tua queda, então se evidencia que o Espírito habita em ti; sim, ele é vivo e poderoso em sua operação, e tal que nunca te será tirado até o dia de Cristo. (Ef 4:18; Rm 8:2; Gl 5:22)

Desse modo, podemos, em alguma medida boa e competente, testar e provar se temos ou não o Espírito de Deus; pois onde se encontram esses frutos, ali também está o Espírito de Deus. Para maior confirmação disso, podemos notar a maneira de falar quando ele diz: "Não apagueis o Espírito". Costumamos comumente dizer que o fogo se apagou quando a sua luz e calor são retirados; e, de fato, nada pode propriamente se dizer apagado senão o fogo. Ora, ao dizer o Apóstolo "Não apagueis o Espírito", ele nos dá a entender que o Espírito é, sob certos aspectos, semelhante ao fogo. Portanto, se considerarmos apenas um pouco a natureza do fogo, julgaremos muitíssimo melhor acerca do Espírito. E, entre outras, encontramos estas propriedades no fogo:

Primeiramente, ele há de queimar e consumir as coisas que podem ser queimadas e consumidas; e, por isso, ao cair sobre palha, restolho, gravetos ou coisas semelhantes, reduz os mesmos a cinzas e faz com que fiquem como se nunca tivessem existido.

Em segundo lugar, ele depura e purifica as coisas que podem suportar ser depuradas; e isso ele faz, primeiro, removendo a superfluidade da escória que cobria o objeto a ser depurado, e, depois, refinando o próprio objeto e tornando-o cada vez mais puro.

Em terceiro lugar, ele dá luz mesmo nos lugares mais sombrios e escuros.

E, por fim, ele dá calor e, além disso, infunde como que vida nas coisas que são capazes de vida. Pois enquanto um homem está congelado e morrendo de frio, fica entorpecido e como que sem vida; mas, sendo levado ao fogo, ele se aquece, revive, anima-se e então se torna ativo e ágil.

Estas são as propriedades do fogo, e estas de alguma maneira se assemelham e nos esboçam as obras e efeitos do Espírito. Pois, antes de tudo, quando o Espírito de Deus se apossa de um homem e entra em sua alma, começa então a queimar, desgastar e consumir nele as coisas que devem ser destruídas; dessa forma, as más afeições, as concupiscências nocivas e os demais restolhos que estão no homem são consumidos e queimados pelo Espírito de Deus. Em segundo lugar, purifica-nos dos pecados grosseiros e, diariamente, purifica-nos cada vez mais, a fim de que sejamos um vaso limpo e sagrado, e um templo para Ele repousar e habitar. Em terceiro lugar, é uma lâmpada brilhante, sempre acesa e dando-nos luz continuamente no caminho em que devemos andar. E, por último, ele nos aquece e nos inflama com o zelo pela glória de Deus, com o cuidado de nosso dever e com o amor a toda a humanidade; sim, além disso, infunde-nos vida e vigor para andarmos nesse bom caminho que conduz à vida, e para realizarmos todas as boas obras que possam glorificar a Deus ou ser proveitosas aos homens.

Assim vemos que semelhança há entre o Espírito e o fogo, razão pela qual o Espírito nas Escrituras é comparado ao fogo; na verdade, é às vezes chamado de fogo, pois João diz que nosso Salvador batizaria com o Espírito Santo e com fogo — isto é, com o Espírito Santo, que é semelhante ao fogo. Portanto, tão

verdadeira e certamente quanto podemos dizer que há fogo ali onde vemos a palha e coisas semelhantes serem consumidas, ou o ouro e a prata refinadamente depurados, ou grande luz em lugares escuros, ou grande calor em corpos que antes estavam entorpecidos; com igual verdade podemos dizer, e com igual certeza podemos nos persuadir, de que o Espírito de Deus habita em nós quando vemos nossa corrupção consumida, nossas almas purificadas da escória do pecado, e nossos corações iluminados e fervorosos em andar e operar segundo essa luz.

Se O Espírito Pode Ser Perdido Novamente

A segunda questão a ser considerada é se aquele homem que uma vez provou profundamente do Espírito pode perdê-lo e tê-lo apagado em si. A isto pode-se dizer que, como o Espírito de Deus vem e opera em diversos homens, diversamente e em diversas medidas, devemos, portanto, considerar a operação diversa do Espírito para então formularmos nossa resposta em conformidade.

Primeiramente, então, há uma obra mais leve e menor do Espírito, a qual pode ser apagada naqueles que a possuem. E que esse tipo de operação inferior ou menor pode ser retirado, depreende-se claramente da parábola da semente que nosso Salvador Cristo propõe; pois, além daqueles que recebem a palavra em boa terra e dão frutos, uns a cem, outros a trinta e outros a sessenta por um, Ele também faz menção de alguns outros que receberam a palavra e, contudo, não perseveraram. E o quê, não tinham estes o Espírito de Deus em si? Sim, sem dúvida, pois receberam a palavra; sim, receberam-na com alegria e, o que é mais, creram naquilo que haviam recebido. Vede, pois, três frutos do Espírito de Deus nestes homens, e contudo eles não perseveraram; pois creram de fato, mas a fé

deles era temporária, durou apenas por algum tempo e, após esse tempo, desvaneceu-se, e o Espírito deles se retirou. Pois ou os prazeres e proveitos desta vida expulsaram as graças de Deus e as secaram, ou o calor ardente da perseguição as consumiu por completo. (Mt 13; Lc 8; Mc 4; Hb 6)

Mais claro e notável para este propósito é o que está no sexto capítulo aos Hebreus; pois ali o Apóstolo diz que alguns podem provar do Espírito Santo e, por isso, ser levados a provar da boa palavra de Deus, ser iluminados para receber os dons celestiais, e sim, provar do poder da vida por vir. E o que se segue? Certamente diz o Apóstolo que, se tais pessoas caírem, é impossível que sejam renovadas; dando-nos a entender que mesmo aqueles que receberam o Espírito Santo, que foram iluminados, que receberam dons celestiais e provaram do poder do mundo por vir — mesmo esses podem cair, e neles o Espírito pode ser apagado. (Hb 6:1-5)

Há um segundo tipo de operação do Espírito, que é uma operação mais profunda e eficaz, a qual nunca pode ser tirada daqueles que a receberam. O Apóstolo Pedro a descreve quando diz que os escolhidos de Deus são regenerados pela semente incorruptível da palavra. Isso não é uma mera recepção ou um leve provar da palavra; mas é um profundo saborear da mesma, pelo qual somos gerados e nascemos de novo. O Apóstolo São João estabelece outra marca disso, dizendo que os que são assim nascidos de novo não podem pecar; isto é, não podem fazer do pecado uma ocupação, não podem cair totalmente por terra pelo pecado. E por quê? Precisamente porque a semente de Deus permanece neles; sim, aquela semente com a qual foram gerados para uma viva esperança de vida, essa mesma semente permanece, e permanecerá até o fim. Aquele que é regenerado por esta semente, e tem esta semente permanecendo nele, o

Espírito operou nele aquilo que não lhe será tirado; e, portanto, nosso Salvador Cristo diz: "As palavras que eu vos digo são espírito e vida". E em outro lugar diz que ninguém arrebatará as Suas ovelhas de Sua mão, pois o Pai é maior do que todos; e, portanto, em outro lugar diz que é impossível que os eleitos sejam enganados. (1 Jo 3:7-8; Jo 10:28-29)

Vemos, pois, a questão respondida: a saber, que há uma operação inferior que pode ser perdida, e uma operação mais eficaz do Espírito que nunca pode ser retirada daqueles que a possuem. E isto não nos deve parecer estranho, nem tampouco devemos nos escandalizar por o Senhor tomar alguns e deixar outros; ou por Ele começar em alguns e não levar a Sua obra à perfeição, pois assim trata Ele com as demais coisas no mundo. Uma parte do trigo é semeada e nunca brota; outra brota e, no entanto, murcha logo em seguida; outra cresce até formar a espiga e, contudo, é então castigada ou crestada; e outra (segundo o Seu bom prazer) chega à maturação no tempo devido. Da mesma forma, algumas árvores são plantadas e nunca criam raízes; outras criam raízes, mas não florescem; outras florescem, mas nunca dão fruto; e outras, por Sua bondade, dão fruto na estação própria.

Se o Senhor lida assim com a planta e a erva do campo, por que não haveria de lidar assim conosco, os filhos dos homens? Se não conseguimos conceber a razão disso, devemos nos calar; pois todas as obras de Deus são feitas em justiça, e todo o nosso conhecimento é imperfeito. Portanto, nisto devemos antes acusar a nós mesmos de ignorância do que ao Senhor de injustiça. Pelo contrário, nós mesmos lidamos de modo semelhante com as coisas que estão sob o nosso poder. Nos colégios universitários, os membros acadêmicos [*fellows*] são primeiramente escolhidos para serem probacionários [*probationers*] e, se forem então aprovados, tornam-se membros

plenos, caso contrário, não o são. Se um homem sem filhos toma o filho de algum amigo para fazê-lo herdeiro de todos os seus bens, ele o manterá sob condição de agrado: se seus modos forem honestos, será preferido, sim, poderá até ser colocado sobre toda a sua casa, e no entanto, mais tarde, por alguma falta cometida, ser totalmente rejeitado. Outro homem toma outra criança para o mesmo fim e a torna de fato sua herdeira. Sendo assim, devemos considerar justo que o Senhor lide desse modo conosco, visto que estamos em Sua mão; e não devemos nos escandalizar se Ele chama alguns e não os ilumina; e embora ilumine alguns e não os conserve, e, por Sua grande misericórdia, conserve alguns até o fim. Vejamos, antes, que uso devemos fazer desta doutrina.

Primeiro, devemos acautelar-nos para nunca apagar nenhuma graça ou dom que Deus nos conceda.

Segundo, devemos nos esforçar continuamente para obter uma medida maior de dons; pois os ímpios podem chegar a ter alguns pequenos dons, e tais que lhes podem ser inteiramente retirados.

Por fim, isso estabelece uma clara diferença entre os piedosos e os ímpios, entre os que ostentam uma aparência de santidade e os que de fato são os santos do Senhor; pois os primeiros duram apenas por um tempo, e os outros permanecem para sempre.

Agora, se requerermos um teste adicional para sabermos se recebemos aquele espírito que dura apenas por um tempo ou aquele que permanecerá conosco para sempre, atentemos para estas regras, que colocam uma diferença clara entre ambos:

Primeiro, devemos notar a iluminação e a percepção que temos da Palavra de Deus. Certo é que tanto os piedosos quanto os ímpios são iluminados, mas a iluminação dos piedosos é uma, e

a percepção dos ímpios é outra. Pois aquele conhecimento e discernimento que os piedosos receberam é certo e distinto; e, portanto, em coisas particulares, eles são capazes de aplicar as ameaças dos juízos de Deus para a humilhação de si mesmos, e as promessas de Deus para o seu próprio consolo. Além disso, o seu conhecimento é suficiente para dirigi-los tanto de modo geral quanto em cada dever particular. E, por fim, nunca os falha, mas os guia até o fim. O conhecimento dos ímpios, contudo, não é assim; pois é confuso, geral e incerto. E, portanto, embora tenham um conhecimento geral das ameaças e das promessas de Deus, não conseguem fazer uso particular das mesmas. O seu conhecimento é insuficiente, incapaz de dirigi-los em suas ações particulares e, portanto, acaba por abandoná-los no final. Portanto, assim como o conhecimento dos piedosos, por sua clareza, certeza e suficiência, é comparado ao Sol, o conhecimento dos ímpios é comparado ao relâmpago, que não dá nenhuma luz segura, não dura tempo algum e, quando se apaga, deixa os homens em estado pior do que estavam antes. O mesmo ocorre com os ímpios; pois, além de seu conhecimento desvanecer em breve, há também neles, posteriormente, trevas maiores e mais perigosas do que havia antes. Nisso, pois, vemos uma marca de diferença clara e manifesta.

Segundo, chegamos às nossas afeições. Certo é que os ímpios de fato desejam a ajuda e o favor de Deus; mas atente-se para a causa, e esta mostrará a diferença entre eles e os piedosos. Os ímpios buscam ajuda apenas por causa de alguma extremidade que sofrem; desejam estar no favor de Deus unicamente porque gostariam de se ver livres do sofrimento; e, por isso, é comum entre eles dizerem: "Ah, se eu estivesse livre desta dor! Oh, se esta minha tristeza me fosse tirada!". Com tais discursos, demonstram que, contanto que pudessem estar em descanso ou

viver à vontade, pouco importaria para eles o auxílio ou o favor de Deus. Mas os piedosos encontram tamanha doçura no favor de Deus que, pelo desejo dele, contentam-se em abrir mão de todos os prazeres desta vida; sim, contentam-se em muito sofrer e suportar a cruz pacientemente, desde que ao final possam desfrutar com segurança do favor de Deus. Não apenas os piedosos, mas os ímpios também se entristecem quando pecam; porém, os ímpios entristecem-se porque o seu pecado trouxe ou trará algum castigo sobre eles; já os piedosos entristecem-se porque ofenderam a Deus e Lhe deram ocasião para retirar deles o Seu favor. Por isso, a Sua correção eles a suportam pacientemente; mas a lembrança de seu pecado, esta ainda os toca no mais íntimo de suas almas. Assim, em sua alegria e em sua tristeza, pode manifestar-se uma segunda diferença.

A terceira diferença reside no amor; pois, embora ambos amem a Deus, fazem-no de maneiras diversas: um por sinceridade, o outro por recompensa. Uma criança pobre que é acolhida, alimentada e vestida amará aquele que assim a alimenta e veste; mas, se não recebesse daquele homem nada mais do que receberia de outro, não gostaria dele nem o amaria mais do que a outro. O mesmo ocorre com os ímpios: se seus ventres estão cheios, seus celeiros abarrotados e eles têm o desejo de seus corações, amam a Deus de fato, mas apenas por causa de seus ventres e de seus celeiros. Assim amou Saul a Deus, mas foi por causa de seu reino; assim amou Aitofel a Deus, mas foi porque foi promovido a conselheiro; e assim amou Judas a Deus, mas foi porque foi escolhido para ser apóstolo e trazia a bolsa. Mas o que foi feito do amor deles, as histórias o testificam: Saul foi um pouco afligido e abandonou a Deus; Aitofel, um tanto contrariado em seus planos, enforcou-se; e Judas, por ganho financeiro, traiu a Cristo.

Alguma experiência disso podemos ver entre nós: os cortesãos se farão professores da fé e os intelectuais de brilhante inteligência se farão religiosos, se os cortesãos puderem tornar-se conselheiros e se os intelectuais puderem ser promovidos aos lugares mais elevados. Mas, uma vez vinda a promoção, a sua profissão de fé é abandonada, e a sua religião é posta de lado. E, contudo, isso não é tudo, pois ou se tornam profanos em suas vidas, ou heréticos em suas opiniões.

Amam os filhos de Deus dessa maneira? Não; o Espírito Santo, que eles receberam de modo eficaz, derrama a semente do amor em seus corações e nelas opera um apreço especial por Sua bondade, por Sua justiça e por Sua santidade; e, portanto, amam-no com sincero afeto. Assim como o filho natural ama seu pai naturalmente e, mesmo que seu pai o castigue, ele o suporta e continua a amá-lo, o mesmo fazem os filhos de Deus. Neles foi derramada (como diz São Pedro) uma natureza divina, de modo que amam livremente a Deus, seu Pai; e, ainda que Ele os aflija ou contrarie os seus desejos, contudo O amam e, em amor, prestam-Lhe obediência continuamente. Por isso diz Jó: "Ainda que ele me mate, nele esperarei". Deles se diz, portanto, que receberam um espírito voluntário, e que servem a Deus na liberdade do Espírito. E quem não vê ser esta uma diferença clara e manifesta entre eles? Portanto, bem podemos tomar isto como uma terceira marca ou regra para nos provarmos e testarmos a nós mesmos. (2 Pe 1:4)

A quarta e última regra consiste em considerar a obra e o efeito que a misericórdia divina recebida opera em nós. Pois, nisto, os ímpios demonstram sua malícia de duas maneiras. Primeiro, à mão direita, as misericórdias de Deus operam neles um contentamento maravilhoso; mas não do tipo que os leva a devolver a glória a Deus, antes, ao contrário, faz com que

assumam toda a glória para si mesmos; pois as graças de Deus os envaidecem, tornando-os orgulhosos e presunçosos em si mesmos. Disso decorre uma grande segurança, a qual gera primeiro a negligência e, depois, o desprezo por todos os bons meios através dos quais deveriam crescer na bondade. À mão esquerda, outros ofendem por nunca estarem satisfeitos ou contentes com o que possuem; antes, de fato esquecendo e estimando em pouco o que têm, e desejando sempre coisas novas. Estes homens, além de serem ingratos, também murmuram e queixam-se contra Deus, nunca se agradando Dele. Entre estes dois extremos, os filhos de Deus mantêm um rumo intermediário e equilibrado; e, portanto, veremos neles estas coisas:

Primeiro, a visão e o reconhecimento de suas carências, que os movem, como diz São Pedro, a desejar, como crianças recém-nascidas, o leite puro e espiritual da Palavra, para que por ele as graças que possuem sejam aumentadas, e as suas outras necessidades supridas. E tão longe estão de se envaidecerem de orgulho que se alegram quando o seu orgulho é abatido ou sua altivez diminuída, seja por alguma repreensão severa, por alguma advertência temível ou por alguma correção moderada do Senhor. Pois sabem que, se foi necessário que São Paulo fosse esbofeteado, e isso por um mensageiro de Satanás, a fim de que o seu orgulho fosse abatido, então é muito mais necessário que eles mesmos sejam humilhados de diversas maneiras. Além disso, não somente desejam a Palavra, mas também esperam no Senhor até que Lhe apraza operar mais neles por meio dela; e esta espera é tão fervorosa quanto a daqueles que, tendo vigiado a noite inteira, aguardam e anseiam pelo romper do dia.

Segundo, assim como veem suas carências, veem também a graça que receberam, sentindo-se, por aquele momento,

plenamente satisfeitos e contentes com ela. E, portanto, assim como suas carências os humilham, as graças recebidas de Deus os consolam; e assim como suas carências os advertem e os fazem buscar mais, aquilo que possuem os estimula a serem gratos pelo que receberam.

Vede, pois, um rumo inteiramente oposto entre os ímpios e aqueles que com sinceridade adoram a Deus; vede, digo, quão contrariamente as graças e dons de Deus operam neles. E, portanto, da consideração disso, bem podemos extrair uma quarta regra para nos provarmos e examinarmos a nós mesmos.

Para, em uma palavra, concluir este ponto: quando um homem, pelo Espírito de Deus, foi iluminado para um conhecimento certo e suficiente da vontade divina; quando descobre que sua afeição, acima de todas as outras coisas, está fixada em Deus; quando encontra um amor puro e sincero a Deus em seu coração, não por recompensa, mas pela obra da graça que, de maneira indizível, o move para isso; e quando reconhece com gratidão as misericórdias recebidas, ao mesmo tempo em que atenta e espera cuidadosamente no Senhor até que Ele lhe conceda uma maior medida de graças — então pode ele estar indubitavelmente convencido de que encontrou o Espírito operando nele de maneira mais eficaz, e que, portanto, este nunca lhe será tirado.

Mas o que se segue? Podem tais homens abandonar todo o cuidado? Não, pois a eles dá São Paulo esta ordem: que não apaguem o Espírito. E não sem causa ele lhes dá esta ordem; pois, embora o próprio Espírito nunca lhes possa ser totalmente tirado, sem dúvida, se se tornarem orgulhosos, se ficarem negligentes, se caírem em pecado, então as graças e dons do Espírito podem definhar e morrer neles; seu claro entendimento, sua sensibilidade, suas afeições, tudo pode desaparecer, de modo

que, no próprio julgamento deles e no de outrem, pareça que apagaram e extinguiram totalmente o Espírito. Tampouco deve isso parecer estranho; pois, se a imagem de Deus, que estava colocada em Adão de modo mais perfeito do que está agora em nós — se, digo, essa imagem pôde ser inteiramente perdida e apagada, como vemos que foi —, não é de admirar que as graças do Espírito de Deus estejam por um tempo como que mortas e submersas em nós.

E para que fiquemos menos escandalizados com isso, as Escrituras nos oferecem exemplos de homens que, tendo sido uma vez eficazmente chamados e verdadeiramente nascidos de novo, perderam depois, por causa de certos pecados, as graças do Espírito. Tais foram os gálatas; pois foram verdadeiramente chamados e eficazmente regenerados pelo Espírito e Evangelho de Deus, como se evidencia pelo fato de que, por amor à Palavra, reverenciaram o Apóstolo como a um anjo de Deus; contudo, foram enredados por falsas doutrinas e caíram de forma muito perigosa, sufocando e apagando as graças do Espírito de Deus neles. O Espírito em si não lhes foi retirado; antes, Cristo continuava em seus corações; contudo, por falta de graças divinas, Ele estava ali como que sem feição ou forma, de modo que o Apóstolo sofreu novamente dores de parto até que Cristo fosse formado de novo neles.

Davi também, ao cometer o seu pecado, foi conduzido a uma situação semelhante; por isso, no Salmo 51, ele roga que Deus crie nele um espírito novo. O quê? O Espírito havia se retirado por completo? Não, pois logo em seguida, no mesmo Salmo, ele suplica ao Senhor que não retire dele o Seu Santo Espírito. Como podem estas duas coisas coexistir: primeiro orar para que um espírito novo seja criado nele, e depois rogar que o Espírito de Deus não lhe seja retirado? Certamente, o Espírito mesmo ainda

permanecia nele, e por isso ele ora para que não lhe seja tirado; mas as graças e as operações graciosas do Espírito estavam mortas e haviam desaparecido; e por isso ele ora para que sejam renovadas nele.

Por isto, então, vemos que até as principais graças do Espírito podem ser apagadas, mesmo nos mais piedosos, quando caem em pecado. Todavia, para que não se tome isso como licença para o pecado, consideremos um pouco que dor e punição atraem sobre si mesmos aqueles que, por qualquer meio, perdem as graças do Espírito.

Primeiramente, devemos saber que, embora o Espírito de Deus não possa ser obtido por nosso esforço, contudo nos custa muito trabalho, e devemos passar por muitas fadigas e sofrer muitas tribulações antes que o Espírito de Deus tome posse de nós. Ora, quando as graças do Espírito são perdidas, todo esse nosso labor parece perdido; e que tristeza é ver todo o esforço e fadiga de um homem desvanecerem-se e darem em nada!

Em segundo lugar, quando um homem recebe o Espírito de Deus e por esse mesmo Espírito tem a certeza de que seu pecado lhe foi perdoado e de que goza do favor de Deus, surge em seu coração uma grande alegria no Espírito Santo — uma alegria, digo, que é indizível e gloriosa. E esta alegria se perde e desaparece quando as graças do Espírito de Deus se vão; com quanta dor e angústia, bem o sabem aqueles que, em qualquer medida, já a provaram.

Ademais, quando as graças do Espírito são sufocadas nos homens, eles perdem o ânimo para fazer o bem; não têm afeição pela bondade, pois tudo se foi; e tornam-se, por aquele tempo, como que um fardo inútil sobre a terra. Que dor pode ser maior

do que esta? Que tristeza pode penetrar mais fundo do que ver um homem bom ser inteiramente impedido de praticar o bem?

Além disso, é certo que, quando os dons do Espírito se vão desse modo, aquele que antes era o mais justo pode cair rapidamente em graves pecados e, o que é mais, sofrerá também o opróbrio de suas transgressões. Pois esta é parte da aliança que Deus fez com os Seus: que, embora não retire totalmente deles as Suas misericórdias, castigará suas ofensas com a vara e suas iniquidades com açoites. E quão doloroso é isto, o exemplo dos filhos de Deus nos pode mostrar. Que dor foi para Noé tornar-se motivo de riso para seu próprio filho! Que desgosto dilacerante para Davi ser expulso de seu reino por seu próprio filho! Tão graves foram os castigos que lhes foram impostos que se, sem qualquer consideração pelo inferno ou pelo céu, pudéssemos refletir sobre eles, preferiríamos carecer de todos os prazeres do pecado que eles desfrutaram do que suportar o opróbrio e sentir a dor que eles sofreram.

Por fim, quando as graças do Espírito de Deus se deterioram, nunca podem ser reparadas e recuperadas senão com muita tristeza e grande perigo. Pois não pode senão gerar muita dor de coração lembrar-se de seus pecados passados, examinar e enxergar a gravidade deles, aplicar a si os juízos de Deus e incitar-se à tristeza por eles. Isto é como que passar por ganchos afiados e por um purgatório nesta vida presente; e, contudo, isto deve ser feito antes que possamos recuperar novamente as graças de Deus. Ademais, é algo muito perigoso; pois, em tais casos, os homens são levados, como Jonas, para o fundo do mar, e, como diz Davi, para as águas profundas, de sorte que todas as vagas e ondas passam e correm sobre eles. Ora, sabemos que perigo é para um homem ser lançado de cabeça e ombros nas águas

profundas; portanto, os que se encontram em tal situação correm grande perigo.

Pelo que, consideradas todas estas coisas — a perda de todo o nosso labor, a perda de toda alegria verdadeira, a inaptidão para fazer o bem, a propensão para pecar, a dor e o perigo que disso decorrem —, elas hão de nos fazer acautelar, ou ao menos deveriam, para que não apaguemos o Espírito. E este é o uso da doutrina para a nossa humilhação; o qual serve também, além disso, para nos consolar, sabendo que podemos sofrer um grande declínio das graças de Deus, mas que, pela vara, ou pela Palavra de Deus, ou por ambas, elas serão novamente renovadas em nós.

E isto é o bastante quanto a este mandamento que o Apóstolo nos dá aqui: que não apaguem o Espírito.

SERMÃO 2. Sobre A Murmuração.

Êxodo 16:2. E Toda A Congregação De Israel Murmurou Contra Moisés E Arão.

Muitos homens hoje em dia, ouvindo as frequentes murmurações dos filhos de Israel, chegam a cuspir neles e a considerá-los o pior povo debaixo do Sol, por rebelarem-se tantas vezes e de modo tão obstinado contra o Senhor. Mas esses homens pouco consideram tanto as tentações com as quais os israelitas foram provocados a murmurar, quanto a corrupção de seus próprios corações, que murmurarão com igual amargura sob menor pretexto. Pois embora fossem um povo obstinado e de dura cerviz, como Moisés testifica a respeito deles, desde o dia em que saíram do Egito até então, contudo, aqui, sem dúvida, foram veementemente tentados, quando, saindo da fartura de todas as coisas que desfrutavam no Egito, foram conduzidos a um deserto áspero e solitário, sendo seiscentos mil homens, além de mulheres e crianças, e uma imensa quantidade de gado, não tendo comida nem bebida para se nutrirem. Portanto, deixemos de nos maravilhar com este povo e vejamos neles a nossa própria corrupção, e descobriremos que ela é tão grande quanto a deles jamais foi.

Pois não murmuram muitos homens, pergunto-vos, mesmo entre nós, ao contemplarem as riquezas alheias ou a fartura de bens que o Senhor concede aos Seus magistrados ou ministros pelo fiel cumprimento de seus deveres — não murmuram eles, digo, contra os servos de Deus constituídos sobre eles? E não ficam eles mais entristecidos pela falta de tais coisas do que gratos por o Senhor tê-los livrado de aflições semelhantes que outros enfrentam, ou por ter-lhes dado o suficiente para viver?

Verdade é que, não obstante a grandeza da tentação deste povo, seu pecado era iníquo neles, e grande e hediondo aos olhos de Deus. Pois embora tivessem por muitas vezes, de múltiplos modos e de maneira maravilhosa, sentido e provado a bondade do Senhor — a ponto de o mais ingrato de todos ser constrangido a confessá-lo (pois maravilhoso foi o seu livramento do Egito, milagrosa a sua preservação no Mar Vermelho, e infinitas outras misericórdias concedidas além de toda esperança e expectativa) —, contudo, esquecendo agora todos os Seus benefícios anteriores, queixavam-se e murmuravam tanto pela falta de comida que, em vez de perseverarem ali, desejavam retornar novamente à servidão. E de fato tal é a natureza da murmuração, que ela faz o homem não apenas esquecer os benefícios de Deus, mas esquecer que é homem. Ela prevaleceu tanto sobre este povo que desejaram estar novamente no Egito, embora soubessem que ali eram miseravelmente afligidos, e que o Senhor, ao conduzi-los para lá no início, os punira justamente por seu pecado. E este desejo deles equivale a como se dissessem: "Antes o Senhor nos tivesse eliminado e destruído de uma vez, em vez de nos deixar nesta situação". Contentavam-se em desejar isso, contanto que pudessem ter seus ventres fartos, e em vez de se apartarem de suas panelas de carne e demais prazeres que desfrutavam no Egito.

Muitos hoje em dia têm a mente semelhante à deste povo; pois vemos diversos em seus leitos de morte muito insensíveis e complacentes, que se contentam em registrar de boca aberta a bondade de Deus para com eles nas coisas relativas a esta vida presente; mas, enquanto isso, carecendo de esperança, percepção ou sentimento das doces alegrias futuras, morrem assim junto às suas panelas de carne. Outros, se são conduzidos a alguma miséria, como pobreza, doença ou coisas semelhantes,

suportam-na de modo tão impaciente que, em seus corações e não raro em discursos abertos, desejam nunca ter nascido, demonstrando com isso que suas panelas de carne lhes agradam mais, e que a sua saúde lhes apraz melhor do que a bondade e a face amorosa do Senhor. Nenhum destes jamais considera o que recebeu do Senhor, mas seus olhos estão fixados continuamente em suas carências; e a falta de uma única coisa que desejam, por menor que seja, causa-lhes mais inquietação e os leva a murmurar mais do que o usufruto de muitos benefícios que possuem pode aquietar seus corações na confiança da providência de Deus ou torná-los gratos.

Ora, se qualquer um de nós for levado a desejar a morte pela dor de alguma aflição, sacudamos esse sentimento e o afastemos para longe de nós, pois tal desejo é mau; porque é melhor (como diz Salomão) ser um cão vivo do que um leão morto. Pois por mais miseráveis que sejamos enquanto vivemos, resta tempo para o arrependimento, mas após a morte não resta nenhum. Portanto, em teu tempo de vida, esforça-te por sentir a misericórdia de Deus em Jesus Cristo, e então miséria alguma jamais te causará dano, até que sejas recolhido em Seu Reino. Isto aprenderás a fazer se puderes receber o favor de Deus por si mesmo, ainda que venha desacompanhado, sim, mesmo que a aflição o acompanhe, sabendo e persuadindo o teu próprio coração de que, possuindo-o, tens todas as coisas; e, se dele careces, mesmo na maior abundância nada tens. Ademais, se o tens, nenhuma espécie de miséria pode te fazer miserável; e se não o tens, na maior felicidade és o mais miserável.

Contudo, os israelitas agiram de modo inteiramente oposto; pois a falta de pão aqui no deserto, concernente ao corpo deles, levou-os a desprezar o seu grande e maravilhoso livramento do Egito, que era para eles um sinal de sua libertação espiritual. E esta é a

natureza de todos os homens naturais e mundanos: estimar de modo tão baixo as graças de Deus, que preferem abrir mão de muitos benefícios e bênçãos espirituais mais ricos do que de uma única comodidade terrena e corporal. Pois a falta de riquezas os aflige e perturba mais do que a falta de graças espirituais e celestiais; e a posse de riquezas alegra mais o seu coração do que o fardo do pecado, que atrai a ira de Deus, opera a sua dor. Tais homens não sabem que as riquezas não são sinais seguros do favor de Deus, embora Ele, na abundância de Sua misericórdia, faça o Seu Sol brilhar sobre os maus e sobre os bons; de modo que a posse de riquezas não é argumento de que Ele nos ama, nem a sua falta é argumento de Seu desagrado para conosco.

Aquele, pois, que busca a Deus apenas nestas coisas exteriores, e a elas vincula o Seu favor, não estima devidamente o favor de Deus nem com elas, nem sem elas, antes o despreza; o que, embora não declare em palavras explícitas (pois os filhos de Israel aqui não falaram categoricamente contra o Senhor, mas contra os Seus ministros, Moisés e Arão), contudo, enquanto é negligente com a Palavra, com a oração e com os sacramentos, e despreza e murmura contra os ministros e servos de Deus, manifesta claramente que valor isso tem em seu coração. Cumpra a cada homem, pois, sentir em seu próprio coração o seu pecado e entristecer-se por ele; reconhecer que este habita nele e, então, abandoná-lo, para que o deus deste mundo, a quem ele serve, não lhe conceda por um tempo o seu desejo, a fim de tê-lo por sua porção no mundo por vir. E para aqueles que reconhecem ser esta murmuração um pecado, e por ele se entristecem, seguem-se os remédios para ajudá-los a sair dele.

Visto que a impaciência e a murmuração procedem da incredulidade, o remédio deve ser extraído, primeiramente, da fé nas misericórdias de Deus e nos benefícios que Cristo adquiriu

para nós por Sua morte, na esperança da Ressurreição para a vida eterna e na paternal providência divina. Se cremos nestas coisas, devemos também crer que Deus, nesta vida, suprirá suficientemente todas as nossas necessidades; e, a menos que creiamos nelas, não cremos, nem podemos crer com convicção, que o Senhor nos preservará. Pois se duvidamos se o Senhor nos socorrerá nas coisas terrenas, necessariamente duvidaremos muito mais de Seu favor nos benefícios espirituais.

Primeiramente, portanto, a grande e rica misericórdia do Senhor e o Seu trato favorável para conosco, quando devidamente considerados, serão mui proveitosos para operar em nós a paciência. Pois se virmos como o Senhor nos tolera e nos recompensa, não segundo os nossos pecados; sim, se virmos que, quando pela maturação de nossas ofensas Ele nos poderia consumir, contudo não chega sequer a nos punir; e quando poderia justamente nos castigar, trata-nos com misericórdia e derrama Suas graças sobre nós. Se (digo) pudermos reconhecer que este é o Seu agir comum — que por Sua longanimidade Ele nos conduz ao arrependimento, e por Suas múltiplas misericórdias Ele como que nos desmama de nossos pecados —, isto refrearia grandemente a nossa murmuração e nos instruiria na paciência.

E, contudo, vemos algo ainda maior do que isto no povo de Israel; pois o Senhor não somente tolera os seus pecados e derrama muitas misericórdias sobre eles, mas, para socorrê-los e fazer-lhes bem, utiliza-se de meios extraordinários — como fazer descer pão do céu e fazer brotar água da Rocha. Nisto Ele demonstra que, para a segurança de Seu povo, mesmo quando todos os meios humanos falham e quando, ao juízo do homem, não há caminho para obter auxílio ou libertação, ali mesmo o Senhor engrandecerá a Sua misericórdia para com os Seus

servos e operará maravilhas para a sua preservação. Ele não age assim apenas com os israelitas, mas faz deste o Seu proceder comum com os Seus servos de tempos em tempos. Como Moisés aplica esta passagem ao dizer: "O Senhor te alimentou com este Maná por quarenta anos, para que saibas que o homem não vive só de pão"; e Cristo, em nossa pessoa, sendo tentado a usar de meios ilícitos, venceu o diabo com esta resposta: "Não só de pão viverá o homem". Ensinando-nos e deixando-nos o exemplo de termos a mesma resposta pronta em tentações semelhantes; conhecendo e assegurando em nossos corações que o Senhor, por um meio ou outro, fará bem aos Seus filhos e disporá de todas as coisas que lhes sucederem para o seu melhor. Somente cuidem eles de repousar em Sua Palavra e não irem além dela, mas que pela fé esperem Nele, e Ele lhes dará o que for suficiente — se não em bens terrenos, contudo em graças espirituais. (Rm 2:3-4; Dt 8)

O segundo auxílio que devemos utilizar para refrear a nossa murmuração é a fé viva em nossa redenção operada por Cristo, a qual consiste no livre perdão de nossos pecados, na imputação da justiça de Cristo a nós e na santificação que se dá por Seu Santo Espírito. Primeiro, então, se pudermos crer firmemente que Deus, por amor de Cristo, perdoou-nos gratuitamente todos os nossos pecados, sim, que nos deu o Seu Filho unigênito e amado para que fôssemos amados Nele, creremos sem grande dificuldade que o Senhor não nos deixará carecer de coisa alguma, mas que, juntamente com Ele, nos dará todas as coisas. Pois, visto que o pecado, que é a causa de toda miséria, foi tirado de nós, para que sejamos herdeiros dos céus com Cristo, podemos estar certos de que, enquanto isso, nenhuma miséria nos causará dano. (Rm 8)

Assim Abraão, tendo recebido a promessa de uma descendência por meio de seu filho Isaque, não duvidando de que o Senhor proveria os meios para realizá-la, na certeza disso enviou seu servo ao seu próprio povo a fim de buscar uma esposa para seu filho. E estes filhos de Israel, sem dúvida, se tivessem crido que o Senhor os libertara do Egito para introduzi-los na terra prometida, jamais teriam duvidado de Sua misericordiosa preservação, nem aqui no deserto, nem em qualquer outro lugar, até que chegassem à terra da promessa. E de novo, se pudéssemos crer firmemente que Deus Pai, por amor de Cristo, não somente não nos imputa os nossos pecados, mas também nos aceita na justiça de Seu Filho, imputando-nos a mesma, como haveríamos de duvidar de sustento, de vestes ou de qualquer outra coisa semelhante? Pois por este meio Ele se torna nosso Pai misericordioso e amoroso, que conhece perfeitamente de quais coisas necessitamos; e, por Seu poder, é capaz de nos socorrer mesmo nas maiores extremidades, e por Seu amor e boa vontade para conosco nos ajudará; e assim permanece Ele para sempre, e nunca muda. Pois ainda que uma mãe se esquecesse de seus filhos, contudo o Senhor jamais abandonará os que O amam e com fé O invocam.

A este livre perdão dos pecados e à imputação da justiça de Cristo a nós, deve-se somar a santificação do Espírito como a segunda parte de nossa redenção. Se estivermos uma vez plenamente convictos disso, ser-nos-á um auxílio especial contra toda impaciência e murmuração contra o Senhor; pois é coisa maior converter um pecador do que realizar maravilhas na natureza. E, portanto, se em nossos corações pudermos crer que Deus nos transformou, de homens pecadores e ímpios, em justos e retos; de infelizes vis, em vasos de justiça; de moradas do diabo, em templos adequados de Seu Santo Espírito; se cremos

que Ele pode fazer de homens avarentos, generosos; de imorais, pessoas castas; de opressores, homens de trato íntegro; sim, se pudermos crer que o Senhor é tanto poderoso quanto desejoso de nos livrar de qualquer pecado que habite em nós, por mais forte que seja, seja por natureza, seja por mau hábito; e, por fim, se pudermos crer que Ele é capaz de fazer o lobo e o cordeiro habitarem juntos, o leopardo e o cabrito — haveremos de duvidar alguma vez que Ele nos falhará ou nos deixará carecer daquilo que nos é necessário, por mais impossível que pareça de se alcançar? (Gn 24; Is 11)

Terceiramente, se cremos que com Cristo seremos ressuscitados no último dia, creremos com igual firmeza que Ele nos preservará; pois é matéria maior ressuscitar nossos corpos mortos e consumidos em pó do que preservá-los enquanto estão vivos. Se Ele pode o mais, pode também o menos. Ademais, se estamos convencidos de que nosso Pai celestial nos preparou um Reino nos céus, necessariamente devemos crer que nesta vida Ele não nos abandonará nem nos desampará, mas proverá misericordiosamente para as nossas necessidades. Pois, se Ele nos dará os maiores benefícios, dar-nos-á também os menores, se em Sua sabedoria vir ser isto conveniente para a Sua glória e proveitoso para nós.

A *quinta coisa* em que devemos nos apoiar, quando a murmuração nos assalta e tenta, é a fé na providência de Deus. Esta providência é geral ou particular, e em ambas devemos estar profundamente fundamentados, se quisermos resistir a todas as ocasiões de murmuração e não prorromper em impaciência sob as tentações.

A providência geral de Deus deve ser considerada, primeiro, na criação de todas as coisas; segundo, na preservação delas.

Cremos, pois, que o Senhor fez todas as coisas do nada, e não creremos que Ele as preservará? Ora, visto que foram criadas, cremos que Deus fez todos os homens, e haveremos então de temer os homens? Quando Deus criou a luz antes do Sol, da Lua e das estrelas, e quando fez a erva crescer sobre a terra antes que houvesse chuva ou orvalho para regá-la, ensinou-nos com isso: primeiro, que não devemos depositar excessiva confiança neles enquanto os temos; e, de novo, que, antes de sofrermos dano pela falta de luz, de erva ou de outras coisas semelhantes, o Senhor tanto podia quanto queria prover para nós sem eles. No entanto, agora, se não tivéssemos o Sol, pensaríamos que a luz nos fora retirada; e se carecêssemos de chuva, logo pensaríamos que não teríamos erva, nem trigo, nem fruto algum da terra. Mas o Senhor ordenou esses meios para servirem à Sua providência, não por Si mesmo — pois sem eles Ele pode com igual facilidade nos socorrer —, mas por causa de nossa fraqueza, que de outro modo não poderia facilmente certificar-se de Sua bondade.

Em segundo lugar, devemos crer que Deus preserva a todas as coisas bem como as criou; sim, o pequeno pardal não cai por terra sem a Sua providência, e Ele tem grande cuidado até mesmo pelos animais do campo. Provê o Senhor para estes, e não proverá também para o homem? Tem Ele cuidado com os animais? Sim, de fato tem, porque foram feitos para o homem; e não terá muito mais cuidado com o homem, para quem tais coisas foram feitas? Os homens dizem crer em tudo isso; contudo, enquanto há tanta dúvida sobre a providência de Deus e tanta queixa contra Deus, demonstram claramente que não creem neste primeiro artigo de sua fé, nem quanto à criação, nem quanto ao governo universal e preservação de todas as coisas.

A isto devemos unir a providência particular de Deus; se pudermos estar uma vez plenamente convencidos dela, então superaremos facilmente a dor de todas as nossas necessidades. Fez o Senhor alguma coisa em vão? Não fez Ele todas as coisas para a Sua glória? Se, pois, cremos que Ele fez os nossos corpos, não creemos também que proverá para eles, visto que a criação deles é mais maravilhosa do que a preservação? Conforme se manifesta no Salmo 139. Tem Ele cuidado com os ímpios para lhes fazer bem, e não se alegrará muito mais sobre os Seus filhos para lhes fazer o bem? Se o Senhor nos amou quando éramos Seus inimigos, não proverá para nós sendo remidos pelo sangue de Seu Filho? Fez-nos bem quando não O buscávamos, e não nos fará muito mais agora que O buscamos por meio da oração no sangue de Seu Filho, conforme Ele ordenou? Se nos fez bem quando poderia ter-nos punido por nossos pecados, não nos será muito mais favorável agora, visto que por Seu Santo Espírito nos santificou? Oh, se os homens tivessem corações para crer nisto, dariam então glória a Deus em suas angústias, depositando Nele a sua confiança e esperando por socorro de Suas mãos no tempo oportuno.

Esta providência de Deus deve nos ser confirmada pelos exemplos dos filhos de Deus em todas as épocas, cujos exemplos estão registrados nas Escrituras para que por eles aprendamos a paciência. Se os pais antes do dilúvio, não comendo nada senão ervas, viveram uns setecentos anos, outros oitocentos, outros novecentos anos e alguns até mais, não aprenderemos com isso que o homem não vive de tais expedientes? E, novamente, se os alimentou por novecentos anos, e isso com ervas, podemos estar certos de que nos alimentará por noventa anos com carne, peixe e outros meios muito superiores. Quando Ele alimentou os israelitas por quarenta anos com o Maná do céu, o qual de tal

modo nunca antes fora visto, do qual se guardassem qualquer porção sem o mandamento do Senhor, imediatamente apodrecia e se corrompia; mas quando, pelo mandamento de Deus, era guardado diante do testemunho, não se corrompia. O Senhor deixou-nos uma lição que devemos aprender com isso, a saber: que não é o meio físico, mas a bênção de Deus sobre o meio que nos nutre; e, portanto, se os temos, não devemos neles depositar nossa confiança; e se deles carecemos, não devemos desconfiar de Deus.

Viveram Moisés e Elias quarenta dias sem alimento? E andaram os israelitas no deserto por quarenta anos com as mesmas vestes, as quais não envelheceram; ao passo que outros, possuindo comida em abundância, morrem de fome, e, estando cobertos de roupas, tremem de frio? Não aprenderemos ainda que as bênçãos de Deus são tudo em todos, e que as demais coisas não passam de meios providos para a nossa fraqueza? Davi provou por experiência que a descendência justa de pais justos nunca foi desamparada, nem mendigou o pão. Se nós, sem dúvida, pudéssemos chegar a tal medida de obediência como eles chegaram então, e se pudemos ser justos como os homens o eram no tempo dele, o Senhor proveria para nós tão bem quanto proveu para eles, e teríamos tão boa experiência disso quanto Davi jamais teve.

A esta providência de Deus devemos trazer uma mente paciente, que primeiro deve estar contente com tudo o que o Senhor envia, e sempre reconhecer que a piedade com contentamento é grande ganho. Pois não devemos buscar grandes coisas, nem permitir que nossos desejos sejam levados por coisas elevadas; pois isto o Senhor repreendeu em Baruque por meio de Seu profeta Jeremias. E Cristo nos dá outra regra ao nos ensinar a pedir o pão de cada dia; o qual, quando temos, devemos estar contentes.

Esta mente estava em nosso pai Jacó quando não pediu outra coisa senão alimento e vestuário. E isto Paulo ordena geralmente que haja em todos, dizendo: "Tendo sustento e com que nos cobrir, estejamos com isso contentes". Devemos, portanto, buscar primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça; devemos primeiro nos esforçar pelo perdão de nossos pecados em Cristo, para que estejamos sob o favor de Deus e desfrutemos da luz de Sua face amorosa; a qual, quando possuímos e sentimos, estimemo-la acima de todo tesouro terreno, como faz Davi. Recebamo-la ainda que venha desacompanhada — sim, mesmo que traga aflições consigo —, e então, quanto às coisas exteriores, possuiremos nossas almas em paciência. Se o Senhor nos der fartura delas, tomá-las-emos como um acréscimo de Seu favor; mas se nos der menos, ainda assim estaremos contentes, porque não vinculamos o Seu favor a essas coisas exteriores. Se, porém, não podemos descansar no favor de Deus quando carecemos destas coisas exteriores, é certo que nunca estimamos verdadeiramente o favor de Deus, nem jamais sentimos o perdão de nossos pecados, se não pudemos, ao senti-lo, estar com isso contentes e prontos a abrir mão de todas as outras coisas. (Sl 37; Fp 4:11; Gn 18; 1 Tm 6; Sl 4)

A segunda propriedade de uma mente paciente é simplesmente entregar-se a Deus e confiar-se em Suas mãos, esperando em todo tempo pelo socorro Daquele que é o único autor de todo bem; contudo, sem prescrever os meios, nem estipular o tempo, nem em qualquer caso impor-Lhe condições. Pois o Senhor quer que a concessão de Suas misericórdias seja livre a Si mesmo, para dá-las e distribuí-las quando, onde e como Lhe aprouver, e conforme possa melhor concorrer para a Sua glória. Devemos, pois, continuamente e de todo o nosso coração, clamar e suplicar ao Senhor que o Seu bendito Nome seja glorificado, que o Seu

Reino seja ampliado e que a Sua santa vontade seja feita; mas os meios para realizar essas coisas devemos deixar inteiramente a Ele, que sabe o que é melhor. E, nas demais coisas que dizem respeito à nossa condição exterior, devemos sempre descansar em Seu bom prazer.

Se pudermos fazer isso, tão misericordiosamente costuma Ele lidar conosco que, quando menos desejarmos tais coisas, as teremos; e quando as entregarmos livremente a Ele, mais rapidamente Ele no-las devolverá. Salomão pediu sabedoria ao Senhor, mas, quanto às coisas exteriores, sua oração foi para que tivesse uma condição de vida moderada; então o Senhor lhe deu a sabedoria, que o seu coração tanto desejava, e também riquezas, as quais ele sequer pedira. Oh, homem feliz se em seu coração tivesse desejado andar diante do Senhor em temor! Abraão ofereceu ao Senhor o seu filho Isaque; o que, ao ver o Senhor, prontamente lhe devolveu o filho. Devemos pensar que ocorre exatamente o mesmo conosco hoje.

O caminho mais rápido para obter a vida é estar intimamente contente tanto para viver quanto para morrer, e confiar-se ao Senhor, sabendo que nada jamais pereceu do que foi entregue aos Seus cuidados; assim também ocorre com todas as outras coisas exteriores: o caminho mais rápido para obtê-las é entregá-las inteiramente em Suas mãos. Contudo, não devemos confiar essas coisas ao Senhor sob a condição de que Ele no-las devolva, pois isso seria zombar do Senhor; mas, sem qualquer afã de possuí-las, devemos entregá-las a Ele, estando (em consideração à Sua glória e porque tal é o Seu bom prazer) intimamente dispostos a abrir mão delas; e então, se forem boas para nós, recebê-las-emos de volta; se não, receberemos alguma graça espiritual que suprirá melhor a falta delas.

Sim, a infinita sabedoria e misericórdia de Deus manifesta-se maravilhosamente nisto: pois, por vezes, Ele nos mantém por muito tempo privados destas coisas, porque, se as tivéssemos, Ele vê que delas abusaríamos e as preferiríamos em lugar das bênçãos espirituais. E, por vezes, o Senhor, vendo nossa pouca consideração e estima pelas coisas espirituais, trará a privação dessas coisas exteriores para nos conduzir a valorizar mais as espirituais, a fim de que, quando pudermos bem prescindir de uma e estimar altamente a outra, possamos ter ambas juntas. Reverenciemos, pois, esta grande bondade e sabedoria do Senhor, e estejamos contentes com o usufruto da vida que Ele, em Sua misericórdia, nos concede, sabendo que "melhor é o cão vivo do que o leão morto". Pois, enquanto vivemos, temos tempo para nos arrepender e tempo para glorificar a Deus; mas, após a morte, não resta tempo para o arrependimento. Quem quer que, portanto, não considere o usufruto da vida um benefício singular, ainda que lhe faltem as coisas necessárias para ela, é indigno da vida ou de qualquer outra bênção de Deus nela contida. (Pv 30)

A conclusão de tudo, pois, é esta: que a paciência é operada em nós e fortalecida pela certeza das misericórdias de Deus, pela fé em Cristo, pela esperança da vida eterna e pela confiança na providência divina. Portanto, o cuidado ansioso por essas coisas é deixado aos gentios, que ignoram o perdão dos pecados, a providência de Deus e a vida eterna; de modo que, se formos semelhantes a eles nesses desejos gananciosos, isso prova que ou não conhecemos essas coisas ou, se em nosso intelecto as concebemos, contudo em nossos corações não nelas cremos. Pela meditação destas coisas, portanto, devemos aprender a paciência, pela qual podemos vencer nossa natureza murmuradora e queixosa, sempre que a nossa carne, por qualquer ocasião, for a isso provocada.

FIM.

SERMÃO 3. Sobre O Zelo.

Apocalipse 3:19: Sê, Pois, Zeloso E Emenda-Te.

Assim como o zelo nunca pode ser suficientemente elogiado, muito menos pode ser eficazmente persuadido a muitos; todavia, para que possamos esboçar uma espécie de anatomia dele, vejamos primeiro como Deus o recomenda e, depois, como o recompensa, a fim de que possamos falar com maior liberdade e autoridade sobre a coisa em si. Qual é a finalidade dos primeiros quatro mandamentos senão que adoremos ao Senhor com zelo? O primeiro preceito encarrega todos os homens com a matéria do culto a Deus, mostrando qual ela é. O segundo encarrega-nos com o modo, prescrevendo como devemos utilizá-lo. O terceiro impõe-nos o fim correto de Sua adoração e ensina por que devemos realizá-la. O quarto mandamento aponta o tempo e instrui-nos sobre quando devemos solenemente professar e praticar este culto a Deus.

No que diz respeito à ampla promessa oferecida ao puro zelo, o que pode ser maior do que o Senhor vincular-Se a elevar à cadeira de honra, diante de todo o mundo, aqueles que O honram? Por outro lado, Ele certamente os cobrirá de vergonha com alguma notável marca de infâmia se O desonrarem; sim, e os vomitará como um fardo repugnante, para testificar Seu completo desagrado para com eles.

Consideremos agora, primeiramente, como o verdadeiro zelo começa em nós mesmos e, depois, estende as suas ações aos outros. Pois jamais poderá um homem ser zeloso para com os outros se nunca soube ser zeloso para consigo mesmo. E assim como os homens zelosos, em sua trajetória ascendente, começam por si mesmos e vão até os outros, também, em seu movimento retrógrado, partem dos outros e terminam em si

mesmos. Se considerarmos o zelo de Abraão, Moisés, Josué, Samuel, Daniel, Josafá e Ezequias, jamais veremos expressamente na Palavra que, em qualquer momento, tenham sido mais zelosos para com os outros do que para consigo mesmos. Vemos, pelo contrário, que tem sido uma terrível marca de hipócritas, e daqueles que se desviaram do Deus vivo, o fato de terem penetrado muito profundamente nas posses alheias e ferido mui sangrentamente as consciências de outros, sem nunca purificarem suas próprias fossas imundas em casa, nem extraírem uma única gota de sangue de seus próprios corações.

Quão zelosos (como a dolorosa e recente experiência ainda clama em nossos ouvidos) foram alguns grandes reformadores da Igreja, que estavam prontos a rebentar as entranhas de tanto gritar contra as desordens alheias e, contudo, nunca reformaram as suas próprias consciências em casa, nem se viram de modo algum contristados por seus próprios pecados? Esses homens, sendo tão zelosos para com os outros apenas por algum amor secreto ao mundo, quando obtiveram o que buscavam, manifestaram seu zelo oco e corrompido; pois, sem qualquer pesar de consciência, puderam lançar-se em um profundo mundanismo e, sem qualquer tristeza segundo Deus, após satisfazerem seu zelo cobiçoso e carnal, puderam não apenas cauterizar ainda mais suas próprias consciências, mas também mudar tanto que costuraram seus lábios e pouparam suas palavras de falar da mesma maneira novamente a outros, de modo que não foram zelosos nem para consigo, nem para com os outros.

O verdadeiro zelo atira a primeira pedra em nós mesmos e arranca a trave de nossos próprios olhos, para que possamos melhor extrair o argueiro do olho alheio. E esta é a condenação do mundo: que todo homem pode sondar e fazer um exame

secreto das falhas dos outros, mas considera essas mesmas falhas como inexistentes em si mesmo. O pai diz: "assim faz o filho"; o filho, por sua vez, diz: "neste dever meu pai falha"; o marido sabe o que a esposa deveria fazer; a esposa vê os deveres de seu marido; pensamos que, nesta ou naquela particularidade, o outro deveria se comportar melhor; no entanto, o pai não se arrepende dos pecados que cometeu quando era filho, o filho não se arrepende de seus pecados quando se torna pai; não cobramos de nossas consciências aquelas coisas que ousamos exigir e expor nos outros. (1 Sm 2:30; Mt 7)

Aqui se apresenta a segunda propriedade do zelo: que ele é sincero e na verdade; urge a nós mesmos mais do que aos outros, faz-nos os mais severos censores de nossas próprias almas, é rigoroso para conosco e oferece liberdade aos outros. E esta simplicidade se manifesta ou na corrupção interna, ou na liberdade das coisas externas. A primeira nos humilha de tal modo diante das carências atuais e das corrupções que deixamos para trás, que somos zelosos contra os males secretos que não apenas passam despercebidos aos outros, mas são inclusive desconhecidos para nós mesmos. Embora o mundo inteiro não nos possa acusar de falta de dever, contudo, considerando nossas corrupções secretas, diariamente nos pronunciamos contra nós mesmos e dizemos com o Apóstolo: embora as nossas consciências não nos acusem, nem por isso somos justificados.

Sim, tamanha deve ser nossa familiaridade e conhecimento de nossas próprias enfermidades secretas, e tão graves devem elas ser aos nossos olhos, aos nossos ouvidos e diante de nossa face, que ali onde virmos, ouvirmos e contemplarmos os pecados dos outros, eles nos pareçam mais toleráveis, aprendendo assim, pela percepção de nossas próprias feridas, a tratar com maior brandura e mansidão as feridas alheias. E não quero dizer que

devamos fazer dos pecados alheios não pecados, nem que devamos nos abster de qualquer censura aos outros; mas sim que deve haver em nós aquela santa mistura de zelo pela glória de Deus e percepção da corrupção humana, de sorte que, por um lado, não poupemos repreensões a pecado algum, e, por outro, moderemos nossas repreensões com brandura e mansidão. Abraão foi tão rigoroso consigo mesmo que não quis receber do rei de Sodoma sequer um fio ou uma correia de sandália, e contudo não negou a Aner, Escol e Manre a liberdade deles. Jó não permitia certas coisas a si mesmo, nem negava a seus filhos a liberdade de banquetear-se; de modo que é antes um orgulho farisaico do que um zelo cristão ser demasiadamente ranzinza em exigir dos outros a tal ponto que, quem quer que não seja em cada detalhe tão puro e rigoroso quanto nós, seja por nós rejeitado como cão e pessoa profana, indigno de qualquer consideração ou acolhimento. (1 Co 4:4)

Esta deve ser, pois, nossa pedagogia neste ponto: que, por ser-nos cara a glória de Deus, não devemos deixar o menor pecado passar despercebido, nem o menor meio por tentar para promover a glória de Deus. Por outro lado, pela gravidade do pecado, pela facilidade em cair nele, pela vileza da corrupção que observamos em nós mesmos e pelo conhecimento da ira de Deus contra o pecado em nós, relutamos por amor em ver nosso irmão ser tão vilmente infectado ou correr tamanho perigo, sem que lhe ofereçamos nossa amorosa admoestação, tanto para retirá-lo de seu pecado quanto para resgatá-lo da ira de Deus que lhe é devida.

Ademais, este atributo do verdadeiro zelo nos torna tão dispostos a ser admoestados quanto cuidadosos em admoestar; e isso não apenas por nossos superiores — o que é coisa fácil, pois se trata de algo a que devemos por necessidade nos submeter —, mas

também por nossos inferiores, a quem poderíamos parecer desprezar. Pois todos admitirão que o filho deve de bom grado ser admoestado por seu pai, ou que o servo deve obedientemente ser repreendido por seu senhor; contudo, poucos consentirão na prática que o pai escute o conselho de seu filho, ou que o senhor receba a admoestação de seu servo. Contudo, Jó diz que não ousava desprezar o direito de seu servo ou de sua serva quando eles contendiam com ele, porque, em um dever de piedade, não olhava para eles como servos, mas como irmãos; não olhava apenas para quem falava, que em respeito à sua vocação era seu inferior, mas para as coisas faladas na ordenança de Deus, perante quem o próprio Jó era um inferior, e diante de quem sabia que não havia acepção de pessoas.

No entanto, para corrigir a ousadia desmedida de alguns, antes acrescentamos isto: que os inferiores devem antes aconselhar do que admoestar, advertir antes do que repreender seus superiores, para que assim continuem a oferecer seu puro zelo pela glória de Deus em sincera humildade; para que não aconteça que, por meio de seu zelo corrompido, não apenas deixem de edificar seus superiores, mas mui justamente os exasperem contra si. Pois assim como magistrados, ministros e senhores, pela ordenança de Deus, devem admoestar, repreender e censurar, também os súditos, inferiores e servos, pela mesma regra, devem aconselhar, obedecer e advertir. Desse modo, o zelo passa do respeito à pessoa para a verdade da causa. (Jó 31)

Outra propriedade do zelo é ser constante; não ser fervoroso por acessos e frio ao final, e apenas enquanto o mundo o favorece; não deve ser fervoroso no início e negligente no fim, mas manter um contínuo teor e temperamento. A esposa de Jó parecia ir longe enquanto podia lavar os seus caminhos em manteiga. Saul e Faraó tiveram bons impulsos por momentos e, conforme a

ocasião, podiam oscilar, sendo de temperamento inconstante, de sorte que podiam ser quentes e frios em um instante. Esta propriedade do zelo nos ensina como nos posicionarmos na prosperidade e nas aflições da Igreja, a saber: que a prosperidade pública de Sião deve nos consolar e nos fazer regozijar quando nossas cruces particulares poderiam nos entristecer. Assim como Paulo, estando aprisionado, não se entristecia tanto com as suas próprias algemas quanto se alegrava com a liberdade do Evangelho de Cristo. Por outro lado, que a aflição dos santos nos mova a uma tristeza piedosa, mesmo quando, em relação a nós mesmos, tivéssemos motivos para muito nos alegrar. Como Daniel, que não encontrava consolo em sua prosperidade particular, embora desfrutasse de grande autoridade e estivesse isento da calamidade comum, porque sabia que a Igreja de Deus estava em miséria.

Prosseguindo, o puro zelo não se deixa cegar pelo afeto natural, mas discerne e condena o pecado, por mais intimamente alojado que esteja em nosso parentesco. Muitos ofendem contra esta regra por nunca repreenderem o pecado em seus amigos, até que Deus envie a Sua vingança do céu — nisto distanciándose em muito da verdadeira amizade. Pois, enquanto poderiam, admoestando-os a tempo de suas faltas, evitar os juízos de Deus, atraem sobre aqueles a quem mais amam os juízos divinos, por meio de um amor falso e um ódio manifesto. Ama de modo mais natural aquele que aprendeu a amar espiritualmente; e ama mais sinceramente quem não pode suportar o pecado na pessoa amada sem lhe dirigir alguma admoestação salutar.

Mas não desaprovam muitos hoje em dia, com aparente zelo, o pecado nos estranhos, enquanto não desaprovam o mesmíssimo pecado se este se manifestar em seus parentes, se estiver em sua esposa, em seus filhos ou em seus pais — como se a diversidade

dos sujeitos pudesse fazer da mesmíssima ação um pecado em uns, e não em outros? Este zelo cego, Deus o puniu e o pune em Seus filhos. Isaque amou carnalmente seu filho Esaú por causa de comida e de um pedaço de caça. Davi foi excessivamente afeiçoado a Absalão por sua beleza, e a Adonias por sua bela estatura, de sorte que seu zelo foi impedido de discernir corretamente o pecado neles. Por outro lado, Jacó não era tão querido por Isaque, e Salomão foi submetido a mais rigor nos estudos e no trabalho. Mas eis que Deus, amando a Jacó e rejeitando a Esaú — por mais que Isaque amasse mais a Esaú do que a Jacó —, fez de Esaú o maior tormento, e de Jacó o maior consolo para ele. Absalão e Adonias, criados como mimos excessivos, tornaram-se motivo de aflição para o coração de Davi; Salomão, mais disciplinado por Deus e menos paparicado por Davi, foi a sua alegria, a sua coroa, o seu sucessor no trono.

Esta enfermidade é de tal modo hereditária em muitos pais, que amam seus filhos na carne antes que no espírito, que o Espírito Santo Se vê obrigado a exortá-los mais veementemente a ensinar, instruir e corrigir, por saber quão facilmente a afeição natural esfriaria o zelo neste tipo de dever. Com efeito, muitos darão valor a suas esposas, filhos e parentes se forem econômicos, propensos a tornarem-se bons administradores, inteligentes e astutos, ou se forem tais que, por seus talentos, tragam algum rendimento ao patrimônio ou lhes proporcionem algum lucro; mas, por mais profundos pecadores que sejam contra Deus, isso pouco importa, quase nada os entristece. Com isso, revelam sua grande corrupção, pois não são zelosos em verdade nem pela glória de Deus, tampouco amam corretamente seus filhos; pois sabem ser bastante severos na repreensão se estes falharem um pouco na economia, mas são frios na admoestação se falharem, por muito que seja, na piedade.

Pois bem, considerem estes homens de zelo carnal, em seus corações, o afeto cego de Eli que, sendo filho amado de Deus, foi severamente punido pelo Senhor por não ter sido zeloso para punir o pecado contra Deus em seus queridos filhos. Mas bem-aventurados os que podem esquecer a sua própria causa e, mesmo com risco de seus afetos naturais, defender a causa de Deus, esforçando-se doravante para a ninguém conhecer segundo a carne, mas procurando espiritualmente, pela fé, ver e conhecer a Cristo Jesus, de sorte que nenhuma aliança exterior nos turve ou ofusque os olhos, a ponto de não enxergarmos o pecado no parente mais próximo para corrigi-lo, ou de não discernirmos a virtude no mais estranho dos homens para reverenciá-la. Lançando fora, pois, este véu do amor carnal, devemos nos esforçar para amar mais ali onde a imagem de Deus mais resplandece, e demonstrar nossas afeições em menor escala onde o pecado for como uma marca pela qual Deus refreia o nosso amor, inclusive em relação àqueles em quem a natureza mais facilmente nos poderia enganar.

Ora, visto que muitos têm grande coragem para repreender aqueles que não podem contradizê-los, ou que, contradizendo-os, não podem prevalecer contra eles, cabe falar aqui de outra propriedade do zelo: a saber, que ele não teme a face dos poderosos, nem se intimida diante do semblante dos orgulhosos e altivos. Tal coragem havia em Jó que, além de fazer com que os jovens se envergonhassem de sua levandade e temessem a sua gravidade, fez inclusive com que os príncipes contivessem o seu falar e pusessem a mão sobre a boca. E, contudo, aqui devemos nos acautelar do zelo precipitado daqueles que não hesitam em acusar os filhos de Deus de estarem sem zelo se não se lançarem imediata e abruptamente em uma repreensão aberta aos homens constituídos em

autoridade, como se não se devesse ter consideração alguma por lugar, tempo e pessoas. Defendendo esta opinião por fraqueza de juízo, muitos não encontram fruto nos outros, nem consolo em suas próprias consciências, quando admoestam de tal maneira presunçosa; pois, buscando o fervor sem o espírito de mansidão e rejeitando toda consideração de uma oportunidade oportuna e piedosa, antes exasperam do que humilham os admoestados, retirando-se eles mesmos com confusão e vergonha por tal precipitação sem respaldo de sabedoria e sem conhecimento, em vez de com consolo de coração por qualquer dever cumprido.

Tampouco ignoro quão grande perigo de perturbação mental acomete a muitos que, sendo observadores e vigilantes tão minuciosos da oportunidade, acabam por comodismo da carne, sob o disfarce desta prudência, abandonando por completo esse piedoso dever. Pelo que, assim como afirmamos que a sabedoria e o amor misturados penetram profundamente nos espíritos mais obstinados e rebeldes, também desaprovamos a omissão temerosa do dever por parte daqueles que, tendo uma oportunidade razoável oferecida pelo Senhor, não defendem com fervor a causa do Senhor e não repreendem com seriedade o pecado, ainda que em personagens de posição mais elevada. (Jó 29:8-9)

Disto pode resultar outro fruto do verdadeiro zelo: a saber, quando somos zelosos em favor daqueles que nunca nos poderão recompensar. Pois a carne e o sangue consentirão facilmente em repreender as ofensas e vingar as opressões infligidas a homens de crédito e influência, por ser prudência cautelosa apadrinhá-los em coisas menores para que possam ser nossos patronos em coisas maiores. Assim, Jó livrava o pobre que clamava, o órfão e aquele que não tinha quem o socorresse; ele era os olhos para

o cego, os pés para o coxo, de cujas mãos nenhuma esperança de recompensa se devia esperar.

Mas, para nos aproximarmos da última e mais gloriosa propriedade, esta atitude no zelo é a mais louvável: quando nos humilhamos em nossas próprias almas pelos pecados que observamos e censuramos nos outros, como se nós mesmos, por falta de instrução ou de oração, fôssemos de alguma forma culpados de suas ofensas. Se esta regra fosse aceita no juízo e reverenciada na prática de ministros, magistrados e senhores quando devem admoestar os seus inferiores acerca do pecado, por certo geraria neles grande consciência e religiosidade. Infelizmente, vemos muitos que sabem castigar e martirizar um homem por alguma ofensa, mas que nunca aprenderam, por questão de consciência, a chorar pelas mesmas fraquezas contra as quais tão amargamente se voltam nos outros.

Consideremos isto nos ministros, como diz o Apóstolo aos coríntios: "Receio que, indo outra vez, o meu Deus me humilhe para convosco, e eu chore por muitos daqueles que dantes pecaram", etc. O que sem dúvida fazia por considerar que não cumprira suficientemente o seu dever, de sorte que havia inclusive alguma causa de tristeza em si mesmo. Se o Apóstolo, que tinha tão pouca ou nenhuma causa para agir assim, lamentava-se desse modo e suspeitava de si mesmo, como se não tivesse empregado todos os bons meios, ou, com os meios, as boas afeições; deveriam os ministros de nosso tempo, cujos dons e empenho são muito inferiores, não se moverem em nada pelos pecados daqueles por quem deveriam zelar e chorar?

Pois bem, espero que ainda hoje existam alguns que temem não ter, na pregação pública, exposto todos os mistérios de Deus aos seus ouvintes; que julgam ter falhado na admoestação privada;

que suspeitam de si mesmos por falta de oração por eles; e que estão prontos a acusar-se de não terem andado tão sábia e cautelosamente ao usarem de sua liberdade diante deles, ou de sua vida não ter rendido o exemplo de piedade que deveriam ter oferecido. E assim, em quase todo o discurso sobre os pecados das diversas igrejas, o Espírito Santo segue este teor: que tudo o que se diz da igreja diz-se aos Anjos, isto é, aos ministros da igreja, de quem se diz terem este ou aquele pecado que, na verdade, residia no povo. (2 Co 12:21)

Na Igreja Primitiva, quando o crédito dos Apóstolos era posto em questão, eles poderiam parecer muito perturbados com o assunto; contudo, foram por isso muito humilhados: examinaram-se, acusaram-se e, posteriormente, instituíram um novo ministério. Mas não obriga este dever de modo igualmente profundo os ministros e senhores a chorarem pelos pecados de seu povo? Sim, sem dúvida, e com boa razão. Pois, se admitem que devem se alegrar com as boas coisas que sucedem a seus filhos e famílias, devem também lamentar os males que os acometem, enquanto estiverem sob a sua tutela e governo.

SERMÃO 4. Sobre O Bom Nome.

Provérbios 22:1. Mais Desejável É O Bom Nome Do Que As Muitas Riquezas; E O Favor Amoroso É Melhor Do Que A Prata E O Ouro.

Tudo o que se deve desejar de um homem é isto: que ele seja virtuoso, piedoso e verdadeiramente religioso. Isto, por ser em si mesmo excelentíssimo e sumamente contrário à nossa natureza, faz com que a Escritura utilize muitos argumentos e razões para nos persuadir a isso; como neste lugar, onde o sábio deseja nos incitar ao amor à virtude, colocando diante de nossos olhos dois efeitos e frutos principais que dela podemos colher. O primeiro destes é o bom nome; o segundo é o favor amoroso. Ambos, assim como procedem da virtude e da piedade, sustentam-se e aumentam-se mutuamente. Pois assim como o homem encontra muito favor junto àqueles que falam e relatam bem a seu respeito, também aqueles que desejam demonstrar-lhe favor amoroso demonstrá-lo-ão, ou ao menos deveriam fazê-lo, nisto: em lhe render de bom grado um bom testemunho.

Ora, ambos são preferidos antes que as muitas riquezas, ambos são considerados melhores do que o ouro e a muita prata; e por certo quem quer que seja verdadeiramente sábio fará esta avaliação deles, e quem quer que saiba discernir retamente o que é bom esforçar-se-á primeiro e especialmente por obtê-los. Pois o bom nome nos recomenda diante de Deus e de Seus santos anjos, a cujos olhos as virtudes das quais brota o bom nome são sumamente aceitáveis. Mas as riquezas não são capazes de fazer isso; não, a abundância de prata e ouro é muitas vezes ocasião de pecado, pela qual ficamos ainda mais desprovidos do favor de Deus. Ademais, enquanto as riquezas — especialmente se mal adquiridas — fazem com que os homens frequentemente

nos odeiem, o bom nome e o favor amoroso conquistam o coração de muitos; sim, por vezes fazem com que os nossos próprios inimigos estejam em paz conosco. E isto sempre foi e sempre será certíssimo e verdadeiro, quer olhemos para a prosperidade, quer para a adversidade; quer olhemos para as vocações comuns desta vida civil, quer para as vocações da Igreja.

Pois tal é a corrupção da natureza humana que, naturalmente, os homens não amam os magistrados que Deus colocou sobre eles; mas, quando o magistrado obtém um bom testemunho pela devida execução da justiça, por seu trato compassivo para com os pobres e por seu favor paternal para com todos os que são bons, então os seus súditos o amarão, então o abraçarão, então confiarão de bom grado os seus negócios em suas mãos, e então, com corações fiéis e amigáveis, a ele se apegarão e permanecerão firmes. Para ser breve, tem mais clientes aquele advogado, tem mais pacientes aquele médico e tem mais fregueses aquele mercador cujas práticas virtuosas e piedosas lhes renderam uma boa reputação.

Nas vocações da Igreja isto também é verdadeiro; pois se qualquer pregador, pelo fiel cumprimento de seu dever e por sua vida piedosa, obteve uma vez o favor e a amizade dos homens, com que alegria os homens o ouvirão, com que tranquilidade se deixarão governar por ele, com que simplicidade lhe manifestarão as suas dores e quão cuidadosos serão em promover o seu bem! Também o mestre-escola que tem reputação de saber ensinar, de discrição para governar e de piedade para instruir os seus alunos no temor de Deus, a este nunca faltam discípulos, mas a maioria dos homens, e os melhores de todos, a ele acorrerá. Pelo contrário, se algum destes for desacreditado por uma má reputação — se o magistrado for

tido por opressor ou tirano; se o advogado for acusado de agir com falsidade; se o ministro for corrompido em doutrina ou em vida; se o mestre-escola for conhecido por ser insuficiente no saber, insensato no governo, profano e sem religião —, então todos os homens recearão ter qualquer negócio com eles.

Estas coisas revelam-se frequentemente verdadeiras no tempo da paz e da prosperidade; mas na adversidade — como em tempo de guerra, em tempo de enfermidade e em tempo de carência e pobreza — revelam-se sumamente verdadeiras. Não buscará todo o povo pobre, em tempo de guerra, o auxílio daquele magistrado que, em tempo de paz, lhe fez bem? Antes, não se reunirão todos em comum acordo para ajudá-lo e defendê-lo, mesmo com todas as suas forças e com a própria vida, vendo que ele utilizou todos os bons meios para salvar e defender as vidas deles? Por outro lado, quantos reis, quantos capitães, quantos magistrados, mesmo em sua maior necessidade, foram abandonados e desamparados por seus súditos e soldados por os terem governado de modo excessivamente severo e implacável? E, o que é mais do que isto, os súditos chegaram a maquinar a morte de seus príncipes, os soldados lançaram mãos violentas sobre os seus capitães, e os colonos foram os primeiros a buscar a morte de seus senhores de terras, porque nenhuma piedade, nenhuma compaixão, nenhuma amizade e favor amoroso lhes haviam sido demonstrados.

Por outro lado, se o magistrado, o ministro, o mestre ou qualquer outro homem, pela prática dos deveres de amor, conquistou o coração do povo e obteve entre eles uma boa reputação, então, em sua enfermidade, orarão por ele, visitá-lo-ão e partilharão com ele uma porção de sua dor. Ademais, o que pode ser mais consolador para um homem do que isto? Isto lhe alegrará o coração e abrandará o seu leito em todas as suas enfermidades.

Na pobreza também, aquele que possui melhor reputação e obteve, pela virtude, maior favor entre os homens é quem mais rápida e eficazmente é socorrido. Pois os homens bons consideram a própria condição no caso dele e, portanto, mostram-se prontos a ajudá-lo; sim, até mesmo os homens maus e ímpios, embora não lhe queiram grande bem, veem-se forçados a socorrê-lo, em parte porque a sua vida piedosa testifica às almas deles que ele é digno de ajuda, e em parte porque o Senhor lhes inclina o coração a favorecê-lo.

A viúva, portanto, que veio a Eliseu pedindo socorro, utilizou-se deste argumento para persuadi-lo: "Ó homem de Deus" (diz ela), "meu marido morreu, e morreu endividado, contudo ele temia ao Senhor; ajuda-me, pois, rogo-te, visto que os credores estão vindo" — e imediatamente Elias a socorreu. Por outro lado, se um homem tem má reputação — se é um adúltero, um ateu, um idólatra, um homem dissoluto ou de trato cruel —, e se tal homem cai uma vez em decadência, se cai em pobreza e necessidade, então o coração dos homens se fecha para ele, ninguém dele terá piedade, e todos verão e dirão: "o seu próprio pecado se abateu sobre ele". E este é o testemunho dos profetas, que frequentemente ameaçavam com esse tipo de castigo os homens ímpios, de sorte que ninguém dissesse: "Ah, meu pai!" ou "Ah, minha mãe!", mas toda a cidade se alegrasse com a sua partida.

Isto viram os povos pagãos em parte, e por isso todos eles desejavam grandemente um bom nome; e, conforme cada um sobressaía em força e coragem, em inteligência ou em qualquer outra espécie de conhecimento, esforçavam-se por meio disso para obter algum crédito para si mesmos. E, para concluir este ponto: embora um homem possua muitas coisas boas em si — embora um magistrado tema grandemente a Deus, embora um

ministro seja excelente em muitos aspectos, embora um médico ou advogado sejam peritos em sua profissão —, contudo, se não tiverem um bom nome, pouco bem poderão fazer com os seus dons. Tudo isto nos ensina ser de fato verdadeiro o que Salomão diz aqui: que o bom nome deve ser escolhido antes que as muitas riquezas, e o favor amoroso antes que a prata e o ouro.

Ora, as instruções que podemos colher deste lugar são principalmente duas. (Sl 40:1)

A primeira instrução é que não devemos, acima de tudo, prejudicar os nossos próximos em seu bom nome; e, por isso, o Senhor em Sua lei ordenou que aquele que fizesse tal coisa sofresse a mesma punição que pretendia impor a outrem. Os homens relutariam em roubar os bens de qualquer pessoa e, no entanto, o nome de um homem vale mais do que todas as coisas do mundo. Portanto, se alguém, ao levantar falsos testemunhos, prejudica o crédito de seu irmão, causa-lhe dano e peca mais grosseira e gravemente do que se lhe tivesse tirado suas terras ou seu sustento, seu trigo ou seu gado, ou qualquer outra coisa que possua. E ainda que seja falso o fato que relata, peca do mesmo modo; pois, a partir daquele momento, até os homens bons ficarão mais desconfiados, e os ímpios não permitirão que aquilo saia de suas mentes. Contudo, se isso for contra um pregador ou professor do Evangelho, então o pecado é ainda maior, porque Deus e a Sua Palavra tornam-se, por isso, desonrados.

A segunda instrução é que devemos ter o cuidado de, por todos os bons meios, adquirir e manter o nosso bom nome. Pois se é pecado desacreditar outro homem, muito mais é pecado desacreditar a nós mesmos. Se somos encarregados de promover o bom nome de nosso irmão, então somos estritamente

ordenados a cooperar para o nosso próprio tanto quanto formos capazes; logo, não pode ser sem grande pecado que um homem abandone todo o cuidado com o seu próprio crédito. Os próprios pagãos viam nisso uma falha e costumavam dizer que, quem quer que não se importe com a opinião dos homens, é de fato dissoluto e perdeu, em efeito, a natureza humana. E, portanto, bem podemos dizer que está privado de toda esperança de emenda aquele que não é conduzido a algum remorso e tristeza; que com semblante impudente pode ostentar o pecado, tendo ouvidos de víbora e recusando-se a ouvir, por mais sábio que seja o encantador que o encante. Assim como, pois, um semblante impudente abre a porta para toda impiedade, o devido cuidado com a reputação faz com que o homem seja muito cuidadoso em seus caminhos. Quem quer que, portanto, deseje viver piedosamente, deve zelar de modo seguro por seu bom nome. Sendo assim, ser-nos-á proveitoso considerar como este bom nome pode ser adquirido e preservado; e, de outra parte, se formos desacreditados, que uso e proveito devemos extrair disso.

Quanto ao primeiro ponto, é certo que, sendo a fama e a boa reputação coisas excelentes, devem necessariamente nascer e brotar daquelas coisas que são boas — como a virtude, a piedade e a sã religião. Ora, quanto ao fato de turcos e outros homens ímpios gozarem de grande favor entre o povo e serem bem conceituados, isso na verdade não é um bom nome, porque não procede da bondade, mas é apenas o aplauso vão das pessoas simples; antes, trata-se da própria ira grande e feroz de Deus sobre eles, embora não o vejam nem percebam, quando são elogiados por suas más ações. Pois, por este meio, são endurecidos em seu pecado; por este meio, são impedidos e retidos do arrependimento, castigo maior do que o qual não há

debaixo do Sol. Semelhante fama, portanto, não deve ser desejada; pelo contrário, antes devemos orar contra ela. E se queremos adquirir um bom nome e gozar de boa reputação, acautemo-nos para buscá-lo pela bondade e pela virtude, e então ele será de fato um bom nome.

Mas ponderemos estas coisas de modo mais particular, e saibamos que *o primeiro passo para um bom nome* é o afastamento cuidadoso e contínuo do mal, tanto exterior quanto interior. Nos males exteriores e grosseiros, devemos primeiro nos acautelar de todo mal em geral; o que, se não formos cuidadosos em fazer, em breve depreciará o nosso bom nome. Em segundo lugar, devemos atentar estreitamente para alguns pecados específicos aos quais a nossa natureza é mais inclinada e sujeita. Pois, assim como uma mosca morta corrompe todo um frasco de unguento, por mais precioso que seja, da mesma forma um único pecado frequentemente quebra o crédito de um homem, embora outrora tenha ele gozado de excelente reputação. E, se cumpre a todo homem zelar tão de perto por seus caminhos, muito mais necessário é que cada filho de Deus assim o faça. Pois o mundo, por causa do ódio que nutre contra eles, trata-os como trata as bruxas e os médicos. A bruxa, ainda que falhe em vinte coisas, se acertar uma única ação, por menor que seja, o mundo a ama e a recomenda como mulher boa e sábia. O médico, contudo, se realizar seiscentas curas, mas, pela obstinação de seu paciente ou para castigo do pecado deste, falhar em apenas uma, essa única falha concorre mais para o seu descrédito do que suas múltiplas, excelentes e notáveis curas lhe rendem louvor.

Desta maneira trata o mundo os homens: se um homem mundano possui apenas um dom exterior de força, de fala ou de formosura, será grandemente louvado e tido por homem

excelente, ainda que seja um idólatra ou pessoa profana, e embora nade e transborde em toda sorte de vícios. Mas seja o filho de Deus verdadeiramente zeloso na sua religião, seja ele íntegro e santo em seu proceder, contudo, se houver nele uma única fraqueza, ou se tiver por fraqueza caído uma vez em algum pecado, essa única enfermidade contra a qual ele luta, ou esse único pecado pelo qual se entristece, afogará todas as graças de Deus nele, por maiores que sejam, e o mundo o considerará o mais ímpio dos homens. Visto, pois, ser esta a inimizade do mundo contra o povo de Deus, com que cautela devem eles andar em geração tão perversa e depravada? E disto devem ser tanto mais cuidadosos porque os ímpios, valendo-se de tais deslizes e fraquezas, tomarão ocasião não apenas para desacreditá-los, mas até mesmo para difamar toda a sua profissão de fé, sim, e para blasfemar contra a gloriosa Palavra de Deus e Sua eterna verdade. Se, portanto, somos cuidadosos com o nosso próprio bom nome, ou melhor, se temos algum zelo pela glória de Deus, se temos algum cuidado com a Palavra, se temos algum amor pelos santos, evitemos diligentemente toda e qualquer fraqueza pela qual o nome de Deus seja desonrado, Seu glorioso Evangelho blasfemado, Seus filhos entristecidos, e nós mesmos desacreditados entre os ímpios. E isto basta para o pecado manifesto e exterior. (Ec 10:1)

Assim como o pecado manifesto cometido diante dos olhos e à vista dos homens traz sempre associado a si o castigo de uma má reputação, também os pecados secretos, ocultos como que nos cantos escuros de nossos corações, privam-nos do favor e do crédito com Deus; e, uma vez que estamos sem crédito diante Dele, faz Ele com que os nossos pecados se tornem ainda mais conhecidos dos homens. Pois nada há de tão oculto que não venha a ser revelado, e nada tão secreto que não seja descoberto

à vista do mundo. E para que melhor nos convençamos disto, saibamos todos com certeza que o Senhor possui muitos meios para trazer tais coisas à luz: pois Ele pode fazer com que os campos tenham olhos para ver a nossa impiedade; pode fazer com que as florestas tenham ouvidos para ouvir os nossos conselhos ímpios; sim, pode fazer com que as paredes de nossos aposentos testifiquem contra nós pelos pecados cometidos em nossos leitos. Se isto não bastar, pode ir mais longe e fazer com que os nossos amigos se indisponham conosco, e os homens de nossa confiança revelem a nossa malícia. E ainda que este amigo não tivesse tal intenção quando o tornamos confidente de nossos maus desígnios, contudo, por desagrado, faz o Senhor com que ele exponha, de uma só vez, todos os nossos segredos.

Sim, antes que fiques sem sofrer opróbrio por tuas faltas secretas, o Senhor fará com que a tua própria boca deponha contra ti, e as tuas próprias palavras te tragam descrédito. Pois, ou te trairás inadvertidamente, ou manifestarás o ocorrido em teus sonhos enquanto dormes, ou delirarás sobre isso em tua enfermidade, ou o vomitarás em algum frenesi, ou então o tormento de tua própria consciência será tão agudo que, para a tua própria vergonha, confessarás a tua falta. Por fim, quando pensas ou planejas o mal contra o teu próximo, por mais secretamente que o faças, além de todos os meios anteriores, o Senhor dispõe de outro recurso pelo qual te trará descrédito por isso. E trata-se de uma suspeita mui veemente despertada no coração daquele contra quem planejas esse mal. Pois, assim como frequentemente ocorre que bons impulsos surgidos secretamente em tua mente para o bem de outrem fazem com que o outro pense bem de ti, embora nunca tenha ouvido falar deles; assim também, sem dúvida, ocorre frequentemente com os maus impulsos. Planejas o mal contra outro, e ele, de alguma

maneira estranha, sente um ardor de ciúme e desconfiança em relação a ti; pensas mal de outro homem, e ele também passa a ter má opinião de ti. Assim faz o Senhor com que sejas desacreditado no coração dos outros, à medida que concebes algum mal contra eles em teu coração. Verdade é que a outra parte pode pecar e agir mui mal se suspeitar sem justa causa, visto que suspeita por um amor desmedido a si mesma; contudo, deve-se considerar aqui a obra do Senhor, o qual, vendo ser a causa tão justa, desperta tais suspeitas na mente dela.

Para, pois, retornarmos ao nosso propósito: se queremos evitar uma má reputação, devemos evitar todas as más conjeturas e desígnios contra os outros. E isto a Escritura também nos proíbe; pois o Sábio, da boca de Deus, proíbe-nos de pensar mal do rei em nossos aposentos, porque as aves e outras criaturas mudas revelarão a coisa, antes que esta seja mantida em segredo. Isto, então, deve nos fazer temer praticar o mal ou conceber o mal em nossos leitos, ou declarar nossos profundos conselhos mesmo àqueles que repousam em nosso seio. E isto, assim como é excelente meio para zelar por um bom nome, é também regra especial de toda piedade: não quando tememos apenas os pecados manifestos, mas os males secretos; não apenas os atos em si, mas até as secretas cogitações e pensamentos de nossos corações. Assim ouvimos o primeiro passo que conduz a um bom nome. (Ec 7)

Resta declarar *o segundo passo*: e este consiste em um zelo piedoso pelas próprias ações, para que não suscitem suspeitas de mal. Pois frequentemente ocorre que, embora um homem não faça aquilo que é puramente mau, pode ser justamente suspeito e sofrer algum dano em seu bom nome. E por esta causa o Apóstolo nos encarrega de zelar por coisas honestas aos olhos de Deus e dos homens. Por esta causa, ordena-nos que, se houver

alguma coisa honesta ou de boa reputação, a sigamos e a abracemos. Não basta, portanto, que se diga: "não pensei mal, não tive má intenção"; pois se, por falta de cuidado ou discricção, te aventuraste na ocasião, deste vasto pretexto para discursos maliciosos, para o teu grande descrédito. Se, pois, queremos evitar esta má reputação, devemos, como reza o nosso provérbio, evitar todas as coisas que a provocam. Pois, quando os homens pouco se importam em dar ocasião, então o Senhor faz com que se levante contra eles uma má reputação, para que os que são de fato obstinados sofram justo descrédito, e os que não o são possam ser resgatados do mesmo.

E, certamente, tamanha é a perversidade da natureza humana que, se o Senhor não adotasse este curso, até mesmo os Seus filhos cairiam em muitos pecados. Portanto, é sumamente necessário que os homens atentem para evitar as ocasiões, e tanto mais quanto comumente se diz que ou Deus ou o diabo está ao seu lado para neles operar. Vejamos isto em algum exemplo de nossa vida comum. Costumas andar pelas ruas em horários impróprios; nesse momento, algo é roubado, e és acusado e responsabilizado pelo crime. De outra parte, costumas tratar com demasiada familiaridade e leviandade uma jovem; ela engravida, e a culpa te é atribuída. Disto deste suspeita, porque andavas de noite e tratavas a jovem com lascívia, muito embora estejas livre do ato em si.

Ora, se és filho de Deus e se és guiado por Seu Santo Espírito, então Ele te ensinará a extrair proveito desse falso testemunho e a dizeres contigo mesmo: "Senhor, Tu sabes que estou livre deste ato em si; contudo, foi pecado meu dar tal ocasião para que os homens de mim suspeitassem. Deste pecado, ó Senhor, sou culpado, e sei que por este pecado justamente me afligiste." "Contudo, querido Pai, vejo a Tua misericórdia nisto: que,

embora de fato eu tenha cometido muitos pecados, Tu passaste por cima deles e tomaste este de que não sou culpado; de sorte que agora (Pai compassivo) antes sofro pela justiça do que por minha transgressão e pecado. Sim, querido Pai, contemplo a Tua terna misericórdia para comigo nisto: que, por esta má reputação, buscas desviar-me daquele pecado e me preservar para que eu nunca venha a cair nele." "Portanto, visto ter sido do Teu bom prazer lidar assim comigo, eis-me aqui, Senhor: arrependo-me de meus pecados passados e prometo diante de Ti, em Teu temor, nunca praticar este ou semelhante pecado daqui em diante."

Vede aqui, rogo-vos, o excelente proveito que um bom filho de Deus, pelo Espírito divino, extrairá deste testemunho calunioso, após ter concebido tristeza piedosa por ter dado ocasião a esse relato. Mas contemplai a obra oposta de Satanás no coração dos incrédulos; pois ele logo lhes ensinará esta lição e os fará dizerem assim: "Como? Aquele miserável me acusa sem causa? Atribui-me ato tão vil, sem que eu jamais o tenha merecido de suas mãos? Por certo ele não falará assim em vão; farei de suas palavras verdade e praticarei a ação de fato." Considerai isto, pois, vós que temeis ao Senhor, e vede em que estado instável se encontram os que deram ocasião, e em quão grande perigo estão de serem levados a cometer o mesmo ou semelhante pecado posteriormente. Portanto, se alguém deseja ter a certeza de manter o seu bom nome, deve certificar-se de evitar todas as ocasiões que possam, de qualquer modo, prejudicá-lo e impedi-lo. E isto basta para o segundo passo, pelo qual ascendemos a um bom nome. Assim ouvimos acerca de dois graus rumo a um bom nome: no desvio do mal e de suas ocasiões. E estes, de fato, possuem grande força para deter uma má reputação; contudo,

por certo não são capazes de construir um bom nome e crédito entre os homens.

A estes, portanto, deve-se acrescentar *um terceiro elemento*, que possui força especialíssima para este propósito: a saber, que sejamos abundantes em boas obras. Disto nosso Salvador Cristo nos encarrega de sermos cuidadosos quando diz: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras". Muitos se queixam da boa reputação alheia e entristecem-se grandemente porque eles próprios não gozam de crédito igual ou superior. Mas, infelizmente, deveriam antes entristecer-se consigo mesmos, porque a culpa reside neles; pois não se importam em praticar o bem, são negligentes com as boas obras e, por isso, o Senhor mostra-Se igualmente negligente para com eles e com o crédito deles. Ora, aquele que deseja ser louvado deve praticar as coisas que são louváveis; deve praticar boas obras, sim, deve fazer o bem e segui-lo. Sim, devemos saber que não é uma boa obra, nem duas, nem três, que nos podem render um bom nome de fato; mas exige-se de nós que sejamos ricos em boas ações e continuamente dedicados a toda boa obra. Pois assim como um unguento precioso (ao qual o bom nome é comparado) é composto de muitos e excelentíssimos ingredientes simples, também o bom nome não pode ser obtido senão por muitas e excelentíssimas virtudes.

Ora, quando nos sentimos inclinados à bondade, devemos zelar cautelosamente por duas coisas: primeiro, que todas as nossas obras sejam feitas com afeição simples e sincera; segundo, que sejam feitas com boa discrição. Pois quando algo é feito sem discrição e de modo precipitado, perde a graça e a beleza do ato; e, por isso, embora a ação seja excelente, nenhum grande louvor dela provém, porque não foi realizada com boa discrição. Da mesma forma, quando os homens praticam ações com afeições

transversas, e com outro fim que não a glória de Deus, comumente perdem a recompensa de seus atos. E disto decorre que muitos homens que praticam boas obras para por elas alcançarem mérito, ou para conquistarem o favor de seus superiores, ou para gozarem de boa reputação entre o povo, ou com outro fim semelhante — quando (digo) os homens fazem as coisas com esse propósito, o Senhor os pune com o oposto: em vez da glória merecida, derrama confusão sobre eles; em vez de honra, dá-lhes desprezo; e em vez de riquezas, mendicidade. Embora os homens possam pretender a glória de Deus e disfarçar a sua malícia com cores vistosas, contudo o Senhor trará a sua impiedade à luz. E verdadeiramente é maravilhoso ver como o Senhor impõe a estultícia a tais homens; de sorte que, embora em sua prudência pensem ofuscar os olhos de todos, a alma simples enxerga os seus ardis, para o descrédito deles.

Portanto, quando tiveres agido bem e, contudo, fores difamado, não te enfureças de imediato contra aquele que levantou tal relato contra ti; tampouco te apresses em demasia a te justificares; antes, perante o Senhor, examina o teu próprio coração e vê com que afeição realizaste a obra. E se encontrarmos malícia em nossos corações, humilhemo-nos perante o Senhor e saibamos que Ele permitiu que falassem assim de nós: primeiro para nos corrigir, e segundo para nos provar. Pois, quando o Senhor nos vê à semelhança dos escribas e fariseus buscando recompensas, pune-nos com a perda de nosso esforço e com a vergonha entre os homens, para ver se por meio disso nos conduz à visão de nossos pecados, os quais antes não queríamos nem podíamos ver. E, de outra parte, quando assim agimos, Ele nos prova para ver se há alguma bondade em nossos corações que possa nos mover a continuar na prática do bem, não obstante sermos difamados. Aqui, pois, vemos que

fruto devemos colher de tais testemunhos: a saber, devem primeiro nos conduzir à visão e ao sentimento de nossos pecados; e, segundo, devem fazer com que prossigamos na prática do bem com maior retidão.

Verdade é que um homem pode ser acusado de ter esta ou aquela intenção em suas ações, embora as tenha realizado na simplicidade de seu coração. Mas, quando o homem, pelo autoexame, descobre que seu coração é reto, recebe com isso grande consolo; pode então encomendar-se ao Senhor e confiar a sua causa em Suas mãos. Pois o Senhor sustenta as línguas e os corações retos, mas cortará as línguas dos que proferem mentiras. Ele fará com que a justiça dos justos resplandeça como o meio-dia, e como o Sol após uma nuvem; mas os ímpios serão cobertos com a sua própria confusão como por uma capa. Isto verão os piedosos e se alegrarão, mas a boca dos ímpios será fechada.

Assim discorreremos sobre as coisas pelas quais um bom nome pode ser obtido — e não apenas isso, mas também pelas quais o homem pode ser preservado em boa reputação e crédito; e, portanto, devem ser por nós sumamente observadas e estimadas. Pois, antes de tudo, vemos que força a perseverança das Igrejas de além-mar possui para persuadir os homens a abraçarem a verdade, e quão prontamente alguns homens serão movidos a permanecer firmes quando contemplam a constância inabalável de homens bons em toda sorte de piedade. Por outro lado, sabemos que grandes escândalos são causados aos fracos quando igrejas inteiras, ou certos indivíduos de boa posição e crédito, não mantêm esse crédito nem sustentam pela bondade o bom nome que haviam adquirido por grandes virtudes. Os próprios pagãos viram isto e, por isso, diziam que manter o louvor era tão grande mérito quanto alcançá-lo; sim, e quando viam que

grandes inconvenientes surgiriam quando os homens não correspondiam à expectativa do povo, julgavam muito melhor nunca ter gozado de boa reputação entre os homens do que perdê-la após tê-la alcançado. Portanto, para encerrar toda esta matéria em uma única palavra: se algum homem, se alguma família, se alguma cidade, se alguma nação for cuidadosa em gozar de honesta reputação entre os homens, deve evitar o mal e praticar o bem; deve buscar a paz e segui-la. E se, uma vez alcançado o bom nome, desejarem de bom grado conservá-lo, deverão empregar os mesmos meios, e assim o teremos tanto de Deus quanto dos homens. (Sl 37:5-6)

Agora, visto que os homens sofrem muito descrédito e são mui mal falados entre os semelhantes, será proveitoso considerar que proveito e uso podemos extrair de tais ultrajes e más reputações. E isto faremos tanto melhor se conhecermos as bases sobre as quais tais ultrajes se originam. Primeiro, portanto, devemos aprender que os homens podem ser difamados tanto por praticarem o mal quanto por praticarem o bem. Quando, pois, os homens são mal falados, devem primeiro examinar se o são por mal ou por bem; e se o for por mal, devem então avançar mais um passo para descobrir se é por alguma má ação que praticaram ou por alguma ocasião que deram. Quando um homem é difamado por alguma má ação que praticou, essa sua má ação é manifestamente conhecida ou, de outra parte, é desconhecida.

E, certamente, é coisa comuníssima entre os homens sofrer descrédito por pecados manifestos e grosseiros; contudo, pouquíssimos tiram disso o devido proveito. Pois alguns são impudentes e não se importam com o que os homens dizem a seu respeito; e, por isso, são de fato inaptos a receber qualquer proveito de tais repreensões. Portanto, após a censura mais severa e rigorosa da Igreja, devem ser entregues às mãos do

magistrado para serem punidos no bolso e no corpo. E, contudo, tal é a sua desfaçatez que pouca esperança resta de sua emenda; pois frequentemente ocorre que aqueles que não tiram proveito da Igreja tampouco podem receber proveito do magistrado. Devem, pois, após tudo isso, ser deixados nas mãos do Senhor para que opere, se for de Sua vontade, por alguns meios extraordinários em seus corações que se endureceram sobremaneira.

Há outros que, expostos à vergonha pública, contrustam-se de fato; mas isto ocorre porque sofreram vergonha pública, antes do que por terem pecado contra o Senhor. Estes são, em certa medida, melhores do que os primeiros; contudo, não avançam tanto quanto deveriam. Pois o diabo, tendo-os enfeitiçado, persuade-os de que a situação não é tão grave quanto os homens querem fazê-los crer, e que, assim como uma novidade dura apenas nove dias, também isto não será de longa duração. Desse modo são impedidos, de sorte que a vergonha não lhes pode penetrar no coração para ali operar aquela tristeza segundo Deus que produz arrependimento sincero. Isto se vê diariamente em prostitutas, ladrões e malfeitores semelhantes que, embora façam grandes promessas de emenda, contudo, uma vez passada a punição, caem novamente nas mesmas torpezas.

Alguns julgam que fingem e agem com falsidade; mas creio que pensam exatamente o que dizem, e falam com dor e tristeza. Pois propor-se-á o ladrão a roubar novamente quando está prestes a ser enforcado? Propor-se-á a criança a agir com levandade enquanto está sendo açoitada? Certamente que não. Contudo, em um há uma infantilidade para falar precipitadamente; no outro, há uma servidão para não se mover por nada senão pelo medo imediato. Admito que de fato há hipocrisia neles; contudo, a hipocrisia grosseira pela qual os homens se esforçam para

enganar os outros não se encontra neles, mas sim aquela hipocrisia oculta e perigosíssima pela qual o diabo enganou os seus próprios corações através de sua sutileza. Este feitiço do diabo (digo) é a causa pela qual muitos que prometem emenda não a cumprem.

Assim vemos como os homens perdem aquele proveito que deveria ser colhido da vergonha pública. Nós, portanto, devemos adotar um caminho melhor e nos esforçar para que, assim como o nosso rosto se enrubesce diante dos homens, também a nossa alma se confunda perante o Senhor; para que, sendo profundamente humilhados sob a Sua mão pela tristeza segundo Deus, Lhe apraza em Sua misericórdia nos erguer. Ora, se duvidamos neste caso se a nossa tristeza é sincera ou não, provemo-la por estas duas regras: primeiro, se podemos, com mente submissa, aceitar a punição como correção do Senhor e, contudo, prantear e nos entristecer pelo pecado; mas de tal modo que, dando lugar à justiça de Deus no castigo, nos esforcemos por misericórdia no perdão dos pecados. Segundo, se, quando poderíamos manter o pecado oculto, somos capazes de, como Davi, confessá-lo livremente e dizer: "Contra ti, ó Senhor, pequei". Se pudermos fazer isto, é argumento seguro de que a nossa tristeza é segundo Deus, e de que colhemos excelente proveito daquele ultraje que o nosso pecado nos acarretou.

Assim como o pecado por vezes é tão evidente que não pode ser encoberto, assim também o pecado pode ser cometido e, contudo, permanecer desconhecido e livre de qualquer suspeita, ou cercado apenas de suspeitas prováveis. Quando o pecado se encontra nesta última situação, o Senhor pode fazer com que o homem que pecou seja acusado ou mal falado por essa ofensa. Aqui, a parte transgressora deve primeiro aprender a agir com sabedoria, de tal modo que o pecado possa continuar oculto, se

isto puder ser feito sem incorrer em outro pecado; mas, se for exigido juramento perante o Senhor, devemos dar glória a Deus, ainda que com a nossa própria vergonha, e confessar a falta. Segundo, quanto aos proveitos que se podem extrair de tais relatos, devemos aprender a receber com corações gratos este castigo misericordioso do Senhor, e a reconhecê-lo para o Seu louvor; pois Ele poderia ter nos punido por aqueles pecados manifestos e, no entanto, passou por cima deles; poderia ter tornado públicos os demais, mas poupou o nosso nome e o nosso crédito.

Portanto, como segundo fruto, esta misericórdia do Senhor deve nos conduzir ao arrependimento e a uma profunda tristeza por todos os nossos pecados. Pois seria excessivamente grosseiro continuarmos no pecado simplesmente porque não podemos ser dele convencidos; afinal, se o Senhor não desaprovasse o teu pecado, por que haveria de levantar tal relato a teu respeito? Por que haveria de poupar o teu bom nome se não estivesse inclinado a te mostrar misericórdia? E se Ele não quisesse que te arrependesses de todo o coração de teu pecado, por que haveria de açoitar a tua consciência nua por causa dele? Portanto, se por esta benignidade não formos conduzidos ao arrependimento, em verdade será este um pecado que não escapará impune. Assim ouvimos como uma má reputação provém do pecado cometido, e que proveito deve ser extraído disso. (Js 7)

Consideremos agora, ademais, como o homem deve lucrar com uma má reputação, não quando a mereceu por algum pecado, mas apenas quando falhou nisto: em ter dado ocasião para ser suspeito de mal. Esta ocasião é de duas espécies. Primeiro, quando os bons deveres são ou inteiramente omitidos, ou praticados com queixume, ou ainda como que por constrangimento. Tal relato deve ensinar-te que, embora não

sejas tão mau quanto os homens pretendem, contudo não és tão bom quanto deverias ser. Portanto, por ele debes aprender tanto a ser mais cuidadoso na prática do bem quanto a fazê-lo com maior e melhor ânimo; pois o Senhor ama ao que dá com alegria.

A segunda ocasião é de natureza interna, a qual, embora nenhum homem a possa descobrir, contudo o Senhor, para o teu bem, faz com que falem mal de ti por causa dela. Esta ocasião interna ocorre quando o teu coração ou concedeu pleno consentimento para a prática do mal ou, ao menos, vagou demoradamente em pensamentos sobre ele. Aqui o Senhor te alcança a tempo, permitindo que os homens relatem a teu respeito que fizeste aquilo que, de fato, não fizeste; contudo, em teu coração, sentiste prazer nisso. O caminho para aproveitar isto, então, é confessar a bondade do Senhor, que não quer que caias em pecado que mereça descrédito. Pois tal é a natureza humana que, se qualquer mau pensamento se demora muito na mente, dificilmente será contido antes que culmine em ato exterior. Ademais, valendo-nos deste relato levantado contra nós, devemos tomar ocasião para nos recolhermos, se consentimos com o mal, e com dor nos entristecermos por isso; ou, se ainda não consentimos, devemos nos esforçar para reprimir o ardor de nossas afeições e apagá-las pela umidade da Palavra. E isto será suficiente para os relatos que se originam de alguma justa base e ocasião.

O último ponto a ser tratado em todo este caso é ver que uso se deve fazer daqueles relatos que são inteiramente falsos e não possuem base nem início plausível. Pois pode ocorrer que, tendo o homem evitado o mal e praticado o bem, tendo esquivado a ocasião de pecar e feito todo o bem com coração alegre, seja, contudo, mui difamado e impedido em seu bom nome. Ora, se isto suceder a qualquer homem, saiba ele que tal é obra do Senhor, e que o Senhor o faz ou para corrigir o pecado ou para o

prevenir. O Senhor (digo) utiliza-se deste meio para corrigir o pecado por vezes, seja na mesma espécie, seja em outra. Na mesma espécie, Ele trata deste modo: permite que sejas tido por adúltero, embora agora vivas castamente e odeies o pecado imundo; mas, nisto, Ele vê que ou foste adúltero outrora e não te arrependeste de modo algum, ou, se te arrependeste prontamente, agora comesças a falhar e a arrefecer no ódio a essa ofensa.

Outrossim, se, após examinar-te, te consideras limpo daquele pecado específico, sabe que o Senhor, por esse relato, corrige alguma falta inteiramente contrária a ele; como se fosses acusado de não amar a tua esposa, quando, na verdade, a amas em demasia; ou, de outro modo, faz com que sejas tido por adúltero para que, por esse meio, sejas levado a contemplar o teu coração avarento. E, para tudo dizer em uma única palavra: nunca faremos uso real dos relatos enquanto não formos levados a enxergar e nos arrepender de algum pecado particular que ou não víamos anteriormente ou não nos havíamos arrependido por completo.

Ademais, pode suceder que, tendo cumprido todos os bons deveres, evitado todo mal e examinado o nosso arrependimento mesmo quanto a pecados particulares, sejamos ainda difamados entre os homens. Aqui, devemos saber que o Senhor, por meio dos relatos, adverte-nos sobre males futuros. Somos acusados de pertencer à *Família do Amor*; por isso somos prevenidos a nos acautelarmos para que não caiamos nesse pecado, e assim por diante com outros relatos. Sempre que tais relatos forem difundidos a nosso respeito, devemos nos tornar tanto mais cautelosos para que não caiamos em tal pecado. E, segundo a regra do Apóstolo, devemos nos esforçar para consumir o curso de nossa salvação com temor; o que, para que possamos fazê-lo,

nos conceda o Senhor por Seu Cristo, a quem seja dada glória
para sempre na Igreja,

Amém.

FIM.

SERMÃO 5. Da Humildade

Provérbios 18:12: Antes Da Ruína, O Coração Do Homem Se Exalta; E Diante da honra vai a humildade.

Esta Escritura concorda muito bem com aquela de nosso Salvador Cristo: "Qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e o que a si mesmo se humilhar será exaltado", bem como com o testemunho dos apóstolos de Cristo: "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes". Outros exemplos para provar isso são abundantes na Palavra, quer olhemos para os piedosos, quer para os ímpios.

Primeiramente, veremos como a mente altiva precede a ruína por meio de Adão e Eva, nossos primeiros pais. Por não se contentarem em ser as mais excelentes de todas as criaturas da terra, mas, através de uma mente altiva e aspirante, desejarem ser iguais a Deus, o Criador no céu, foram lançados em um estado miserável, sofrendo tanto em si mesmos quanto em sua posteridade a vergonha de tão horrível pecado.

Quando os homens poderosos da terra, querendo alcançar a glória de todas as eras vindouras por meio de algum nobre empreendimento, propuseram no orgulho de seus corações erguer uma torre até o céu, para assim serem contados como pais de grande renome, o Senhor os confrontou. Onde eles esperavam a maior glória, ali ele recompensou tentativas tão arrogantes com a maior confusão.

No momento em que o orgulhoso Faraó mais ansiava pela destruição dos israelitas (prometendo a si mesmo o triunfo de tão grande derrota), eis que, contra a sua expectativa, o triunfo retornou gloriosamente para o povo de Deus, mas o terror e a

vergonha foram concedidos como recompensa a Faraó e a toda a sua comitiva.

Aquele altivo Hamã, não considerando nada mais seguro do que a execução de Mardoqueu e a morte dos judeus, pelo justo julgamento de Deus foi enforcado vergonhosamente na mesma forca que havia preparado para outrem.

De igual modo, Nabucodonosor, promovendo-se como monarca e príncipe sem igual em seu glorioso palácio, não muito tempo depois teve o coração de um animal que lhe foi dado, e por um tempo teve a sua porção entre as feras do campo.

Se percorrermos as histórias tanto dos reis de Israel quanto dos príncipes de Judá, veremos como Amazias, recusando-se a ouvir os profetas, não prosperou; mas, continuando no desprezo e permitindo-se inflar em seu próprio orgulho, foi levado às portas da destruição. Veremos também como Acabe, crescendo em desdém após sua conquista vitoriosa, e em nada temendo o tempo vindouro, recebeu a mais vergonhosa derrota em meio à sua estratégia mais profunda.

Para encerrar este assunto, sabemos que, quando Herodes parecia ter conquistado a coroa e, por meio de um discurso solene, ter recebido o louvor de Deus, e não de homens, por ter reivindicado para si toda a glória e roubado a honra de Deus, foi desonrado de forma vergonhosa e terrivelmente devorado por vermes que lhe consumiram as entranhas.

Não devemos observar isso apenas nos ímpios, que receberam a maior vergonha quando esperavam a maior glória, mas também nos piedosos, como Abraão, Asa, Ezequias e Davi, que foram mais exaltados quando se humilharam, e foram mais humilhados quando julgaram estar mais exaltados.

Asa, não obstante ter continuado constante por algum tempo na reforma da religião, ao cair finalmente em repreender o profeta e desviar-se de sua antiga humildade, adoeceu; e, em sua enfermidade, confiando mais no socorro do homem do que no Senhor, recebeu a sentença de morte; para salvar sua alma cortando seus dias, aprouve a Deus visitá-lo na carne.

Ezequias, ao recuperar a saúde e receber um glorioso livramento do exército de Senaqueribe, por não render a glória devida ao Senhor, recebeu pouco tempo depois pesadas notícias de que tanto ele quanto a sua linhagem desceriam cativos para a Babilônia.

Josias, aquele santo modelo de príncipes piedosos, por não pedir conselho à boca do Senhor quando entrou em batalha, foi misericordiosamente punido nesta vida, para que pudesse escapar do terrível castigo dos ímpios na vida por vir.

Davi, pensando em sua prosperidade estar firmado sobre uma rocha inabalável e ser como uma cidade murada, nada suspeitando e estando fora de guarda, caiu em um pecado gravíssimo, pelo qual a última parte de sua vida foi mais vergonhosa do que gloriosa.

O apóstolo Pedro, depois de ter sido exaltado à dignidade de pastor fiel e, pela notável profissão de sua fé, ter sido declarado bem-aventurado pelo Senhor Jesus Cristo, ao começar a apoiar-se excessivamente em sua razão carnal e em sua força, foi chamado de Satanás; e, não sabendo que corrupção havia em seu coração, quando mais enaltecia seu amor constante ao Senhor Jesus, caiu ao negá-lo três vezes, e, na última vez, ao amaldiçoar-se caso fosse aquele homem.

Mas, deixando de lado exemplos antigos e passados, e voltando a atenção para nós mesmos, a dolorosa experiência, pela observação diligente de seus próprios corações, tem ensinado a muitos que, após receberem alguma doce e abundante medida da misericórdia de Deus, tornaram-se menos cuidadosos e zelosos sobre os seus próprios afetos, sendo assim deixados pelo Senhor por um tempo; do que resultou, se não alguma destruição terrível, ao menos alguma queda grave sobre eles.

É bom, portanto, mantermos uma vigilância cuidadosa sobre nós mesmos e ver se, após termos sido revigorados com algumas graças especiais de Deus na pregação, na oração e na admoestação, não nos tornamos menos cuidadosos e, conseqüentemente, mais próximos de alguma queda e menos aptos para receber algum novo benefício, até que o Senhor, ao nos humilhar, prepare-nos com um novo desejo. E disto decorre que, quando estivemos por muito tempo banhados e, por assim dizer, embalsamados com sentimentos internos e frutos externos do Espírito Santo, fomos corrigidos por aquele amor-próprio e esbofeteados por algum orgulho oculto que habita na carne, por meio de uma grave aridez e embotamento do espírito, humilhando-nos sob as mãos de Deus, como aconteceu ao apóstolo Paulo.

Ora, assim como provamos por estes exemplos de outros e pela experiência em nós mesmos que a mente altiva precede a ruína, de igual modo provaremos, no sentido contrário (usando a mesma ordem anteriormente estabelecida), que antes da honra vai a humildade.

Saul, antes de ser exaltado e promovido ao cetro, escondeu-se em grande humildade, como quem se considerava indigno de tão grande dignidade, e assim foi depois exaltado.

Acabe, embora fosse um homem extremamente ímpio, ao humilhar-se diante da repreensão de Elias, não foi punido em sua própria pessoa, mas em sua posteridade.

Roboão, ao humilhar-se com o seu povo, foi poupado daquela praga que, de outro modo, estava para cair sobre ele.

No entanto, podemos contemplar isso de forma mais viva nos piedosos, quer consideremos aquelas revelações e aparições de anjos que em tempos passados ocorreram aos pais que se humilharam, quer consideremos outras graças de Deus concedidas a eles em semelhante estado. Abraão foi humilhado, Isaque foi humilhado, Jacó foi humilhado; então veio a promessa, então apareceram os anjos, então receberam visões.

José, embora possuísse excelentes graças de Deus, para que a violência da juventude desenfreada não o levasse a perder-se, foi humilhado: o ferro penetrou em sua alma, seus pés foram postos nos grilhões, seu lugar foi entre os prisioneiros; contudo, após algum tempo de provação, foi exaltado, não de forma comum, mas mui grandemente.

Moisés, embora tivesse alguma intuição do Senhor de que haveria de ser o governante do povo de Deus, além de seus quarenta anos na corte, teve quarenta anos de peregrinação no deserto, e posteriormente foi promovido.

Depois que Davi recebeu muitos penhores do favor de Deus para com ele — como ter sido ungido rei, ter obtido grandes vitórias ao vencer o urso e o leão, ter derrotado o furioso filisteu e ter curado o espírito perturbado de um homem louco por meio de sua doce música —, contudo, como alguém não suficientemente preparado para a obra do Senhor, foi promovido pela humildade.

Se considerarmos todos os reis de Judá e Jerusalém, como Ezequias, Josias, Asa e outros, veremos como Ezequias chorou amargamente, confessou seus pecados e humilhou-se muito antes que a saúde de seu corpo lhe fosse restabelecida. Josias, antes que o Senhor o usasse na reforma de sua Igreja, teve o coração quebrantado. Sim, antes que os apóstolos recebessem aquele grande dom, o envio do Espírito Santo sobre eles, foram humilhados com os judeus, foram sacudidos por um vento forte e, após tão solene preparação, foram dotados de doces graças do Espírito.

E ao longo de todo o volume do Livro de Deus é manifesto que, quando o Senhor queria aparecer por visões ou anjos ao seu povo santo, ele humilhava a carne e o sangue antes, como vemos em Jacó, Ezequiel, Zacarias, Isabel e Maria, a virgem bendita. (Lc 14:11; Tg 4:6; 1 Pe 5:5; Gn 3; Gn 11:7; Êx 14; Est 7; Dn 4; Am 7; 1 Re 20:22; 2 Re 23; At 12:23; 2 Cr 16:10, 12; 2 Re 20; 2 Cr 32:37; 2 Cr 35; Mt 16:17; Mt 26; 2 Co 12; 1 Sm 9:12, 10:22; 1 Re 21:27, 29; 1 Re 12:24; Is 38; 2 Cr 34:19)

Para chegarmos agora às razões pelas quais o Senhor, em sua sabedoria, costuma lidar com os seus desta maneira: devemos saber que o Senhor recusa o serviço do soberbo porque, quando estamos orgulhosos, somos ineptos para glorificar o seu nome, inúteis para fazer o bem aos nossos irmãos e despreparados para receber qualquer misericórdia das mãos de Deus. E não é de admirar; pois como haveríamos de esperar que Deus nos honrasse ao usar a nós e ao nosso serviço, se nos recusamos a devolver a glória de suas próprias graças a ele? E por que ele não haveria de nos desonrar com a falta de suas graças, quando nós o desonramos tanto ao abusar delas?

Ademais, visto que o nosso fazer o bem aos outros costuma corresponder à nossa afeição e compaixão para com aqueles que necessitam de nossa ajuda, e o orgulho de nossa própria abundância nos entorpece e nos torna insensíveis às carências alheias, como podemos inclinar retamente nossos corações a qualquer bom dever para com as necessidades de nossos irmãos se, por falta de humildade e afeto compassivo, não temos consideração pelas suas privações nem sentimento de sua miséria?

Além disso, se quando estamos inflados com uma persuasão de perfeição e repousamos na segurança de nossa presente integridade ficamos embaraçados e acorrentados, de sorte que não podemos nos humilhar em oração diante do Senhor, como haveremos de nos considerar capazes de receber qualquer bênção do Senhor, cujo tempo oportuno de socorrer é no dia da necessidade, e que recusa dar a qualquer outro senão àqueles que, no orgulho de seus corações, recusam até mesmo orar a ele?

Por outro lado, quando o Senhor nos vir como servos bons e fiéis, devolvendo a ele o ganho e o proveito de todos os seus dons, e contentando-nos com a sua honra, cientes de que somos seus despenseiros; quando o senso de nossa própria miséria nos tiver ensinado a mostrar misericórdia aos outros, e a consciência de nossa própria indignidade nos tiver esvaziado de toda opinião sobre nós mesmos e nos impulsionar, em nossas necessidades mendicantes, a clamar por cada pequena provisão de nossas carências junto ao trono da misericórdia; então Deus estará mais próximo para nos prestigiar com as suas graças, então estaremos mais preparados para ministrar às carências alheias e seremos aptos para sermos preenchidos com os tesouros ocultos do Senhor para o nosso consolo.

E disto decorre que muitos, tendo tido uma grande medida das graças de Deus, permitiram que elas apodrecessem e se consumissem por causa do orgulho. Disto provém que muitos trabalharam muito, falaram abundantemente e empenharam-se em grande eloquência, e contudo não obtiveram glória para Deus nem proporcionaram fruto aos ouvintes. Disto advém que alguns, que estiveram tão cheios como um vaso que não tem vazão, tornaram-se tão estéreis como a pedra de pederneira é de água, porque buscaram a glória, mas não pela humildade; evitaram a ruína, mas não abandonaram o orgulho.

Ao contrário, observaremos como muitos, falando na singeleza de seu coração e na humildade de seu espírito, ganharam muitas almas para o rico engrandecimento da honra e do reino de Deus. Muitos, usando poucas palavras, mas com um afeto compassivo e solidário, consolaram consciências aflitas, instruíram almas ignorantes, abateram espíritos soberbos, confundiram corações altivos e ajudaram abundantemente aqueles com quem tinham de lidar. Muitos, sendo humildes aos seus próprios olhos, não se gloriaram tanto nem receberam glória pelas grandes dádivas que Deus lhes concedeu, mas foram consolados em suas próprias consciências com um rico testemunho do Espírito santificador, que operou neles o uso cuidadoso dos dons recebidos, para a glória Daquele que os deu.

O Senhor recusa o serviço dos homens ímpios; ele não usará um espírito orgulhoso em sua obra. Portanto, se virmos que Deus não abençoa os nossos trabalhos, suspeitemos de nós mesmos por estarmos em algum pecado, tenhamos nossos próprios corações para que sejam humilhados perante o Senhor.

E aqui é bom que sejamos prevenidos sobre qual humildade é esta que o Senhor requer de nós, para que não enganemos nossas

próprias almas com uma humildade falsa e fantasiosa. Portanto, assim como todos concedem que a humildade é isenta de murmuração e queixume, da mesma forma afirmamos que não possui uma mente devidamente humilhada sob a mão de Deus aquele que vive constantemente perplexo e assustado com o medo imoderado de algum mal vindouro. Pois, assim como condenamos aquela segurança infernal que é isenta de todo temor, desaprovamos também aquela mente abatida que é oprimida por excesso de medo, sempre proferindo vozes trêmulas como: "Ah, o que será de mim? Tenho medo de que algum mal me sobrevenha; nunca serei capaz de suportá-lo; prefiro morrer a senti-lo".

Quando, desconfiando assim do Senhor, começamos a ditar-lhe o que ele deve nos dar ou o que deve nos tirar, estamos no caminho mais rápido para nos encontrarmos com o mal que temíamos, e nada no mundo trará o perigo sobre nós mais rapidamente.

Recomendamos, portanto, e afirmamos ser a verdadeira humildade aquela que, assim como não murmura queixosamente contra o Senhor, também não recua desconfiadamente diante do Senhor; mas, por um lado, dispõe-se a ser agradecida, se for a boa vontade do Senhor nos livrar, e, por outro lado, prontifica-se a colocar a cabeça no cepo e oferecer o corpo ao que fere, se o Senhor em sua sabedoria nos puser à prova. Isso nos ensinará a possuir nossas almas em mansidão e paciência; isso nos fortalecerá para dizer com ousadia: "Senhor, se enviarestes este livramento, teu nome seja louvado; se me provares ainda mais, Senhor, tua santa vontade seja bendita; Senhor, aqui estou, poupa-me se quiseses, prova-me se te aprouver".

Esta humildade esteve em Abraão, Isaque, Moisés, Davi, Daniel, Azarias, Sadraque, Mesaque, Abede-Nego e outros dentre os santos e servos de Deus.

Abraão, quando estava mais pronto para oferecer seu filho, foi precisamente naquele momento que o Senhor lhe devolveu o filho.

Davi, quando estava preparado para entregar tanto a vida quanto o sustento ao Senhor, obteve tanto a vida quanto o reino por mais tempo.

No momento em que Ezequias havia se resignado a morrer segundo a vontade do Senhor, o Senhor restituiu-lhe a saúde e concedeu-lhe, por assim dizer, uma prorrogação de sua vida por mais quinze anos.

E certamente não há caminho mais rápido para obter a vida do que oferecer-se à morte; nenhum meio melhor para evitar a enfermidade, a pobreza, o opróbrio ou o exílio do que ter nossas vontades totalmente submetidas à vontade de Deus, estando tão dispostos a carregar a cruz quanto a ser libertos dela. Pois quanto mais lutamos contra a vontade de Deus, menos prevalecemos; e quanto mais rápido cedemos, mais rápido seremos libertados.

Contudo, não me refiro àquela rendição que o Senhor obtém de nós por meio de suas ameaças ou julgamentos, como por mão forte, a qual não é uma submissão voluntária, mas uma sujeição forçada, que nos constrange antes que nos atraia a obedecer à vontade do Senhor. Refiro-me àquela humilhação voluntária de nós mesmos diante da face de Deus, que procede de um coração que sangra pela consciência de sua própria indignidade e que se quebranta pelo senso da bondade imerecida do Senhor; e isso de modo mais suave do que se fosse ameaçado com todos os

juílgamentos dos ímpios e esmagado e despedaçado com todos os tormentos do inferno. (Gn 22; 2 Sm 15)

O outro extremo que não condiz com a verdadeira humildade é a insensibilidade estúpida, aquela paralisia mental apática e diabólica que corre sem nenhuma previdência, como quem não se importa com o bem ou o mal, o doce ou o amargo, o céu ou o inferno. Aqueles que sofrem desta enfermidade julgam ser um ponto elevado de humildade dizer: "Estou resolvido, faça Deus o que quiser, não me importo; se ele me salvar, que assim seja; se eu for condenado, qual é o remédio? Que os homens me prejudiquem como quiserem, venha o que vier, não me importo".

E este tipo de homens, desprovidos de qualquer sentimento, e agora mais brutos e estúpidos do que qualquer animal irracional em suas vidas, não tremem diante dos juílgamentos de Deus nem se alegram em suas promessas. Na morte, não temem o inferno, não desejam o céu; não se entristecem se forem condenados, não se consolam ao ouvir que serão salvos; não confessam seus pecados, não professam sua fé, não demonstram sua esperança: vivem como troncos e morrem como blocos. E, no entanto, o povo ignorante ainda elogiará tais mortes terríveis, dizendo: "Ele partiu tão manso quanto um cordeiro, foi-se como um pássaro em sua casca", quando poderiam muito bem dizer (não fossem as suas camas de penas e os seus travesseiros): "Ele morreu como uma besta e pereceu como um boi numa vala".

Mas, para passarmos ao uso e ao fruto que podemos colher desta doutrina: primeiramente, consideremos que, se chegamos a ter uma pele tão calejada e espessa sobre nossas consciências que nem pela pregação pública, nem pela leitura privada, nem pela Lei, nem pelo Evangelho, nem com ameaças, nem com promessas, nem por oração ou meditação conseguimos

encontrar motivo de consolo ou de humilhação, estamos tão distantes da humildade que nos assemelhamos mais a homens mortos do que humilhados, e o nosso caso é extremamente temível. Pois, nesta apatia estoica e falta de sentimento, nada tememos; nada temendo, somos fáceis de ser enganados; sendo fáceis de ser enganados, logo nos endurecemos; e assim, privados de toda cautela pela segurança, somos enredados pelo tentador antes que possamos perceber.

Resta falar algo sobre estas observações que podem ser devidamente extraídas das palavras gerais do Espírito Santo, seja para o nosso consolo, seja para a nossa humilhação.

Seja esta, pois, a nossa primeira lição: não desejar com demasiada avidez a prosperidade, nem, estando em alguma boa condição de corpo ou de mente, ficarmos excessivamente tranquilos em nós mesmos, repousando seguros no bem possuído. Pelo contrário, aprendamos no período de maior facilidade a vigiar mais sobre nossos próprios corações; no maior testemunho da graça e favor de Deus para conosco, a sermos mais humildes em nós mesmos, mais zelosos e desconfiados de nós mesmos, para que nossos corações não sejam roubados por algum orgulho oculto e deixemos de dar a Deus a glória que lhe é devida, enquanto a ingratidão gera a segurança, a segurança traz o orgulho oculto e o orgulho oculto nos prepara para a ruína.

É verdade que a prosperidade em si mesma é o bom dom de Deus, e nunca faz mal, exceto quando o nosso próprio pecado, ao desejá-la imoderadamente, ou a nossa corrupção, ao possuí-la vaidosamente, a abusam para o nosso prejuízo, convertendo-a em nosso dano. E certamente, além do fato de que na longa prosperidade contraímos e acumulamos muita escória de

segurança, descobriremos que a longa ausência de adversidade, unindo-se à segurança, nos lisonjeará e nos cegará com uma persuasão de impunidade, infatuando-nos de tal modo que pensaremos que, por termos escapado por muito tempo, jamais seremos punidos.

Mas, visto que aprendemos a julgar o pecado unicamente pelo castigo que dele decorre, devemos observar esta particularidade: que Deus não pune imediatamente cada pecado, assim como não recompensa imediatamente cada boa obra; e quanto mais a sua longanimidade luta conosco, e quanto mais a sua misericórdia aguarda pelo nosso arrependimento, tanto mais terríveis e repentinos são os seus julgamentos quando caem, vindo como o relâmpago que sai das nuvens. E longe está de nós que a nossa longa prosperidade nos oculte da mão que pune, para que não sejamos avistados, ou nos proteja para que sejamos poupados; pelo contrário, como carvalhos altos entre arbustos baixos, ficamos mais expostos à vista e mais prontos para sermos atingidos quando o Senhor enviar os seus raios.

Daí provém que tantos sejam atingidos repentinamente com a morte nas ruas ou em suas casas, ou então tenham seus corações endurecidos em seu leito de morte. E aqui acautelem-se todos os homens a tempo contra aquela secreta e perigosa corrupção da natureza: o fato de um homem ser tocado pela Palavra, e sua própria consciência lhe dizer que o poder de Deus, em sua vontade revelada pelo ministro de Deus, certamente o atingiu; e contudo (tal é o nosso orgulho), ocultamente, não apenas esconderá naquele momento todos os sinais de arrependimento e sepultará todo remorso de consciência, mas também, sob a esperança de ter tristeza pelo pecado ao seu aceno e quando bem entender, ele adiará o arrependimento. Tudo isso porque não quer que se pense, por sua contrição imediata, que a Palavra o

tocou tão de perto; ele tem vergonha de dar ao ministro de Deus a honra de tê-lo ferido; tem vergonha de envergonhar-se a si mesmo como culpado de tal pecado. Quem quer que assim adie na altivez de seu coração (visto que o arrependimento não está ao nosso dispor), tema que seu coração seja endurecido pelo desprezo da amorosa paciência do Senhor, que dia a dia nos conduz ao arrependimento. (Rm 2:4)

Neste primeiro ponto, aprendamos especialmente a nos guardar de nos agradarmos excessivamente no fazer o bem, porque, enquanto todos os outros pecados se ocupam em matérias vis e ímpias, este rasteja até mesmo para dentro das melhores e mais excelentes coisas. De modo que a experiência ensinará muitas corrupções: quanto melhor os homens estiverem ocupados, mais sujeitos estarão a cair nele.

Por meio disso, não apenas cresce uma altivez de mente nos homens ricos, nos homens de autoridade e naqueles que superam os outros em coisas externas, mas, de forma mais perigosa, brota um orgulho espiritual na excelência do intelecto, da sabedoria, do conhecimento, da oratória e dos discursos graciosos; e até mesmo nisto somos frequentemente orgulhosos: no fato de vermos o nosso orgulho mais do que os outros conseguem ver. E muitos dos mais queridos filhos de Deus frequentemente descobrem que, quando Deus mais os auxiliou com o espírito de oração, exortação, admoestação, interpretação ou coisas semelhantes (que são todos dons do Espírito santificador), tanto mais se inflaram com este orgulho, seja na própria ação, seja depois dela.

Esta realidade, sem dúvida, procede do fato de os homens se agradarem excessivamente na coisa realizada e não devolverem toda a glória a Deus. Isto nos é apontado por exemplos na

Palavra de Deus: Noé, a quem um santo temor de si mesmo preservou das corrupções do mundo antigo, por falta de temor e por ingratidão pelo seu livramento, foi surpreendido pela embriaguez após o dilúvio. Ló, que desconfiando de si mesmo enquanto estava entre os sodomitas, foi preservado do pecado mesmo no próprio lamaçal do pecado, ao afrouxar posteriormente neste zelo piedoso, caiu gravemente em incesto, precisamente ali onde buscou refugiar-se para sua segurança. Davi, enquanto esteve exercitado e mantido sob a mão de Deus combatendo as batalhas do Senhor, prevaleceu contra muitos e poderosos pecados; mas, quando recebeu do Senhor algum tempo de alívio de suas tribulações anteriores, foi rapidamente vencido por uma mulher, ele que não pôde ser derrotado por muitos homens.

Especialmente, pois (para omitir os exemplos de Ezequias, Pedro e Paulo, de quem falei antes), olhemos para os nossos corações depois de termos recebido os melhores dons, e consideremos a grande sabedoria de Deus provendo para a nossa enfermidade naquela oração de nosso Salvador Cristo, onde, imediatamente após termos orado para que nossos pecados sejam perdoados, suplicamos para não sermos levados em tentação. O que pareceria estranho a um homem — que houvesse uma mistura de duas petições tais —, não fora o fato de que, pela nossa corrupção, estamos mais propensos a ser tentados precisamente quando provamos da maior misericórdia.

E certamente, assim como este foi o primeiro pecado pelo qual Satanás se prendeu a Adão, é também o último pecado pelo qual os mais piedosos caem. Pois, quando todos os pecados estão, por assim dizer, feridos, e todas as graças começam a abundar, surge das cinzas desses mesmos pecados este monstruoso pecado da vanglória. E quando Satanás consegue encontrar uma acolhida

cortês, agora ele não hesitará em prevalecer instigando-nos a este único pecado, isto é, a nos orgulharmos por termos vencido tantos pecados e nos destacado em tantas graças.

Certamente, se o diabo não desconfiou desta arma de prova mesmo no paraíso, e isso sobre o homem em seu estado de inocência, devemos pensar que ele espera do mesmo modo obter a vitória agora neste mundo ímpio sobre o homem tão pecador, que agora é tão sensível e tão apto a receber a menor centelha de vanglória quanto o inimigo é forte e sutil para lançá-la sobre nós.

Observemos ainda que, quando nosso Senhor Jesus Cristo estava mais cheio do Espírito de Deus, foi então conduzido para ser tentado no deserto; quando estava mais equipado, foi mais provado. De modo semelhante, quando recebemos alguns grandes dons, devemos esperar tanto que o Senhor, por sua parte, fará alguma prova deles, quanto que Satanás também, vigiando pela presa mais rica e ansiando pelo homem quando espera obter o melhor despojo, usará de sua parte a maior força e astúcia ali onde encontra os mais raros e notáveis servos de Deus; em parte porque os inveja extremamente, e em parte porque pelo orgulho julga poder seduzi-los mais rapidamente.

Portanto, se os filhos de Deus examinarem verdadeiramente seus próprios corações neste pecado, terão algum testemunho e prova em si mesmos se são gratos pelas misericórdias de Deus em verdade ou não, se, tendo recebido muito, temem muito; e quanto mais crescem em dons, tanto mais zelosos se tornam sobre seus pensamentos, palavras e ações, postando-se, por assim dizer, na torre de vigia de seus corações, atentos para perceber até mesmo os seus menores desvios. Se pudéssemos fazer isso em verdade, não teríamos as graças de Deus e o sentimento do Espírito apenas por momentos, mas tanto em

maior medida quanto em mais longa duração; a falta de tal cuidado para conosco constrange o Senhor a nos punir (como eu disse) com aridez e embotamento de espírito, para assim nos preservar de pecados mais vis, nos quais, de outro modo, o nosso orgulho e segurança nos lançariam de cabeça.

E se, em reverência e temor, pudéssemos esperar mais no Senhor, não teríamos o seu bom Espírito como um hóspede tão raro para conosco, e encontraríamos o acréscimo e o retorno de maiores consolações do que temos. Por que os homens se maravilham tanto com o embotamento da mente que lhes sobrevém após alguns sentimentos raros do Espírito, e quando provaram alegrias gloriosas e indizíveis, julgando que agora todos os frutos da graça de Deus desapareceram por completo neles, como se nunca tivessem provado o poder da regeneração, visto que a ingratidão é um pecado tão comum e habitual entre nós?

Mas, admitindo que tenhamos algum bom testemunho da consciência, e nosso coração nos diga que temos sido gratos, devemos então pensar que o Senhor nos prova, e nos levará a reconhecer que aquilo que tínhamos era dádiva exclusivamente sua para dar e retirar conforme o seu agrado, e que não procedia de nós mesmos como algo a ser comandado ao nosso aceno. Contudo, habitualmente e na maior parte das vezes, a nossa ingratidão é a causa deste embotamento.

Ora, embora este tipo de esbofeteamento nos seja doloroso, não devemos desejar ser totalmente livres dele, porque por meio dele o nosso orgulho é curado. Pois, se aquele vaso escolhido e servo do Senhor, Paulo, tão abundante nas graças do Espírito, tão frequente em jejuns, tão constante em orações, vigílias e tentações, não pôde prevalecer contra este pecado; visto que por

todas estas formas anteriores ele não pôde subjugar esta corrupção na carne, não devemos sonhar e iludir a nós mesmos de que, não utilizando nós tantos meios de mortificação, seríamos totalmente livres do mesmo.

Quando o Senhor, pois, nos exercitar com este espinho na carne, embora seja o mensageiro de Satanás para nos esbofetear, devemos apegar-nos a isto para o nosso consolo: que o Senhor o dispõe e modera; e embora sejamos frequente e longamente assaltados por ele, ainda assim devemos rejeitá-lo, devemos ainda nos entristecer por ele e orar em Cristo contra ele; devemos tremer e ser humilhados em nós mesmos por termos pensamentos tão estranhos e hesitantes acerca da sabedoria, poder, majestade e providência de Deus, etc., e contudo, de tal maneira e medida que reconheçamos ser misericórdia de Deus que, por estes meios, o Senhor queira nos guardar de crimes mais vis e enormes.

Além disso, o Senhor nos permite ver tais monstros da mente para nos precaver e nos tornar mais temerosos de cair na ação externa do pecado. Assim, frequentemente temos tentações de incredulidade para nos fazer temer o desvio da fé; temos discursos ocultos de papismo para mostrar quão perigosa coisa seria ser entregue ao papismo; frequentemente temos pensamentos vis de adultério, homicídio e furto para nos impelir mais ardentemente a orar para que nunca caíamos nestes pecados em ação. E, por esta causa, aqueles que não extraem nenhuma instrução salutar de suas tentações internas, nem suspeitam de sua queda na ação do pecado pela afeição ao pecado, frequentemente caem por seu orgulho, de repente, em adultérios, homicídios, furtos, heresias, papismo e coisas semelhantes.

Assim o Senhor vem pelo mensageiro de Satanás, o espinho na carne, para nos provar se nos apegaremos à Palavra pregada ou a tais sugestões ministradas, para provar a nossa fê, para nos confirmar no favor de Deus, que frequentemente assiste os seus filhos quando humilhados, mesmo nos assaltos mais perigosos, e os deixa quando inflados nas menores tentações, de sorte que caem, para que por meio disso saibam que o socorro provém de Deus, e não do homem.

E por mais que a carne e o sangue considerem isso apenas um paradoxo, o certo é que o nosso caso é pior quando o Senhor cessa de nos peneirar e ventilar por tais meios do que quando ele nos guarda de alguma tentação proveitosa para o nosso exercício. Pois veremos muitos que, desejando antes ser livres da cruz do que colher o fruto dela, embora fossem limpos e inocentes durante o tempo em que suportaram suas tentações no início, posteriormente caíram de modo gravíssimo porque não quiseram tirar proveito daquelas tentações que o Senhor enviou, quer para punir algum pecado passado não totalmente arrependido, quer para corrigir algum pecado presente não percebido, quer para nos advertir de um pecado futuro não suspeitado por nós.

Alguns foram tentados à heresia, alguns ao orgulho, alguns ao mundanismo; os quais, olhando desdenhosamente para tais pensamentos como assuntos sem importância, embora estivessem antes imunes a esses males, vieram agora a tornar-se heréticos, orgulhosos e mundanos.

Isto deve nos ensinar, portanto, a suspeitar mais de nós mesmos precisamente quando julgamos que o nosso estado está mais seguro. E bem-aventurado é o homem que teme continuamente. Este entorpecimento da alma luta e golpeia profundamente até

mesmo contra as ordenanças de Deus para a nossa salvação (refiro-me à Palavra, aos sacramentos e à oração). Assim, não poucas vezes, a nossa situação se apresenta de tal modo que dizemos em nosso íntimo: "Se eu ouvir a Palavra, tanto faz, não sinto grande falta dela; ao receber os sacramentos, não sinto prazer; ao não recebê-los, não sinto pesar. Se os exercícios da religião, tanto privados quanto públicos, são realizados, não há muito proveito nisso; se são omitidos, não há grande prejuízo; se tenho tempo livre, posso ir a eles; se tenho qualquer pequena ocupação, posso me abster e alegrar-me com tal desculpa".

Certamente, este estado revela um coração orgulhoso, que se lisonjeia com uma falsa plenitude e enfado dos meios de graça; e isso mostra ou que estamos vivendo em algum pecado atualmente, ou que estamos prestes a cair em algum pecado futuramente, e isso em breve.

Todavia, se quando ausentes pudermos chorar por termos tais sentimentos ou afeições semelhantes, bater em nossos próprios peitos e julgar a nós mesmos — indagando sobre as coisas faladas àqueles que estiveram na congregação —, se estando ausentes no corpo, mas com uma percepção humilde de nossa carência, estivermos presentes no espírito; se mesmo no tempo dos exercícios devocionais dedicarmos o tempo à oração, à leitura ou à meditação, o Senhor nos protegerá do pecado e da vergonha do pecado.

Por outro lado, se nos percebermos sujeitos ao mau humor, à concupiscência ou à avareza, com menos poder para prevalecer contra eles do que outrora tínhamos, temamos que algum orgulho tenha ido antes. Se não conseguirmos nos recuperar desses males pela oração ou pelo pranto, suspeitemos de nossos próprios corações: alguma segurança carnal nos meios de graça

nos surpreendeu, o Senhor nos deixou por um tempo e o diabo nos derrotou.

É algo abençoado obter a vitória sobre as nossas faltas antes que elas se unam às ofensas do mundo, à tristeza dos piedosos, ao opróbrio de nossos adversários, à perturbação de nossas próprias consciências e ao risco da glória de Deus. E, portanto, se for esta a boa vontade de Deus, supliquemos-lhe ardentemente que as nossas provações e tentações sejam internas; que sejam contidas e estancadas quando começarem; que não se manifestem publicamente para maior desonra do Senhor e para o nosso desolo futuro — o que certamente acontecerá se, ao acalentá-las em vez de contê-las, não lutarmos por segurança contra elas.

Temamos, pois, com humildade e muita antecedência, este opróbrio vindouro, e oremos com o profeta: "Senhor, desvia de mim o opróbrio que temo", para que, de outro modo, o Senhor, vendo-nos sem escrúpulos nesses casos, não se vingue de nós, pois certamente ele desonrará aqueles que não hesitam em desonrá-lo.

Cessai, pois, de contemplar apenas a obra externa de Deus e esforçai-vos por avaliar o orgulho de vossos próprios corações em suas afeições, com o qual o Senhor é constrangido a nos envergonhar por causa do abuso de suas graças, do descrédito de sua Palavra, do desprezo de sua glória e da negligência de nossa própria salvação. Sendo esta última preestabelecida por Deus, antes que ela deixe de se cumprir, enviar-se-ão a nós executores vergonhosos: como fogo em nossas casas, guerras para saquear nossos bens, enfermidades para enfraquecer nossos corpos e tormento de mente para flagelar nossas consciências — os quais nos arrastarão pelas orelhas daquele sono pesado do pecado em que roncávamos.

E assim, de modo apropriado, embora repentino, entramos no segundo ponto e observação desta doutrina, a saber: não devemos ser orgulhosos demais para entrar pelas portas da adversidade nem, tendo nelas entrado, nos comportar de maneira impaciente, como se nos arruinasse sentar na casa do luto por um momento. Pelo contrário, devemos nos alegrar nela e ser gratos por ela, dizendo com o profeta: "Foi-me bom, ó Senhor, ter sido afligido", etc., porque o Espírito Santo nos diz aqui que a humildade precede a honra, e na escola da humildade aprenderemos o caminho para a verdadeira glória e nobreza.

Não quero dizer com isso que a aflição em si mesma possua tal virtude que nos humilhe verdadeiramente sob a mão de Deus; mas sim que, quando o Espírito de Deus opera com ela, ela produzirá em nós os frutos da justiça, do arrependimento, da fé e da santidade. Ela nos impulsionará a buscar consolo fora do mundo, a pedir consolo pela oração e a oferecer consolo pela compaixão diante dos males alheios.

Portanto, contra a astúcia de Satanás, que deseja desanimar os santos de Deus em sua profissão de fé revestindo-os de aflições, é necessário apoiarmo-nos neste testemunho do Espírito Santo: antes da glória vai a aflição, e após a humildade vem a honra, seja nesta vida, seja na vida por vir, ou em ambas.

Isto deve, ademais, ensinar-nos a tirar proveito das ameaças de Deus pregadas publicamente, não para contra-ameaçar ou murmurar contra aqueles que expõem os julgamentos de Deus por meio da lei; isto deve fazer com que valorizemos aqueles que, por meio de censuras severas, mais rapidamente nos arrancarão do pecado. Isto deve operar em nós o desejo de colher frutos por meio de admoestações privadas; sim, e o desejo de exortar os outros a nos admoestarem, para que possamos sempre

ser mantidos em um bom caminho de humildade. (Pv 28:14; Sl 119)

Além disso, é-nos proveitoso visitar os enfermos, os que estão à morte, os perplexos de espírito, os aprisionados em cadeias e os oprimidos pela miséria, para que neles nos vejamos como em um espelho; e assim, com Moisés, escolhamos antes sofrer aflições do que gozar dos prazeres do pecado por um tempo. Este nosso familiarizar com os julgamentos de Deus dissipará a segurança carnal e nos despertará para uma maior gratidão por nós mesmos e piedade para com os outros.

Por conseguinte, não estão no caminho da humildade para obter a glória aqueles que têm uma visão tão delicada que não suportam ver os julgamentos de Deus; têm ouvidos sensíveis demais os que não conseguem ou não querem ouvir as ameaças da Lei, dizendo: "Ah, não suporto ouvir alguém em desespero; não consigo tolerar discursos tão temíveis, ouvir o diabo falar em alguém; não gosto de ver alguém agonizando e arquejando na morte. Essas coisas me privariam de toda a alegria, gerariam melancolia e me levariam à loucura".

Pelo contrário, esta delicadeza em fugir do Senhor quando ele se aproxima de nós apressará sobre nós aquelas mesmas coisas pelas quais não quisemos tirar proveito ao vê-las nos outros. Convém ao povo de Deus possuir olhos para ver, ouvidos para ouvir e corações para se humilharem, de modo que, assim como nada amam mais do que a glória, por nada trabalham mais do que pela humildade; e, assim como de nada fogem mais do que da confusão, nada evitam mais do que o orgulho de coração.

Para que o façamos, prostremo-nos diante do trono da misericórdia, em nome e pela mediação de Jesus Cristo, nosso Salvador. (He 11:25, 27; He 12:2, 3)

Ó Deus eterno e nosso Pai mui amoroso, contempla-nos em tua própria aliança, etc.

FIM.

SERMÃO 6. Da Boa Educação dos Filhos

Provérbios 17:21: O Que Gera Um Tolo, Faz Isso Para A Sua Tristeza; E O Pai do tolo não tem alegria.

O Espírito Santo, ao falar na Escritura sobre os filhos tolos (como quando diz que o que gera tal pessoa o faz para a sua tristeza, e que o pai do tolo não tem alegria), não se refere tanto aos idiotas naturais, isto é, àqueles que são desprovidos da razão comum (embora seja verdade que isso seja um lamentável julgamento de Deus e uma tristeza para os pais de tal criança), mas sim aos filhos ímpios — aqueles que são ignorantes na Palavra, não sabendo como dar um passo correto em direção ao reino de Deus; ou que, possuindo algum conhecimento de Deus, usam-no de forma ímpia para sustentar sua concupiscência e apetite carnal.

Por esta causa, assim como entristeceria os pais terem filhos que fossem tolos naturais, ou que, por alguma imperfeição de natureza, fossem mutilados, deformados ou desfigurados nos membros de seu corpo, muito mais deveria entristecê-los ter filhos que, por falta de conhecimento e sabedoria celestial, não conseguem andar no temor de Deus ou que, abusando do conhecimento que lhes foi dado, prostituem-se em todo pecado e impiedade.

É espantoso ver como os pais conseguem lamentar imensamente a falta de um único dom natural decorrente de alguma imperfeição física, e com que facilidade conseguem ignorar, sem qualquer pesar, a ausência de todas as graças espirituais decorrentes de uma educação corrompida.

Do mesmo modo, é estranho que os homens fiquem tão abalados quando seus filhos incorrem em ofensas que trazem consigo a

vergonha pública ou a punição civil, e contudo não hesitam, mas negligenciam pecados cometidos contra a majestade de Deus, acompanhados de eterna confusão e tormentos indizíveis. Com isso, o que revela a maior parte dos homens senão a sua grande hipocrisia, uma vez que nem a sua alegria nem o seu pesar são sinceros para com os seus filhos, e que amam mais a si mesmos em seus filhos do que a salvação deles ou a glória de Deus?

O terno amor e cuidado por essas coisas sem dúvida aumentaram a tristeza de Davi pela morte de seu filho Absalão, o qual não se entristeceu tanto pela perda de um filho, mas por aquele fim prematuro de sua vida.

Aprendamos, portanto, a corrigir nossas afeições para com nossos filhos e a nos entristecer por nossa ignorância, impiedade e pecados, dos quais a nossa compaixão carnal, o não lamentar nossa própria corrupção natural, a falta de oração por uma semente santa ou uma educação profana, sob a ira de Deus, podem ser a causa mais justa.

Pode um homem esperar por uma posteridade santa, ou nos maravilhamos de que o Senhor nos frustre com os filhos de nossos corpos, quando fazemos uma entrada tão ousada e brutal naquela santa ordenança do Senhor quanto o encontro de um cavalo que relincha para a sua companheira? Quando, unidos naquele honroso estado de matrimônio, geramos nossos filhos ou como meros homens naturais sem qualquer conhecimento de Deus, ou como homens carnaís demais, sem o temor e a reverência do Senhor, não lamentando nossa corrupção recebida de nossos antepassados nem orando contra as nossas enfermidades que podem descer à nossa posteridade, abusando do leito conjugal? Por fim, quando, tendo recebido o fruto do ventre, não temos o cuidado de oferecê-lo ao Senhor por meio

de uma educação virtuosa, para que o nosso filho, pela geração carnal, venha a ser filho de Deus pela regeneração espiritual? Certamente não.

E, no entanto, os homens, sem olhar para a providência de Deus e seu conselho secreto, sem refletir sobre sua natureza corrompida da qual seus filhos descendem, e sem olhar para trás, para a criação ímpia e sem Deus que lhes deram, irritar-se-ão contra os pecados deles e enfurecer-se-ão contra os seus filhos; sim, frequentemente os corrigirão para satisfazer as suas próprias corrupções, não se entristecendo tanto por terem eles pecado contra Deus, mas por terem ofendido a eles mesmos.

Os cristãos, portanto, devem saber que, quando homens e mulheres, ardendo em paixões ferventes, unem-se como animais brutos, sem nenhum outro propósito senão satisfazer sua concupiscência carnal e fortalecer-se em desejos mundanos; quando não têm escrúpulo em santificar o leito conjugal com a oração; quando não têm o cuidado de aumentar a Igreja de Cristo e o número dos eleitos, é justo julgamento de Deus enviar-lhes monstros, nascimentos prematuros, filhos deformados ou tolos naturais; ou então filhos que, possuindo excelentes dons de mente e corpos bem proporcionados, revelam-se pessoas extremamente ímpias, sem graça e profanas.

Por outro lado, encontraremos na Palavra de Deus homens nobres e notáveis, recomendados a nós como raros exemplos de virtude e piedade, que foram filhos pedidos e obtidos de Deus por meio da oração.

Nossos primeiros pais, Adão e Eva, humilhados após o nascimento de seu filho ímpio Caim, obtiveram o justo Abel; e quando deste foram privados por seu irmão sanguinário, receberam aquele santo homem, Sete.

Abraão, gerando um filho na carne, teve o maldito Ismael; mas, aguardando pela fé o cumprimento da aliança de Deus, obteve o bendito Isaque.

Jacó, não se contentando com uma só esposa, segundo a ordenança de Deus, foi punido em seus filhos; contudo, após ser humilhado, recebeu o fiel José.

Elcana e Ana, orando e prostrando-se diante de Deus, tiveram um profeta que ministrava perante o Senhor.

Davi e Bate-Seba, lamentando seus pecados, obtiveram Salomão, homem de excelente sabedoria.

Zacarias e Isabel, temendo ao Senhor, receberam João Batista, o precursor de Cristo.

Quaisquer pecados que tenhamos por natureza, sem a grande bênção de Deus, sem a oração e a humilhação de nós mesmos, nós os transmitiremos à nossa posteridade; e embora o Senhor conceda às vezes dons naturais aos filhos de homens carnaís e naturais, na maioria das vezes eles recebem juntamente os seus pecados naturais. Mas se os filhos de Deus, pela regeneração, olharem para dentro de si e lamentarem seus pecados de geração, orando para que suas corrupções naturais sejam evitadas em suas posteridades, verão a grande misericórdia de Deus, em certa medida, libertando a sua posteridade de seus pecados.

Ora, quando vires tais pecados em teus filhos, entra em teu próprio coração, examina-te a ti mesmo se eles não provieram de ti; considera quão justamente a mão de Deus pode estar sobre ti e, quando te fores irar contra o teu filho, tem uma ira santa contra ti mesmo, e faz esta ou semelhante meditação em tua própria alma: "Senhor, punirei eu assim o meu próprio pecado, e isso em meu filho? Prosseguirei eu assim contra as corrupções

de meus antepassados? Não, eu vejo, ó Senhor, e provo que estás desagradado comigo pelo desejo excessivamente carnal de posteridade. Eu jazia, então, em algum pecado; não te pedi este filho em oração; sê misericordioso para comigo, ó Deus, e no teu devido tempo mostra compaixão do meu filho".

Pensando assim quando fores corrigir a corrupção da natureza em teu filho (a qual ele não pôde evitar), armando-te com a oração e arrependendo-te com Jacó, serás de tal modo afetado que, embora desejês arrancar teu filho do pecado, farás isso pelos meios mais suaves e com o mínimo de rigor.

E uma coisa é extremamente surpreendente: alguns ensinam seus filhos a falar de modo corrupto e a agir impiamente enquanto são jovens, e contudo os espancam por isso quando chegam a uma idade mais madura. Do mesmo modo, alguns encorajam seus filhos a praticar a iniquidade contra os outros; e quando, pelo justo julgamento de Deus, eles a praticam mais tarde contra os próprios pais, estes os corrigem por isso.

E, no entanto, ao falar com esses homens e semelhantes sobre a má educação de seus filhos, eles responderão: "Não fazemos tudo o que de nós se requer? Enviamos nossos filhos à igreja para serem instruídos pelo pastor, e à escola para serem ensinados pelo mestre; se aprenderem, será melhor para eles; se não, terão mais contas a prestar no grande dia; o que mais podemos fazer?".

Mas lembra-te, ó homem, considera, ó mulher, quem quer que assim fale, que por causa de teus pecados e de tua falta de oração pode haver uma praga sobre o esforço do pastor e uma maldição sobre o trabalho do professor. Se os pais querem que seus filhos sejam abençoados na igreja e na escola, acautelem-se para não dar aos seus filhos exemplos corruptos em casa por qualquer

descuido, profanidade ou impiedade; de outro modo, os pais farão mais mal a eles em casa do que os pastores e mestres de escola podem fazer de bem fora dela. Pois o exemplo corrupto de uns luta contra a boa instrução dos outros; o que é tanto mais perigoso porque aquele andar corrupto é fortalecido pela natureza e, portanto, inclina com mais força as afeições dos filhos para esse lado.

Ademais, a experiência nos ensina que os filhos se agradam ou desagradam mais pela fisionomia, pelo gesto e pelo comportamento do que por qualquer regra, doutrina, preceito ou instrução.

Há também alguns que não querem que seus filhos sejam ensinados até que tenham dez ou doze anos de idade, porque (segundo dizem) antes dessa idade eles não têm senão uma imitação simiesca. Aos quais respondo: embora de fato eles não consigam discernir profundamente nem conceber as coisas com solidez nessa idade, contudo, quantas coisas antes desses anos eles receberão e memorizarão? E pergunto: se os filhos são rápidos em imitar o mal enquanto são jovens — do qual manterão o hábito quando forem velhos —, por que não poderiam, com muito mais proveito, imitar de forma simples o bem quando são jovens, para que possam praticá-lo com dedicação quando forem velhos? Além disso, deixai-os crescer sem instrução e eles se tornarão tão obstinados que antes se quebrarão do que se dobrarão. E é certo que um açoite ou duas palavras farão mais bem a uma criança no início do que cem açoites mais tarde.

E aqui sejam os pais admoestados sobre a sua correção indiscreta, pois fazem mais mal aos seus filhos ao mostrar-lhes uma fisionomia alegre após a disciplina aplicada do que fazem

de bem pela sua castigação, ainda que em sua ira tenham sido corrigidos.

Não tenho o propósito de anular as afeições naturais e uma compaixão cristã em todas as nossas disciplinas, pois é minha grande queixa a brutal falta de misericórdia de muitos pais neste aspecto; mas gostaria que os cristãos corrigissem suas afeições indiscretas com sabedoria celestial. Tampouco sou tão estoico a ponto de negar que uma forma de falar mais branda e afável possa ser tanto legítima quanto conveniente para com os filhos; mas desejo que ela seja isenta de toda leviandade inadequada e sem qualquer aparência de comportamento tolo, vão e desnecessário.

Para ser breve, quão necessário é o governo doméstico para com os nossos filhos pode-se ver pelo escasso crescimento e pequeno proveito da religião e da virtude, tanto na Igreja quanto no Estado. Pois queixem-se os homens e preguem o quanto quiserem fora de casa; a menos que comecem a reformar seus próprios lares e deem à religião um lugar em casa — especialmente em seus próprios corações —, trabalharão muito e aproveitarão pouco. E certamente, se os homens fossem cuidadosos em reformar a si mesmos primeiro, e depois suas próprias famílias, veriam as múltiplas bênçãos de Deus em nossa terra sobre a Igreja e o Estado. Pois de pessoas individuais provêm as famílias; de famílias, as cidades; de cidades, as províncias; de províncias, reinos inteiros. De modo que, transmitindo a santa verdade de Deus desta maneira de uns para os outros, em breve ela se espalharia por todas as partes deste reino.

Digo, pois, que existam as melhores leis nas cidades e as mais puras ordens na Igreja; se não houver prática no lar, se os pais

de família não exercerem doutrina e disciplina em suas casas e não unirem suas mãos às do magistrado e do ministro, eles poderão queixar-se (como muitos têm feito, embora injustamente) de que seus filhos são corrompidos fora de casa, quando na verdade eles já eram e continuam sendo corrompidos dentro do próprio lar.

Ora, se os pais, para quem o consolo de ver seus filhos bem educados é uma coroa preciosa, não instruírem e reformarem seus filhos no temor de Deus (a quem isso diz respeito principalmente), como haveria de a esperança sustentar esses homens de que outros cumprirão esse dever por eles, para quem a responsabilidade é muito menos pertinente?

Por fim, lembrem-se os pais de que, frequentemente, têm filhos desordenados e desobedientes para com eles porque foram desobedientes ao Senhor e desordenados para com seus pais quando eram jovens. Porquanto não se arrependeram, o Senhor pune os pecados cometidos por eles contra os outros com semelhante pecado dos outros contra eles mesmos.

Queres saber, ó pai, como podes alcançar essa bênção de ser o pai bendito de uma semente bendita? Queres saber, ó mãe, como evitar essa maldição de ser a mãe maldita de uma semente maldita? Então introduze teus filhos na aliança, esforça-te para fazer de teu filho por natureza um filho de Deus pela graça, e de tua filha por natureza uma filha de Deus pela graça. Lembra-te de que Deus, que por sua parte declarou ao nosso pai Abraão ser todo-suficiente para o cumprimento de sua promessa em dar-lhe uma semente bendita, requereu também de nosso pai Abraão, por sua parte, que andasse diante dele e fosse íntegro.

Queres ter a primeira parte desta aliança, isto é, que Deus te abençoe em tua semente? Então lembra-te também da outra

parte: anda diante do Senhor e sê íntegro. Queres que teus filhos sejam como a semente bendita de Abraão? Ensina-lhes, com Abraão, os mandamentos de Deus; ora por eles, com Abraão, para que vivam na presença do Senhor; sê pronto a oferecê-los, com Abraão, para que sejam um sacrifício santo ao Senhor.

És tu, ó homem, ó mulher, quem pode fazer ao teu filho o maior bem e o maior mal. Se orares por ele e te arrependeres por ti mesmo, o Senhor abençoará o teu cuidado, o esforço do pastor e o trabalho do professor. Mas se desprezares estes deveres, o Senhor te negará essas bênçãos, e a maldição de Deus estará sobre o teu filho em tua casa, fora de casa na igreja e na escola. E visto que o Senhor prometeu que será o teu Deus e abençoará a tua semente se fores fiel, podes tanto esperar que estás entre os fiéis, se tiveres uma semente bendita, quanto temer que ainda não tens a bênção da aliança, se a tua semente for maldita.

Mas alguns dirão: "Não teve Jacó filhos ímpios e Davi filhos sem Deus? E não nos ensina a experiência diária que homens ímpios têm filhos piedosos?". Sim; pois além do conselho secreto do Senhor nisto, devemos saber que a promessa do Senhor não é tão universal que cada filho individual de um homem fiel deva estar necessariamente dentro da aliança. Pois se, de muitos, apenas um for abençoado, a promessa é cumprida. Sim, e mais ainda: embora um homem fiel não tenha nenhum filho bom, se até a milésima geração houver apenas um bom, a aliança não é quebrada. Tampouco devemos limitar a obra do Senhor ao homem, de modo que um homem bom não possa ter um filho mau, visto que, embora o Senhor não visite os pecados deste pai, ele pode visitar os pecados de alguns dos antepassados que o precederam até a terceira e quarta geração.

Ao segundo ponto, digo: que um pai ímpio tenha um filho bom, embora o Senhor não mostre misericórdia àquele homem em particular por isso, contudo ele pode lembrar-se de sua promessa a alguns dos antepassados na milésima geração anterior. E embora um homem ímpio não tenha nenhum filho maldito, a maldição pode se cumprir na terceira e quarta geração seguintes.

Portanto, sem falar de eleição ou reprovação — as quais deixamos unicamente ao Senhor para fazer bons ou maus segundo o bom prazer de sua própria vontade —, exorto os pais a usar os meios ordinários para educar seus filhos, de modo que, ou por alguns bons sinais, possam vê-los como filhos de Deus e herdeiros da aliança; ou, ao menos, sejam consolados em suas próprias consciências (caso o Senhor recuse seus filhos por alguma causa desconhecida) por terem, segundo as suas capacidades, usado todos os bons meios para educá-los bem e oferecê-los a Deus.

E se os pais têm motivos para se entristecer quando, esforçando-se na boa educação, não conseguem ver o bem em seus filhos, quanto maior motivo de tristeza têm quando não empregaram esforço algum para criá-los no temor do Senhor? E, no entanto, muitos se entristecerão pelo primeiro caso, mas não pelo segundo.

Portanto, aprendamos (se queremos transmitir as bênçãos de Deus às nossas posteridades) a praticar todos os deveres santos para com eles; e, ao contrário, se quisermos evitar transmitir os julgamentos de Deus aos nossos filhos, evitemos cuidadosamente todos os caminhos que a eles conduzem.

E certamente, assim como é uma coisa abençoada na hora da morte, com Simeão, partir em paz, deixando nossa esposa, filhos e servos como esposas para Cristo, filhos para Deus e servos

para o Senhor; da mesma forma, na morte, nada será mais doloroso para um homem do que — tendo o Senhor lhe confiado o encargo e a dignidade de tantas almas para serem conduzidas à salvação — a sua própria consciência atormentada acusá-lo de como, no que esteve ao seu alcance, ele os auxiliou rumo à sua condenação. Assim, o que é mais terrível, ele os terá vomitando e espumando em sua face maldições contínuas, acusando-o no inferno para sempre de ser o assassino de suas almas.

Contudo, não isento os filhos de toda culpa, acusando os pais como se os filhos fossem livres de toda culpabilidade nisto. Pois não ignoro que, assim como no tempo de Ezequiel, também em nossos dias a juventude é bem lesta em adotar este provérbio: "Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram". Mas afirmo que, embora a ocasião seja oferecida por tais pais ímpios, a causa da destruição continua nos próprios filhos.

E além disso, é certo que a alma que pecar, essa morrerá. Visto também que há alguns jovens que, não obstante a grande profanidade da maioria, as múltiplas corrupções oferecidas fora de casa e os exemplos ímpios que abundam no lar, são tão poderosamente preservados pela semente da graça que escapam em segurança em um santo curso de vida, lamentando quando veem a menor ocasião de mal e alegrando-se na menor ocasião de coisas boas; os demais, que se comprazem em si mesmos e esperam abrigar seus pecados sob as faltas de seus pais, estão claramente sem escusa e são justamente culpados do sangue de suas próprias almas.

Esforçai-vos, portanto, ó jovens, por enxugar as lágrimas de tristeza dos olhos de vossos pais, e aliviái os espíritos pesarosos de vossas ternas mães. Considerai convosco mesmos, se tendes

alguma boa índole em vós e não sepultastes o uso da razão comum, que vergonha é ser uma desonra para vossos pais, para quem deveríeis ser uma glória. E pensai, mentes levianas que não lançaram fora todas as afeições naturais, que desprezo é ser um desprezo para vossa mãe, contra quem exercestes, por assim dizer, uma violência ultrajante, sendo como uma dor corrosiva para o seu coração, quando deveríeis ter sido uma coroa sobre a sua cabeça.

O fim de tudo isto, em resumo, é que os pais que têm filhos que não andam nem no conhecimento nem na boa consciência devem tirar algum proveito de tão justa causa de tristeza, examinando a si mesmos e acusando suas próprias almas diante do Senhor. Seja porque a sua união foi profana para estado tão santo; seja por ter sido brutal, visto que desejaram antes uma semente semelhante a si mesmos na carne e no sangue do que uma que pudesse ser semelhante a Cristo pela graça e novo nascimento; seja porque geraram sua descendência como homens meramente naturais ou mui carnaís; seja porque ou profanamente negligenciaram toda educação ou monstruosamente desaprovaram em seus filhos aquilo que aprovavam em si mesmos, punindo neles os seus próprios preceitos corruptos; seja por terem permitido injustamente que seus filhos fizessem o mal aos outros, o que não podiam tolerar que fizessem a si mesmos; seja por terem desfeito em casa o que foi ensinado fora; seja por estarem vivendo em algum pecado não arrependido; ou ainda porque nunca fizeram questão de trazer sua posteridade para dentro da aliança da salvação, mas sempre amaram a carne em seus filhos, e não as suas almas.

E os filhos devem também aprender aqui que é uma propriedade especial de uma natureza nobre e generosa ser cuidadosa em viver de tal modo que, com o tempo, venha a ser uma glória para

seus pais e uma alegria para suas mães. Que o Senhor conceda isso a todos nós para a sua glória e o nosso consolo eterno, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor e único Salvador.

FIM.

SERMÃO 7. Do Arrependimento e da Verdadeira Tristeza pelo Pecado

Atos 2:37, 38: E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos? E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados, etc.

Nesta porção do santo Livro de Deus, apresenta-se-nos um efeito, ou melhor, um fruto do sermão de Pedro, o qual ele proferiu para responder aos relatos caluniosos dos judeus no momento em que viram os maravilhosos dons de Deus enviados sobre os apóstolos. Nesse sermão, o apóstolo havia compungido as consciências deles ao mostrar-lhes os seus pecados, asseverando-lhes que a iniquidade deles fora a causa da morte de Cristo. Com isso, começou a operar-se neles um certo cuidado, de tal modo que, estando assim perturbados, indagaram e disseram: *Varões irmãos, que faremos?*

Na sequência, seguiu-se o segundo sermão de Pedro, no qual ele os exorta a perseverar no arrependimento, ensinando-nos que, se a nossa tristeza for boa, devemos avançar nela. Mostra-lhes, ainda, com esse propósito, que devem crer, para que, crendo, sejam batizados; e que, sendo batizados, recebam o dom do Espírito Santo. Por fim, é manifesto como eles, ouvindo aquele sermão, primeiro acolheram a doutrina e, depois, perseveraram na prática da mesma.

Brevemente, portanto, três coisas devem ser aqui notadas:

1. *O fruto do primeiro sermão de Pedro, contido nas palavras: "E, ouvindo eles isto", etc.*

2. *O resumo de um novo sermão de Pedro, nas palavras: "E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos", etc.*
3. *O fruto da obediência deles.*

Na primeira parte deste capítulo, podemos conhecer as obras maravilhosas de Deus: que os apóstolos, os quais nunca foram instruídos em escolas, falavam em diversas línguas. Quando a multidão ouviu isso, diz-se que alguns se maravilharam e ficaram atônitos, enquanto outros, zombando deles, diziam: "Estão cheios de mosto". Mas quando Pedro, com grande ousadia de espírito, contrapôs a verdade de Deus às falsas acusações deles naquele sermão que proferiu, e pregou contra o pecado deles, então cessaram as zombarias e eles compungiram-se em seu coração.

Aqui, primeiramente, podemos notar o poder da Palavra de Deus, que é a única capaz de tocar as nossas consciências pelo pecado. Pois nem a diversidade de línguas, nem outros dons do Espírito Santo puderam compungir os seus corações, sendo capazes apenas de lançá-los em admiração. O que há de mais forte do que aquilo que gera uma tristeza segundo Deus e faz com que as nossas consciências sejam compungidas? O que é tão capaz de compungir as nossas consciências quanto a Palavra de Deus?

De fato, muitos sentem tristeza e são interiormente tocados; mas, porque a isso não se une o poder da Palavra de Deus, ou são insensíveis como blocos, ou, em seu sentimento, tornam-se murmuradores. Isto nos chega pela dignidade da Palavra de Deus, visto que nenhum prodígio do céu, nenhum milagre na terra pode tocar os nossos corações e operar em nós qualquer bom fruto sem ela. Pois ainda que o Senhor nos mostrasse todas as maravilhas do céu que mostrou ao mundo antigo e a Sodoma,

e ainda que lançasse sobre nós todas as pragas que lançou sobre Faraó e sobre os egípcios, sem a Palavra de Deus seríamos espectadores tão inúteis quanto foram os sodomitas, e nos tornaríamos tão endurecidos de coração quanto foram Faraó e os egípcios. Assim, nenhum julgamento do céu, nenhuma tribulação da terra pode nos humilhar, e nenhuma bênção do alto, nenhum benefício de baixo pode nos aproveitar até que venha a Palavra de Deus, a qual ensina o antigo caminho para o abandonar, o novo caminho para nele entrar, e o caminho perfeito para nele perseverar.

E isto basta quanto ao escopo geral desta doutrina.

Mais detalhadamente, podemos observar nesta primeira parte três aspectos:

- *Primeiro, o poder da Palavra para compungir as nossas consciências.*
- *Segundo, que este compungimento não deve gerar em nós uma maior rebeldia contra a Palavra e seus ministros, mas sim uma maior reverência a ambos.*
- *Terceiro, que tais dores devem nos preparar para um maior desejo de progredir.*

Quanto ao *primeiro*, devemos saber que este é o início do arrependimento e esta é a entrada para a piedade: conceber uma tristeza pelos nossos pecados e, assim, sermos feridos com o sentimento de nossos males. Pois enquanto os homens estiverem seguros, não é possível que apliquem seriamente suas mentes à doutrina, tampouco podemos, sem o conhecimento e o sentimento de nossos pecados, ansiar sinceramente por Cristo.

Com isso concordam a Lei, os Profetas e os Apóstolos.

- A Lei, porque em todos os seus sacrifícios, nos quais Cristo era prefigurado, manifestava-se também, sob símbolos obscuros, a contrição do coração e o reconhecimento da própria indignidade.
- Os Profetas, como Davi e Isaías. Davi, no Salmo 4:4, diz: "Perturbai-vos e não pequeis".¹ O profeta mostra que tremer e estremecer de medo diante dos julgamentos de Deus é algo eficaz para o verdadeiro arrependimento. Para que possamos nos examinar verdadeiramente, devemos temer e nos humilhar, porque, antes da tribulação, do terror e do tremor diante dos julgamentos de Deus, nunca seremos levados a nos oferecer somente a Cristo. No Salmo 51:17, o profeta mostra igualmente que nenhum sacrifício é aceitável a Deus sem um coração contrito; isto é, nem a oração, nem a esmola, nem o louvor de ação de graças, a menos que, trazendo conosco um espírito humilde e contrito, nos prostremos diante de seu tribunal e supliquemos por misericórdia em Cristo. E nota-se aqui que ele diz: "Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado", etc. Ao usar o plural, ele demonstra que os sacrifícios de arrependimento, que não devem ser apenas um, mas muitos, consistem na humildade do espírito e na contrição do coração. Pois a aflição da alma e a contrição da mente de tal modo nos abatem, feridos com nossos pecados e humilhados com o sentimento da ira de Deus, que nos fazem reconhecer que nada somos por nós mesmos e buscar nossa salvação inteiramente na misericórdia de Deus. Não é de admirar, portanto (visto que por este meio, sendo confundidos e

¹ No original em inglês clássico, refere-se ao versículo 5, correspondente ao versículo 4 na numeração brasileira.

envergonhados de nós mesmos, e apoiando-nos unicamente nas promessas de Deus, confessamos a nossa própria nudez e miséria), que o profeta diga que o Senhor se agrada de seu sacrifício como do sacrifício dos sacrifícios.

- O profeta Isaías, em Is 40:6-8, diz: "Toda a carne é erva, e toda a sua beleza como a flor do campo; seca-se a erva, e cai a flor, soprando nela o hálito do Senhor". O profeta, retratando o homem em suas cores próprias e impelindo-o a buscar a salvação não em si mesmo, mas em Cristo, descreve a parte externa do homem como erva; e, pela flor da erva, mostra os dons de sua mente não regenerada, como sabedoria, memória, conhecimento e entendimento. Assim, quando o Espírito de Deus sopra sobre nós, toda a nossa sabedoria, todo o nosso conhecimento, riquezas e autoridade caem diante da presença do Senhor dos Exércitos, e não podemos subsistir senão pela Palavra de Deus, pela qual somos regenerados. Portanto, a consideração e meditação de nossa condição transitória nos impele à contrição e à humildade de espírito. Além disso, o Senhor Deus, diz Isaías, a quem os céus não podem conter, nem a terra suportar, virá e habitará com o espírito humilde, pobre e abatido, e que treme diante de sua Palavra. Deus não aceita os nossos sacrifícios oferecidos sem tremor diante de sua Palavra, não mais do que se matássemos um homem, estrangulássemos um cão, oferecêssemos sangue de porco (o que era considerado abominável entre os judeus) oulouvássemos o que é injusto.
- Por fim, com isto concordam o Evangelho e os Apóstolos. Nosso Salvador Cristo, em Mt 9:13, diz: "Eu

não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento" — não qualquer pecador, mas aquele que condena o pecado em si mesmo e está cansado e oprimido por suas faltas. Em Mt 11:28 e Mt 21:32, nosso Salvador Cristo prefere as meretrizes e os publicanos aos fariseus, pois estes, compungidos por seus pecados e convencidos, entristeceram-se e ouviram João pregar a eles. Assim, Cristo dá alívio aos necessitados, justiça aos que se sentem pecadores, alívio aos sobrecarregados, luz aos que estão em trevas, vida aos que estão mortos e salvação aos que se condenam a si mesmos. O apóstolo declara, em 1 Co 14, como os coríntios se moviam com línguas estranhas, mas contudo não tinham a Palavra em admiração. Além disso, mostra, ao comparar o dom de línguas com a profecia, que se entrasse um incrédulo ou indouto e os ouvisse falar em línguas estranhas, diria que estavam loucos; mas, se os ouvisse falar a Palavra de Deus claramente, por todos seria convencido e por todos julgado, e assim os segredos de seu coração se tornariam manifestos. Ele se prostraria com o rosto em terra, adoraria a Deus e diria claramente, ao sentir seus pecados: "Eles examinam meu coração, revelam meus pecados ocultos; sem dúvida isto é obra de Deus, Deus está neles, seguirei esta religião".

Portanto, nisto se manifesta o poder da Palavra: em citar e intimar as nossas consciências perante o tribunal de Deus e ferir-nos com um sentimento vivo do julgamento divino, para que aquele que antes, pela segurança carnal, desprezava a sã doutrina, seja agora constrangido a dar glória a Deus. Isto se apresenta de forma mais clara em Hb 4:12, onde se diz que a Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer

espada de dois gumes, e penetra até a divisão da alma e do espírito, das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração. E então toda a nossa santidade parecerá hipocrisia, toda a nossa justiça parecerá como trapo da imundícia, e descobriremos com Paulo que em nós, isto é, em nossa carne, não habita bem algum.

Pois as consciências dos homens estão frias, e eles não são tocados nem se desagradam de seus males enquanto permanecem na ignorância; mas, quando a Palavra de Deus penetra nos cantos mais profundos de suas consciências e lhes diz que têm de se haver com o Senhor, são profundamente tocados e começam a temer. Entrando em si mesmos e examinando suas consciências, chegam ao conhecimento daquilo que antes haviam esquecido. Nunca podemos ser oferecidos a Deus sem o seu Espírito, Jo 16:8, pois ele convence o mundo do pecado e desperta as nossas consciências, para que os pecados que antes estavam ocultos sejam manifestados.

Davi jazeu um ano inteiro sem este compungimento de consciência e julgava que tudo ia bem até que veio Natã; e não encontrou consolo para a consciência até que foi assim compungido. Os irmãos de José passaram treze anos sem nunca se lembrarem de seus pecados, até que o Senhor os colocou diante deles. O profeta Davi, no Salmo 32 (que intitulou como Salmo de instrução sobre a livre remissão dos pecados), ensina como havemos de encontrá-la. Pois muitos se convencem de que seus pecados estão perdoados quando não estão. Ele mostra também que, até que a perturbação da mente o levasse a detalhar e confessar seus pecados específicos a Deus, não encontrou consolo. Manassés comeu o pão da dor e bebeu a água da aflição, e até que lamentasse e chorasse por seus pecados, não sentiu descanso nem paz. A mulher samaritana, em Jo 4, estava alegre

e gracejava com nosso Salvador Cristo até que seus pecados foram expostos, e então começou a responder com maior reverência. Pois até que lhe fosse ordenado chamar seu marido, julgava que tudo estava seguro; mas, depois que ele lhe disse que ela havia praticado adultério, reconheceu que ele era um profeta.

Portanto, podemos ver pelo que foi dito que somente a Palavra de Deus compunge as nossas consciências, como claramente se manifesta aqui no caso dos judeus, que não se importavam com os apóstolos nem tinham escrúpulos até que seus corações foram compungidos. (Sl 4:4; Is 40:6-8; Is 66; Is 57:14, 15; Mt 9:13; Hb 4:12; Jo 16:8; 2 Sm 12)

Em *segundo* lugar, devemos notar que eles foram retamente compungidos. Pois muitos, frequentemente, são compungidos, mas chutam contra os agulhões e, tendo suas consciências feridas pela Palavra, murmuram contra o pregador ou contra a própria Palavra. Aqui, pois, está a diferença entre os piedosos e os ímpios: uns são compungidos e tornam-se mais cuidadosos em uma consciência piedosa; os outros tornam-se mais endurecidos do que antes.

Mas esta é uma tristeza segundo Deus: quando amamos o homem que nos repreende e reverenciamos ainda mais a Palavra por sermos por ela reprovados em nossa consciência. Amamos, pois, aquele que nos repreende? Então ouvimos com proveito. Examinemo-nos desta maneira: "Vejo que Deus me feriu por meio dele; ele é o instrumento pelo qual Deus me humilha; portanto, eu o amarei". Ao contrário, se somos frequentemente tocados e não melhoramos, estamos sob o risco da ira de Deus.

Muitos, de fato, são compungidos pela pobreza, muitos pela enfermidade, e alguns por outras aflições semelhantes; mas poucos por seus pecados, que são a causa de sua pobreza,

enfermidade e outras aflições. Aprendamos, pois, a ter a disposição de nos oferecer para ser ensinados e compungidos pelo pecado, como esses homens foram.

Os ímpios também são compungidos às vezes; mas é antes por medo da punição do que pela consciência de desagradar a Deus, como ocorreu com Caim e Judas. Alguns homens são compungidos e, para afastar a sua tristeza, vão dormir, vão jogar, vão divertir-se, buscam companhias alegres e deixam o tempo passar para, como dizem, purgar e afastar o ímpeto da melancolia. Nunca procuram um pregador para indagar ao Senhor ou pela boca de seu Espírito; nunca dão valor à oração nem buscam consolo na Palavra de Deus. Mas afastar a tristeza dessa maneira é chamá-la de volta e senti-la com mais força na hora da morte ou no inferno.

Ao contrário, se a nossa tristeza nos conduz à oração ou à Palavra de Deus, isso é bom. Quanto aos ímpios e mundanos profanos, embora (como diz o sábio em Eclesiastes 11) passem todos os seus dias sem nenhum mal, contudo as suas trevas serão maiores do que a sua luz, a sua tristeza maior do que o seu prazer, a sua perda maior do que o seu ganho, a sua tribulação no inferno maior do que a sua vaidade.

Não rejeitemos, pois, de forma tão carnal esta tristeza segundo Deus, pois a Palavra frequentemente nos enviará um espírito inquieto para que busquemos o descanso em Cristo. Para nos examinarmos nisto: Ouvimos a Palavra de Deus? Fomos compungidos por ela? Então tivemos proveito. Não fomos compungidos por ela? Então ainda não somos um sacrifício para o Senhor. Pois, como foi dito antes, Cristo consola os que estão atribulados, ajuda os que duvidam, alivia os que estão em

angústia e conduz os pés no caminho da paz e da alegria daqueles que há muito jazem em trevas e tristeza.

Não estivestes tristes, e quereis aprender um remédio para esta ferida? Entristecei-vos por não terdes estado tristes; compungivos em vossos corações por não terdes sido compungidos.

Ouvimos a Palavra? Examinemo-nos se o nosso conhecimento melhorou, se os nossos afetos são mais santos. Tendo ouvido a exposição da lei de Deus, tememos a Deus? Sabemos como amar a Deus? Oramos a Deus? Adoramos a Deus em nossas almas e em nossos corpos com mais cuidado e com maior consciência do que fizemos até agora? Não continuamos tão profanos e descuidados em prestar o culto correto ao Deus verdadeiro como antes fomos supersticiosos ao servir a anjos, santos e outros falsos deuses, sem nos entristecermos por nossa idolatria nem nos importarmos com a verdadeira religião?

Não blasfemamos e profanamos o nome de Deus ao ouvir a sua Palavra sem reverência, ao falar inutilmente de suas obras e ao abusar de sua própria majestade com juramentos e imprecações tanto quanto fazíamos antes de ouvir a sua Palavra? Guardamos o sábado como santo? Ou não o profanamos pela negligência pública da Palavra, por jogos, diversões, bebidas e outras vaidades? Não continuamos a enviar nossos servos para resolver nossos negócios nesse dia, como se fosse dia de feira, quando poderiam fazer tais coisas mais licitamente em outros dias?

Não continuam os pais, chefes de família e governantes tão negligentes em exigir a obediência, e os filhos, servos e súditos tão lentos em prestar a obediência quanto sempre foram? Os pais, entrementes, não percebem que os filhos se rebelam contra eles porque se rebelam contra Deus; nem os chefes de família

notam que os servos não cumprem seus deveres para com eles porque não cumprem seu dever para com Deus.

Somos menos irados e mais misericordiosos? Somos menos devassos e poluidores de nossa carne, e somos mais sóbrios, castos e santos? Estamos menos inclinados à opressão, ao trato severo uns com os outros, e somos mais justos, retos e cuidadosos em manter o bom estado de nossos irmãos? Não somos difamadores, caluniadores ou semeadores de discórdia, causadores de contendas entre nossos vizinhos, distanciando-nos de manter o amor, a unidade e o bom nome de nossos irmãos?

A razão pela qual não conseguimos enxergar mais profundamente estas coisas é que nos lisonjeamos e nos comparamos conosco mesmos e com os outros, mas não com a regra da Palavra de Deus. Aprendamos, pois, a acusar a nós mesmos e a julgar as nossas próprias consciências. Pois, se Deus nos vir condenar a nós mesmos, não nos condenará; se nos acusarmos, Deus não permitirá que Satanás nos acuse; se nos julgarmos, Deus nos absolverá do terrível julgamento vindouro; se nos desagradarmos por nossos pecados, Deus se agradará de nós na justiça de Cristo.

Ao contrário, enquanto fazemos em nossos pecados, fazemos em nosso próprio sangue; se não nos julgarmos, Deus nos julgará e se vingará de nosso pecado. Ele porá fogo em nossa casa, enviará inimigos, enviará terremotos, enviará fomes para consumir os nossos bens, transformará amigos em inimigos, enviará enfermidades e dores sobre os nossos corpos, e um espírito atribulado em nossas almas; ele nos dará um mau nome. Assim trará praga sobre praga até que nos arrependamos e cheguemos a um sentimento de nossos pecados.

E por que Deus faz tudo isto? Porque não queremos julgar a nós mesmos. Por esta causa (diz o apóstolo em 1 Co 11:30), isto é, porque não nos julgamos, há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem. "Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo".

Do mesmo modo, o profeta no Salmo 89:30-33: "Se os seus filhos deixarem a minha lei, e não andarem nos meus juízos, se profanarem os meus preceitos, e não guardarem os meus mandamentos, então visitarei a sua transgressão com a vara, e a sua iniquidade com açoites. Mas não retirarei totalmente dele a minha benignidade, nem faltarei à minha verdade". Pois assim como um pai retira de seu filho, às vezes, o seu amor e o açoita com a vara da correção, assim o Senhor lida frequentemente com os seus filhos e castiga a sua consciência despida. Deus julga os seus aqui, mas os seus inimigos ele julgará no mundo vindouro; se não formos punidos aqui, a punição será como raios no dia do julgamento.

Foste afligido e não aproveitaste? Uma cruz pequena não te basta? Uma maior virá sobre ti. Algumas tribulações não te converterão a Deus? Então muitas virão sobre ti. Se um homem não é atribulado pelo pecado aqui, este é o caminho para o inferno; se é atribulado aqui, é o caminho para o céu. E assim como aqueles que não foram atribulados, tendo tido uma pequena alegria, terão dor eterna; assim aqueles que aqui tiveram uma pequena dor, depois terão alegria eterna. Aqueles que são corrigidos e com isso aproveitam, são afligidos pelo Senhor em misericórdia; mas aqueles que são fustigados e não melhoram, recebem um sinal da ira futura de Deus.

Portanto, não devemos esperar sentir consolo na remissão dos pecados a menos que também tenhamos tristeza por cometê-los. Pois nenhum dos filhos de Deus foi plenamente consolado sem ser primeiro humilhado por seus pecados. Para a operação desta humilhação, devemos lembrar os julgamentos de Deus manifestados sobre os outros. Destruiu Deus o mundo inteiro por causa do pecado, e não poderá ou não quererá destruir-te a ti por causa do pecado? Derrubou ele nações inteiras, e permitirá que continues em teus pecados? Vede como o inferno já está cheio, e contudo diariamente corremos de cabeça para lá.

Considera também quão grande foi o teu pecado, que não pôde ser limpo senão pelo sangue de Jesus Cristo: ó, quão imundo era esse pecado, que nada mais pôde lavá-lo senão o sangue do coração de Cristo! Ó, quão grande era a nossa culpa, que foi resgatada por tal preço! Quão grande era a ferida que necessitava de tal bálsamo! Quão profundo era o corte que necessitava de tal remédio! Ó benignidade e amor indizível para conosco! Será Cristo morto por nossos pecados, e não nos esforçaremos por matar o pecado em nós mesmos? Morrerá Cristo por nossos pecados, e o pecado ainda não está morto em nós? Será Cristo crucificado por nós, e não crucificaremos o pecado em nós mesmos? Terá Cristo o seu coração traspassado por uma lança, e não teremos nós os nossos corações traspassados pela tristeza? Este é o verdadeiro uso e meditação da paixão de Cristo.

Costumamos repudiar os judeus por acusarem a Cristo, cuspiamos em Judas por trair a Cristo e condenamos Pilatos por condenar a Cristo; mas devemos repudiar muito mais os nossos pecados, que o acusaram perante o tribunal de Deus. Devemos acusar a nós mesmos, que o traímos e diariamente o traímos; devemos condenar a nós mesmos, cujos pecados o condenaram. Mas se nem os julgamentos de Deus, nem o inferno, nem a cruz

de Cristo nos podem mover, então examinemo-nos como podemos nos alegrar em Cristo. (Lc 16; Rm 6:12; Zc 12:10, 11; Gl 5:24, 25)

Segue-se falar sobre o conselho de Pedro: *Arrependei-vos*. É como se ele dissesse: "Sei que vossos corações estão compungidos; contudo, mostrar-vos-ei como é astúcia do diabo fazer com que estes bons movimentos rapidamente sequem em vós; ele vos impedirá de perseverar; deveis, portanto, esforçar-vos por continuar nesta tristeza segundo Deus". O apóstolo viu que esta tristeza — a qual, como testemunha Paulo, é para a salvação e da qual ninguém se arrepende — havia começado bem neles; mas, ao continuar o seu sermão para esse fim, mostra que a nossa tristeza deve ser também contínua.

Muitos se entristecem, como foi mostrado, mas com uma tristeza do mundo, que produz a morte eterna, e não com uma dor segundo Deus, que opera o arrependimento para a salvação, do qual não há arrependimento. Portanto, devemos notar que o arrependimento começa em nós, continua e termina com a tristeza.

Ora, se fosse possível, seria conveniente mostrar o que é o arrependimento. Em uma palavra, o arrependimento não é um mero abandonar do pecado, mas um completo condenar e desaprovar daquele pecado que abandonamos. Pois, embora o tenhamos abandonado, ele pode nos fazer sofrer por ele muitos anos depois, sim, até mesmo no momento da morte. Davi havia abandonado o seu pecado, mas este o fez sofrer por muitos anos depois. Os irmãos de José haviam abandonado e quase esquecido o seu pecado, contudo ele os perturbou e entristeceu treze anos depois. O nosso compungimento de coração, portanto, deve ser continuado e diariamente renovado.

Este arrependimento está figurado no Batismo, tanto no fato de que devemos morrer para o pecado e sepultá-lo, quanto em que devemos ressuscitar para uma novidade de vida; pois um homem não pode morrer para o pecado senão pela virtude da morte de Cristo, nem pode ressuscitar para a justiça sem o poder de sua ressurreição.

Ora, devemos saber que, assim como os nossos pecados são perdoados, também devemos receber o Espírito de Deus. Se Deus promete misericórdia aos nossos filhos, muito mais a nós, se crermos e recebermos as suas promessas; se aos que estão longe, muito mais aos que estão perto. E contudo, mesmo que tivéssemos sido batizados há cem anos e não tivéssemos recebido o Espírito Santo, poderíamos morrer em nossos pecados.

Alguns entendem pelo dom do Espírito Santo as graças de Deus concedidas aos apóstolos; mas, a meu ver, essa opinião não é sólida, porque aquilo foi algo particular dado apenas aos daquele tempo, ao passo que esta promessa é geral e diz respeito a todas as posteridades. Devemos, então, notar que o arrependimento é um curso contínuo de tristeza; e, se o possuímos em verdade, podemos então buscar com ousadia o consolo na Palavra de Deus e nos seus ministros; e o consolo que eles nos derem na terra será selado também no céu.

Portanto, assim como é necessário lavrar continuamente a terra se quisermos colher frutos, e comer diariamente se quisermos viver; assim, nas coisas espirituais, devemos ser humilhados com uma tristeza contínua, para que possamos ser refrigerados com o consolo diário em Cristo, em cujo nome oremos. *Pai Nosso*, etc. (2 Co 7:9, 10; Rm 6:3, 4; Fp 3:9-11; At 2)

FIM.

OS TRÊS SERMÕES SEGUINTE, A saber, o 8º, o 9º e o 10º, a respeito da aquisição celestial, foram pregados sobre o capítulo 13 do Evangelho de São Mateus, versículo 44.

MATEUS 13:44: Outrossim, o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo.

SERMÃO 8. A Respeito da Aquisição Celestial — Parte 1

Todo o escopo e propósito do Espírito Santo neste lugar é mostrar que a Palavra de Deus é, para os filhos de Deus, mais preciosa do que o céu e a terra, e que a Palavra é o único tesouro que Deus lhes deixou, o qual, de fato, é um tesouro oculto, desconhecido para muitos, mas conhecido para os filhos de Deus, e o único tesouro que eles desejam. Pois aqueles que o conhecem e percebem o seu verdadeiro uso têm dele uma estima tão reverente que estão prontos a deixar todas as coisas para buscá-lo; e, quando o encontram, estão prontos do mesmo modo a perder tudo e a afastar-se de todas as coisas (que possam impedi-lo) que possuem, e a fazer todas as coisas que sirvam como bons meios para conservá-lo, a fim de que possam chegar à plena certeza e posse dele.

Embora eu pudesse fazer uma divisão deste texto em duas partes — a saber: primeiro, o valor inestimável da Palavra de Deus; e, segundo, a preciosa estima que dela se deve ter —, contudo, porque cada palavra tem o seu peso e o texto apresenta um

método suficiente tal como se encontra, omitirei a divisão e passarei diretamente às palavras.

Outrossim, o reino dos céus, etc. O reino dos céus é tomado em dois sentidos diversos.

- Primeiro, como todos os homens sabem, é tomado por aquele estado glorioso que os santos e os filhos de Deus desfrutarão quando ressuscitarem com Cristo Jesus e reinarem após esta vida com Deus e os seus anjos, estando submetidos o pecado, o inferno e a morte; o que, por ser manifesto a todos os homens, não nos deteremos em provar.
- O reino dos céus é também tomado pela entrada que os filhos de Deus têm no reino de Deus neste mundo, a qual é de duas espécies: em parte pelos meios através dos quais Deus lhes oferece o seu reino, e em parte pelas graças de seu Espírito que ele oferece por meio desses canais.

Para prova de que consiste nas graças oferecidas pelos meios, lemos em Gênesis 28 que Jacó, quando viu a visão de Deus e dos anjos subindo e descendo, e recebeu a promessa consoladora da salvação e da contínua presença e assistência de Deus feita a ele, ao despertar disse: "Na verdade, este não é outro lugar senão a casa de Deus, e esta é a porta dos céus".

E que se refere aos meios, depreende-se do capítulo 16 de Mateus, onde nosso Salvador Cristo diz a Pedro: "E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus". E este meio de entrada no reino dos céus, assim como foi confiado a Pedro, foi também confiado aos demais apóstolos,

como se depreende de João 20:² "Àqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos".

E assim como a eles, também a todos os verdadeiros ministros da Palavra de Deus que os sucedem até o fim do mundo, como se depreende de Mateus 28, versículos 19 e 20: "Ide, portanto, ensinaí todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação do século".

Os apóstolos foram reunidos aos seus pais, mas o ministério subsistirá para sempre, continuando até o fim do mundo; e, portanto, aos ministros também são confiadas as chaves do reino dos céus, e eles são os porteiros do reino dos céus, assim como os apóstolos o foram. Ora, isto é evidente por Efésios 4:11, etc. Ele deu uns para apóstolos, outros para evangelistas, outros para pastores e outros para doutores; e a estes confiou o ministério da palavra, até que todos os santos eleitos de Deus fossem reunidos e o corpo de Cristo totalmente edificado — o que não se dará antes do fim do mundo.

Por isso vemos que os ministros são os porteiros do céu e que têm as chaves do reino dos céus, assim como os apóstolos as tinham. Deste reino fala o nosso Salvador Cristo em Mt 23:13, onde repreende os escribas e fariseus, dizendo: "Ai de vós, intérpretes da Lei, porque fechastes o reino dos céus diante dos homens; pois vós mesmos não entraís, nem deixais entrar os que gostariam de entrar". O que sejam estas chaves, o nosso Salvador

² No original consta *John 21*, mas a passagem de Cristo enviando os apóstolos e outorgando-lhes o perdão dos pecados encontra-se em João 20:21-23.

Cristo mostra em Lc 11:52, dizendo: "Ai de vós, intérpretes da Lei, porque tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam". Deste reino também fala o nosso Salvador em Mt 9:35: "E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas e pregando o evangelho do reino". E em Lc 10:10, 11, o nosso Salvador Cristo ordena aos seus discípulos que saíam a pregar: "Mas em qualquer cidade onde entrardes, e vos não receberem, saindo pelas suas ruas, dizei: Até o pó, que da vossa cidade se nos pegou, sacudimos contra vós; sabeis, contudo, isto: que o reino de Deus esteve perto de vós". E em Lc 17:21, quando os fariseus perguntaram a Cristo quando havia de vir o reino de Deus, respondeu-lhes e disse: "O reino de Deus não vem com aparência exterior e sinais gloriosos, nem dirão: Ei-lo aqui! ou: Ei-lo ali! porque, eis que o reino de Deus está entre vós".

E aqui devemos nos acautelar com aquelas traduções que o verteram assim: "o reino de Deus está dentro de vós"; pois não devemos pensar que o reino de Deus estivesse em cada um dos escribas e fariseus, mas sim que estava *entre* eles. De modo que nem todo indivíduo é o reino de Deus, como ensina a heresia da Família do Amor.³

E em Mt 21:43, Cristo, falando aos judeus ingratos, diz: "O reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos". Onde vemos que o reino de Deus é tomado pelo ministério da Palavra e pela aplicação do reino de Deus a nós; e aqui devemos saber que, por meio destes recursos do ministério da Palavra — como o jejum, a oração, etc. —, o reino de Deus nos é oferecido; contudo, estes não são o reino, mas os meios

³ Grupo sectário místico do século 16 conhecido pela crença na divinização espiritual humana.

para nos conduzir a ele, como é evidente por Is 52:15,⁴ o qual é posteriormente repetido e aplicado para este fim pelo apóstolo Paulo em Rm 15:21: "Aqueles a quem não foi anunciado o verão, e os que não ouviram o entenderão". Onde fica patente que o ministério da Palavra é o meio para nos trazer ao conhecimento de Cristo, e assim ao seu reino.

O reino de Deus é inteiramente espiritual, conforme Rm 14:17. "O reino de Deus", diz o apóstolo, "não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo". E que o reino de Deus consiste, em parte, de todas as graças do Espírito que procedem destes meios, é evidente por 2 Pe 1:5-11:⁵

E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, associai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência a temperança, e à temperança a paciência, e à paciência a piedade, e à piedade o amor fraternal, e ao amor fraternal a caridade. Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estêreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Assim, pois, vemos que o reino de Deus consiste nestas coisas: no que respeita ao meio externo, que é a Palavra, e, no que

⁴ No original consta Isa. 52, verse 14, mas a passagem citada corresponde ao versículo 15.

⁵ No original consta o versículo 4, mas o trecho citado compreende os versículos de 5 a 11.

respeita ao fruto deste meio, consiste nessas graças, fruto que Deus concede àqueles que utilizam os meios.

Aqui, portanto, aprendemos que ninguém comparecerá no reino de Deus futuramente se não fizer uma entrada nele aqui. Aquele que não tomar posse dele nesta vida jamais o possuirá na vida por vir; ninguém ressurgirá e reinará com Cristo se com ele aqui não se crucificar e não ressurgir do pecado na terra. Pois quem quer que queira ser participante do reino dos céus deve aqui se dedicar inteiramente a buscar o reino dos céus. Portanto, cumpre a cada homem fazer uma estima especial destes meios, visto que por eles já passamos pela segunda morte e entramos no reino de Deus; o qual, quem quer que dele não desfrute aqui, jamais poderá desfrutar na vida por vir.

Por isso, o reino de Deus é, e pode muito bem ser chamado, um tesouro. A justiça de Cristo Jesus, com a paz de consciência, a alegria no Espírito Santo, a virtude, a fé, o conhecimento, a temperança, a paciência, a piedade, o amor fraternal, a caridade, etc. — estes são garantias seguras, selos e penhores para nós de nossa entrada no reino de Deus e, portanto, tesouros mui excelentes. Pois, se é tesouro aquilo que, se o homem possui, de nada mais precisa, e sem o qual, se tiver todas as coisas, nada tem, então isto pode com justiça ser chamado de tesouro; pois todas as coisas sem estas nada são, e estas, sem todas as outras coisas, são suficientes para a nossa salvação. Portanto, sendo este um tesouro tão grande e inestimável, deve ser altamente estimado por nós. Temos este tesouro? Então não precisamos estimar todas as outras coisas.

No juízo correto, os homens veem que o único tesouro do homem é a salvação da alma; esta é uma regra assentada, e isto não necessita tanto de nos ser provado, mas sim de ser não

apenas confessado por nós em palavras, mas também concebido no entendimento, bem acolhido e aceito no afeto, e expresso na vida. Pois bem-aventurados são aqueles que conseguem assim pensar e fazer uso deste tesouro.

Ora, onde estiver o tesouro do homem, ali estará também o seu coração; e onde estiver o seu coração, para lá são levadas impetuosamente todas as faculdades tanto da alma quanto do corpo. Pois, assim que os homens se entregam a gostar e a amar os prazeres, as riquezas, o prestígio, a honra, ou o saber, a sabedoria, ou a glória, logo fazem destas coisas, por assim dizer, os seus deuses. Quando os homens começam a se convencer de que estas coisas são um tesouro, e uma vez que seus corações estão postos nelas, então vemos imediatamente que todas as partes do corpo e da alma se inclinam para esse rumo; para lá vão a mente, o coração, a mão, o afeto e todo o deleite para alcançá-las. Portanto, se esta Palavra é um tesouro, então todas as potências e faculdades do corpo e da mente devem ser dedicadas unicamente a ela.

Por isso, cada um deve saber isto: que somente possuem este tesouro aqueles cujos corações estão postos no reino de Deus; estão mais próximos da salvação aqueles cujos corações estão postos na Palavra e na doutrina da salvação, os quais conseguem dizer do íntimo de seus corações com o homem de Deus, Davi:

Uma coisa [ó Senhor] pedi ao Senhor, e a buscarei: que possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida.

Mas para fazer o quê?

Para contemplar a formosura do Senhor, e ver a luz de seu rosto favorável em Cristo Jesus, e receber os dons e graças do Espírito de Deus, que possam ser selos seguros e penhores de sua

salvação; sim, prefiro ser porteiro na casa do meu Deus do que habitar nas tendas da impiedade.

Tampouco devemos desejar estar presentes na casa do Senhor apenas no corpo, mas também no espírito, para que possamos contemplar o seu rosto favorável resplandecendo sobre nós em Cristo Jesus.

Por conseguinte, devemos fazer a mais preciosa estima dos meios de graça, porque eles nos trazem excelentes graças. Por meio deles somos conduzidos à casa de Deus para contemplar a sua face e desfrutar de suas misericórdias.

"Por que, então", dirá alguém, "é a pregação da Palavra as portas do céu? São os pregadores da Palavra os porteiros dessas portas? Se isto é um tesouro tão grande, por que a Palavra não é mais pregada? Por que não é mais estimada? Estão as graças do Espírito do céu na terra? São elas a nossa entrada no céu? Como, então, é que não são ansiadas? Por que os homens não fazem maior estima delas?".

Certamente, o nosso Salvador Cristo ensina os seus filhos a responder a esta objeção quando diz que *está escondido*. Este tesouro não é aparente, mas secreto; não é deste mundo, nem conhecido por aqueles que são deste mundo, mas oculto e desconhecido para eles e, portanto, não é tão considerado nem estimado.

E este tesouro está oculto, quer consideremos os meios de graça, como coisas de nenhuma aparência gloriosa, quer as graças resultantes deles, que não são deste mundo, mas antes contrárias a este mundo.

Que as graças do Espírito estão ocultas daqueles que são deste mundo, nosso Salvador Cristo nos mostra em Mt 11:25, dizendo:

"Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos". Que os meios estão ocultos, São Paulo o testemunha em 1 Co 2:7: "Mas", diz ele, "falamos a sabedoria de Deus em mistério, a saber, a sabedoria oculta, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu", etc. E em 2 Co 4:3 ele diz: "Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos".

A Palavra está oculta nos meios humildes do ministério, como diz o apóstolo em 2 Co 4:7: "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro", etc. E, portanto, por estar em vasos de barro, é menos estimado pelo mundo.

Também este tesouro está oculto sob as criaturas da água, do pão e do vinho. Falo agora de modo simples sobre estas coisas, conforme a linguagem dos homens; mas sei como as estimo. Pois, para Deus e para os piedosos, estes meios não são vis; contudo, de fato, em relação às graças oferecidas por meio deles, são muito simples. E quem pensaria que em um homem mortal como eu estaria oculto o tesouro do céu e da terra? Quem pensaria que pela pregação de um homem pobre e insignificante nos seria oferecido Jesus Cristo com todo o seu tesouro? Quem pensaria que nas criaturas do pão, do vinho e da água estariam ocultos os selos e penhores do reino dos céus? Estes são tesouros, de fato, mas estão ocultos.

Como um tesouro no campo. Este tesouro certamente é uma coisa tão oculta que o olho do mais perspicaz não o viu, nem o seu ouvido ouviu falar dele, nem subiu ao seu coração concebê-lo. Ora, assim como em um belo campo adornado com relva,

flores, árvores, ervas e coisas semelhantes, talvez não haja nenhum tesouro oculto; ao passo que, ao contrário, em um pedaço de terra estéril, onde não há tais coisas, pode haver e comumente há tesouros ocultos mui grandes; assim também há uma desigualdade de meios, e o Senhor concede as suas graças, na maior parte das vezes, àqueles que têm menor aparência neste mundo, e os usa como instrumentos e meios para manifestar a sua glória. E assim também nos sacramentos e na Palavra de Deus: embora sejam menos estimados no mundo, contudo neles está oculto o principal tesouro de todos.

Isto deve nos ensinar que não é de admirar que poucos no mundo cheguem a este tesouro, porque ele está oculto. Por isso, isto foi profetizado há muito pelo profeta Isaías em Is 53:1:⁶ "Senhor", diz ele, "quem creu em nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do Senhor?". Esta profecia é também repetida por Cristo em Jo 12:38, e também por São Paulo em Rm 10:16.

Mas pode-se responder a isso: precisamente aqueles que são transformados à imagem de Cristo. Visto, então, que esta era a queixa dos profetas nos tempos antigos, não nos escandalizemos de que tão poucos busquem este tesouro e os homens o estimem tão pouco. Mas, por mais que os ímpios o considerem mal e nunca seja revelado aos sem Deus, contudo os piedosos o estimarão de igual modo, e a eles este bom tesouro será revelado e tornado mui manifesto. Roguemos, pois, ao Senhor que desperte e envie trabalhadores abundantes e diligentes para a sua colheita, e que envie muitos de seus porteiros para nos despertar do pecado e nos incitar a receber o reino de Deus, para que, buscando, achem, e batendo, se lhes abra.

⁶ No original consta o capítulo 25, mas a passagem citada corresponde a Isaías 53:1.

Segue-se: *que um homem achou*, etc. Seguir cada particular detalhadamente em uma parábola não é o caminho mais seguro, a menos que concorde com a analogia das coisas. Devemos saber aqui que as parábolas não se aplicam em todos os pontos, mas apenas em alguns; e, portanto, neste sentido, a Palavra não concorda com um tesouro que, quando um homem o encontra, esconde-o com o propósito de que ninguém mais o ache e dele participe senão ele mesmo. Na Palavra não deve ser assim. Mas concorda com a analogia de nossa fé neste sentido: um homem que encontrou um grande tesouro sente tamanha alegria que chega a duvidar de si mesmo se é real ou não; teme não o ter encontrado e, por isso, examina-o mais de perto novamente, para que sua alegria repentina não se desfaça logo ou, tendo-o achado, não o perca, e por isso o esconde.

E o mesmo ocorre com o reino espiritual de Deus; pois, quando apraz a Deus operar no coração de seu povo, pelo ministério de sua Palavra, o sentimento de sua salvação em Cristo Jesus, surge logo uma espécie de temor em seus corações de que errem ao buscar o caminho da salvação ou, tendo-o encontrado, temem perdê-lo novamente. Estão cheios de dúvidas que os fazem lutar continuamente para chegar a uma maior certeza disso. Pois, ao abraçarem este tesouro, acham-no tão doce e o seu sabor tão precioso que se esforçam por buscá-lo plenamente. Não desejam ter apenas um vislumbre de nosso Salvador Cristo, mas sim experimentar plenamente dele e de todos os seus benefícios.

Portanto, nunca há plena paz nos corações dos filhos de Deus enquanto reverenciam a Palavra, até que tenham escondido a Palavra de Deus em seus corações e cresçam mais e mais na certeza de sua salvação em Cristo Jesus. Por isso, Davi diz no

Salmo 119:11:⁷ "Escondi a tua palavra no meu coração, para não pecar contra ti". E em Pv 2:1, 2, 10, 11:⁸

Filho meu, se aceitares as minhas palavras, e esconderes contigo os meus mandamentos, para fazeres o teu ouvido atento à sabedoria, e inclinares o teu coração ao entendimento; quando a sabedoria entrar no teu coração, e o conhecimento for agradável à tua alma, o bom siso te guardará, e o entendimento te conservará.

Onde vemos que o Espírito Santo dá este preceito aos filhos de Deus: que trabalhem pela Palavra de tal modo que ela fique escondida em seus corações. Devem esforçar-se para que seus corações possuam inteiramente a Palavra; pois a mente do homem pode ser enganada, mas o coração não pode. Se o coração estiver uma vez totalmente possuído pela Palavra, não poderá facilmente ser privado dela.

Ora, assim como um tesouro é achado antes de ser buscado, o mesmo ocorre com a Palavra de Deus, conforme Is 65:1 e Rm 10:20: "Fui achado pelos que me não buscavam; fui manifesto aos que não perguntavam por mim". Isto mostra que toda a bondade provém da livre graça e misericórdia de Deus; mas para este fim Deus se manifesta àqueles que não o buscavam: para que os homens, uma vez que Deus os achou, passem a buscá-lo; e, uma vez que ele lhes falou, passem a ouvi-lo.

E isto, sem dúvida, fazem os filhos de Deus, os quais, quando o Senhor os achou e sabem que o Senhor falou, ouvem-no. Ó, com que alegria o ouviriam novamente! E quão temerosos são de

⁷ No original consta os versículos 2 e 3, mas a passagem citada corresponde ao versículo 11.

⁸ No original consta Pv 2:1, mas o trecho citado compreende os versículos citados abaixo.

serem privados de ouvi-lo em sua Palavra. Não desejam ter Cristo transfigurado no monte, mas sim que eles mesmos sejam transformados em novos homens, para que possam crescer na justiça, de força em força e de fé em fé. Isto eu falo aos filhos e filhas de Deus que desfalecem em seus pecados e no sentimento de suas enfermidades, e que têm fome e sede das graças de Deus: ó, quão alegres se sentem ao ouvir a Palavra, tendo nela encontrado consolo! Há neles tal fervor de espírito para ouvir a pregação da Palavra, sendo-lhes tão preciosa; deleitam-se nos sacramentos, encontrando neles a confirmação da fé e fortaleza. A companhia dos filhos de Deus lhes é extremamente agradável, como diz Davi: "Todo o meu deleite [ó Senhor] está nos santos que estão na terra". Suas consciências são consoladas e eles estão cheios de vivacidade e alegria.

Estas coisas devem servir para nos incitar a ter fome e sede de justiça e de ouvir a Palavra de Deus. Pois, por experiência, conheci e provei alguns que, no início de sua profissão de fé, eram zelosos, tinham prazer na Palavra de Deus, sentiam algum consolo nela e, para confirmação de sua fé, tanto a Palavra quanto os santos de Deus lhes eram caros. Distribuíam aos pobres e possuíam muitas outras graças; contudo, quando esperavam pela virtude, poder e efeito que a Palavra deveria ter operado em seus corações, isto não estava neles — infelizmente, estas coisas agora desapareceram. Mas, embora os filhos de Deus sofram muitas e diversas tentações, e isso frequentemente sem o sentimento disto, tenham a certeza de que, quem quer que sejam, em um momento ou outro sentirão este poder eficaz do Espírito de Deus neles para os avivar.

É necessário, portanto, que saibam como isto ocorre e qual é o remédio para isso, a fim de que possam encontrar o caminho para alcançá-lo.

Na verdade, o Senhor foi achado por nós quando não o buscávamos; fez-se conhecido a nós quando éramos ignorantes dele; fez resplandecer a luz sobre nós quando estávamos assentados em trevas e na sombra da morte. Aprouve a ele, no primeiro raiar do Evangelho, colocar o seio e o leite em nossas bocas — tal como uma boa mãe faz com seu filhinho —, colocar as vestes sobre as nossas costas e providenciar todas as coisas para nós sem que pedíssemos. Mas, depois que o Senhor nos alimentou e regenerou por sua Palavra e Espírito, e nos achou precisamente quando não pensávamos nele, e nós, como criancinhas, estávamos prontos para ir a ele — contemplai aqui a grande misericórdia e benignidade de nosso Deus para conosco —, quando, contudo, apesar de estas misericórdias aumentarem, não crescemos na fé, no arrependimento e na obediência piedosa às leis de Deus, ele ainda nos trata como crianças, assim como Cristo tratou os seus apóstolos, dando-nos a saber e ver que certamente há o bem, e que há consolo e salvação para os filhos de Deus. Assim Deus, a pouco e pouco, introduz as suas graças em nós.

Mas agora, seja por perdão de nossos pecados, seja por omissão de certos deveres, seja por nossa esterilidade em graças espirituais, seja para a nossa humilhação ou provação de nossa fé, ou negligência dos meios internos, ou para a manifestação da glória de Deus, aprouve a ele franzir um pouco a testa para nós e retirar de nós o seu rosto sorridente. Aquele que nos achou quando não o buscávamos, esse mesmo nos deixa agora com o propósito de que aprendamos agora a buscá-lo.

Deus nos deu aquelas coisas que nos eram proveitosas antes de batermos, com o propósito de que, recebendo-as de sua mão, aprendamos doravante a bater por elas; pois devemos saber que as nossas vestes nem sempre serão colocadas sobre as nossas

costas, nem o seio estará sempre em nossas bocas; não seremos sempre alimentados com leite e seremos crianças pequenas. Portanto, visto que há uma infância, uma menoridade e um tempo de discrição, como está em Hb 5, e visto que o Senhor por muito tempo nos alimentou com leite como a criancinhas, não devemos murmurar agora se ele nos alimentar com alimento sólido como a homens.

Os pais educam seus filhos e lhes aplicam correções quando abusam de sua benignidade, e fazem com que seus filhos os procurem e lhes peçam aquelas coisas de que necessitam. E farão os pais de nossa carne assim? Educarão eles seus filhos e, pela disciplina, corrigiriam seus pecados e ofensas, e não permitiremos nós que o Pai de nossos espíritos lide assim conosco? Visto que ofendemos o Senhor e não o glorificamos como deveríamos; visto que fomos estéreis na bondade e não produzimos frutos de arrependimento dignos do Evangelho, não nos é bom agora que o Senhor lide de forma um tanto severa conosco? Não é justo que o Senhor retire de nós as suas bênçãos quando delas abusamos? Não é justo que o Senhor retenha a sua bondade quando não somos agradecidos por ela, e quando o contemplá-la nos faz muito mal?

Se Deus lidar agora de forma um tanto mais estrita conosco, é com o propósito de que aprendamos melhor a cumprir nossos deveres; pois certamente já não estamos em nossa menoridade, mas sim chegamos aos anos de discrição. Não devemos, portanto, esperar ser tratados ainda como crianças pequenas; mas devemos jejuar, e devemos orar, e usar os bons meios que Deus instituiu. Devemos bater e acharemos, devemos ser importunos como a viúva e obteremos, devemos buscar ardentemente; e então ousa dizer com segurança que as graças de Deus, que agora parecem de certo modo retiradas de nós, ser-

nos-ão restauradas em tão grande medida como sempre foram antes.

Portanto, visto que o Senhor outrora nos concedeu suas graças e bênçãos de forma mais ampla do que jamais poderíamos ter esperado, e que agora ele parece, por assim dizer, ausente de nós, lamentemos e choremos por sua ausência, e então ele retornará; de outro modo, nunca esperemos por sua presença novamente.

Por isso, acautele-se cada homem para que faça uma estima preciosa da Palavra de Deus, e considere e examine cada um a si mesmo se há em si uma prontidão para buscar este tesouro ou não; sim, estimule-se cada um a isto, pois o reino dos céus, desde o tempo de João Batista até Cristo, sofre violência, e deve sofrer violência até o fim do mundo. E ninguém jamais entrou ou entrará nele para desfrutar de sua fruição senão aqueles que, com todo o fervor, violência e zelo, o buscaram.

Portanto, se não temos clareza no conhecimento, pureza nos afetos; se não encontramos em nós alegria no Espírito Santo, zelo e ousadia nas coisas boas, amor, mansidão, paciência e semelhantes frutos do Espírito, devemos saber que isto ocorre por falta de jejum, oração, bater, buscar e da devida estima da Palavra e dos sacramentos. Por isso, se encontramos em nós a falta dessas coisas, devemos recorrer ao uso dos meios de graça.

Segue-se: *e, pelo gozo dele, vai*, etc. É próprio dos tesouros, quando encontrados, produzir alegria. Grande é a alegria daqueles que acharam prazeres, mas maior é a alegria daquele que encontra o tesouro da salvação do que a alegria do que acha tesouros terrenos. "Mostra-nos [diz o profeta no Salmo 4:6, 7] a luz do teu rosto, o teu favor e a tua graça, e darás ao nosso coração maior alegria e júbilo do que têm os homens ricos quando se lhes multiplicam o trigo, o azeite e o vinho".

Grande é a alegria que provém da abundância de riquezas, mas maior é a alegria que provém do amor e do rosto favorável de Deus. O homem de Deus diz no Salmo 119:72: "Melhor é para mim a lei da tua boca do que milhares de ouro ou prata". Aquele homem que ama o ouro tem nele grande prazer e deleite; contudo, diz o profeta: "A tua palavra é mais doce, melhor estimada e apreciada por mim do que milhares de ouro e prata". E no versículo 127 do mesmo Salmo: "Amo os teus mandamentos mais do que o ouro, sim, mais do que o ouro fino". E no versículo 162 do mesmo Salmo ele diz: "Alegro-me com a tua palavra, como aquele que acha grande despojo".

Os prazeres geram alegria, os lucros geram alegria, a honra e a glória geram alegria. Por meio de uma boa colheita, com o aumento do vinho e do azeite, vem o prazer; pelas riquezas, como o ouro e a prata, surge o lucro; pela vitória, conquista e despojo do inimigo, alcança-se honra e glória. Ora, todas estas coisas reunidas devem necessariamente trazer grande alegria ao homem; contudo, o homem de Deus prefere a alegria que procede da Palavra a todas elas. E isso não sem justa causa, pois maior é a alegria do reino dos céus e da salvação eterna no céu do que a alegria que provém de todas essas coisas.

E o que é a alegria do vinho e do azeite comparada a esta: que os corações dos homens sejam refrigerados com o vinho e o azeite renovadores do semblante de Deus? Não é isso mais do que possuir muito ouro e prata? Que maior alegria pode haver do que estar seguro do amor de Deus em Cristo Jesus? O olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem o coração do homem pode conceber esta alegria indizível do reino dos céus. Viver e permanecer para sempre com Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo em glória eterna — não é isso melhor do que milhares de ouro e prata? Subjugar Satanás, o pecado, o mundo, o diabo e os

tormentos do inferno — não é esta uma grande vitória e uma grande alegria? Sim, não é maior do que o triunfo sobre os nossos inimigos corporais? Permanecer eternamente na glória de Deus, de Cristo Jesus, do Espírito e dos santos anjos — não é esta uma alegria infinita e incompreensível? Portanto, os homens devem abandonar as falsas alegrias deste mundo e as pequenas alegrias do pecado, apegar-se a esta alegria e buscá-la.

Ora, quanto maior o tesouro que alguém encontra, tanto mais se alegra; e assim, quanto mais alguém se aproxima da salvação, tanto mais alegre e contente fica. Pois o reino de Deus não mantém o mesmo teor em todos os homens. Esta alegria não é igual em todos os filhos de Deus; apraz a Deus, às vezes, ocultar deles o seu rosto amoroso; às vezes ele concede consolo e, às vezes, novamente, maior tristeza.

E assim como vemos que o Senhor envia às vezes tempo chuvoso e, em outras ocasiões, tempo mais firme; às vezes envia tormentas, tempestades e ventos impetuosos, e logo em seguida o tempo mais calmo e sereno; exatamente assim lida ele com os seus filhos: às vezes oculta deles as suas graças, as quais em outras ocasiões torna manifestas. E assim como após tormentas e tempestades vem o tempo firme, do mesmo modo, após tristezas e atribulações, as alegrias e prazeres chegam aos filhos de Deus; passadas as suas angústias e dores, surge para eles grande calma, paz de espírito e quietude de consciência. Conforme se diz no Salmo 30:5: "A sua ira dura só um momento; no seu favor está a vida. O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã".

Portanto, cada um deve examinar-se se possui ou não esta alegria; pois quem quer que não a possua, certamente não tem a sua salvação. Contudo, pode ser que ele tenha algum vislumbre

dela, mas ela nunca esteve profundamente escondida em seu coração.

E aqui devemos saber que existem duas espécies de alegria no receber a Palavra.

- Há uma alegria nos ímpios ao ouvirem a Palavra de Deus; mas, por ter apenas uma camada fina de terra para a nutrir, murcha rapidamente e permanece apenas por algum tempo, como se mostra neste capítulo na parábola da semente que caiu em solo pedregoso.
- Há outra alegria que perdura e continua até o fim; a qual, embora sofra muitas interrupções, não cessa por completo, mas por fim obterá a vitória contra qualquer tristeza.

Uma delas é a alegria da mente; a outra é a alegria do coração. A primeira é enganosa; a segunda é eficaz.

Um homem pode, portanto, enganar-se quanto à alegria e julgar que a possui antes de tê-la encontrado. Há uma alegria quando um homem *pensa* ter achado um tesouro, embora não o tenha achado; e outra alegria quando ele *sabe*, de fato, que o encontrou. Exatamente assim há uma dupla alegria no reino de Deus: há uma alegria no ouvir e no saber que o reino e as graças de Deus nos são oferecidos. É algo alegre para um homem conhecer a sua salvação e saber que Deus lhe oferece a vida eterna e a redenção; mas se esta alegria apenas permanecer e flutuar, por assim dizer, no topo do cérebro, sem ir mais além, então há apenas uma fina camada de terra nesses ouvintes, e os seus corações duros e pedregosos estão endurecidos pelo engano do pecado. E há também outra alegria nisto: quando um homem está seguro e plenamente ciente de que está salvo.

Há uma alegria da mente, quando o homem vê o mistério de sua salvação, e há uma alegria do coração, quando o homem tem a experiência dela. A primeira destas alegrias pode ser enganosa; a outra não. A primeira permanece apenas por um tempo se o homem repousar unicamente no conhecimento de sua salvação; a esse homem não se pode ministrar verdadeiro consolo.

Pois uma coisa é saber que existe a vida eterna, e outra coisa é saber que a vida eterna está ordenada para ti. Uma coisa é saber que os pecados são perdoáveis, e outra coisa é saber que os *teus* pecados estão perdoados. Tampouco se segue que, por veres o caminho para o céu, estejas de fato lá.

Por isso, debes saber que a sede da fé não está no cérebro, mas no coração; e que a cabeça não é o lugar para guardar as promessas de Deus, mas o coração é o baú para depositá-las. Portanto, assim como a mente deve ser convencida do pecado, o coração deve ser continuamente repreendido, amedrontado, humilhado e aterrorizado em relação ao pecado; ele deve ser o aposento reservado onde a Palavra de Deus deve ser guardada. "Com o coração", diz o apóstolo, "se crê para a justiça".

Se a mente do homem estiver atribulada, isso é pouca coisa; mas se o seu coração estiver atribulado, a perturbação disso é imensa. Portanto, assim como a dor da mente nada é perante a dor e a tristeza do coração, também a alegria da mente em nada se compara à alegria do coração. E a alegria é de fato verdadeira quando o homem tem em seu coração a experiência das misericórdias divinas. Se posso dizer agora: "Não mais eu, mas Cristo Jesus vive em mim", ó, esta é a alegria do coração, que excede todo o entendimento.

Muitos não conseguem distinguir entre esta alegria da mente e a alegria do coração. Mas saibam tais homens que uma tentação

pode mudar a mente e o movimento do cérebro, mas o coração e o afeto que estão enraizados no bem jamais podem ser alterados. Pois, embora possa haver tristeza em teu coração à tarde e por uma temporada, a alegria voltará pela manhã. O Senhor é fiel, ele que chamou os seus, e sempre aperfeiçoará a sua obra neles: primeiro ressuscitando o corpo no último dia, e depois unindo-o à alma, fazendo ambos participantes daquela bem-aventurança e gloriosa felicidade que lhes está preparada no reino dos céus.

SERMÃO 9. A Respeito da Aquisição Celestial — Parte 2

Mateus 13:44: E, Pelo Gozo Dele, Vai, Vende Tudo Quanto Tem, E Compra Aquele campo.

No sermão anterior, mostramos que o reino de Deus era tomado em dois sentidos diversos, a saber: primeiro, para o estado glorioso dos filhos de Deus após esta vida, quando viverão eternamente com Deus e desfrutarão da presença dos santos anjos, triunfando sobre o pecado, o inferno, a morte e a condenação; e, segundo, para a entrada que os filhos de Deus têm no reino de Deus neste mundo. Este reino é composto de duas partes: uma que diz respeito aos meios pelos quais Deus lhes oferece o seu reino, e a outra que diz respeito às graças do Espírito que ele oferece através desses meios.

Aqui somos ensinados que ninguém jamais desfrutará das alegrias do céu se não tomar posse delas na terra; ninguém ressurgirá com Cristo para a glória se aqui não ressurgir do pecado. Pois quem quer que queira ser participante do reino dos céus deve aqui se dedicar inteiramente a buscar o reino dos céus. Cada um, portanto, deve dar grande valor à Palavra de Deus, que é o meio para nos conduzir a este reino, para que assim possa estar seguro de que já passou da morte para a vida e tenha a certeza do reino dos céus.

A Palavra de Deus e as graças oferecidas por ela são chamadas de tesouro porque, sem isso, todas as outras coisas nada são, e isso por si só é suficiente para a nossa salvação. Muitos há que confessarão ser este o único tesouro que o homem deve buscar, mas poucos há que concordem com isso em suas vidas e se esforcem por expressá-lo em sua conduta. Mas bem-aventurados

são os que conseguem pensar assim e se esforçam por ter um testemunho em suas consciências de que de fato o buscam; pois onde estiver o tesouro de cada homem, ali estará também o seu coração.

De modo que, se a Palavra de Deus, as graças do Espírito e a vida eterna são o nosso tesouro, então os nossos corações devem estar postos neles, e devemos buscá-los inteiramente. Mas este tesouro é um tesouro oculto e, por isso, não é tão estimado e reverenciado; pois, quer consideremos os meios de graça, que não possuem poder ou aparência externa extraordinária, quer consideremos as graças do Espírito oferecidas por esses meios, trata-se de um tesouro totalmente oculto. Contudo, embora esteja oculto, não é nem um pouco menos estimado pelos piedosos.

Isto deve nos ensinar a não nos escandalizarmos com ninguém quando virmos que não fazem caso de receber a verdade; pois isso não é novidade, mas algo profetizado desde a antiguidade: "Senhor", diz o profeta Isaías, "quem creu em nossa pregação, ou a quem se manifestou o braço do Senhor?".

Mostramos que os tesouros são achados antes de serem buscados; da mesma forma, Deus nos ofereceu o tesouro de sua Palavra antes que o buscássemos e, portanto, devemos reconhecer que desfrutar do tesouro de sua Palavra provém unicamente da livre misericórdia e favor de Deus.

Ora, visto que Deus se dignou a nos chamar, devemos obedecer; e, tendo-nos falado, devemos ouvi-lo. Pois aprovou ao Senhor lidar conosco como os pais lidam com seus filhos pequenos, os quais, quando são tenros, colocam o seio em suas bocas, vestem as roupas em suas costas e os alimentam com leite; mas quando

crescem e chegam a certos anos de discrição, se pecam, são repreendidos e castigados.

Exatamente assim, o Senhor, no início de nossa regeneração, ofereceu-nos suas graças mui abundantemente e enviou seus sentinelas para nos chamar a ele. Mas agora, seja por omissão de deveres, para correção de nossos pecados ou para prova de nossa paciência, apraz-lhe retirar de nós o seu semblante misericordioso e afastar-se, por assim dizer, de nós, com o propósito de que agora o busquemos; agora devemos jejuar e lamentar, ou ele não retornará a nós.

Cada um deve, portanto, examinar seu próprio coração para ver se encontra nele tal poder do Espírito de Deus operando de modo a dispô-lo a buscar o Senhor, progredindo e perseverando na graça, na virtude e na bondade. E se, após o devido exame de nossos corações, não os encontrarmos em nós, devemos saber que a razão pela qual não os temos é esta: queremos continuar sendo bebês e continuar sendo alimentados como crianças, não buscando, não batendo nem procurando pelo Senhor.

O homem que acha um tesouro sente uma alegria surgir repentinamente em sua mente, mas logo em seguida duvida de si mesmo se de fato encontrou um tesouro ou não. Por isso, examina-lo-á novamente com o propósito de certificar-se melhor, para que, de outro modo, a sua alegria repentina não se desfça rapidamente. Exatamente assim, os filhos de Deus encontram pela Palavra de Deus o tesouro de sua salvação em Cristo Jesus e, sendo profundamente tocados no coração para buscar o mesmo, não poucas vezes nutrem muitas dúvidas, buscam repetidas vezes e desejam não apenas ter um leve sabor e um vislumbre de Cristo, mas sim alimentar-se verdadeiramente

do Senhor Jesus. Por isso, escondem a Palavra em seus corações, como o profeta Davi.

O homem, tendo achado um tesouro, alegra-se. A alegria e a tristeza, a esperança e o temor operando nos corações dos homens revelam quão distantes ou quão próximos os nossos corações estão de Deus; pois quanto mais perto o homem está da salvação, tanto mais alegre e contente fica. Grande é a alegria da colheita para aqueles que têm a colheita à mão; grande é a alegria da prata e do ouro para aqueles que os têm em abundância; mas maior é a alegria de uma boa consciência. Grande é a alegria dos despojos, da vitória e da glória obtida pela vitória e pelos despojos; mas maior é a alegria de um verdadeiro cristão nas misericórdias do Senhor. E, portanto, Davi, falando na pessoa de um homem regenerado, diz no Salmo 119:162: "Alegro-me com a tua palavra, como aquele que acha grande despojo".

Aqueles, pois, que não têm alegria na Palavra, no Espírito de Deus e nas graças do Espírito de Deus, nunca provaram do bom Espírito de Deus, tampouco provarão das alegrias do mundo vindouro. Há uma alegria da mente e uma alegria do coração: uma alegria quando o homem sabe que um tesouro pode ser encontrado, mas uma alegria maior quando, por experiência, o coração está totalmente estabelecido no achado dele. A alegria do homem que provém do fato de saber que existe a salvação pode desvanecer-se; mas aquela alegria que está estabelecida no coração, na plena certeza da salvação, embora possa às vezes ser obscurecida, jamais poderá ser totalmente extinta. O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.

Segue-se: *Ele se retira*, ou *ele se afasta*.⁹ O significado natural da palavra não é apenas retirar-se e ir embora, mas recolher-se e separar-se de outros negócios. E vemos que isso se assemelha perfeitamente ao ato de achar um tesouro: pois, quando o homem encontra um tesouro, ele se retira para comprar o campo; ou, quando alguém está prestes a realizar qualquer outra coisa de grande peso ou importância, entrega-se inteiramente a ela, retira-se para ponderar sobre o que é, se não está enganado, qual é a sua própria capacidade, que bem aquilo lhe trará, quanto lhe custará, quanto valerá para ele e se compensará tudo o que despende por ela.

Exatamente assim, na doutrina da salvação, é necessário que os homens a ponderem: quando Deus lhes oferece tão valioso tesouro, devem sondar seus corações profunda e diligentemente, calculando de antemão quais obstáculos, impedimentos e barreiras possa haver, o que é aquilo que buscam, quanto custo e trabalho devem despende nisso e, por outro lado, qual poderá ser o lucro, a conveniência e a alegria que disso lhes resultará quando o tiverem, e como poderão manter-se na posse segura dele uma vez obtido.

Esta ponderação prévia o nosso Salvador Cristo nos confirma em duas parábolas em Lc 14.

- A primeira é a da construção: "Qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem

⁹ O pregador refere-se à atitude do homem na parábola que, após achar o tesouro, se afasta temporariamente para vender seus bens.

comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar".

- A segunda é a da guerra: "Ou qual é o rei que, indo guerrear contra outro rei, não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? De outra maneira" — conforme se depreende pelas circunstâncias —, "estando o outro ainda longe, manda-lhe embaixadores, e pede condições de paz".

Assim deve cada um que vem ouvir a Palavra fazer esta premeditação e preparação consigo mesmo: se é capaz e pode suportar o custo que terá ao vir para o Senhor; se pode suportar aquele combate que deve travar antes de chegar ao Senhor; se pode suportar a perda de pai, mãe, esposa, filhos, irmãos, irmãs — sim, e de sua própria vida também — e de tudo o que tem; se é capaz de lutar contra os principados, as potestades, o diabo, o mundo e a carne, a sua própria razão e afeições, para que, de outro modo, não interrompa o seu curso e mostre não ser o homem que parecia ser no início. Esta premeditação e ponderação prévia devem ser feitas antes que possamos desfrutar daquele tesouro e comprar o campo onde ele jaz.

Não há metáfora nas Escrituras usada com mais frequência do que a da construção, frequentemente traduzida pela palavra *edificação*. Desta edificação faz-se menção em 1 Co 3, onde o povo de Deus é chamado de "edifício de Deus", e os apóstolos de "construtores". Da mesma forma em Ef 2:20-22:

E edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor. No

qual também vós juntamente estais edificados para morada de Deus em Espírito.

E em Ef 4:11, 12 diz o apóstolo:

E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo.

E no versículo 16:

Do qual todo o corpo, bem ligado, e organizado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a operação eficaz de cada parte, recebe o aumento do corpo, para edificação de si mesmo em amor.

E Judas, em sua epístola, no versículo 20, requer de nós: "Edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo".

Por outro lado, quem não sabe que a metáfora da guerra é também frequentemente repetida nas Escrituras? Como em Jó: "A vida do homem sobre a terra é uma luta contínua".¹⁰ E em 1 Tm 6:12: "Milita a boa milícia da fé", diz o apóstolo. E em 1 Pe 2:11: "Abstende-vos das concupiscências carnis, que combatem contra a alma". E em Ef 6:12: "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais".

¹⁰ Jó 7:1.

De modo que vemos que, por necessidade, todo cristão deve ser um construtor e um guerreiro.

Esta edificação e combate foram prefigurados no erguimento dos muros materiais do templo de Jerusalém. Quando os judeus os edificavam, trabalhavam com uma das mãos e com a outra seguravam as armas para lutar contra os seus inimigos, conforme está em Ne 4:17.

O proveito e a utilidade da edificação representam uma obra excelente; a glória e a honra da vitória alcançada na guerra são grandes. Contudo, sabemos que nada é mais trabalhoso e perigoso do que a construção e a guerra; no entanto, ponderar sobre o proveito e a glória que delas provêm compensa as dores e os sofrimentos. Mas maior é o proveito e mais excelente é a glória que alcançaremos ao edificar a nós mesmos como templos do Espírito Santo.

Portanto, assim como ninguém pode esperar obter proveito de sua construção, nem honra de seu combate, sem trabalho e sofrimento; da mesma forma, não se engane nenhum homem com a vã persuasão de que herdará o reino dos céus se não trabalhar com todas as suas forças e empenho para chegar lá. Pois nunca seremos vencedores se não lutarmos corajosamente; não podemos desfrutar do edifício se pouparmos nos gastos. E assim como vemos alguns começarem uma construção e, não sendo capazes de terminá-la, abandonam-na para o seu próprio descrédito; e assim como muitos movem e fazem guerra e, não conseguindo terminá-la nem ir até o fim, veem-se constrangidos, para sua vergonha, a buscar tréguas; assim, infelizmente, muitos começam a edificar e fazem uma entrada no cristianismo com uma grande e bela aparência no início, mas poucos perseveram até o fim.

E achamos mui verdadeiro no Evangelho que, tendo sido limpos dez leprosos, apenas um deles retornou para render graças por isso. Por isso, este pensar antecipado e premeditação é mui conveniente e necessário. Não devemos julgar que a religião seja uma matéria tão simples como muitos se convencem de que é. Esse tipo de homens, quando a morte lhes sobrevém, precisamente nesse momento são desiludidos quanto à sua salvação, porque não fizeram contas dela de antemão; nunca pensaram que a profissão do cristianismo lhes custaria tanto, nunca pensaram que seria assunto de tamanho encargo.

Quem quer que, portanto, queira evitar um estado extremamente perigoso e desesperador em sua morte, seja ele ou ela quem for que queira prosseguir nesta edificação, deve calcular e premeditar de antemão quanto isso lhe custará; deve considerar profundamente consigo mesmo quanto a sua salvação e o reino dos céus lhe custarão. Digo-vos que não é coisa pequena: custar-lhe-á a perda de todos os prazeres e deleites deste mundo, custar-te-á o abandono de todas as tuas concupiscências, a perda de riquezas, de liberdade, e o exílio; a perda de tua esposa, bens, terras, amigos, pais, filhos — sim, e porventura custar-te-á também a perda do sangue de teu próprio coração. É de maior encargo do que alguns pensam, e essa é a razão pela qual dão tão pouco valor a isso.

Ora, há alguns que não se importam com o que lhes custa, desde que possa ser obtido com facilidade; mas esses devem saber que é tão trabalhoso quanto custoso. Pois, antes de poderes alcançá-lo, deves trabalhar no coração e na alma, com choro, com suspiros, com muito jejum, com oração, com vigílias, com meditação da Palavra de Deus e com a prática de todos os mandamentos de Deus. Deves trabalhar em compaixão para com todos os homens, deves esforçar-te em cumprir o teu dever para

com os teus superiores e em socorrer os necessitados e os que estão em angústia.

Finalmente, é um caminho mui penoso de percorrer, e muitos há que enganam a si mesmos, entrando nele sem a devida ponderação do custo ou do sofrimento. Digo-vos que, na hora da morte, no dia do juízo, nas perseguições, nas provações, nos exílios, muitos verão e saberão que enganaram a si mesmos por não terem pensado devidamente nos referidos encargos; e não apenas é custoso e trabalhoso, mas também há nele muitos e grandes perigos e ameaças; muitas batalhas devem ser travadas antes de se chegar ao fim.

Ora, para um homem não apenas ter grandes gastos, mas também grandes aflições, muitas batalhas entre a carne e o espírito, esta é uma pesada e imensa tentação. Deves lutar contra todas as tuas afeições, contra a tua própria razão; deves estar preparado para lutar contra a alegria carnal, o amor, o temor, a tristeza, a ira, a mansidão, a suavidade. Tampouco é este conflito como a paixão da ira, que dura apenas um momento, mas este combate contra as afeições deve ser travado diversas e repetidas vezes, e continua por muito tempo, ao longo de toda a vida. Embora recebamos muitos golpes e sejamos às vezes (por assim dizer) arrastados para trás, devemos contudo voltar à luta.

Aqueles, digo, que pretendem herdar o reino dos céus devem renunciar à sua própria razão e lutar contra o seu próprio discernimento. Como, por exemplo, na ira: muitos irromperão em contenda física; e por quê? Porque a sua própria razão lhes ensina que são abusados, desprezados e humilhados; e isto é o que engana a muitos, porque não lutam nem contendem com a sua própria razão, mas antes pensam consigo mesmos, segundo a conduta dos homens comuns: "Qual é a razão para fazermos

isto? Ou por que deveríamos fazer aquilo? Por que deveríamos perder nossas esposas, filhos, bens e terras?". Esta nossa razão, portanto, deve ser combatida e vencida.

Mas quando o homem venceu a sua razão e sabe por quais coisas deve ir-se, em quais coisas deve ser paciente, o que amar e o que odiar, então caminhará melhor e de modo reto. No entanto, porquanto o homem deve lutar tanto com a sua razão quanto com as suas afeições, esta é uma batalha difícil. Pois, embora o homem tenha vencido a sua razão, as suas afeições podem ainda ser obstinadas nele — sim, tão fortes que arrastarão a sua razão e discernimento de cabeça.

Aqui, pois, surge uma luta maior do que a anterior, antes que as afeições possam ser vencidas. Mas quando a razão e as afeições se unem e o homem tem de lidar com ambas, então surge um combate mortal, de tal sorte que o homem dificilmente as vencerá; e, no entanto, temos mais inimigos para combater além destes. Devemos lutar à direita e à esquerda. À direita, com a fama e a glória; e à esquerda, devemos lutar com a riqueza e as riquezas, e com o prestígio, e com todas as coisas do mundo.

Se Deus se dignar a te dar riquezas, guarda-te de que o teu coração nelas se ponha. Portanto, quando tu, quem quer que sejas, fores abençoado com uma boa reputação ou com as riquezas deste mundo, acautela-te e guarda-te do orgulho, da vanglória e da ambição; pois, se o filho de Deus não prever estas coisas, poderá ser facilmente surpreendido. E vemos muitos que, quando estão em condição mais humilde, comportam-se como homens honestos e como convém aos filhos de Deus; mas, quando chegam a alguma preferência e promoção, são inteiramente arrebatados pela vanglória deste mundo.

Deves não apenas lutar com os elogios e as boas reputações, mas deves também lutar com os opróbrios, e este não é um combate pequeno. Pois, tendo riquezas e glória, podes escapar do orgulho e da ambição; mas se, de fato, professas a verdade, não podes escapar dos opróbrios. Portanto, se isto não for previsto e acautelado a tempo, se o homem não estiver bem armado contra isso, não será capaz de resistir, mas isso o fará retroceder da verdade que professou: "Infelizmente", dirá ele, "esforço-me por fazer o bem, empenho-me em manter uma boa consciência em todas as minhas ações, e contudo vede como sou desprezado e como sou considerado um puritano¹¹ e um hipócrita".

Devemos também lutar com as perdas e a falta de sustento, e neste ponto vemos muitos serem vencidos. Quando, portanto, o Senhor nos reduziu a uma condição muito baixa, devemos nos acautelar para não sermos trapaceiros. Pois, quando por uma vida simples e piedosa muitos não conseguem prosperar neste mundo, recorrem então a meios ilícitos. Hoje em dia, antes que um homem passe necessidade, ele acumulará dois ou três cargos eclesiásticos. Por isso, esta tentação da privação é mui grande e, por conseguinte, deve ser tanto mais vigiada.

Da mesma forma, quando o homem deve lutar com o exílio, com a perda de amigos ou coisas semelhantes, a angústia que disso provém arranca-lhe muitos suspiros amargos e gemidos profundos, e, pela tristeza do coração, é levado a pensamentos estranhos. Portanto, a menos que o homem se prepare para enfrentar estas coisas e as demais, será difícil que Satanás não obtenha a vitória, pois é matéria mui difícil suportá-las.

¹¹ O original usa *Precisian*, termo elisabetano depreciativo para puritanos.

Há outra coisa de que se deve guardar, a saber: quando Satanás perceber a corrupção do homem, seja ela interna, seja externa (pois, quer interna, quer externa, servirá ao seu propósito). Conforme está em Ef 6, ele representa as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais; ele é um inimigo espiritual, e neste mundo ele representa os principados e as potestades. Portanto, digo, quando ele percebe as tuas corrupções, vem operar em ti e agita a tua própria consciência e a tua própria razão para te acusar e condenar. Então, como um inimigo espiritual, vem intoxicar as tuas afeições e move-te às vezes com as perdas, às vezes com o lucro, às vezes com os prazeres, às vezes com a alegria, às vezes com a tristeza. Quando, digo, ele enfeitiça assim a tua razão e afeições, infatua o teu discernimento e intoxica o teu cérebro, eis aí uma luta extremamente perigosa. E nisto pode o homem facilmente perceber que Rebeca não teve tamanho conflito quando os dois bebês estavam em seu ventre como o que tu terás quando Satanás começar a operar desse modo. E por esta causa foi que a Igreja, no Batismo, determinou que cada um devesse, desde logo, preparar-se para lutar contra o diabo, contra o mundo, contra as suas próprias afeições e contra todas as concupiscências da carne.

Ora, quando o homem entrou neste combate e, por falta das devidas considerações, não é capaz de prosseguir porque não atendeu aos custos dele, então o que se dirá de tal pessoa? "Eis o construtor tolo, vede o soldado insensato"; e não é este um grande opróbrio? Satanás zombará de nós nisto. E esta falha no prever e na premeditação é a causa de que alguns homens sejam desviados da verdade por este e por aquele meio, e poucos continuem firmes nela até o fim.

Disto provém que muitos, estando fundamentados nos prazeres desta vida, inflam-se em ambição e são, por assim dizer, sufocados pelos deleites; na pobreza, alguns correm para expedientes ilícitos; muitos, pelos opróbrios e zombarias, desviam-se; alguns explodem em ira; e alguns são ou levados por graves erros ou pela idolatria, porque não consideram que Satanás representa as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais; alguns chegam a afogar-se e a enforcar-se, e tudo por falta de ponderação.

Por isso, convém a todos os homens serem extremamente circunspetos e cautelosos nisto: que considerem o que estão para realizar antes de entrarem nisso precipitadamente.

Mas Satanás tem ainda outra astúcia: quando não consegue fazer com que sejamos descuidados e negligentes na premeditação, então fará com que confiemos excessivamente em nossa própria força, como induziu Pedro a fazer; o qual, se Cristo não tivesse orado por ele e se ele não estivesse fundamentado sobre a rocha anteriormente, teria naufragado por completo. De outro modo, ele nos faz ser excessivamente circunspetos e cautelosos neste sentido, como induziu Ananias e Safira a fazer.

Por outro lado, se ele vir que tens escrúpulo em ofender o Senhor, então colocará diante de ti o peso de teus pecados e os grandes perigos em que te encontras, para com isso te mover ao desespero; mas se ele perceber que és descuidado em ofender a Deus, então colocará diante de ti as misericórdias de Deus, para que com isso presumas da graça. Ó tentação mui perigosa, quando de todos os lados Satanás busca te enredar e te conduzir à destruição!

Alguns, ainda, ele faz pensar assim: "Infelizmente, se eu me entregar a este exame tão severo e estrito de mim mesmo, serei

mergulhado em extrema tristeza e dor, e levado à melancolia; ó, nunca mais serei o mesmo; não sei mendigar; não posso suportar (por amor da Palavra) perder a minha pátria, minha esposa, meus filhos e coisas semelhantes; e, portanto, nunca poderei vir a ser um cristão". Assim ele faz com que vejas e olhes apenas para o perigo que te sobrevirá ao professares a Palavra de Deus; mas o preço de tua salvação e as alegrias desta vida futura ele nunca permite que entrem em tua mente. E esta é também uma tentação mui perigosa.

Assim o diabo, por um meio ou por outro, busca nos enganar: ou nos faz pensar que o caminho não é perigoso, ou então que é tão perigoso que nunca seremos capazes de o percorrer. No entanto, apesar destes grandes e múltiplos combates, assim como a esperança do proveito move o construtor a prosseguir em sua obra, também nós devemos, em nossa edificação espiritual, na esperança de alguma utilidade especial, não desistir, mas prosseguir. E assim como na guerra a esperança da vitória incita os homens a continuar lutando, da mesma forma, visto que a nossa vitória já foi alcançada por Cristo, que nenhum cansaço nos detenha, nenhum perigo nos impeça, mas prossigamos tanto em nossa edificação quanto em nosso combate.

Consideremos que não lutamos com as nossas próprias forças, mas sob o comando de Cristo Jesus, o qual alcançou a vitória para nós e por nós peleja. Ele venceu Satanás em todas as suas tentações e acusações, de sorte que este jamais será capaz de nos vencer, quer no pecado da presunção, quer no do desespero.

Portanto, não devemos agora retroceder; o custo de nossa guerra não nos deve amedrontar. Cristo Jesus nos fornecerá armadura, força e armas, e alcançará a vitória por nós. Coloquemos diante de nossos olhos os grandes e severos julgamentos de Deus contra

os pecadores, bem como as consoladoras palavras das Sagradas Escrituras, como esta em Is 11:6: "Morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão, e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequeno os guiará".

Por meio disso, aponta-se para o grandioso poder de Cristo em regenerar a nossa natureza corrompida — a qual é tão feroz quanto um leão e tão selvagem quanto um lobo —; ou também que, se confiarmos em Cristo Jesus, ele é poderoso para inclinar à compaixão por nós os corações dos mais cruéis. Deves crer que Cristo, por seu grandioso poder, te gerou de novo e te livrou, por assim dizer, da boca do leão; e, portanto, de modo algum te desanimas, mas consola-te e guarda-te do temível desespero.

Quando o nosso Salvador Cristo diz que é tão possível a um rico entrar no reino de Deus quanto a um camelo passar pelo fundo de uma agulha — ó, esta é uma palavra temível! —, contudo, por outro lado, é de grande consolo quando ele diz que, aos homens, isto é impossível, mas a Deus tudo é possível.

Parece a um homem avarento ser coisa mui difícil abrir mão de qualquer coisa; mas quando Cristo Jesus, pela operação poderosa de seu Espírito, toca verdadeiramente o coração de Zaqueu, faz com que ele voluntariamente dê a metade de seus bens aos pobres e, se em alguma coisa prejudicou a alguém, o restitua quadruplicado.

Aquela foi uma palavra dura e temível de São Paulo em 1 Co 6:9, 10: "Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus". Mas o que se segue era mui consolador para os coríntios, e assim é mui

consolador para nós: "E tais fostes alguns de vós", diz ele, "mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus".

Vede aqui como Corinto fora outrora um povo selvagem e brutal; mas, após o seu chamamento, tornaram-se firmes na fé e foram feitos Igreja de Deus. E em Tt 1:12, 13, Paulo diz que "os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos", e acrescenta: "Este testemunho é verdadeiro. Portanto, repreende-os severamente, para que sejam sãos na fé". Por meio do que vemos como estes povos ímpios foram pela fé purificados e feitos filhos de Deus.

Por que, então, deverias colocar diante de ti as dificuldades de vencer a Satanás, a ponto de desesperares das misericórdias de Deus? Por que haveria qualquer de nós de pensar que não somos capazes de vencer as nossas próprias concupiscências quando Cristo Jesus está por nós e luta conosco, quando os seus anjos acampam ao nosso redor, o Espírito de Deus é poderoso em nós e a Palavra de Deus milita a nosso favor?

Ora, visto que tens a Palavra, que é poderosa para salvar a tua vida, e visto que tens os selos das misericórdias de Deus — a água, o pão e o vinho —, os quais são selos mais seguros do favor de Deus do que as obrigações e os títulos de quaisquer príncipes; visto que estás tão protegido por todos os lados, não te deixes abater pelo grandioso poder de teus inimigos, mas suporta o embate por um momento e pede ao Senhor que aumente a tua fé, e sem dúvida serás um vencedor e triunfarás sobre todos os teus inimigos.

Pensem em nossos encargos e custos, estando certamente convictos de por quem, em quem e através de quem seremos mais do que vencedores, para que assim não fuçamos logo ao

primeiro embate. Creiamos, e ser-nos-á feito conforme a nossa fé; e se não podemos crer, oremos com o homem do Evangelho: "Senhor, ajuda a minha incredulidade".

FIM.

SERMÃO 10. A Respeito da Aquisição Celestial — Parte 3

Mateus 13:44: Outrossim, o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo.

Tendo falado sobre este versículo anteriormente, o meu propósito não é fazer nenhuma longa repetição daquilo que foi exposto. Em suma, demonstrou-se antes que o preço de nossa salvação, aqui chamado de reino de Deus, é tão excelente que se assemelha a um tesouro; o qual, embora oculto dos réprobos e daqueles que são deste mundo, é manifesto e revelado aos filhos de Deus, que o encontram e, tendo-o encontrado, escondem-no por temerem perdê-lo novamente. O achado do qual gera tamanha alegria em seus corações que de bom grado abrirão mão de todas as coisas que possuem para que possam desfrutar deste tesouro; e, por isso, diz-se que o homem, tendo encontrado este tesouro, retira-se e afasta-se.

Mostramos que muitos, por falta deste afastar-se ou premeditação, não considerando qual é o preço deste tesouro, nem quais dores e trabalhos deve assumir aquele que dele desfruta, após terem começado e entrado neste caminho que conduz à vida eterna, não sendo capazes de nele perseverar, assemelham-se ao construtor incompetente — que não calcula quanto custará a construção — e ao rei insensato — que, tendo começado a guerra, não é capaz de ir até o fim —, abandonando tudo para sua grande vergonha e opróbrio.

E aqui mostramos que nenhum homem pode vender tudo o que tem para comprar este tesouro antes de ter considerado

minuciosamente e pesado profundamente o que é a coisa em si, e que perda e perigo deve suportar antes de a alcançar. E aqui, para que ninguém se desanime de vender o que tem para comprar este tesouro, aponte os remédios e auxílios que nos favorecem nisso. Pois, por mais que este tesouro seja custoso, o encargo é de Cristo; e por mais trabalhoso que seja, Cristo assumiu sofrimento suficiente para o obter para todos aqueles que nele depositam a sua confiança. E embora os perigos e ameaças sejam grandes, em nosso Senhor Jesus todos eles foram vencidos.

Depois que o homem premeditou os encargos, dores e perigos que deve suportar ao comprar este tesouro, chega então a uma plena resolução: *vende tudo quanto tem, e compra aquele campo*. Nesta palavra *vende*, há muita matéria contida, à qual devemos prestar a mais diligente atenção.

As coisas em geral que devem ser vendidas antes de se comprar este campo ou são de sua própria natureza más e em si mesmas simplesmente pecaminosas, ou então são pecaminosas em razão das circunstâncias. Aquelas que em si mesmas são simplesmente pecaminosas são de duas espécies: ou pecados externos grosseiros, ou a corrupção interna de nossa natureza decaída.

Quanto aos primeiros, a saber, os externos grosseiros, deve-se abrir mão deles e vendê-los, pois esta palavra é verdadeira tanto na religião quanto nos costumes: "Ninguém pode servir a dois senhores", etc. Se Baal é deus, então devemos segui-lo; não devemos ser mornos, quentes e frios, pois a tais o Senhor vomita de sua boca. Portanto, não podemos servir a Deus e ao mundo, pois há tamanha contrariedade e combate entre eles que, até que rejeitemos e abandonemos o mundo, não podemos nem servir a Deus retamente, nem tampouco alcançar a fruição deste tesouro.

Nestas palavras, *vende tudo quanto tem*, há três coisas a considerar:

- *Primeiro, que os pecados devem ser vendidos, e não trocados.*
- *Segundo, que os pecados devem ser vendidos todos, e não apenas alguns.*
- *Terceiro, que devem ser vendidos para sempre, e não por uma temporada.*

Quanto ao *primeiro*, vemos muitos que não tanto vendem os seus pecados, mas fazem uma troca deles. Pois muitos, no tempo do papismo, tinham em grande estima o papa e aquela religião do anticristo, os quais, professando agora o Evangelho, negligenciam-no e o desprezam. Outrora, as dores daquele fingido purgatório eram temidas por muitos, mas agora os homens não têm medo dos tormentos do inferno, que são mui certos. Outrora, os homens oravam em língua desconhecida, sem entender o que diziam; mas agora não querem orar em língua conhecida, sabendo o que dizem. Antes, os homens oravam pelos mortos; agora, não querem orar pelos que estão vivos. Antes, os homens usavam de orações longas e contínuas; agora, ou não oram de modo algum, ou são tão breves e logo se cansam que parece não receberem graça por meio disso. Antes, muitos sacramentos que não eram sacramentos eram tidos em alta conta; agora há apenas dois, e estes são sacramentos verdadeiros, e contudo são negligenciados. Outrora, os homens jejuavam com muita frequência, e isso mui escrupulosamente, de sorte que pecavam antes por jejuar demais do que de menos; mas agora, um jejum cristão instituído publicamente é antes combatido do que aceito, e o jejum privado é desconhecido entre os cristãos. Antes, havia muitos dias santos e supersticiosos aceitos; agora,

o único sábado do Senhor é profanado, e o diabo, ou ao menos não Deus, é servido nesse dia. Antes, os homens confessavam seus pecados a qualquer clérigo ignorante;¹² agora, os homens abandonaram a confissão de seus pecados aos seus irmãos, preferindo antes torturar-se a si mesmos do que reconhecer suas faltas uns aos outros, como o apóstolo Tiago ordena que façam. Sim, os homens estão tão distantes disso que preferem, por perjúrio e suborno, inocentar-se e purgar-se a si mesmos do que tornar conhecidos os seus pecados e, assim, dar satisfação à congregação e à Igreja de Deus.

E assim poderíamos percorrer todos os pontos da religião; pois os homens antes eram inteiramente supersticiosos, e agora tornaram-se inteiramente profanos. Portanto, se era miserável o seu estado outrora, agora mui miserável, perigoso e condenável, digo, é o estado de nossa época, na qual aqueles que melhor servem a Deus e caminham com mais cuidado em suas vocações são considerados loucos, frenéticos e tolos puritanos; por outro lado, aqueles que são totalmente dissolutos e negligentes no cumprimento de seus deveres são tidos pelos homens mais sábios. E isto ocorre porque os homens não consideram aquela palavra do apóstolo em 1 Ts 5:12, 13: "E rogamo-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós e que presidem sobre vós no Senhor... e que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra".

Esta troca de pecado pode também ser vista em jovens da universidade, os quais em sua juventude viviam de modo totalmente dissoluto em sua conduta, mas, ao chegarem a idade mais avançada, consideram o ganho como piedade; e, na medida

¹² No original, *hedge priest*, termo depreciativo para clérigos analfabetos ou de baixa condição.

em que a religião possa servir para enriquecê-los, nessa medida são professores dela. Estes e semelhantes não fizeram ainda uma venda do pecado, mas uma troca.

Satanás, todavia, vai mais além e induz alguns homens a fazerem uma troca mais perigosa do que esta, levando-os de um extremo a outro. Pois muitos, tendo-se entregado antes a praticar a iniquidade, e isso com avidez, e a cometer os pecados mais grosseiros, ao abandonarem agora esse caminho ímpio externo, inflam-se de tal modo no orgulho de seu espírito que se tornam novos homens que, por assim dizer, pensando bem demais de si mesmos, correm para o outro extremo ao buscar coisas que estão além do seu alcance; por cuja impiedade ocorre que as boas graças de Deus frequentemente caem por terra, e os filhos de Deus sofrem por causa deles. E assim vemos que muitos não tanto vendem, mas trocam os seus pecados.

Mas deve ser de outro modo conosco se pretendemos obter este tesouro: de tal modo devemos nos apartar da religião corrupta que não admitamos falsas seitas e heresias; de tal modo devemos abandonar a impiedade e os costumes corruptos que doravante não retornemos a eles; e devemos, como a Escritura requer, abandonar a mera aparência de profissão da religião e passar à prática estrita dela.

Em *segundo* lugar, todo pecado, e não apenas alguns, deve ser abandonado e vendido por aquele que quer desfrutar deste tesouro. Muitos contentam-se em abrir mão de alguns pecados, mas não de todos. Herodes ouvia a João Batista de bom grado e contentava-se em dar-lhe ouvidos quando pregava o arrependimento; mas, quando João lhe disse que não lhe era lícito ter a mulher de seu irmão, não quis mais ouvi-lo, mas lançou-o na prisão e ordenou que fosse decapitado. O jovem do

Evangelho havia vendido muitos pecados e nutria muitos bons pensamentos em si, de tal sorte que se diz em Mc 10:21¹³ que Jesus o amou; mas, quando Cristo lhe disse que, se quisesse segui-lo, deveria deixar as suas riquezas, preferiu afastar-se de Cristo a afastar-se de suas riquezas. Ananias e Safira, em At 5, possuíam muitas coisas boas em si, tanto que venderam suas propriedades e depositaram parte do valor aos pés dos apóstolos; mas, agindo com falsidade para com os apóstolos e desconfiando da providência de Deus, retiveram parte do valor de suas propriedades, pelo que, mediante o ministério de Pedro, ambos foram imediatamente privados de suas vidas. Judas também, sem dúvida, possuía muitas coisas boas em si, de outro modo Cristo não o teria feito apóstolo; tampouco seria possível que, ouvindo a Cristo por tanto tempo, não colhesse algum proveito disso; mas, contudo, secretamente apropriava-se dos bens da Igreja e comprou para si não este campo onde estava o tesouro, mas (como dele se diz) um campo de sangue.

E assim vemos que há nos homens um abandono parcial, e não total, dos pecados. Mas tais homens devem saber que não fizeram o suficiente para obter este tesouro ao deixar algumas faltas e reter outras. Pois é verdadeiro o que diz o apóstolo Tiago em Tg 2:10: "Porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos". O apóstolo prova isto por um exemplo: se um homem faz acepção de pessoas, torna-se implacável para com aquele a quem não respeita. Ora, a falta de misericórdia refere-se ao homicídio; e aquele que disse: "Não cometerás adultério", disse também: "Não matarás". Ora, se não cometes adultério, mas matas, tornas-te transgressor da lei. Aqueles, portanto, que fazem uma aparência externa de

¹³ No original consta o versículo 24, mas a passagem corresponde ao versículo 21.

religião, mas ainda guardam o pecado em seus corações, saibam que, se guardam o pecado em parte, perderão a graça por inteiro. Portanto, nossos pecados devem ser deixados, não alguns, mas todos; não parcialmente, mas totalmente.

Em *terceiro* lugar, os homens devem vender o pecado de uma vez e para sempre, e não por um momento ou breve tempo. E nisto podemos facilmente ver que muitos homens antes deixaram o pecado por uma temporada do que dele se arrependeram verdadeiramente; e, por isso, ocorre-lhes voltar com o cão ao seu próprio vômito e com a porca lavada a revolver-se no lamaçal.

Ora, se alguém perguntar qual é a razão de alguns homens, após terem escapado das imundícias do mundo, verem-se novamente nelas enredados, respondo: porque tais homens nunca chegaram a uma dor sincera por seus pecados. E daí provém que muitos, sendo renovados e dotados de alguns dons da graça, contudo, por estarem manchados com o orgulho interno e a concupiscência do coração, e não trabalhando com todas as forças para serem libertos disso, tornam-se muito piores do que eram antes.

O arrependimento de muitos que foram papistas, ateus e cujas vidas foram manchadas pela fornicção, danos aos seus irmãos ou outras faltas grosseiras resume-se apenas em terem deixado esses pecados; mas tais homens, nunca alcançando o verdadeiro remorso por suas faltas, caem por isso nelas novamente, ou em piores, se for possível. Aos quais o apóstolo Tiago, no capítulo 4, diz: "Alimpai as mãos, pecadores; e, vós de duplo ânimo, purificai os corações. Senti as vossas misérias, e lamentai, e chorai; converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo em

tristeza".¹⁴ Onde o apóstolo mostra que não basta ao homem que ofendeu (como a meretriz que agiu mal) limpar a sua boca e vir à igreja; mas eles, tendo desagradado ao Senhor, devem chorar e lamentar até chegarem a uma dor sincera, que seja proporcional à medida de seus pecados. Pois pecados graves devem ser chorados com grande dor, assim como doenças graves devem ser curadas com remédios fortes. Conforme está em Zc 12:10: "E chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito". Deve haver neles um grande pranto, como o pranto de Hadade-Rimom no vale de Megido pela morte do bom rei Josias. Exatamente assim devem os homens prantear por terem traspassado a Cristo com seus pecados e ferido-o com suas abominações.

E os homens devem saber que algumas lágrimas secas, quando ofenderam, não constituem arrependimento suficiente nem sacrifício a Deus; mas devem rasgar os seus corações, entristecer-se intimamente e converter-se ao Senhor. Ora, muitos são de tal modo atingidos pelo senso e sentimento de seus pecados que são movidos a confessar e expor a sua impiedade de tal maneira que se pensaria que seriam tais que, para sempre, viveriam no temor de não mais ofender ao Senhor; mas estes, após receberem algum consolo pela Palavra sobre os seus pecados e verem que são perdoáveis — não distinguindo entre estas duas coisas: que uma coisa é terem seus pecados remissíveis, e outra coisa é assegurarem-se de que estão remidos —, após, digo, receberem este consolo pela pregação da Palavra, não se esforçando mais por serem renovados e plenamente reformados, embora tenham tido alguma tristeza por uma temporada, contudo, por não se examinarem mais de perto e não buscarem purificar-se tanto do pecado interno quanto do

¹⁴ Tg 4:8, 9.

externo, e por não se transformarem por completo em uma nova vida santa e justa; por isso ocorre que o amor da justiça se afasta deles e eles retornam ao seu antigo rumo, tornando-se presas fáceis para os jesuítas e sacerdotes da missa, tamanha é a sua profanidade. E isto porque repousaram apenas nas promessas universais de Deus; as quais, embora sejam todas mui verdadeiras e consoladoras, não podem ministrar verdadeiro consolo e consolação à alma do homem a menos que ele faça uma aplicação particular delas a si mesmo.

Por fim, há alguns que gostariam de parecer, perante a Igreja, ter abandonado e vendido os seus pecados e feito uma reforma plena e perfeita de suas vidas passadas mal gastas, os quais, não obstante, abrigam e nutrem pecados em seus corações, que mais tarde eclodirão e revelarão a sua hipocrisia. E isto fazem porque foram apenas um pouco iluminados com o lampejo do Espírito Santo e não foram verdadeiramente reformados no íntimo; o que é evidente no fato de buscarem aprovar-se mais diante dos homens do que diante de Deus, nutrindo em seus corações o amor-próprio secreto, como ao mostrarem-se zelosos até alcançarem alguma promoção, ou com o propósito de que, percebendo muitos o seu zelo, corram atrás deles para os ouvir, e assim consigam para si fama. Aos quais, assim que Satanás começa a esbofetear um pouco, desviam-se e mostram que haviam vendido o pecado apenas por uma temporada.

Isto é contrário ao caminho que os verdadeiros ministros de Deus e aqueles que o temem retamente devem seguir, pois é dever deles buscar o louvor de Deus, e não o de si mesmos; desejar o proveito do povo de Deus, e não o seu lucro privado, sabendo que não servem a homens, mas a Deus, e que devem professar a religião religiosamente, colocando diante de seus olhos o louvor de Deus, a coroa da glória imortal, a salvação das

almas e a aceitação de seu trabalho perante Deus. E todos os homens devem desejar antes ser religiosos do que parecer sê-lo, entregando-se aos exercícios da oração privada, da leitura, do jejum, da admoestação privada, da edificação mútua e outros deveres privados, em tal tempo e em tal lugar onde não necessitem vangloriar-se de nada feito, visto que é realizado em segredo; o que, quem quer que faça, assegure-se de que não há nada tão oculto que não venha a ser revelado, seja bom, seja mau.

Se fizermos isto, não seremos do número daqueles que, tendo começado no Espírito, terminam na carne; ou daqueles que servem a Deus por uma temporada e, ao fim, desviam-se dele e de seu serviço. Sem dúvida, é algo terrível ver alguns que foram eles mesmos uma luz para os outros virem agora a recuar da verdade de Deus, de modo a se tornarem papistas, ou membros da Família do Amor, ou de alguma outra heresia. A causa disto é que o seu íntimo estava corrompido e não foi totalmente curado por um arrependimento eficaz.

E isto basta quanto aos pecados grosseiros.

Ora, quanto às enfermidades da natureza que permanecem sempre nos melhores homens, esta corrupção interna deve ser vendida também; pois não basta deixar os pecados externos e grosseiros se não subjugarmos também a corrupção interna de nossa própria natureza. E embora não possamos apagar de todo esta nossa corrupção natural, contudo a justiça de Cristo pode ser de tal modo residente e habitar em nós que não apenas nos guardará de ultrajes e ofensas externas grosseiras, mas também conterà e limitará as nossas corrupções naturais. Tampouco devemos julgar suficiente vender os frutos de nossa natureza corrupta, mas devemos também vender a própria corrupção;

pois, como vemos, enquanto a árvore permanece, sempre brotarão alguns ramos; exatamente assim ocorre com os filhos de Deus: enquanto a corrupção da natureza reina neles, rompem em umas ou outras ofensas. A maioria dos homens não faz nenhum caso ou escrúpulo destas pequenas faltas; mas deve ser de outro modo conosco, ou então não poderemos senão desagradar grandemente a Deus. Pois, assim como um rio seca até a fonte, se deixarmos de o esvaziar por completo, ele aumentará novamente; assim, a menos que os filhos de Deus subjuguem a sua corrupção natural, embora não pequem como os réprobos e ímpios em pecados monstruosos contra Deus, sofrerão grandes quedas.

Portanto, não devemos, com a mulher de quem o poeta fala, ver e reconhecer as coisas boas e legítimas, e seguir o que é mau;¹⁵ tampouco devemos ser como os filósofos, cuja razão luta com o seu apetite; mas devemos lutar tanto com a razão quanto com o apetite, devemos ser como novas criaturas nascidas de novo, e devemos estar mais dispostos a suportar toda a vergonha e opróbrios do que a cair e pecar para a desonra de Deus, entristecendo-nos ao nos percebermos prontos a desagradar ao Senhor.

O apóstolo Paulo, em Rm 7:23, diz de si mesmo: "Mas vejo nos meus membros outra lei, que guerreia contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros". Aqui o apóstolo mostra o seu cativo sob o pecado em razão de sua corrupção interna. Ora, quando os homens estão em prisão ou cativo, são alimentados com o pão da adversidade e da aflição; por isso, o apóstolo, contemplando

¹⁵ Alusão à célebre frase de Medeia em Ovídio: *Video meliora proboque, deteriora sequor* / "Vejo o melhor e o aprovo, mas sigo o pior".

a miséria em que se encontrava por natureza, na figura de um homem verdadeiramente regenerado, diz: "Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?". Aqui ele clama contra si mesmo da verdade de seu coração, ao perceber-se corrupto por dentro. Exatamente assim devem fazer os filhos de Deus, e devem ter o escrúpulo de subjugar a sua corrupção, ou então aquela fonte imunda continuará crescendo, e verão que ela operará neles de tal modo que (ainda que Satanás estivesse longe e nada fizesse) os afastaria e arrastaria de Deus, a menos que a suprimam e nela meditem continuamente.

Isto é doloroso para os ímpios, mas mui alegre e agradável para os filhos de Deus quando vendem todos os seus pecados para sempre; pois quanto mais vendem deles, tanto mais doce e consolador lhes será.

Além disso, temos um adversário dentro de nós, a saber, o espinho na carne, o mensageiro de Satanás, como o apóstolo o testemunha de si mesmo em 2 Co 12:7: "E, para que não me exaltasse pelas excelências das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de que não me exalte". Quem ou que homem foi mais dedicado ao trabalho do que o apóstolo Paulo? Quem passou por mais perigos pelo testemunho da verdade de Cristo? Quem foi mais zeloso em promover o Evangelho de Cristo Jesus? Não puderam todas as vigílias do apóstolo, todos os seus jejuns, os seus perigos, as suas orações contínuas — enfim, não puderam todos os seus dons e graças que nele habitavam abundantemente subjugar e curar este orgulho e arrogância do espírito nele? Quem, portanto, ou o que somos nós para pensarmos que podemos obter tão facilmente a vitória sobre o pecado, visto que o apóstolo, que foi arrebatado até ao terceiro céu, não o pôde fazer?

Quando todos os outros pecados cessam no homem, e quando ele se julga seguro do pecado, então vem o orgulho, pois este surge do fazer o bem; e, por isso, o apóstolo disse que o espinho na carne o esbofeteava e golpeava. Com isso ele mostra que este pecado era tão doloroso para a sua alma que lutava contra o pecado e Satanás assim como Cristo lutou contra este quando, após ser batizado, foi por ele tentado. Exatamente assim ocorre com os filhos de Deus: quando são libertos, por assim dizer, inteiramente do pecado e se julgam mui distantes de ofender a Deus, então Satanás vem como um anjo de luz, buscando por este meio enganá-los, para que no fazer o bem se agradem excessivamente de si mesmos e, assim, desagradem a Deus.

Por isso, o poder de Deus deve se manifestar em nossas fraquezas. Pois, como diz o apóstolo, o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza; e, portanto, quando nos sobrevier qualquer tentação, devemos nos acautelar tanto para não fazermos pouco caso dela quanto para não termos medo excessivo dela. Pois, assim como ocorre com o inimigo corporal, o mesmo se dá com o espiritual: se fores descuidado, o teu adversário te atacará desprevenido; se fores temeroso demais, ele te vencerá logo no primeiro assalto. Exatamente assim é com Satanás: se estiveres seguro e não fizeres caso dele, ele te surpreenderá repentinamente dormindo; se fores temeroso demais, ele buscará a tua destruição.

Portanto, presta muita atenção a Satanás e vê que não faças pouco caso de suas tentações, mas considera sempre contigo mesmo que o diabo está sempre batendo à porta, pronto para entrar em ti se tiveres apenas um pensamento mau. Acautela-te, pois, para que, em razão de tua segurança carnal, o diabo não entre em ti. Sê humilde em tua alma, como convém ao filho de Deus; por outro lado, não o temas em demasia, mas sabe que

Deus, Cristo Jesus, o Espírito Santo, os anjos no céu e todos os santos de Deus na terra tomarão o teu partido contra ele.

SERMÃO 11. Da Batalha Cristã

Efésios 6:10, 11, 12: 10. No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. 11. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. 12. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.

Depois de o apóstolo ter empregado a doutrina geral e nela fundamentado exortações particulares, ele retorna de seus pontos específicos novamente para a exortação geral, como podemos ver nestes versículos. Neles, exorta-os a permanecerem firmes e fortes, e por isso os faz lembrar da armadura, sem a qual necessariamente ficariam expostos aos seus adversários. O perigo disso é tanto maior quanto mais implacáveis são os seus adversários; e por essa causa o apóstolo passa à descrição daqueles com quem devem guerrear. Posteriormente, as diversas peças e partes de nossa defesa são apresentadas, etc.

Mais claramente, estas coisas são dignas de nota:

- *Primeiro, a exortação em si mesma, nestas palavras: "Fortalecei-vos no Senhor".*
- *Segundo, o caminho para permanecer firme, revestindo-se da armadura de Deus.*
- *Terceiro, a razão, que é: "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue" somente, etc.*

- *Por fim, uma descrição das armas e da própria armadura.*

"No demais", isto é, para concluir, ou o que resta, ou recebi isto como a conclusão e corolário de tudo: não deveis julgar que seja coisa simples professar o Evangelho de Cristo, como alguns pensam; nem, por outro lado, deveis desanimar diante das dificuldades da profissão de fé. Assim como, por um lado, deveis pensar constantemente em uma batalha e não sonhar com a paz; da mesma forma, deveis saber que o Senhor vos equipará até mesmo com a sua própria armadura para esse fim.

Assim ele aponta dois extremos comuns aos cristãos, a saber: ou se esquecem de que estão em uma guerra, caindo na segurança e na presunção, e julgam-na menor do que é, ou então se desanimam excessivamente à primeira vista dela e, assim, rendem-se desesperadamente antes mesmo de lutar.

Mas maravilha-se alguém aqui de que Paulo fale deste modo aos filhos de Deus e a cristãos mui aprovados? A estes respondo que, além de outras miseráveis experiências de tempos passados e do tempo presente que o declaram de forma mui aberta, Davi, um filho querido de Deus, e Pedro, um cristão professo e aprovado, bastarão para os ensinar neste ponto. Pouco se pensaria que Davi possuísse um coração adúltero ou uma mão sangrenta; se alguém dissesse a Pedro que ele negaria o seu Soberano Salvador, isso seria motivo de contenda. Mas, visto que Davi recuou no conflito e Pedro falhou na provação, acautemo-nos para não sermos Davis ousados nem Pedros orgulhosos, falando mais do que aquilo que provamos em nossos corações. Sem dúvida, Pedro falou com simplicidade e conforme pensava; contudo, não via o que pensava, não conhecia o seu próprio coração.

Uma coisa é, como os filhos de Deus bem o podem dizer, ter um conhecimento geral de nossa força, e outra coisa é ter um sentimento particular dela. Lembremo-nos, pois, constantemente daquele celestial apotegma: *Quem quiser seguir a Cristo, negue-se a si mesmo*. Ora, se Satanás nos encontrar sábia e cautelosamente instruídos neste ponto, então ele vira a página e passa a operar o nosso desespero. Apresenta-nos então as dificuldades da piedade, a nossa fraqueza e o número de nossos obstáculos, para nos levar ao desânimo; mas este é o mal mais raro. Assim Satanás, encontrando outra corrupção, adota outro curso conosco: se não consegue fazer de nós cristãos fáceis e negligentes, fará de nós cristãos abatidos. Para erguer tais corações desfalecidos, o apóstolo clama: *Fortalecei-vos*; e para que ninguém replique sobre a sua própria falta de força, Paulo mostra que força e de quem é a força a que se refere, a saber, a força de Deus: *e na força do seu poder*.

Esta força nos é requerida quando vemos que não é bom lutar com Satanás usando as suas próprias armas. Ele é um sofista: não disputeis com ele usando a lógica dele; ele é um orador: acautelai-vos com a sua eloquência; ele é um príncipe: prestai atenção ao seu poder. Assim como Satanás, em sua própria causa, utiliza a sua própria força, também nós, na causa do Senhor, devemos confiar na força do Senhor. Esta doutrina requer antes meditação do que declaração; requer antes consciência do que mero conhecimento a seu respeito.

Ora, para mostrar como devemos ser fortes, acrescenta-se: *Revesti-vos de toda a armadura de Deus*, etc. É uma comparação agradável e proveitosa a que se emprega aqui para mostrar o estado dos cristãos. Assim como soldados simples que vão para o acampamento militar não podem esperar nenhum bom resultado se estiverem despidos e desarmados, de igual

modo nós, se em nossos conflitos diários permanecermos desprotegidos, não podemos esperar outro fim senão sermos vencidos.

Mas três coisas aqui se nos apresentam:

- *Primeiro, deve ser a armadura de Deus.*
- *Segundo, deve ser toda a armadura.*
- *Terceiro, ela deve ser vestida.*

Há alguns que, no orgulho de seu intelecto e na opinião de seu saber e astúcia, maravilham-se de que almas simples caiam de forma tão fraca sob as mãos de Satanás. Mas, infelizmente, se uma única tentação os abala, se uma ferida na consciência os machuca, veem que nenhum saber senão o saber que vem do céu, nenhuma sabedoria senão a sabedoria do Espírito os pode ajudar. Satanás os vencerá em sua própria armadura, e a causa de Deus é defendida com a força do próprio Deus.

Ora, que devemos nos revestir de *toda* ela é evidente; pois, assim como seria digno de ser tido por tolo aquele que, com apenas uma peça de armadura ou com poucas delas, se aventurasse na batalha — visto que o inimigo golpeia antes a parte desprotegida do que todas as outras cobertas —, o que seria ter uma graça de Deus e carecer de outra? O que seria deixar um pecado e reter muitos outros, ver uma carência e odiar uma corrupção, e contudo jazer exposto em tantas outras?

Por fim, devemos *vestir* a nossa armadura. Admitamos que um homem tivesse o seu arsenal mui bem provido e as suas armas mui testadas; se ele não sabe vestir a sua armadura ou, estando armado, carece de habilidade para a usar, de que lhe aproveitará isso quando o inimigo bater à sua porta? Da mesma forma, por

melhores que sejam as coisas que eu possua, se na tentação eu não souber como usá-las ou como agir com elas, como poderei resistir aos assaltos de Satanás?

Esta coragem não deve ser comum nem proceder de nós mesmos, mas sim de Deus, e na força de Deus, e no poder de sua força. E para acrescentar mais aos exemplos anteriores, considerai como Noé, ao presumir de si, provou-se fraco; como Ezequias, após muitas angústias, nada suspeitando de si, caiu, pois, deixando-o o Senhor, ele foi vaidoso até mesmo diante dos inimigos de Deus. Até este ponto os próprios servos de Deus se enganaram na opinião de sua força; não por serem hipócritas grosseiros, mas por não verem a corrupção de seus próprios corações; e, por isso, quando chegaram ao combate corporal, foram derrotados. Sem dúvida Pedro, como dissemos, e os demais apóstolos não tinham o propósito de enganar os olhos dos homens; contudo, caíram.

Quem somos nós, então, não possuindo tal força, se o Senhor nos permitir ver a nossa fraqueza ao retirar de nós o seu Espírito? Por que haveríamos de pensar bem de nós mesmos? A lembrança recente e lamentável mostra que muitos antigos defensores do Evangelho são agora professores frios; alguns tornando-se heréticos, outros epicureus, outros mundanos. Não é encargo pequeno nem fardo leve o cristianismo, pois muitos buscam o caminho estreito e não conseguem entrar, sendo muitos, na prática ou de outro modo, claramente ateus.

E certamente isto nos deve ensinar que os santos de Deus, na tentação e na acusação, necessitam buscar sabedoria e força, pois devemos aprender a sabedoria pelos danos alheios, para que na tribulação não sejamos daqueles que vacilam na aflição. Aqui se apresenta oportunamente a admoestação de nosso Salvador

Cristo: se quisermos vir a ele, devemos sair de nós mesmos e julgar que nenhum intelecto, sabedoria, razão ou força subsistirá na tentação se o Senhor não nos guardar.

Somos tanto na edificação quanto na batalha. Para a edificação, devemos providenciar material suficiente; para a batalha, devemos providenciar equipamento suficiente. Devemos calcular nossos custos de antemão, devemos estimar nossos recursos, prestar contas de nosso arsenal, consultar a nossa capacidade; porque, se o cristianismo é edificação e guerra em conjunto, devemos providenciar tanto a colher de pedreiro quanto a espada em conjunto, para que, encontrando tempestades difíceis, não recuemos com vergonha.

E o que nos torna tão seguros senão o fato de pensarmos que a profissão cristã é apenas algo simples? E para ir mais além, por que ocorre que pregadores que frequentemente disputam em debates se veem confundidos em seus conflitos internos, e campeões mais corajosos revelam-se os mais covardes, senão por confiarem em si mesmos?

Mas, ó malícia de Satanás! Ó corrupção da natureza! Se tu, Satanás, não consegues nos fazer presumir, farás com que nos desesperemos; ó natureza vil, a tua presunção é o caminho para o desespero. E para falar desta última extremidade, que é o mal menos curável: se Satanás se deparar conosco quando percebermos a nossa fraqueza, certamente buscará nos conduzir ao desespero. É uma tentação certa para impedir a fé (fé que, em sua perfeição, é tão difícil quanto cumprir a lei); e é astúcia de Satanás: se ele nos vir caídos uma vez, manter-nos-á caídos e argumentará com todas as nossas carências. Se dissermos que não temos sabedoria, ele o confirmará; sim, fará com que desesperemos não apenas de nossa sabedoria, mas da sabedoria

de Deus em nós. Mas lembra-te de que aquilo que não está em nós está em Cristo. Lembra-te de que a força de Deus deve ser vista na nossa fraqueza.

Necessária, portanto, foi esta repetição de Paulo concernente à força e ao poder de Deus. Na tentação dizemos: "Somos fortemente tentados"; Paulo diz: "O Senhor nos socorrerá fortemente".

Mas aqui notai uma diferença entre as exortações da Lei e as do Evangelho. As exortações da Lei matam; as exortações do Evangelho vivificam. Pois aquele que julga dever fazer o bem como deve fazê-lo, e deixar o pecado como deve deixá-lo, encontrará corrupção em tudo. Disto provém que muitos digam: "Não vejo nada na oração e em todas as boas coisas senão hipocrisia". Está bem; julgavas estar vivo, mas estás morto.

Mas, para chegarmos à diferença mencionada, as exortações da Lei nos constroem sob pena de morte; as exortações do Evangelho ordenam aquilo que Cristo está pronto a nos dar, e não nos cobram tanto que o façamos, mas sim que creiamos que Cristo, por seu bendito Espírito, operará toda coisa boa em nós. Pois o Evangelho, sendo o ministério da vida, dá vida e força do alto quando estamos mortos e fracos. O não discernimento desta diferença faz com que muitos bons preceitos caiam por terra. A Lei, de fato, revela o pecado, mas o Evangelho cura o pecado; a Lei fere, e assim deve fazer, mas o Evangelho nos sara, o que a Lei jamais poderá fazer.

Até aqui ouvimos o seguinte: primeiro, devemos providenciar para que lutemos com a armadura de Deus, não com as armas de Satanás, sejam elas o intelecto, a razão, a astúcia, a educação ou coisas semelhantes. Lutamos contra um príncipe e um principado que não carece de intelecto, conhecimento, dons civis

ou qualquer outra coisa do gênero, coisas que foram dadas até mesmo aos pagãos, pois eram homens sábios e eruditos; contudo, muitos deles jazeram em grandes pecados, na idolatria, e alguns terminaram suas vidas de modo terrível.

Não digam os cristãos, pois: "Não tenho eu intelecto, razão e educação condizentes com um homem?". Bem, o mesmo tinham os filósofos e poetas; e, contudo, contemplai os seus frutos, contemplai os seus fins. Neguemos a razão e resistamos ao intelecto próprio, pois certamente falharão na hora da morte e na hora da tentação. Nenhum dom da natureza, nenhum dom da educação pode resistir a Satanás ou ao pecado, a menos que, do céu, Deus nos transforme.

Tampouco é este o pecado apenas dos não regenerados; mas também nos regenerados, os quais, resvalando constantemente para a razão ou superestimando as forças de Deus, são derrotados. E, portanto, vemos muitos serem vencidos, os quais tinham o propósito de resistir; contudo, lutando em sua própria sabedoria, são despojados, por maior que seja o seu propósito. Muitos dirão: "Ora, esta é uma tentação monstruosa, nunca cederei a isto"; e contudo caem. Isto veremos tanto nas tentações quanto nas acusações, quando os homens lutam e disputam usando a razão com um sofista tão sutil; assim, quanto mais lutam, mais se enredam, pois carecem de força para lutar com o homem forte, o qual não será subjugado a menos que vistamos a armadura do homem mais forte, que é Cristo Jesus; armadura que é apresentada mais adiante.

Tampouco basta possuir uma peça da armadura, mas devemos ter toda a armadura; pois de que serve cobrir a cabeça se o peito está descoberto? De que serve ter os braços armados se as costas estão sem proteção? Não podemos evitar os dardos que vêm

contra qualquer lugar. Assim, não devemos ter uma graça e carecer de outra; pois então Satanás entra pelo lugar desprotegido, ele que observa se nos falta o capacete, a manopla, a couraça ou o que quer que seja. Por isso, devemos pensar que Satanás, como soldado astuto, não olha tanto para a parte armada, mas sim para a parte desnuda. Se ele nos vir temerosos dele, então nos tentará ao desespero; se não pudermos ser traspassados pela impureza, então ele nos sacudirá com a avareza. Se nos vir irritadiços e desarmados de amor, então Satanás nos tentará à ira.

Infelizmente, é de nossa natureza fraca reservar um pecado ou outro, e isso dá vantagem a Satanás; somos cortesãos herodianos e cristãos pela metade, estamos quase convencidos com Agripa a ser cristãos; mas devemos ser inteiramente armados, para que não aconteça que, assim como uma mosca morta corrompe o bom unguento, assim também com um único pecado contaminemos muitas graças. Cada um tem o seu pecado de estimação, o qual devemos nos esforçar por perceber como um adversário e combater como um inimigo, seja ele o prazer, a avareza ou o que quer que seja. Visto, então, que percebes algumas graças em ti, humilha-te por aquelas que especialmente te faltam; e naquilo em que estiveres mais desarmado, ora e trabalha por mais ajuda pela graça em Cristo Jesus.

Mas e se tivermos boa armadura e toda a armadura? Contudo, sem o uso dela, poderemos ser estrangulados em nossa própria armadura. E se tivermos boas graças e todas as graças? Contudo, sem a experiência e o uso delas, as nossas almas poderão ser assassinadas no meio delas. Muitos podem vir às assembleias e ouvir, contudo falham ou no conhecimento, ou na prática dele. E certamente o homem é aquilo que ele se revela na tentação. De que serve possuir muitos preceitos contra a ira, e contudo ser

vencido pela ira? De que serve ter regras contra a avareza e ver o resultado disso, e contudo ser um homem avarento?

Saibamos que uma coisa é aprender a lutar contra Satanás, e outra é lutar contra os homens. Nos conflitos materiais há algum tempo de trégua, mas com Satanás não há trégua para nós senão para vantagem dele; contra ele devemos estar armados tanto de noite quanto de dia. Nas batalhas externas os invernos fazem cessar a guerra, mas nós não temos sossego nem no verão nem no inverno.

Para que possais estar firmes. O apóstolo descreve os nossos inimigos. Se tivéssemos de lidar apenas conosco mesmos, ou com homens semelhantes a nós, ou com o mundo, necessitaríamos do poder de Deus; mas visto que, além de tudo isso, temos de lidar com todo o exército infernal, muito mais necessitamos disto: não temos apenas de lutar contra a carne e o mundo, mas contra os demônios. Tampouco devemos pensar que Paulo negue neste lugar que devamos lutar contra a nossa própria corrupção, mas ele mostra que não lutamos apenas contra nós mesmos e contra o mundo, mas contra Satanás também, e por isso necessitamos de mais armadura.

Por duas coisas ele descreve os nossos inimigos: por seu poder e por sua sutileza.

- Por seu poder, ele os chama de *principados e potestades*. Este título é dado aos demônios em Rm 8 e Cl 1. De fato, estes nomes são dados aos bons anjos em Ef 1 e Hb 1; de sorte que os títulos que são dados aos bons anjos são dados aos espíritos malignos, os quais, excetuando a santificação, são iguais em dons aos bons anjos; pois, embora estes espíritos tenham perdido a sua bondade, contudo não perderam a sua força e sabedoria.

São *príncipes das trevas deste século*. Deus seja louvado, o governo deles não alcança o céu, mas o mundo — sim, as trevas do mundo. Assim ele distingue o mundo conforme ele é pela criação — e assim Deus é o príncipe dele — e conforme ele é agora pela corrupção — e assim o diabo é o deus deste mundo. Isto nos ensina quando Satanás prevalecerá, a saber, sobre homens que vivem na ignorância e na impiedade. O mundo foi feito bom pela criação, mas degenerou em mal pela corrupção. Vemos que o diabo é chamado de príncipe do mundo, e ele diz de si mesmo que tudo é dele. Não é assim pela criação; mas, pelo justo julgamento de Deus, tudo está em suas mãos para punir os nossos pecados ou provar a nossa fé.

Segue-se falar de sua sutileza nestas palavras: *contra as astutas ciladas*, etc. Assim como as emboscadas são usadas secretamente para minar o inimigo, da mesma forma, por artimanhas, Satanás busca nos enredar. Mas isto é dito de forma mais ampla: *contra as hostes espirituais da maldade*. Se pudéssemos ver o inimigo, ele poderia ser evitado; mas não podemos ver as operações do diabo porque ele é espiritual e, portanto, não podemos discerni-lo nem pelos sentidos, nem pela razão; de modo que ele não é apenas um armador de ciladas, mas de ciladas espirituais. Contudo, notai: embora sejam espirituais, não o são na bondade, mas na maldade.

Nos lugares celestiais.¹⁶ Embora Satanás seja o príncipe do ar, contudo aqui se quer dizer que ele luta contra os homens no conhecimento celestial. Pela criação, possuíam eles muito bom

¹⁶ O pregador refere-se à expressão elisabetana *in heavenly places / in high places*.

conhecimento; a sua bondade perderam, o seu conhecimento retiveram.

Por outro lado, Paulo diz que há um mistério da injustiça, mostrando que, assim como há um mistério da piedade, há também um mistério da maldade; e, portanto, diz-se de Satanás que ele se transforma em anjo de luz. O que ocorre porque ele virá disfarçado em coisas boas, no conhecimento, em exercícios espirituais, e de forma falsa e ímpia fará comentários sobre eles através daquela grande prática e experiência que, desde a sua primeira queda, aprendeu. Assim, Satanás vem disfarçado até mesmo nas coisas boas.

Os homens sábios do mundo, ao distinguirem se o inimigo faz mais dano pela força ou pela sutileza, concluem que o inimigo sutil é o mais perigoso. Infelizmente, estamos em má situação então, tendo de lidar com inimigos não apenas fortes, mas sutis; já seria suficiente lidar com um inimigo que possuísse apenas uma destas qualidades, mas lutamos com aqueles que têm ambas, isto é, tanto força quanto sutileza; de sorte que não sabemos se são mais fortes ou mais sutis.

Há dois usos para esta doutrina.

- Um é que não devemos tratar o inimigo como assunto de pouca importância.
- O outro é que não devemos ser temerosos demais.

Ambos estes extremos são perigosos. Alguns heréticos vis negam que haja um Deus ou um diabo, ou que o diabo seja tão forte e sutil quanto é. De fato, os homens não falarão assim abertamente, mas demonstram-no pela paz que têm em si mesmos em suas vidas, o que revela que os homens não creem que haja uma batalha. Pois vemos que estamos agora em paz; e

por quê? Porque não há inimigos aparentes. Mas se os inimigos estivessem no campo de batalha, não temeríamos? Se crêssemos que Satanás pode assentar-se em nossas consciências, iludindo o discernimento e o entendimento, e lançando uma névoa sobre a razão, não seríamos mais zelosos da razão? Não seríamos mais temerosos de nós mesmos? Certamente que sim.

Consideremos, pois, que, além de nós mesmos (o que já seria suficiente), Satanás acrescenta corrupção tanto ao discernimento quanto ao afeto. E nisto especialmente Satanás se revela um apóstata sutil: ele não se importa se somos sãos no discernimento e corruptos na vida, ou cuidadosos na vida e corrompidos na religião, desde que sejamos dele. Daí provém que os heréticos sejam estritos na vida prática, e os bons cristãos sejam tão descuidados em sua conduta; assim, ou ele extrai conclusões falsas de bons princípios, ou então gloriosos desfechos de premissas estragadas.

Para retornar ao sentido simples destas palavras: o significado não é que não lutamos de modo algum contra a carne e o sangue, mas sim que não lutamos *principalmente* ou *apenas* contra a carne e o sangue. Linguagem semelhante encontra-se na Palavra, como: "Não se chamará mais o teu nome Jacó, mas Israel", isto é, não apenas Jacó. Também na epístola se diz: "O reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder", isto é, o Evangelho não está principalmente ou apenas em palavras. Por outro lado, em Rm 7 e Gl 5, fica claro que lutamos contra a carne e o sangue. E em Jo 15, lutamos contra o mundo.

Portanto, visto que não lutamos contra nós mesmos apenas, mas contra adversários que nos incitam contra nós mesmos, necessitamos de toda a armadura possível; o que veremos ser ainda mais necessário se considerarmos que já seria suficiente

lutar com um adversário forte ou sábio; mas conflitamos com aqueles que, em força e sutileza, são iguais aos bons anjos. Por seu poder, estes adversários são chamados de Potestades, em Cl 2 e Rm 8. Assim também os bons anjos são Potestades, em Ef 2¹⁷ e Hb 1.

Nisto os espíritos malignos diferem dos espíritos celestiais: estes são do céu e para o bem da Igreja; aqueles são governantes do mundo, isto é, do estado corrupto do mundo; de sorte que todo o poder deles é contra os filhos do mundo. Satanás pode golpear os filhos dos melhores homens, mas matá-los ele não pode. Cristo chama Satanás de "o príncipe deste mundo", e Paulo o chama de "o deus deste século"; Cristo o chama de "um homem valente e armado" ou gigante; contudo, Deus seja louvado, toda a sua força se limita ao mundo.

Bem, então, seja ele mais temível para nós do que Golias para o exército de Israel; seja ele como um leão que ruga, a cuja voz todos os animais indefesos ficam tremendo; seja que ele de tal modo assombre e aterrorize a nossa consciência que não saibamos o que pensar ou falar; contudo, tudo isso redundará em terror para os ímpios.

Mas contemplai: além de sua força, Satanás é espiritual, invisível, difícil de ser discernido e, portanto, mais perigoso, visto que não podemos nos prevenir dele nem de suas tentações que, por estarem acima da natureza e acima da razão, não podem ser descritas, a menos que, acima da natureza e da razão, sejamos ou mui bem ensinados pelo diabo, ou por Deus. Para além desta

¹⁷ No original consta Ef 2, mas a referência clássica às potestades angélicas está em Ef 1:21 e Ef 3:10.

natureza inescrutável, ele ocupa-se de coisas celestiais, mas como uma hoste espiritual da maldade, não da bondade.

Para mostrar como ele é espiritual, vemo-lo nisto: em ser um anjo de luz. Ele tentou a Cristo com as Escrituras; ele colocou os fariseus, com astúcia diabólica, contra Cristo; ele suborna falsos heréticos; sim, as suas sutilezas serão tais, pelo próprio testemunho de Cristo, que até os eleitos, se fosse possível, seriam enganados. E Paulo, falando apenas do filho de Satanás, o anticristo, relata que ele virá com grande poder, sinais, etc. Apenas isto é o nosso consolo: que esta sabedoria de Satanás não passa de maldade, que é a única coisa que os distingue dos bons anjos, com os quais em sabedoria e força Satanás é igual.

Aqui deveríamos nos envergonhar por desejarmos antes o saber, a sabedoria humana e o poder — nos quais Satanás e os homens ímpios têm sido não apenas iguais a nós, mas superiores a nós —, e desejarmos menos a bondade, na qual somos semelhantes a Deus, aos bons anjos e aos filhos de Deus. Pois este pode ser um sinal especial de que pertencemos a Deus: quando desejamos antes a bondade do que aquelas outras qualidades nas quais somos iguais apenas ao diabo. Por mais instruídos que sejamos, ele é mais instruído; por mais fortes que sejamos, ele é mais forte.

Pois não é ele poderoso em força, a ponto de poder perturbar o ar, como fez contra Jó, e com tanta frequência faz daquela maneira violenta que nenhum filósofo natural consegue dar uma explicação para isso? Em Êxodo, sabemos que o Senhor usou anjos maus para perturbar as águas. No Salmo 78:49, diz-se que o Senhor enviou anjos maus para atribulá-los.

E assim como a piedade é um mistério, também há um mistério da injustiça; e o Senhor, enviando a operação do erro (2 Ts

2:11)¹⁸ sobre aqueles que não receberam o amor da verdade, diz-se que o faz pela operação de Satanás; de sorte que, embora o Senhor seja o realizador supremo, Satanás é o instrumento.

O que diremos da fúria do pecado nestes dias? O que diremos de como Satanás diariamente nos enfeitiça no paganismo, ateísmo, maquiavelismo, anabatismo, etc.? Não é tudo isso suficiente para provar que Satanás, ao recrutar os homens mais sábios do mundo para o seu serviço, representa uma hoste espiritual da maldade? De onde provém que, de repente, um homem pobre se torne um artista astuto? Ou que um homem ignorante passe imediatamente a falar em diversas línguas? Ou que almas simples se revelem debatedores sutis? O que faz com que o pecado seja hoje em dia praticado de modo tão sutil, tão oculto, tão inteligente? Por que os homens, para sustentar o papismo, abrem mão de todos os seus bens e permitem que os seus corpos sejam açoitados? Não provam tudo isso que Satanás representa uma hoste espiritual da maldade?

Por outro lado, se olharmos para o ápice e o descaramento do pecado, para ver como os homens se vendem ao pecado, devemos dizer que Satanás tem sido forte, poderoso em iludir as mentes dos homens, em endurecer os corações dos homens de tal modo que palavra alguma os consegue penetrar. Por isso é que Paulo diz que os homens estão cegos em seus entendimentos; por isso Paulo queria que tolerássemos e suportássemos aqueles que Satanás mantém presos em suas cadeias, em 2 Tm 2:25, 26.

Vejam aqui uma diferença entre os pecados dos piedosos e os dos ímpios. Os ímpios enfurecem-se e planejam estratégias; os

¹⁸ No original consta 2 *Thess.* 1, mas a passagem corresponde a 2 Ts 2:11.

piedosos, por um tempo, podem estar sob o poder de Satanás (2 Tm 2), mas pecam por enfermidade, e não por se venderem voluntariamente ao pecado. Temos grande motivo de gratidão por não estarmos enfurecidos em pecados infernais, pelo fato de sermos pecadores simples e arrependidos. Além disso, os piedosos são simples, e os ímpios são sutis no pecado. Temos grande motivo de gratidão porque Cristo, o homem mais forte, venceu. O diabo tem poder, mas por concessão; tem força, mas por limitação; tem vigor, mas nas trevas. Temos grande motivo de gratidão, visto que Cristo possui sabedoria suficiente em Deus para vencer a sabedoria de Satanás no mal.

Embora, pois, Satanás seja forte, ninguém é maior do que o Pai, ninguém mais poderoso do que Cristo, o qual subjugou Satanás debaixo de seus pés. Temos grande motivo de gratidão porque Cristo não apenas vencerá ele mesmo em sua presença, mas em nós também, por seu poder, ele vence.

Outro uso disto é discernir quando as nossas tentações provêm da corrupção natural ou da malícia de Satanás. A isto respondemos que, assim como os nossos inimigos são descritos pelo poder e pela astúcia, da mesma forma, quando as tentações vêm de modo tão forte e sutil que superam a razão, então o adversário abusa de nossa fraqueza; as nossas próprias tentações internas vêm de modo mais brando e fácil. Mas quando estas tentações nos arrastam com mais violência, então não lutamos apenas contra a carne, mas contra adversários espirituais.

No livro de Êxodo,¹⁹ faz-se menção de um "espírito de ciúmes", o qual é mais do que o ciúme natural. No livro de Juízes, um espírito maligno foi enviado entre Abimeleque e os cidadãos de

¹⁹ Na verdade, a menção ao "espírito de ciúme" encontra-se em Números 5:14.

Siquém, o que representava mais do que a fragilidade da carne. No Evangelho, faz-se menção de um espírito imundo retornando com mais sete espíritos piores; de sorte que a atração de nossa afeição provém de Satanás, como Cristo disse sobre a operação de Satanás em Pedro: que Satanás buscava peneirá-lo e lidar com ele. E de fato Satanás de tal modo o intimidou e circundou que ele falou o que não sabia; de sorte que isto acometeu não apenas os ímpios, mas os piedosos; assim como Satanás de tal modo obscureceu o entendimento de Davi que o induziu a numerar o seu povo.

Disto decorre que oremos para não sermos levados em tentação, porque, embora estejamos bem-intencionados, tantas razões vãs se agitam em nós e nos arrastam à força por outro caminho que podemos perceber algo mais do que a mera natureza.

Da mesma forma, quando somos levados por alguma afeição de modo tão forte, sem nenhum objeto aparente, que, ainda que a nossa vida disso dependesse, não conseguiríamos nos conter. Quando Paulo, em Ef 4:26,²⁰ ordena-nos "Irai-vos e não pequeis", mostra que há uma afeição natural sem pecado; mas porque as nossas afeições são desregradas e misturadas com o pecado, ele diz que, ao agir assim, "damos lugar ao diabo".

De modo que há uma grande diferença entre a ira natural e a ira carnal pecaminosa, a qual, além do instinto da natureza, é operada por Satanás. E, portanto, assim como é bom deter as primeiras fissuras nos diques por temor de maior perigo, também é bom aniquilar os primeiros movimentos do pecado pela Palavra, pela oração, pelo jejum e pela admoestação, para que, dando rédeas às nossas afeições, elas não nos dominem e nos

²⁰ No original consta Ephes 5, mas a passagem corresponde a Ef 4:26.

inundem por completo, e assim sejamos levados a pecados estranhos e furiosos.

Portanto, em primeiro lugar, sejamos gratos por sabermos como prevenir o pecado (pois podemos logo deixar entrar um hóspede que não conseguiremos colocar para fora facilmente) e esforcemo-nos por reprimir tais males violentos.

Ainda outro uso desta doutrina é que devemos ponderar quantas vezes lidamos com mais do que simples homens quando lidamos com heréticos, ou com homens irados e violentos, os quais frequentemente são incitados por Satanás, de sorte que arruinam a si mesmos e aos outros. A ignorância desta doutrina gera ciúmes, queixas e malícia; de modo que, quando pensamos em nos vingar dos outros, vingamo-nos de nós mesmos. Isso ocorre hoje sem justa causa; e mesmo se tivermos uma causa justa, contudo, por falta de amor, sabedoria e humildade, arruinamos a nossa boa causa, endurecemos os nossos adversários e prejudicamos a nós mesmos.

Não devemos resistir à astúcia com a astúcia, nem retribuir o mal com o mal, mas, com sabedoria, sermos longânimos, perdoadando ao homem como gostaríamos de ser perdoados por Deus. Por esta causa, lutai.

Ele nos ordena que não façamos tréguas com o nosso inimigo; embora o nosso inimigo seja forte e sutil, contudo, lutando sob o comando de Cristo, devemos permanecer firmes. Cristo o subjugou por nós e o subjugará por nós. Devemos nos lembrar constantemente de resistir com a armadura de Deus, a qual tão certamente excede a armadura de Satanás quanto o céu excede a terra ou o inferno.

Por falta desta armadura, vemos homens sábios, cortesões e honestos caírem em pecados horríveis. Por falta desta armadura, ocorrem tais disputas com Satanás travadas por almas simples, que não são capazes de discernir qual é a verdadeira armadura. Por falta desta armadura, cristãos imaturos e consciências atribuladas, buscando a sua própria armadura antes que a armadura de Deus, enredam-se nos labirintos mais perigosos.

Ora, a nossa armadura deve ser completa: alguns possuem um bom coração, mas não uma boa vida; alguns têm uma boa vida, mas não têm fé; alguns têm fé em parte. Isto provém da falta de conhecimento: se conhecem a Palavra, não oram; alguns oram, mas não com constância.

Para chegarmos à armadura, notai: antes foi dito: *Revesti-vos*; agora se diz: *Tomai a armadura*. Vemos que aqui não há trégua entre nós e Satanás, como nas guerras civis, mas devemos continuamente dizer, como Jeú a Jezabel: "Que paz pode haver para a minha alma com Satanás?". Não devemos ser como a segura Laís,²¹ nem como os babilônios descuidados, para que não sejamos surpreendidos pelo inimigo.

É bom ver o pecado antes pela experiência particular em nós mesmos do que pelo conhecimento geral nos outros. Se nos pedirem um julgamento sobre o pecado em outro homem, saberemos apontar cada parte dele; mas se aplicarmos esse mesmo pecado a nós mesmos, nada saberemos dizer. De modo que vemos que é fácil conhecer o pecado, mas é difícil sentir a prática contra ele. Não deixemos, pois, a armadura pendurada na parede, mas vistamo-la.

²¹ Cidade cananeia que vivia em falsa segurança, destruída pela tribo de Dã em Juízes 18.

Aqui, notai uma coisa: é uma astúcia do diabo nos convencer de que não há diabo, assim como é astúcia dos magos nos convencer de que não há bruxas. E assim, ele vem no início como uma serpente simples enquanto busca rastejar para dentro; mas, depois que entrou, revela-se um leão que ruga.

Contudo, acautelemo-nos para não temer em demasia, pois isso encoraja o inimigo. Pois, assim como o homem teme o homem que mantém a coragem e persegue aquele que está sem coragem — sim, assim como os animais brutos se tornam mais ousados ao verem alguém que os teme —, da mesma forma o diabo se torna mais ousado se nos vê com medo dele. E, além de o medo secar o sangue e enfraquecer a natureza, ele também nos priva da fé na providência de Deus, a qual nos assegura que o poder de Satanás provém inteiramente de concessão e limitação; ele não pode tocar o corpo sem permissão, muito menos a alma.

O que é manifesto, pois, embora as bruxas prevaleçam em coisas pequenas e insignificantes, contudo, quando chegam aos pontos cruciais, nada podem fazer. Preservativo tão singular para os piedosos é a providência de Deus, assim como o chifre do unicórnio o é para os animais inferiores.²²

Mas nós fortaleceremos nisto a nossa fé: que a cruz de Cristo triunfou contra Satanás em favor dos piedosos (Cl 2) e, portanto, se ele agora nos assalta, ele nos cura antes do que nos mata. Pois, assim como um inimigo, frequentemente pela bondade de Deus, crava a sua espada em uma úlcera antes para drenar aquilo que geraria a morte do que para matar; assim também, muitas vezes, Deus tem o propósito de nos curar do abscesso do orgulho

²² Alusão à lenda medieval de que o chifre do unicórnio neutralizava venenos na água para os outros animais.

precisamente por meio da malícia de Satanás. Tão maravilhosamente pode ele extrair o bem do mal.

O diabo traz a injustiça, nós alegamos a justiça; ele traz o terror de consciência, nós o enfrentamos com a paz; ele oferece a vaidade, nós a recusamos com a verdade; ele vem rugindo, nós o evitamos orando.

Portanto, deve-se fazer aqui a proclamação que se fazia no exército dos israelitas, a saber: que os temerosos voltem para casa e se acautelem de entrar neste conflito. E oponhamos à força de Satanás a força de Cristo, o qual, sendo o nosso pastor supremo, não permitirá que nos percamos, ainda que pareçamos estar na boca do lobo e no profundo vale da morte.

Mas de que serve toda esta armadura? Ela deve ser vestida. Veremos frequentemente que ninguém é tão fraco nas afeições como aqueles que possuem muito conhecimento. Quem discursará melhor contra a ira, de modo geral, do que o homem irado? Quem é mais severo contra a libertinagem na educação do que a meretriz mais desavergonhada? Por que os homens julgam os outros bem-aventurados quando atribulados na mente, e se consideram malditos quando eles mesmos estão nessa situação? Tudo isso ocorre porque temos a armadura, mas não a usamos.

No dia mau. O dia da tentação é chamado de "dia mau" porque a tentação é má. Tiago chama-o de bom dia, e diz que devemos nos alegrar nele; e assim o é sob o aspecto da sabedoria de Deus, que o converte em bem. De sorte que este pode ser um dia bom e um dia mau sob diferentes aspectos.

*Havendo preenchido tudo.*²³ Em Lc 4, após Cristo ter sido tentado, o diabo afastou-se dele por uma temporada; embora aquela tentação tenha cessado, contudo ele continuou a persegui-lo com aflições. E embora, como filhos das bodas, o golpe e o gume da tentação estejam embotados para nós, contudo o inimigo ainda nos inveja. E, por isso, necessitamos acima de tudo de perseverança, pois nenhum perigo se compara àquele que se apresenta no fim. Quando venceste o diabo papista, vem o diabo mundano. Venceste o diabo que pragueja? Então vem o diabo que mente. Venceste o diabo imundo? Vem o diabo mundano. Venceste todos estes demônios? Vêm os demônios orgulhosos.

Para que possais estar firmes. Esta é uma promessa, e não falharemos em obter esta armadura comprovada, nem o proveito dela. E assim, ao sermos exortados a vestir a armadura, teremos o fruto dela ao permanecermos firmes, desde que continuemos a orar: *Da Domine, quod jubes, et jube, quod vis* [Dá, Senhor, o que ordenas, e ordena o que quiseres].

Assim, os cristãos, pela fé e permanecendo firmes no dia mau, devem transformar a outra natureza má da aflição em uma boa qualidade, lembrando-se sempre de se consolarem nisto: que as exortações evangélicas concedem por promessa, através do Espírito Santo, uma força certa para realizar o que é ordenado, enquanto a Lei nos deixa em nossa fraqueza.

Retornemos à armadura.

²³ Conforme a tradução da época, *having finished all / havendo feito tudo*.

Estai. Devemos estar sempre de prontidão e ao primeiro chamado, em qualquer época do ano, mês, dia ou noite em que o adversário nos provoque.

Ele começa com o *cinto*, porque em eras passadas, assim como havia diversas maneiras de comer, sentar-se ou guerrear, Paulo fala aqui de tais coisas conforme eram usadas na época. O cinto de hoje não é o que se usava então, assim como temos hoje armas que nos são familiares e que lhes eram desconhecidas, como as armas de fogo, etc. O uso do cinto era cingir firmemente as partes inferiores; isto é a *Verdade*, que não é tomada por toda a Palavra, como em Jo 17, mas sim por um coração sincero e reto, ou pela fidelidade. Andar na fé aplica-se tanto à nossa fidelidade para com Deus quanto à fidelidade de Deus para conosco; assim, a verdade significa, às vezes, o agir reto de Deus para conosco, ou de nossa parte para com Deus. A verdade é contada, então, como um cumprimento fiel, conforme Rm 2:2: "Os juízos de Deus são segundo a verdade", isto é, fidelidade. Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade, isto é, o cumprimento de sua misericórdia.

Bem, aqui não se fala daquela verdade que é a Palavra escrita, mas sim da retidão de coração e da sinceridade. De resto, a verdade da Palavra é mencionada depois, e aqui não haveria uma repetição em vão. Pois bem, assim como o cinto une tudo no corpo, também a retidão de coração é o vínculo de todas as virtudes, e a hipocrisia é como um saco largo ou frouxo, no qual nada pode parar.

Esta retidão de mente encontra-se em diversos lugares, como no Salmo 32:2: bem-aventurado é o homem que, com consolo em sua remissão de pecados, sem dolo se esforça por uma vida piedosa. O mesmo louvor encontra-se nos Salmos 15, 24 e 119.

Esta é uma atitude acompanhada de bem-aventurança pelas próprias palavras de Cristo em Mt 5. O autor de Hebreus ordena àquele que se aproxima de Deus que se aproxime com um coração puro; a carência de cuja integridade é repreendida nos judeus em Tg 4.

Mas de que servem todos estes pórticos para tal casa? Certamente porque um coração verdadeiro nutre todas as graças até o fim, e o coração falso dissipa todos os dons e envergonha tais hipócritas. No Salmo 125:4, a retidão de coração é algo de tal valor que o profeta ora especialmente por aqueles que a possuem, e deixa sob o julgamento de Deus os que carecem dela. Salmo 119:80: "Seja reto o meu coração nos teus estatutos, para que não seja envergonhado". Vemos que os corações verdadeiros serão justificados no fim, e a hipocrisia corará no desfecho.

Assim vemos a recompensa de um coração bom e a vingança sobre um coração mau, quando não sabemos cumprir os nossos deveres com simplicidade. O coração honesto continua lutando para sair do pecado e aproxima-se de Deus; o coração fingido faz uma aparência de mortificação, etc., mas Deus lhe retira a máscara a seu tempo. Pois os pecados de alguns homens vão adiante para o juízo, e os de outros os seguem; as boas obras de alguns homens são evidenciadas nesta vida para mostrar que todo o bem-fazer será glorificado. A iniquidade pode ser colorida, mas não para sempre encoberta; a verdade pode ser criticada, mas não envergonhada.

Como exemplo, o próprio Senhor dá testemunho de sua retidão. Davi era um homem de coração reto, Saul um hipócrita; Natanael possuía um bom coração, Judas era um hipócrita; Josias e Ezequias prepararam seus corações para o culto de Deus. Em 2 Cr 25:2, Amazias fez o bem, mas não com um

coração reto. O povo (2 Cr 20:33) diz-se não ter preparado o coração para buscar o Senhor Deus de seus pais. Em 2 Cr 30:18-20, Ezequias roga misericórdia por aqueles que vinham com um coração reto, e Deus o ouviu; tão aceitável é um coração reto.

Mas como discerniremos se os nossos corações são retos? Não o são por natureza, Gn 6:5. Jó diz que de uma coisa imunda não pode proceder o que é limpo. Davi confessa a hipocrisia original, a qual se demonstra em Pv 12 e Pv 20. Nós, então (At 15:9),²⁴ devemos ver que os nossos corações sejam limpos pela fé. Em si mesmo, acima de tudo, o coração do homem é inescrutável, Jr 17:9.

Mas como ocorre isto? Porque há nele um labirinto de hipocrisia; há nele um abismo, uma profundidade e um discurso secreto que nenhum homem pode avaliar senão o Senhor, o qual se diz em Pv 16 ser o que esquadrinha os rins, por mais dissimulado que seja o nosso coração. Este esquadrinhar secreto dá-se pelo Espírito de Deus (1 Co 2:10)²⁵ e pela Palavra operada pelo Espírito (1 Co 14; Hb 4:12). O Espírito nos convence do pecado (Jo 16:8)²⁶, mas por meio da Palavra que esquadrinha as intenções mais ocultas do coração.

Portanto, assim como de nada serve ocultar qualquer coisa do Senhor, também não nos aproveita esperar ocultar os nossos pensamentos. Pois, quer sejam pelo amor ao bem, bons; quer pelo ódio ao pecado, ou a coisas pecaminosas, Deus se agrada disso. Se fazemos o bem por recompensa, ou se evitamos o mal

²⁴ No original consta Act. 13, mas a purificação do coração pela fé é mencionada em At 15:9.

²⁵ No original consta 2Co 2, mas o texto clássico sobre o Espírito perscrutando tudo está em 1 Co 2:10.

²⁶ No original consta Jo 13, mas o texto correto é Jo 16:8.

por vergonha, etc., tudo isso é deplorável aos olhos do Senhor, por mais excelente que pareça a bondade dos homens aos olhos humanos.

FIM.

SERMÃO 12. De Diversas Instruções Cristãs

Salmo 16:1: Guarda-me, ó Deus, porque em ti confio.

Este Salmo contém o reconhecimento da indignidade do profeta e mostra como todas as coisas provêm de Deus; testemunha o amor do homem de Deus pelos santos, o seu ódio à falsa religião, a certeza da providência de Deus e a sua indubitável esperança na vida eterna. Todas estas coisas, contendo tantos pontos de doutrina celestial, devem muito nos estimular ao amor por este Salmo e, amando-o, a frequentar o seu uso.

O Salmo parece ser geral e pode ser usado em todas as épocas e por todas as condições humanas, por não estar atado a nenhuma condição peculiar de homens, nem vinculado a nenhuma circunstância específica, como estão muitos outros Salmos que contêm matérias particulares; e, portanto, deve ser usado como uma meditação notável, o que pode ser demonstrado por esta palavra *Mictão*.²⁷

O primeiro versículo é a proposição de todo o conjunto, e o restante do Salmo prossegue na mesma matéria. Passemos às palavras do texto.

Guarda-me, ó Deus. Aqui Davi não deseja o livramento de nenhuma tribulação específica, mas geralmente ora para ser protegido e defendido continuamente pela providência de Deus; desejando que o Senhor continue a sua misericórdia para com ele até o fim, e no fim. Por meio disso, ele previu que lhe era tão necessário ser guardado pela proteção de Deus no fim quanto no momento presente; bem como de que modo ele fazia não menor

²⁷ Termo hebraico no título do Salmo 16, interpretado historicamente como "poema de ouro" ou "gravação secreta/meditação".

caso disso em sua prosperidade do que na adversidade. De sorte que o homem de Deus ainda temia a sua própria enfermidade e, portanto, reconhece que necessita sempre do auxílio de Deus.

E aqui está um sinal seguro e indubitável do filho de Deus: quando o homem possui tamanho cuidado em continuar e crescer no bem-fazer quanto teve em começar; e este orar pelo dom da perseverança final é uma marca especial do filho de Deus. Este santo zelo do homem de Deus fazia-o desejar ser preservado em todos os tempos, em todos os estados, tanto na alma quanto no corpo.

Cada homem dirá: "É verdade, se Deus não nos preservasse, como poderíamos continuar?". Mas poucos são os que correta e cuidadosamente utilizam os meios de graça, como este homem de Deus utilizou, pelos quais podem alcançar esta graça. E, portanto, por mais que pretendam uma boa afeição e aprovação geral da coisa, contudo não possuem a verdadeira fé que o profeta tinha; pois a fé os impulsionaria a utilizar cuidadosamente os meios. Contudo, este conhecimento geral é deixado em muitos para retirar-lhes toda desculpa; mas nos fiéis ele opera um temor santo, e o temor gera a consciência de usar os meios de graça.

Apelo à consciência de um homem natural: se um homem doente clamasse: "Senhor, ajuda-me; Senhor, restitui-me a saúde", e contudo, entrementes, recusasse deliberadamente os meios prescritos para a sua recuperação, não tentaria ele a Deus? O que, sendo assim, quanto mais perigoso é isto nas coisas que dizem respeito à alma, quando o homem, ou por falta de ouvir e ler a Palavra, não percebe as enfermidades da mente, ou, percebendo-as de fato, define e esmorece sob o fardo delas, negligenciando

a oração, a confissão de seus pecados, o arrependimento e semelhantes meios de sua salvação?

É verdade que o homem não vive só de pão; e, por isso, os ímpios são apenas cevados e engordados para o dia da matança. E os filhos de Deus sabem e reconhecem que, sem a bênção e o favor de Deus, o seu alimento pode trazer-lhes a ruína; e, portanto, rogam que, pela Palavra e pela oração, os meios de sustento lhes sejam santificados. Muito mais nas coisas concernentes à nossa salvação devemos tanto usar cuidadosamente os meios quanto, no uso deles, não confiar na obra externa realizada, mas suplicar pelo ministério interno do Santo Espírito de Deus, o qual opera por meio deles, tendo sido estes ordenados não para Deus, mas para nós.

Porque em ti confio. Aqui o profeta estabelece a causa pela qual ora a Deus, declarando com isso que ninguém pode verdadeiramente invocar a Deus a menos que creia, conforme Rm 10:14: "Como, pois, invocarão aquele em quem não creram?". Em razão do que, ao orar a Deus para ser o seu Salvador, ele está plenamente seguro de que Deus será o seu Salvador. Se, pois, sem fé não podemos invocar verdadeiramente a Deus, os homens deste mundo antes tagarelam como papagaios do que oram como cristãos ao proferirem estas palavras.

Que eles não confiam em Deus, demonstram-no tanto pela negligência dos meios legítimos quanto pelo uso de meios ilícitos. Alguns, vemos, confiam em amigos; outros tentam afastar a cruz com os seus bens; alguns protegem-se com a autoridade humana; outros banham-se e lambuzam-se em prazeres para afastar de si o dia mau; outros fazem da carne o seu braço; e outros fazem do ouro a sua confiança. E estes

homens, quando buscam auxílio no Senhor, pretendem em seus corações encontrá-lo em seus amigos, na autoridade e no prazer, por mais que, por temor, não ousem dizer isto externamente.

Por outro lado, aqui devemos observar sob qual abrigo podemos nos abrigar nas tempestades da adversidade: sob a proteção do Altíssimo. E por quê? "Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará". E aqui, em suma, mostra-se que todo aquele que deposita a sua confiança em Deus será preservado; de outro modo, o argumento do profeta aqui não seria bom. Além disso, vemos que ele não pleiteia por mérito, mas suplica pela fé, ensinando-nos que, se viermos com semelhante fé, poderemos obter semelhante livramento.

Segue-se no Salmo, versículo 2: *Disse a minha alma ao Senhor: Tu és o meu Senhor; o meu bem não chega a ti.*²⁸

Neste diálogo com a sua alma, Davi estabelece de forma mais ampla a razão pela qual confia em que Deus o preservará.

- Primeiro, ele reconhece a sua própria indignidade.
- Segundo, ele se dedica aos santos.

"Disse a minha alma ao Senhor". Aqui ele confessa que toda coisa boa que possuía, recebera-a do Senhor. E isto ele faz não meramente ou superficialmente com os seus lábios, mas sinceramente em sua alma; e no fato de passar do diálogo com a sua alma para falar ao Senhor, mostra que Deus sabe que a sua alma não mente, e que Ele contemplava a sinceridade e

²⁸ Conforme a tradução da King James, equivalente a "Disse a minha alma ao Senhor: Tu és o meu Senhor; a minha bondade não se estende a ti".

simplicidade de seu coração nisto. De sorte que ele lida não apenas diante dos homens ou com os seus lábios, mas com Deus também, e trabalha com a sua própria alma; com o que se livra da hipocrisia e, por sua própria prática, convence e condena aquela espécie de homens que dizem uma coisa com os lábios e pretendem outra em seus corações.

Portanto, devemos aprender que, em nossas orações, lidamos não com homens, mas com Deus. Não devemos tanto trabalhar por uma ordem formal de palavras, mas sim por um coração bem ordenado; e não devemos usar estas palavras apenas diante dos homens com os nossos lábios, mas em nossas almas e na presença de Deus, a saber: "Senhor, tu me remiste; Senhor, tu me salvaste; e digo à minha alma que te reconheça como o meu Senhor, o meu Redentor e o meu Salvador, e que, portanto, use todas as coisas para a tua glória".

"Tu és o meu Senhor". A minha alma, ó Senhor, provou de tua bondade, e por boa prova acho que tu me governas.

"O meu bem não chega a ti". Ó, o que retribuirei a ti, meu Deus, por todos os teus benefícios para comigo? O que pagarei? Infelizmente, não posso te fazer bem algum, pois a minha bondade imperfeita não pode beneficiar a ti, que és perfeitíssimo e a própria bondade. O meu bem-fazer não te pode fazer bem, a minha impiedade não te pode fazer mal; recebo todo o bem de ti, mas bem algum posso te devolver. Por isso, reconheço que tu és riquíssimo, e eu sou paupérrimo no bem-fazer; tão distante está que necessites de mim para qualquer coisa.

Portanto, unir-me-ei ao teu povo, para que, o que quer que eu possua, eles tirem proveito disso; e, o que quer que eles possuam, eu tire proveito disso. Visto que as coisas que recebi devem ser colocadas em circulação para trazer algum consolo

aos outros, o que quer que os outros possuam, não o têm para seu uso privado, mas para que, por eles, como por canais e condutos, me sejam também liberalmente transmitidos.

Portanto, nesta passagem somos ensinados que, se somos filhos de Deus, devemos nos unir em uma liga santa ao seu povo e, pela mútua participação dos dons de Deus, devemos testificar uns aos outros que somos do número e da comunhão dos santos; e este é um selo e distintivo indubitável daquele que ama a Deus: se ama também os que são gerados por Deus.

Portanto, se nos professamos de Deus e o adoramos, devemos nos unir à Igreja de Deus, que conosco adora a Deus. E isto devemos fazer por necessidade, pois é um artigo de nossa crença que há uma comunhão dos santos na Igreja; e se cremos que há um Deus, devemos também crer que há um remanescente de povo ao qual Deus se revela e comunica as suas misericórdias, no qual devemos ter todo o nosso deleite, com o qual devemos comungar, segundo a medida da graça concedida a cada um de nós.

Para os santos que estão na terra, e para os ilustres, em quem está todo o meu deleite.

Os papistas não podiam tolerar santos senão os que estão no céu; o que demonstra que vivem em um reino de trevas e erram por não conhecer as Escrituras nem o poder de Deus. Pois, se fossem minimamente versados nas Escrituras, nas santas epístolas, encontrariam em quase todas as epístolas menção feita aos santos, os quais para isso são chamados em Jesus Cristo, através de quem são santificados pelo Espírito Santo.

E notai que ele os chama de *ilustres*.²⁹ Alguns julgam que os homens ricos são ilustres; alguns pensam que os sábios são ilustres; alguns consideram os homens em autoridade como tais. Mas aqui somos ensinados que os homens ilustres são aqueles que são santificados com as graças de Deus.

É verdade que o saber, a sabedoria, a autoridade, a honra, o ouro e o prestígio são dons excelentes de Deus em seu gênero, e contudo não possuem verdadeira excelência em si mesmos; pois não tornam excelentes os seus possuidores, visto que os ímpios podem tê-los tão bem quanto os bons; e estas coisas, vemos, na maior parte das vezes, são conforme são aqueles que as possuem. Pois, se o homem bom as possui, usa-as com reverência, moderação e gratidão, aplicando-as para bons fins e, assim, fazendo-as servir para o avanço de bons propósitos. Por outro lado, se um homem mau as possui, usurpa-as irreverentemente, usa-as sem moderação e, ingrato, infla-se com elas, desviando-as para maus usos e, por meio delas, promovendo más causas. Portanto, esta excelência, que é fruto do Espírito de Deus, é em si mesma unicamente boa; e isto, de fato, torna os homens verdadeiramente ilustres.

Alguns dizem que o profeta quer dizer que, visto que não pode fazer o bem a Deus, fará o bem aos seus santos; mas isto é apenas uma parte de seu significado. Ele quer dizer isto e algo mais, a saber: que se deleitará neles, e isso não apenas para lhes fazer o bem, mas também para receber o bem deles, como se depreende por chamá-los de ilustres, pessoas aptas tanto para fazer o bem quanto para receber o bem dos outros. Por isso diz o apóstolo em Rm 1:12 que desejava receber consolo mútuo por meio deles.

²⁹ Conforme a tradução da King James, *excellent* / *ilustres* ou *excelentes*

Segundo, isto se depreende pelo contraste com o versículo seguinte, que trata do culto de Deus; e, portanto, não pode ser restrito a coisas externas. De igual modo, nesse versículo ele faz menção dos falsos adoradores, assim como aqui nomeia os ilustres; querendo dizer que usaria o benefício da companhia deles para se afastar dos falsos adoradores; assim como os homens que desejam o saber frequentarão a companhia dos sábios, e os que querem ter seus lábios instruídos pela lei da graça recorrerão frequentemente aos discursos graves dos prudentes. E certamente é um auxílio especial para avançarmos no puro culto de Deus o nos divorciarmos do bando de falsos adoradores e nos unirmos inteiramente à comunhão daqueles que o adoram em espírito e em verdade.

Esta razão também se revela geral porque se segue na ordem de nossa confissão de fé: cremos na santa e universal congregação, na comunhão dos santos. E esta comunhão dá-se tanto no receber quanto no dar; e, portanto, sendo entendida como uma participação mútua de dons de uns para os outros, segue-se como parte particular disso que estejamos prontos a fazer o bem.

E quando ele diz: "Todo o meu deleite está neles", isto é, nos santos, não devemos pensar que ele quisesse retirar o dever civil daqueles que estavam em autoridade, pois este deve ser prestado a eles nas coisas externas; contudo, em nossos corações e em nossas afeições, as graças dos filhos de Deus devem ser as mais estimadas. Nesse sentido, quando Tiago diz em Tg 2:1 que os judeus tinham a fé em acepção de pessoas — quando costumavam dizer ao rico: "Assenta-te tu aqui num bom lugar", e ao pobre: "Fica tu ali em pé" —, o seu propósito era repreendê-los por desprezarem tanto a um e estimarem tão grandemente ao outro. Portanto, devemos aprender sempre a dar a César o que

pertence a César, mas os filhos de Deus devem estar sempre mais próximos do nosso coração.

E isto era o que o nosso Salvador Cristo dizia: que aqueles que ouviam a Palavra e a praticavam eram sua mãe, seu irmão e sua irmã; não que ele desconsiderasse sua mãe, pois foi um modelo de obediência para todos os filhos, mas a amava mais como filha de Deus do que como sua mãe. Da mesma forma, lemos que ele respondeu à mulher que clamou a ele: "Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram". Sua mãe, sem dúvida, teve bênçãos singulares nas coisas externas, como jamais foram dadas a mulher alguma, ao dar à luz o Salvador de toda a humanidade; contudo, nisto ela foi principalmente abençoada: em ter crido nele como seu Redentor.

Que estão na terra. Vede que ele faz menção dos santos aqui na terra, e não fala dos santos que estão no céu, dos quais, assim como estamos separados no corpo, também o estamos na alma, e não temos comunicação com eles, quer na alma, quer no corpo. Por isso, diz-se pelo profeta: "Abraão não nos conhece".³⁰

É verdade que o Senhor faz de seus anjos ministros para conosco e, portanto, enviando-os a realizar qualquer coisa, torna-o conhecido a eles. Contudo, nada lemos de semelhante acerca dos santos que morreram; os quais, assim como nada sabem de nós ou de nossa situação (que só é conhecida do Senhor) e não são usados como ministros do Senhor, também não podem nos ouvir ou nos ajudar, como alguns tolamente imaginaram.

Os santos que morreram podem ser, sob certo aspecto, lembrados, mas em caso algum adorados: lembrados, digo, não por seu suposto poder para que se lhes ore, mas por suas virtudes

³⁰ Is 63:16

para que sejam imitadas. Por isso, em Hb 11, o Espírito Santo estabelece um registro e catálogo dos santos, para que, visto estarmos rodeados de tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo o embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia, para correremos com paciência a carreira que nos está proposta. Aqui vemos que estes nos são colocados diante para que possamos segui-los na medida em que seguiram a Cristo, e sob este aspecto são chamados de testemunhas; mas honrá-los como a Deus, ou instituir-lhes dias santos, não é lícito.

Mas eis que, quando era doloroso para os devotos do ventre em Roma lembrarem-se da boa vida dos santos para os imitar (o que nada lhes é mais penoso), o diabo, para os desviar disso, inventou um caminho mais fácil para a carne e o sangue, ensinando-lhes uma lição mais fácil: instituindo, em vez dessa imitação santa e trabalhosa, uma multidão carnal e voluptuosa de dias santos dedicados aos santos, e isso (segundo diziam) para melhor lembrança deles. Assim, aquele transformado anjo de luz sabe como transformar a pura religião.

De igual modo, quando era coisa difícil pregar a Cristo crucificado — porque isso chamaria os homens à visão, sentimento e abandono de seus pecados, tornando-os mais inquietos —, o diabo encontrou um caminho mais fácil e, por assim dizer, quis que Cristo fosse pintado na cruz nas janelas de suas igrejas; o que era coisa mais fácil de contemplar, sendo agradável ao olho, do que ouvir que o pecado deveria ser crucificado neles se quisessem esperar pelo fruto da morte de Cristo.

Novamente, quando não podiam suportar carregar a cruz — a perda de reputação, de amigos, de bens e da própria vida por amor de Cristo —, julgaram que era bom professar isso usando

alguma cruz consigo, ou erguendo em cada lugar uma cruz de madeira, pedra ou objeto semelhante.

Mas aprendamos a ser estimulados pelas graças de Deus em seus santos para os seguir na bondade, e esforcemo-nos por ter a Cristo crucificado em nossos corações pelo ministério da Palavra, preparando-nos sempre, em verdade, para carregar a cruz de Cristo, preferindo a pura profissão de seu Evangelho a qualquer coisa preciosa para nós em todo o mundo.

Além disso, devemos aprender aqui que, se o nosso deleite está nos santos de Deus na terra, devemos estar longe de os tratar com malícia ou falar deles com crueldade. Este deleite deve ser, pois, para recebermos proveito e benefício por meio dessas graças que possuem, bem como para usarmos, para o consolo dos filhos de Deus, qualquer bem que tenhamos recebido. Pois tanto foi punido o servo que não aplicou o seu talento com ganho quanto aqueles que desprezaram o talento.

Nem temos, em verdade, qualquer uso correto dos dons que recebemos de Deus a menos que os apliquemos compartilhando-os com os nossos irmãos em amor, de modo que o ganho possa retornar em santas receitas ao próprio Senhor. Tampouco aprendemos verdadeiramente coisa alguma a menos que a tenhamos comunicado, em certa medida, com os outros; pois o que é nosso por doação é direito dos outros por necessidade; o que é próprio para nós por posse é comum à Igreja pelo uso e participação; e o que quer que tenhamos, temo-lo para dispensação, como despenseiros dos dons de Deus e distribuidores de suas graças.

E, portanto, assim como nas prestações de contas e dias de auditoria tais despenseiros são culpados e indignos de seus cargos quando, tendo grandes somas de dinheiro para o sustento

liberal da família, apropriaram-se de tudo para si mesmos; da mesma forma, naquele grande dia de acerto de contas e auditoria dos anjos, esses despenseiros serão achados condenáveis e julgados indignos de terem tido acesso ao tesouro do Senhor, os quais, tendo recebido de Deus graças singulares e dons abundantes para a edificação de sua Igreja, distribuindo as coisas necessárias aos santos no tempo devido, não obstante enriqueceram a si mesmos somente e empobreceram os seus companheiros de serviço, a cujo uso e para cujo bem tais ricas receitas das graças e dons de Deus foram confiadas à sua fidelidade.

Segue-se no Salmo, versículo 4: *Multiplicar-se-ão as dores daqueles que correm atrás de outro deus; eu não oferecerei as suas libações de sangue, nem tomarei os seus nomes nos meus lábios.*

Aqui o homem de Deus declara-se como um seguidor que não é morno; e, por isso, assim como no versículo 3 ele mostra a profissão de sua fé a respeito da comunhão dos santos, também no versículo 4 ele protesta o seu ódio contra os falsos adoradores, ensinando que ninguém pode verdadeiramente amar os santos se não odiar também os ímpios.

Deus não tolera ser adorado em parte ou mediante uma mistura de religiões, como se a Arca e Dagon, Deus e Mamom, Cristo e Belial pudessem ser unidos em um mesmo culto. Muitos não estão tão plenamente satisfeitos com os santos a ponto de estarem inteiramente descontentes com os ímpios; os quais, contanto que vejam que os assuntos da autoridade civil e da ordem pública prosperam, conseguem amar a Palavra para servir ao tempo e às circunstâncias. O apreço destes pela verdade é tão

pequeno que, quando outra religião se apresenta, não se sentem muito descontentes.

Mas devemos aprender a crer de tal modo na verdadeira religião que a nossa fé extraia de nós um amor inalterável; e este verdadeiro amor deve ser livre de toda aparência de idolatria e de qualquer religião contrária. Se alguma vez esta doutrina foi necessária, ela é agora extremamente precisa, visto que a verdadeira religião decai tanto, a falsa religião abunda tanto, e a profanidade pagã cresce tanto; tudo o que, sem dúvida, provém de estimarmos tão pouco e apreciarmos tão fracamente a verdade.

Pois de onde surgiu primeiramente o paganismo? Precisamente disto: os homens contentavam-se em que cada nação adorasse conforme bem entendesse e gostasse, de onde passaram a ter tanto os deuses de seus países quanto os deuses de seus lares. Lemos que o Senado romano aceitaria a Cristo como o seu Deus, contanto que pudessem também manter os seus próprios deuses. Não muito diferente é a nossa Família do Amor e o tipo comum de protestantes, ambos os quais toleram facilmente qualquer tipo de religião, venha a profissão de fé que vier.

Portanto, vemos como este Salmo pode ser usado apropriadamente quando queremos acusar a nós mesmos de falta de amor para com os santos, ou quando queremos acusar a nós mesmos de falta de ódio para com os idólatras, vendo o espírito do homem de Deus tão ardente, e nós mesmos tão frios nisto.

Ao dizer que *não tomará os seus nomes nos seus lábios*, ele declara o seu completo repúdio a eles, o que se manifesta de modo ainda mais evidente no fato de que ele não apenas não se comunicaria com eles em seus bens, mas também não se envolveria em suas cerimônias. Tampouco devemos julgar que

isso fosse algo peculiar a Davi, mas sim que era comum também a todos os israelitas, conforme podemos ver em Êx 23:13: "Do nome de outros deuses nem vos lembreis, nem se ouça da vossa boca"; e não apenas a eles, mas a todos os cristãos de igual modo, conforme se depreende de Zc 13:2: "E acontecerá naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, que exterminarei da terra os nomes dos ídolos, e deles não haverá mais memória".

Além disso, a Lei ordena que se evitem todas as ocasiões de idolatria (Dt 7:25), onde se estabelecem duas razões: uma, para que não sejamos enredados por tais ocasiões; a outra, porque é uma abominação ao Senhor. Embora haja nisso algo de lei política, contudo, porque tudo o que é impuro é abominável ao Senhor, e a nossa natureza é inclinada à religião corrupta — sendo difícil mantê-la longe dela —, nós, ao odiarmos a impureza da doutrina, devemos odiar também a impureza das cerimônias.

Com a Lei concorda também o profeta, como em Is 30:22, onde o Senhor não apenas ordena que evitem a idolatria, mas até mesmo os seus adornos: "E tereis por imundas as coberturas de prata das vossas imagens esculpidas, e o revestimento de ouro das vossas imagens fundidas; lançá-las-eis fora como um pano imundo, e dir-lhes-eis: Fora daqui!".

Isto parece rigorismo e puritanismo ao mundo, que se contenta em usar as coisas por mera formalidade e costume; mas, se insistimos na pureza, somos considerados rigoristas.³¹ Pois bem, se é assim, então Davi era um rigorista. O Espírito Santo também nos exorta a nos abster de toda a aparência do mal (1 Ts 5:22; 1 Jo 5:21): "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos". E o apóstolo

³¹ No original, *precisians*.

Judas, no versículo 23, ordena-nos que odiemos até a túnica manchada pela carne.

É verdade que se pode ter um uso privado do alimento que fora preparado para os ídolos; mas, por ser um adorno da idolatria, deve ser evitado. Portanto, devemos orar para que tenhamos os nossos corações retificados pelo Espírito de Deus, de modo que não apenas a substância da falsa religião seja evitada, mas também os seus adornos, com o que poderemos melhor prover tanto para a glória de Deus quanto para a nossa própria paz.

Ao dizer: *Multiplicar-se-ão as dores daqueles que correm atrás de outro deus*, ele mostra como, além dos consolos que encontrava nos santos, odiava tanto mais os idólatras porque via que, quanto mais eles se enredavam, tanto mais os seus espíritos se perturbavam neles; e então podiam encontrar o menor descanso precisamente quando tinham a maior aflição. De sorte que, assim como o homem de Deus recomenda a verdadeira religião por este efeito — a saber, que ela concede paz de espírito e consolo de consciência na tribulação —, ele desaconselha a falsa religião pelo efeito contrário: porque, por mais que na prosperidade traga uma alegria efêmera, na adversidade faz com que os homens clamem às rochas para que os cubram e aos montes para que caiam sobre eles.

Isto nos deve levar a examinar mais de perto os nossos corações para ver se possuímos ou não este amor pela verdadeira religião, contra o qual nem as portas do inferno, nem os terrores de Satanás, nem as tribulações de consciência podem prevalecer; pois esta religião é não menos consoladora do que verdadeira quando nos sentimos seguros, por meio dela, de nossa justificação por Cristo, do ministério dos anjos de Deus guardando-nos, e de que, oferecendo-nos nós para sermos

governados por ele, ele operará em nós coisas celestiais; e por mais que sejamos maus por natureza ou costume, contudo, pela graça, somos mantidos seguros nele.

Isto é o que ajuda na tribulação da consciência, isto consola no exílio, isto nos socorre na pobreza; este é o fruto da verdadeira religião. Na falsa religião não se manifestam tais efeitos, não sendo ela capaz de nos livrar, muito menos de nos consolar no tempo da provação, mas deixa-nos com o espírito atônito e a mente atribulada.

Portanto, em relação aos desfechos de ambas, comparados entre si, vemos quão preciosa nos deve ser a verdadeira religião, e como devemos abominar o contrário. Os próprios pagãos, pelo instinto da natureza, esforçavam-se ao máximo por aquelas coisas que na morte lhes trouxessem paz de espírito e abrandassem as suas tribulações internas, eles que nunca possuíram este remédio; quanto mais, então, devemos nós abraçar esta religião pura, que possui tais efeitos, e odiar o contrário, que concede uma alegria efêmera e plausível quando nenhuma aflição está próxima, mas é destituída de toda substância de perfeito consolo para aliviar uma mente perplexa? Nisto ela pode bem ser comparada àqueles ribeiros que no tempo do inverno, quando a água abunda em todo lugar, transbordam; mas no verão, quando as secas trazem o uso necessário da água, estão na maior parte secos.

Segue-se agora no versículo 5: *O Senhor é a porção da minha herança e do meu cálice; tu sustentas a minha sorte.*

Ele prossegue com a mesma matéria que tratou antes, mostrando a razão pela qual se uniu de tal modo aos santos e abominou os ímpios, a saber: porque, assim como o Senhor defendia os seus santos, também o defendia a ele; assim como era a herança deles,

assim era a dele; assim como era uma porção para eles, assim também era uma porção suficiente para ele. Pois de tal modo estava ele ligado ao Senhor e ao amor de sua verdade que nenhuma religião corrupta o podia afastar dela. E por quê? Ele via na Palavra que Deus provia por todos os lados para ele, tanto espiritualmente para a sua alma quanto corporalmente para o seu corpo.

Portanto, o seu significado pode assim brevemente ser resumido: "Não necessito buscar auxílio em nenhuma falsa religião, ainda que os meus inimigos me constrangessem a isso, porque estou suficientemente convencido de que Deus é a minha porção, ele é a minha herança, Deus enche o meu cálice; e assim como a sua misericórdia me escolheu, o seu poder me sustenta". A firme persuasão disso faz com que cresça o amor pela verdadeira religião e o ódio pela falsa.

Do propósito do profeta, pois, podemos extrair isto: que todo aquele que está fundamentado no puro conhecimento e em uma fé firme jamais andará errante atrás da idolatria, porque a Palavra de Deus lhe mostrará que toda a suficiência, tanto para a sua alma quanto para o seu corpo, está no Senhor, que livremente tomou todo o cuidado disso em suas próprias mãos. Ao contrário, é manifesto como daqui provém tal resvalar na idolatria: porque carecemos de verdadeira fé na verdadeira religião, e de verdadeiro amor por aquelas coisas em que cremos.

Esta passagem, pois, recomenda-nos um cuidado contínuo pelo qual devemos nos esforçar, para que haja em nós tal certeza do favor e da providência de Deus vigiando sobre nós que, contentando-nos com ele, nossa porção e herança, nada mais desejemos.

Alguns aplicam esta palavra do profeta, "tu és a porção da minha herança", à alma; mas deve-se pensar que ele antes quer dizer que apenas repousa e apoia-se, quanto à sua inteira felicidade de corpo e alma, unicamente no Senhor. E, no fato de o Senhor não apenas começar, mas continuar nele a sua graça, ele se assegura tanto da perseverança final quanto de sua graciosa entrada, o que indubitavelmente representa não pequeno consolo.

Pois muitos possuem heranças e, contudo, dificilmente conseguem manter a garantia delas contra todos os assaltos de homens astutos, que minam fraudulentamente a propriedade e lhes tomam as posses falsificando as suas escrituras. Por isso ele acrescenta no final do versículo: *tu sustentas a minha sorte*. Pois, embora nada seja mais incerto do que a vida tanto do corpo quanto da alma, e, à semelhança de uma sorte, seja mui instável, contudo, estando o desfecho de ambas nas mãos do Senhor, ele pode recomendar-se a ele com segurança.

Assim, pois, devemos estar convencidos de nossa herança, a ponto de, por amor dela, preferirmos ter o nosso sangue derramado com Nabote a permitir que sejamos privados dela; o que vemos já ter sido realizado pelos mártires.

Mas aqui devemos notar que toda a nossa garantia disso está na Palavra, e não em outro lugar, como o próprio homem de Deus mostra no Salmo 119:57: "O Senhor é a minha porção; eu disse que guardaria as tuas palavras"; e no versículo 111: "Os teus testemunhos tenho eu tomado por herança para sempre, pois são o gozo do meu coração".

É fácil e comum para todos dizer: "Deus é a minha porção, Deus é a minha herança, Deus é quem prepara uma mesa diante de mim, Deus enche o meu cálice". Os hipócritas mais pomposos se vangloriarão disso, e os mundanos mais miseráveis afirmarão

o mesmo; mas nisto eles se revelam: em respeitarem tão pouco os meios para isso, e darem tão pouco valor à Palavra, que é a única escritura pela qual mantêm a garantia de sua herança.

Busca por sua porção ou herança legada por testamento ou de outro modo aquele que não faz caso de sua escritura e dos antigos registros pelos quais mantêm a sua garantia? Podem os homens, então, julgar que Deus é a sua herança quando estimam tão pouco as suas promessas, as quais ratificam a sua posse e mantêm em registro a sua garantia? Pode um homem assegurar-se de que Deus é a sua porção quando não tem deleite em seus sacramentos, nos quais ela é selada e entregue em suas mãos?

Este, pois, é um teste verdadeiro para saber se podemos, em verdade, subscrever a declaração do profeta: quando nos deleitamos nos meios de graça, isto é, na Palavra, na oração, nos sacramentos e na disciplina; o que se não tivermos, pretendamos o que quisermos, tudo não passa de hipocrisia. Se Deus é a nossa porção, devemos ser tão zelosos e cuidadosos com a Palavra quanto o somos com um testamento no qual algo de grande valor nos foi legado; devemos ter tanto medo e tristeza de perder a nossa fé nas promessas de Deus quanto temos de perder as escrituras de nossas terras; devemos ser tão cuidadosos em usar os sacramentos quanto em manter íntegros e inviolados os selos de nossas escrituras; devemos ser tão cuidadosos em realizar para com Deus aquilo que a sua vontade requer de nós quanto em receber dele o que em seu testamento nos foi legado; de outro modo, nada temos a ver com Deus, e Deus nada tem a ver conosco em misericórdia — Deus não é a nossa herança, nem nós somos a dele.

Tais pessoas, pois, que vêm ao seu bel-prazer e quando bem entendem, ou quando o mundo não mais oferecer proveito, nem

a carne maior deleite — como fizeram mui ingratamente no Evangelho aqueles que preferiram o seu casamento, negócios e lavoura na terra ao banquete celestial —, não têm nenhuma garantia de que Deus é a sua porção; pois onde está a nossa porção, ali está o nosso deleite; e onde esperamos a herança, ali provemos a garantia; e onde esperamos o tesouro, para lá vamos com alegria.

Portanto, até que coloquemos a Palavra no lugar mais elevado de nossas consciências, não podemos encontrar garantia de que Deus é a nossa porção, ou de que somos dele. A justiça disso depreende-se de Dt 9:29, onde o povo é chamado de "a herança do Senhor"; e de Dt 32:9: "Porque a porção do Senhor é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança". Pois, assim como as propriedades em tempos passados eram demarcadas por linhas, diz-se que o Senhor repartiu às nações a sua herança e separou Jacó como parte para si mesmo.

Tampouco devemos afastar isto de nós, visto que o apóstolo (1 Pe 2:5) nos chama de "casa espiritual" e "sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais"; e o Espírito Santo (Ap 1:6) diz: "Nos fez reis e sacerdotes para Deus por meio de Cristo". Portanto, visto que o Senhor lida tão favoravelmente conosco que, quando o inferno era a nossa porção por direito de nascimento, ele demarcou o céu para nós pela promulgação de seu Evangelho; quando éramos culpados de condenação, fez-nos herdeiros da salvação; e quando Satanás nos reivindicava, ele resgatou o direito sobre nós para si mesmo; que orgulho infernal seria não colocar a Deus no lugar mais alto? Que presunção seria não fazer dele o nosso principal deleite, visto que ele antes, livremente, fez de nós o seu principal deleite?

Se, pois, desejamos que Deus seja a nossa herança, devemos ser dele; se somos dele, ele deve ocupar inteiramente as nossas almas e corpos em sua Palavra; a qual, se desprezarmos, indubitavelmente seremos desprezados de Deus.

Notai, então, que no final deste versículo ele diz: *Tu sustentas a minha sorte*. É como se o homem de Deus dissesse: "Como quer que o mundo julgue que o meu estado provém de outros homens, eu sei que provém de ti; e, conforme Pv 16:4: Tu, Senhor, fizeste todas as coisas para o teu próprio fim, embora outros julguem que as coisas são fortuitas e sujeitas à sorte. E quando outros acham estranho que o filho de Jessé chegasse ao governo do Estado, contudo tu só o fizeste".

Tampouco somos assim mantidos por Deus apenas em nosso estado externo, mas também nas coisas espirituais somos guardados por seu poder, conforme 1 Pe 1:5: "Que mediante a fé estais guardados pelo poder de Deus para a salvação". E como quer que o mundo se maravilhe de que vivamos, contudo nós (diz o apóstolo) somos guardados pelo dedo secreto de Deus, e isso para a salvação.

Esta feliz certeza levou Paulo a dizer em 2 Tm 1:12: "Porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia". Em cuja doutrina há não pequeno consolo: no fato de que não temos a nossa salvação sob a nossa própria custódia, nem o Senhor nos deixou entregues a nós mesmos na condução de nossos corpos e almas, mas outorgou todo o feliz governo ao seu Filho Jesus Cristo; em cuja dignidade superamos de longe a Adão no estado de inocência. Pois, embora por ele e nele tenhamos decaído daquele estado (tão fraca era a nossa condição e tão frágil era a nossa posse enquanto o homem a detinha), contudo, tendo-o restaurado, a

garantia e a custódia dele não repousam em nossa fraqueza, mas no grandioso poder de Cristo, de quem não pode ser retirado. Tal é a misericordiosa sabedoria de nosso bom Deus.

Por isso, o nosso Salvador Cristo diz em João 10³² que ele é o pastor e que nós estamos sob a sua custódia. Pois, ao passo que, como ovelhas, estamos de nós mesmos prontos a nos desviar e errar, o Senhor com o seu cajado de pastor nos trará novamente ao aprisco; e quando estivermos perdidos no deserto e em lugares escuros, ele nos encontrará; quando não virmos saída para as nossas dificuldades, ele será fiel para conosco se nos confiarmos a ele. Vemos agora que a bendita segurança dos filhos de Deus consiste nisto: que a sorte deles não está em suas próprias mãos.

Esta doutrina é também cheia de consolo para nós nestes tempos. Pois, em meio a tamanha multidão de heresias à qual se uniu a profanidade de vida, se fosse possível, os próprios eleitos seriam enganados, não fossem eles governados pelo próprio Senhor.

Acrescenta-se no versículo seguinte: *As linhas caíram-me em lugares agradáveis; sim, coube-me uma formosa herança.*

A matéria anterior é ampliada, mostrando que ele de tal modo apreciou a sua escolha da Palavra que não cogitou trocá-la. Assim, o seu significado é, em suma, o mesmo do versículo anterior, e pode assim brevemente ser resumido: "Ó Senhor, tu trataste comigo favoravelmente, o que me satisfaz tão plenamente que não requeiro outra felicidade. Pois, não obstante os meus sofrimentos e tentações serem muitos, contudo, porque

³² No original consta João 6, mas a passagem do pastor que guarda as ovelhas está em João 10.

em tudo sinto o teu gracioso auxílio, não desejo trocar por nenhuma outra felicidade".

Nesta passagem devemos aprender este ponto: que nunca sentimos eficazmente o fruto de nossa salvação até que possamos triunfar sobre o mundo, a carne e o diabo; e quando a nossa herança de tal modo nos agrada que não nos arrependemos. Acautelai-vos de vos arrepender, acautelai-vos de vos arrepender uma vez que tendes entregado os vossos nomes a Cristo. Pois muitos se tornaram apóstatas e caíram, em parte para a heresia, em parte para o ateísmo, em parte para a profanidade, porque não fizeram uma escolha firme e inalterável de sua profissão de fé no início.

Este versículo deve ser especialmente entendido sobre o favor de Deus que ele sentia; e, portanto, estando seguro de que o reino de Deus era seu, que a providência de Deus vigiava sobre ele e os seus anjos ministravam a seu favor, ele estava tão firme que, se outras coisas externas lhe vinham, considerava-as como acréscimo da misericórdia de Deus; se nenhuma outra coisa vinha, ele estava satisfeito.

Se julgamos que as nossas linhas caíram de modo agradável, devemos, proporcionalmente, buscar muito mais as coisas espirituais do que as carnis, porquanto a alma é superior ao corpo. Como, então, é Deus a porção, a sorte e a herança deles? Como pode agradar-lhes a herança que lhes foi designada por Deus, se são tão cuidadosos nas coisas terrenas para prover para as costas e para o ventre, e tão descuidados nas coisas celestiais para prover para as suas almas e consciências? Pois, se estivéssemos convencidos de que tudo o que temos provém de Deus, usá-lo-íamos com oração, receberíamos com ação de graças e não repousaríamos nas coisas externas — como em

terras, propriedades ou cargos — como se fossem a nossa porção, mas sim no Senhor que dá estas coisas.

Assim, quando nos deleitamos com a nossa herança, não nos esforçamos por obter as coisas por meios ilícitos; tendo-as obtido, nelas não pomos o nosso coração; oramos pelo uso santo delas; devolvemo-las para a glória de Deus e para o consolo de seus santos; quando não podemos mantê-las com boa consciência, de bom grado as deixamos, fazendo sempre do Senhor a nossa herança principal, assim como nós somos a dele. E, desta maneira, estando desapegados das coisas terrenas, devemos esperar que o nosso estado externo seja ordenado em abundância ou escassez por Deus, para que possamos dizer com Paulo em Fp 4:11, 12:

Já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância; em toda a maneira, e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome; tanto a ter abundância, como a padecer necessidade.

Se temos muito, está bem, e a sabedoria é uma coisa excelente com a herança; se não temos coisas externas, a Palavra é poderosa para salvar as nossas almas; e bem-aventurados são aqueles que, no tempo da provação, podem dizer: "as minhas linhas caíram-me em formosos lugares".

Cada homem deve provar a si mesmo em como, em sua vocação particular, consegue apoiar-se na Palavra de Deus. Jacó não desejava outra coisa senão pão para comer e vestes para vestir; e Paulo em 1 Tm 6:8 diz: "Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes". E certamente encontraríamos grande descanso em nossas consciências se pudéssemos ordenar às nossas almas que não buscassem coisas maiores do que aquelas em que o Senhor nos colocou; pois nada

revela mais a nossa falta de fé do que as nossas mentes inquietas que não se contentam com os lugares que nos foram designados por Deus.

Mas quem, no tempo do Evangelho, não pode dizer que as suas linhas lhe caíram em formosos lugares? Portanto, devemos ser tão pacíficos em nossas devidas posições como se fôssemos reis ou imperadores, sabendo que, quando as nossas posições não forem adequadas para a glória de Deus e para a sua Igreja, o Senhor nos mudará.

Entrementes, repousem as nossas consciências na vontade do Senhor, por mais humilde e inferior que seja a nossa vocação, e estejamos certos de que, quanto mais os nossos dons sendo maiores se submetem e se humilham sob a ordenança e vocação designada pelo Senhor, tanto mais o nosso andar nela é um sacrifício aceitável a Deus. E permaneçamos ao comando e agrado do Senhor para sermos colocados, a seu tempo, em algum outro uso; tampouco lancemos a culpa de nossa inquietação em nossas posições, como comumente fazemos, mas sim em nossa mente instável, que, como pedra que rola, é levada de um lugar para outro.

Segue-se no versículo seguinte: *Louvarei ao Senhor que me aconselhou; até os meus rins me instruem nas noites.*

Isto é: "Reconheço que é benefício gratuito de tua parte que eu tenha discernido fazer esta escolha. Pois como haveria eu de julgar que tu és a porção de minha herança, e que sustentas a minha sorte, senão porque me renovaste por teu Espírito e me aconselhaste naquilo em que a carne e o sangue não me podiam aconselhar?".

A devida consideração disto fez o nosso Salvador Cristo dizer deste modo: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos; sim, ó Pai, porque assim aprouve ao teu bom grado". É como se ele dissesse: "Eu me maravilharia de que estas almas simples progredissem mais na sabedoria celestial do que os sábios do mundo; mas, Senhor, vejo que é a tua vontade, e a sabedoria dos sábios em nada pode te favorecer, nem a simplicidade dos outros em nada pode impedi-los em relação ao teu reino; mas tu operas tudo em todos segundo o teu agrado".

Novamente, entre tantas opiniões dos judeus, dos escribas, dos fariseus, dos saduceus, dos herodianos e dos essênios, foi pelo único poder de Deus que Pedro foi ensinado, entre os demais discípulos e em nome de todos, a confessar retamente ser Cristo o verdadeiro Messias, e ser tanto verdadeiro Deus quanto verdadeiro homem. Por isso, o nosso Salvador Cristo, ouvindo esta sua confissão, diz: "Pedro, carne e sangue não te revelaram isto, mas meu Pai, que está nos céus"; isto é, nunca alcançaste isto por teu próprio intelecto ou pela luz da natureza; não foste protegido por tua própria razão de me perseguir e de te opores a mim juntamente com os escribas e fariseus, mas meu Pai te guiou e guardou.

E o que pensaremos de nós mesmos? Não é a operação poderosa e secreta do Senhor em nós que, em meio a tantos enxames de heresias, tamanha audácia de papistas, tamanho número de anabatistas, arianos e membros da Família do Amor, somos preservados para discernir o reto e nos apegarmos à verdade? Se olharmos para o nosso intelecto, outros que se desviaram são tão sábios quanto nós. Se olharmos para as nossas disposições naturais, somos tão cheios de corrupção natural quanto eles. Se olharmos para a nossa educação e auxílios no aprendizado, não

foram outros tão favorecidos por eles quanto nós? Fomos todos feitos do mesmo molde, nascemos sob o mesmo clima, não somos santificados pela natureza mais do que os outros. Não devemos nós, então, louvar grandemente a Deus por ele sustentar a nossa sorte; enquanto ao nosso redor alguns se tornaram papistas, alguns ateus, alguns arianos, alguns familistas, e nós somos guiados por Deus a fazer a nossa escolha da verdade e mantidos no apreço por nossa escolha realizada?

Que benefício é que, em meio a tamanha abundância de intelectos mundanos, devamos não apenas compreender a letra, mas também conceber o mistério da verdade! Que graça é que sejamos de tal modo ensinados por Deus que, se abundamos, podemos ser gratos; se estamos em tribulação, podemos ser pacientes; se sofremos a cruz, estamos satisfeitos!

Mas não louvam os papistas e os familistas os santos? Não diz cada homem que Deus é a sua porção? Como é isto, então, algo particular nos piedosos? É verdade que eles assim o dizem; mas nós nos apoiamos na vontade de Deus revelada na Palavra, a qual consideramos a nossa porção. Falai com um blasfemo, falai com um bêbado, um devasso ou um mundano; falai com um jurista hábil ou com um médico perito, e cada um professará com tanto orgulho e ousadia ser Deus a sua porção quanto qualquer outro. Mas vinde a eles em um assunto de salvação ou em um caso de fé, e nada saberão dizer. Quanto devemos, pois, estar convencidos de sua livre misericórdia e gratos pelo favor imerecido de Deus em nos dirigir, em escolher e em nutrir a nossa escolha!

Até os meus rins me instruem nas noites.

Esta passagem possui em si alguma dificuldade, e diversos intérpretes escrevem diversamente sobre ela. Mas é certo que

frequentemente nas Escrituras o coração e os rins são mencionados juntos, como no Salmo 26:2: "Examina-me, Senhor, e prova-me; esquadrinha os meus rins e o meu coração". Pelo coração, penso que se queira dizer os pensamentos mais internos e secretos; pelos rins, entendem-se as afeições mais externas e sensíveis, conforme o Salmo 51:6: "Eis que amas a verdade no íntimo; e no oculto me fazes saber a sabedoria". E no Salmo 139:23: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos".

"Nas noites". De seus santos exercícios na noite fala o homem de Deus no Salmo 119:55: "Lembrei-me do teu nome, ó Senhor, de noite, e guardei a tua lei". E no versículo 62: "À meia-noite me levantarei para te dar graças, pelos teus justos juízos". E no versículo 148: "Os meus olhos anteciparam as vigílias da noite, para meditar na tua palavra".

Os médicos afirmam que os nossos sonhos no período da noite são condizentes com as nossas reflexões durante o dia; e que as nossas afeições no sono seguem de perto a constituição física, a saciedade ou a privação do corpo. Conforme estes fatores, dizem também ser as disposições naturais da mente, sem que haja alguma alteração violenta ou operação extraordinária. E certamente o homem, por uma observação diligente, pode perceber a inclinação de sua mente tanto por seus sonhos ao dormir quanto por suas cogitações ao acordar; ou melhor, percebe-o melhor durante a noite, por estar esta mais livre daquelas tribulações que operam grandes perturbações e violentas distrações da mente durante o dia. De sorte que as agitações da mente são tanto mais fortes e eficazes quanto mais livre e natural ela se encontra; o que a experiência pode ensinar tanto naqueles que foram renovados quanto nos que não são regenerados.

Os filósofos, não divergindo muito, dizem que o homem civilmente virtuoso é muito afetado na noite segundo as suas ações no dia; e que o homem virtuoso e o vicioso, no que diz respeito à metade de suas vidas — a saber, o período da noite ou as horas de sono —, em nada diferem, salvo que os sonhos do virtuoso são bons e os sonhos do vicioso são maus. O que, sendo assim, muito mais aqueles cujos corações estão plenamente santificados pelo Espírito de Deus encontrarão consolo nas coisas boas ou tristeza por seus pecados mesmo no período da noite.

Tamanha é a misericórdia de nosso Deus que ele não cessa de continuar o nosso conhecimento e de nos ensinar por seu Espírito e pela meditação mesmo no período da noite. E se, em qualquer momento, eles rompem em liberdade mais sensual procedente de seu apetite natural, tiram disso este proveito: julgando que o Senhor corrige esses pensamentos errantes do dia por meio de sonhos confusos na noite, e as suas cogitações impuras ao acordar por meio de imaginações castigadas no sono.

Pelos rins, depreendo que se queira significar não as partes espirituais da mente, mas as partes mais materiais e sensíveis do corpo, distantes do coração, e aquela parte que concebe e parece ser o sentido indicado pelo profeta no Salmo 51:6, que antes citamos: que o Senhor não permitirá que se dê liberdade àquela parte que é mais carnal, e que ele ordenou que a reforma da alma se estendesse até as partes mais naturais e que nos são comuns com os animais brutos, para que nelas também sejamos santificados.

Assim vemos que não há parte de nós de que o Senhor, em sua misericórdia, não tenha cuidado, mesmo na noite; em cuja bênção o Senhor nos discernirá e distinguirá dos animais brutos,

e nos confirmará mais na piedade. Pois não representa pequeno benefício, se o considerarmos retamente, que o Espírito de Deus modere com um governo contínuo as nossas afeições; de sorte que, se as nossas imaginações se desviam, recebemos a advertência e somos controlados na noite, e, comparando uma coisa com outra há muito esquecida, o Senhor traz novamente as coisas à nossa lembrança.

Assim, quando sabemos que repousamos no leito do Senhor e que nas trevas devemos contemplá-lo presente, e sentimos as nossas afeições retificadas, os nossos rins santificados e o nosso leito imaculado, podemos estar seguros de alguma profunda sinceridade de nossos corações, operada por seu Santo Espírito. E indubitavelmente, como dissemos antes, há não pequena prova de nossos corações até mesmo em nossos sonhos: quando, estando tudo mais calmo do que durante o dia, oferece-se maior oportunidade de entrar em nós mesmos e nos abastecermos com reflexões sérias, sejam elas para o bem ou para o mal.

Portanto, os filhos de Deus não devem passar tão levemente sobre os seus pensamentos noturnos, mas devem observar neles ou as misericordiosas correções de Deus por alguns pecados passados, ou a sua graciosa advertência sobre alguns pecados futuros, ou então as suas favoráveis instruções concernentes a algum pecado presente o qual, não sendo arrependido, romperá tão abertamente durante o dia quanto ocultamente durante a noite.

"Nas noites". Para concluir, vemos em Davi uma mente plenamente santificada, onde o Espírito de Deus, mantendo uma habitação contínua, operava um progresso contínuo e crescimento no conhecimento espiritual, tanto nas noites quanto nos dias.

Salmo 16:8: *Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim; porquanto ele está à minha mão direita, não serei abalado.*

Tendo mostrado anteriormente o seu deleite nos santos, o seu ódio aos idólatras, a sua mente firme e plenamente satisfeita em Deus como sua porção e herança — que tanto continuou nele quanto iniciou a sua graça, e isso não apenas de modo mais aberto durante o dia, mas também mais secretamente nas noites —, o profeta declara agora de que maneira, por tudo isto, foi movido a pensar que Deus estava em todo o tempo e em todos os lugares presente com ele; tanto como um Senhor para supervisionar os seus caminhos, a fim de que não escorregasse grosseiramente, quanto como um pai para consolá-lo quando escorregasse por enfermidade.

O seu significado e intenção, portanto, resumem-se nisto: que, tendo se apartado dos idólatras e se unido em aliança com os santos, apoiando-se inteiramente no Senhor e em sua Palavra, ele nada mais desejava senão que, assim como o Senhor havia posto uma vigilância contínua sobre ele tanto de dia quanto de noite, de igual modo ele pudesse ter o seu coração em contínuo temor reverente, preparado para a presença do Senhor.

A mesmíssima obediência o Senhor requereu de Abraão em Gn 17:1, dizendo: "Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em minha presença e sê perfeito";³³ isto é: "Visto que sou poderoso por meu poder Onipotente para realizar tudo o que por aliança em misericórdia te prometi, faze-me o árbitro de teus pensamentos,

³³ No original elisabetano, *walk before me, and be upright / anda diante de mim e sê íntegro.*

o supervisor de tuas palavras e o observador de tuas obras; confia os teus caminhos a mim em todas as coisas".

Tampouco devemos pensar que isto tenha sido ordenado apenas a Abraão e que os outros estejam isentos desta obediência; mas sim que todo verdadeiro israelita, todo bom cristão e verdadeiro crente, que espera com Abraão pelo poder de Deus no cumprimento de suas promessas, deve estar seguro disso exatamente como ele estava. Pois, onde esperamos semelhante misericórdia, devemos prestar semelhante dever; e, onde esperamos semelhante graça, devemos ter semelhante fé — ainda que não em tão grande proporção, contudo em alguma medida aceitável seguindo a ele, cujo exemplo em Rm 4 não devemos considerar tanto como pessoal, mas sim como real e para imitação.

Como devemos assim andar diante do Senhor, ensina-nos o Espírito Santo em Mq 6:6, 8:

Com que me apresentarei diante do Senhor, e me inclinarei diante do Deus altíssimo? Apresentar-me-ei diante dele com holocaustos?... Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?

Isto é, que deves colocá-lo diante de teus olhos, crendo que ele te guia e governa. Além disso, o apóstolo nos ensina em 2 Co 3:18 que todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem. Pois, quando contemplamos o Senhor em suas promessas de reconciliação (que ele está em paz conosco), de santificação (que ele nos renovará), de proteção e providência (que para o nosso bem ele vigiará sobre nós) e de que ele está à nossa mão direita com os seus anjos, e por outro

lado com as suas criaturas; então o contemplamos como o nosso Redentor, como o nosso Instrutor, como o nosso Pai providente e como Juiz do céu e da terra, e assim, com Estêvão, veremos a Cristo. E, deste modo, contemplando a Deus em sua Palavra e em suas obras, pode-se dizer que andamos diante do Senhor.

Por onde podemos facilmente conjecturar quão necessária coisa é ouvir, ler e meditar frequentemente na Palavra de Deus, e ser assíduos na oração, mediante as quais podemos alcançar uma visão mais clara das promessas de Deus, as quais são todas "sim" e "Amém" em Jesus Cristo.

Quem quer que, pois, coloque Deus diante de si — primeiramente como um Deus de gloriosa majestade, que não justificará o pecador obstinado; depois, como um Pai de graciosa misericórdia, que consola o pecador arrependido, e em cada coisa particular está convencido de que Deus o vê como um juiz e um Senhor dos espíritos, e Deus de glória e poder —, não pode ser senão que isto sacuda dele toda segurança sonolenta e afaste todas as vãs imaginações, assim como os raios brilhantes do sol desfazem as nuvens escuras e nevoentas.

E porque não há trato entre Deus e o homem senão por um Mediador, devemos colocar Deus diante de nós em Cristo, e Cristo em Deus, para que possamos contemplar a sua justiça sob a sua misericórdia, e a sua misericórdia sob a sua justiça. E estando assim convencidos de que somos amados de Deus no seu Amado, faremos tudo em seu nome, o que é o fim de toda a felicidade.

Esta única lição de teologia nos ensinará o uso de muitas outras, e valerá por mil, tanto para nos consolar quanto para nos instruir: para nos consolar, pacificando as nossas consciências com uma segurança piedosa nas coisas mais abertas e aparentes; para nos

instruir, ordenando às nossas consciências que evitem a segurança carnal nas coisas mais íntimas e secretas. Até que sejamos levados a andar diante do Senhor nesta obediência, toda a sabedoria dos instruídos é vaidade. Tendo aprendido esta única regra e feito em verdade este aprendizado de nossas ações, a alma mais simples sobressairá na consciência de uma santidade sincera.

Porquanto ele está à minha mão direita.

Esta expressão é empregada por analogia àqueles que, quando assumem o patrocínio, defesa ou tutela de alguém, colocam-no à sua mão direita como o local de maior proteção. A experiência confirma isto nas crianças, as quais, diante de qualquer perigo iminente, abrigam-se e protegem-se sob os braços ou mãos de seus pais, como sob um escudo suficiente.

Tal era a condição do homem de Deus, como aqui se revela, o qual estava cercado e protegido pelo poder de Deus, tanto contra os males presentes quanto contra os perigos futuros. Tampouco o Senhor protege sob a sua mão apenas a Davi, mas a todos os outros que depositam nele a sua confiança, conforme o Salmo 91:1: "Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará", etc. Onde vemos que esta certeza da proteção de Deus é comum de modo geral a todos os que recorrem inteiramente a ele em busca de socorro no tempo da tentação.

Novamente, no Salmo 121:4, 5, diz-se: "Eis que não tosquenejará nem dormirá o guarda de Israel. O Senhor é o teu guarda; o Senhor é a tua sombra à tua mão direita", etc. Onde vemos que ele fala de todo o corpo da Igreja, e não de algum membro particular dela.

Devemos, pois, aprender nesta passagem que, quando temos o cuidado de colocar continuamente o Senhor diante de nossos olhos, ele tem o cuidado de vigiar continuamente sobre a nossa condição. Este glorioso júbilo da fé encontra-se também em outros lugares do Livro de Deus. No Salmo 23, ao longo de todo o Salmo, o homem de Deus mostra que havia provado de modo tão rico e doce das promessas de Deus que na tribulação nunca lhe faltou socorro.

O apóstolo, de igual modo, em Rm 8, mostra a condição feliz de todos os regenerados, embora em um modelo mais excelente de sua própria fé, dizendo no versículo 31: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?"; no versículo 33: "Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica"; no versículo 34: "Quem os condenará?", etc. E, posteriormente, nos versículos 38 e 39:

Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem as coisas do presente, nem as coisas do porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.

Contudo, não devemos pensar que o homem de Deus não fosse de modo algum abalado. Pois ele considerava a si mesmo um estrangeiro na terra e sofreu muitos embates e diversos assaltos; contudo, de tal modo que não foi finalmente abalado nem totalmente destruído. Ele travou muitas batalhas, mas obteve a vitória; muitos homens se levantaram contra ele, mas o Senhor estava do seu lado, e ele permaneceu inabalável como o monte Sião; e embora tenha sido sacudido por um tempo, no fim esteve seguro. Passemos ao versículo seguinte.

*Salmo 16:9: Portanto, alegre-se o meu coração, e a minha glória se regozije; a minha carne também repousará segura.*³⁴

O pregador utiliza a versão em que consta: "*Wherefore mine heart is glad, and my tongue rejoiceth; my flesh also doth rest in hope*" / "*Portanto, o meu coração está alegre, e a minha língua se regozija; a minha carne também repousará em esperança*". A palavra hebraica para "glória" (*kabod*) é frequentemente interpretada como "língua" ou "alma" pelos tradutores e comentadores históricos.

Aqui duas opiniões perniciosas dos papistas são refutadas.

- A primeira, de que não deveríamos nos alegrar com ousadia na certeza indubitável de nossa salvação.
- A segunda, de que deveríamos duvidar e hesitar quanto à nossa perseverança final.

Em nossa confissão de fé, imediatamente após o artigo da remissão de nossos pecados, segue-se o reconhecimento de uma feliz ressurreição e de uma gloriosa imortalidade; nas quais estamos seguros de que, assim como nesta vida os nossos pecados são perdoados, não naufragaremos até a ressurreição, e a nossa própria carne ressurgirá para uma imortalidade mui bendita.

Duvidarei eu de que Deus vigia sobre mim como um Pai em amor, como Todo-Poderoso em poder, como um preservador providente que governa o céu e a terra? Duvidarei eu de que Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, morreu por meus

³⁴ Conforme o original elisabetano, *and my tongue rejoiceth / e a minha língua se regozija*.

pecados, ressurgiu para a minha justificação, ascendeu para tomar posse daquela glória que me dará em sua vinda? Duvidarei de que o Espírito de Deus me selou e santificou, preservando-me irrepreensível em Cristo até o dia da redenção? Duvidarei de que pertenço ao número dos santos que estão destinados àquela glória que é gratuitamente dada por Deus Pai, caramente comprada por Deus Filho e certamente garantida pelo ministério da Palavra e pela operação de Deus Espírito Santo? Não.

Por que, então, haveria eu de duvidar de que os meus pecados foram gratuitamente perdoados? Pode um homem, pela razão humana, conceber o mistério da Trindade na Unidade; a distinção de naturezas em uma só pessoa em Cristo Jesus; a operação secreta do Espírito Santo naqueles que são chamados; o ressurgir para a vida do corpo morto consumido pela terra? Não; não andamos pela razão, vivemos pela fé, e cremos contra a razão precisamente porque o Espírito de Deus, pela pregação da Palavra, selou e testifica estas coisas ao nosso espírito.

Portanto, visto que não temos garantia de nada concernente à fé senão pela Palavra e pelo Espírito, e a mesma Palavra e o mesmo Espírito nos asseguram tanto de uma parte da fé quanto de outra; que estupidez é crer em todos os outros pontos dessa doutrina e duvidar e questionar aquele que concerne ao perdão dos pecados! E, visto que cremos em coisas tão grandiosas, que obstinação é duvidar tanto da consoladora certeza de nossa salvação presente quanto desesperar da perseverança final no tempo vindouro!

Contra estas dúvidas, vemos que o homem de Deus contrapõe o seu glorioso júbilo; sobre o qual fala o Espírito Santo em Rm 5:1: "Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por

nosso Senhor Jesus Cristo"; e em 1 Pe 1:8: "Crendo [em Cristo], vos alegrais com gozo indizível e glorioso".

Neste ponto somos ensinados que este regozijo do coração, este louvar a Deus com a nossa língua e esta santa segurança de todo o ser constituem o espírito da fé; e esta é a nossa verdadeira alegria: a nossa certeza de que somos justos em Cristo, de que Deus é a nossa porção, a nossa herança, o nosso guia, governante e preservador para a vida eterna; sim, e este fruto da fé é um sinal seguro da fé, embora não se apresente sempre e em todos os homens na mesma medida. Contudo, onde se percebe a carência dele, devemos nos lembrar tanto de lamentar e gemer em nossos espíritos por essa falta quanto de esperar em Deus, entretimentos, usando de todos os meios possíveis para o recuperar.

Esta certeza de nossa salvação, mencionada por Paulo, repetida por Pedro e citada por Davi no Salmo 4:7, é aquele fruto especial da fé que gera a alegria espiritual e a paz interna que excedem todo o entendimento. É verdade que nem todos os filhos de Deus a possuem continuamente. Uma coisa é a árvore, e outra coisa é o fruto da árvore; uma coisa é a fé, e outra coisa é o fruto da fé. E aquele remanescente dos eleitos de Deus que sente a carência deste fruto possui, não obstante, a fé, a qual se manifesta neles por meio de gemidos e suspiros por esse fruto, e pelo lamentar a ausência dele.

Pois, embora de fato não haja maior argumento de que um homem está vivo do que os seus espíritos vivos, rápidos e alegres, a sua memória fresca, a sua destreza e agilidade corporal; contudo, representa também algum sinal de vida quando o homem, não possuindo em si esta vivacidade de espírito e vigor para o bem-fazer, consegue queixar-se de seus espíritos pesados, terrenos e amortecidos, de sua memória

enfraquecida e da lentidão de seu corpo — como quem teme e suspeita que estas coisas sejam precursoras de algum desfalecimento, definhamento ou enfermidade perigosa que se aproxima dele.

E certamente os filhos de Deus, que foram outrora saciados com esta alegria espiritual, são frequentemente privados dela, seja para provação de quão altamente a estimam, seja para os punir por algum pecado passado, ou então para os advertir de algum pecado futuro.

Portanto, quando qualquer entorpecimento de nossos espíritos e aridez extraordinária nos sobrevier, conversemos assim com os nossos próprios corações: "Certamente nem tudo vai bem; devo vigiar; não tenho ouvido a Palavra com alegria, não consigo me regozijar com os seus santos, estou sujeito a alguma tribulação e devo preparar o meu coração para alguma cruz; devo me despertar e reavivar o Espírito de Deus em mim, para que possa recuperar aquela vida que está em Cristo, sem a qual sou tão apático ou, antes, morto".

O profeta Davi (como sabemos, no Salmo 119), encontrando em si esta relutância para com os bons exercícios, a falta deste deleite, a perda do semblante de Deus, considera-se como morto; e, possuindo estas coisas, julgava-se vivo.

É algo maravilhoso de ver — é algo maravilhoso, digo, de ver — quão natural é a todos os homens buscar uma mente tranqüila e um coração alegre; quão contrária à natureza é desejar a tristeza de mente e a dor de coração; e, por outro lado, contemplar a negligência dos homens em relação aos meios de obter a verdadeira alegria, e a sua indiscreta imersão em tristezas infinitas e incuráveis, atraindo sobre si tristeza após tristeza, e isso mediante deleites fantasiosos — todos os quais prazeres

trazem consigo ou a dor presente, ou a dor futura. Por isso, com justiça são comparados ao estalar dos espinhos debaixo da panela, os quais fazem um clarão repentino e logo se apagam. Assim os prazeres dos tolos desaparecem sem deixar proveito; sim, estão tão distantes de trazer qualquer alegria na hora da morte que precisamente nesse momento mais nos picarão e acusarão por termos desonrado a Deus.

Ao contrário, quando sentimos que a glória de Deus é a nossa principal alegria, e que a paz da Igreja juntamente com o sentimento de nossa salvação constituem a paz de nossas mentes, possuímos aquela alegria e serenidade de uma boa consciência que Deus reserva em depósito como um tesouro e joia preciosa; cuja virtude é nos consolar no tempo da maior tribulação, cuja operação é extrair a alegria do abismo mais profundo da tristeza; para mostrar, quando o mundo nos odeia, como Deus nos ama; e, quando as nossas mentes estão abatidas, trazer um penhor do Espírito de Deus ao nosso espírito para nos assegurar de que as nossas tribulações terão um desfecho para a glória de Deus e para a nossa salvação. Este consolo é o único que nos acompanha na morte, na enfermidade e no tempo da tribulação; e, portanto, com tanto mais cuidado devemos usar os meios pelos quais o podemos adquirir.

Quando dele carecemos, lamentemos e desaprovemos a nós mesmos, acusando-nos de algum pecado passado ou preparando-nos contra alguns males futuros. Indubitavelmente, o zelo dos filhos de Deus em face da segurança negligente destes tempos os faz suspeitar de que os homens podem sustentar-se nas coisas boas por um tempo para servir a pessoas, tempos e lugares; e que, por falta desta verdadeira alegria e deleite nelas, desviar-se-ão e enganarão, especialmente quando os homens chegam a ter liberdade e encontram-se sem censura de pessoa

alguma, sem temor de qualquer lugar ou consideração por qualquer tempo.

Os homens, por um tempo, podem ser ouvintes do Evangelho; os homens, por amor à ordem pública, podem orar, cantar, receber os sacramentos; mas, se isso for feito sem alegria, não romperá essa hipocrisia com o tempo? Não começarão a cansar-se? Não estarão prontos para ouvir qualquer outra doutrina? As coisas boas não podem encontrar acolhida por muito tempo em nossas corrupções a menos que o Espírito Santo nos tenha transformado de nossos antigos prazeres para concebermos deleite nestas coisas santas. Onde há amor, não há falta; no prazer correto, não há dor; e quando encontramos a pérola de grande valor que excede todo o entendimento, venderemos todos os nossos prazeres anteriores e nos afastaremos de nossas vãs diversões para a adquirir.

É a alegria contínua que opera a consciência de usar os meios para alcançar qualquer coisa; é o deleite abundante que evita e afasta todo o enfado nas coisas boas. Por isso diz o Espírito Santo: "Enchei-vos do Espírito"; e, em outro lugar: "A palavra de Deus habite em vós abundantemente". Dessas passagens devemos depreender que há em nós, às vezes, um vazio do Espírito e uma escassez do poder do Espírito Santo; o Espírito de Deus não se revela tão poderoso em operação, a graça não se manifesta tão abundante, a Palavra não se apresenta tão eficaz em nós; e daí provém a nossa alegria momentânea e o nosso júbilo transitório.

*E a minha glória se regozije*³⁵

³⁵ Conforme o original elisabetano, *and my tongue rejoiceth / e a minha língua se regozija*.

Aquilo que em verdade está no íntimo, com o tempo manifestar-se-á no exterior, como podemos ver nestas santas afeições do homem de Deus. O próprio profeta confirma isto em outro lugar, no Salmo 116:10: "Cri, por isso falei"; o que o apóstolo repete na pessoa de toda a Igreja em 2 Co 4:13: "E temos outrossim o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos". E em Rm 10:10 diz-se: "Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação".

E certo é que, da abundância da alegria do coração, a boca se regozija; assim como, ao contrário, da abundância da dor do coração — embora possa haver por um tempo uma retenção interna e supressão da tristeza —, ela com o tempo romperá, e chegaremos até mesmo a gemer pela inquietação de nossa mente, não podendo conter-nos por muito tempo até que tenhamos aliviado os nossos corações com algum lamento externo. Pois vemos que, se um homem possui uma dor profunda, como ela o consome a menos que a profira. Por outro lado, se um homem concebeu uma alegria verdadeira, como ele anseia, como fica maravilhado, como trabalha até que a exteriorize.

Se, pois, em qualquer boa medida sentimos a alegria do Espírito, a língua estará sob o comando de a proferir. Portanto, devemos provar a nós mesmos e examinar os nossos corações se ouvimos, lemos, oramos ou cantamos com esta graça em nossos corações, com esta alegria em nossos espíritos, com este consolo de consciência. Lamentemos ao considerar como o cântico e o júbilo espiritual decaíram; quão grande estrangeira a Palavra é para conosco; quão pouco deleite e vivacidade possuímos nos exercícios santos e religiosos. E acusemos a nós mesmos de que as nossas línguas se apegam ao céu de nossa boca porque os

nossos corações estão trancados na segurança negligente; o que, indubitavelmente, é tão manifesto a todos os homens que não há quem não lamente a sua falta de alegria interna.

Muitos, de fato, como hipócritas, podem bradar externamente, os quais não fazem melodia em seus corações, não cantam sob a graça, não possuem a voz suave e natural que provém de uma mente bem inclinada e retamente ordenada — quer mostrando com alegria uma alegria piedosamente assimilada, quer suspirando com tristeza em meio às tribulações de uma mente exercitada.

*A minha carne também repousará segura.*³⁶

Vede: a sua alegria piedosa fazia-o ter segurança em sua carne. É a nossa enfermidade natural possuímos um tremor da carne que impede em nós muitas boas ações, como se pode ver em nossos pensamentos, na suspeita de perigos, em imaginações temerosas e conceitos errantes, prevendo este e aquele mal para a grande perturbação e desordem da paz de nossas mentes.

Todos estes temores excessivos foram no homem de Deus sabiamente corrigidos, embora não totalmente eliminados, mas suprimidos nele pela fé. De onde provêm, pois, os nossos temores carnis e imoderados nos perigos senão da falta de fé? Isto o nosso Salvador Cristo ensina aos seus discípulos no momento em que estavam com ele, estando ele adormecido em meio à tempestade no mar, quando eles, pela incredulidade, temeram que a sua divindade houvesse adormecido juntamente com a sua humanidade, ao dizer-lhes: "Por que temeis, homens

³⁶ No elisabetano original consta *doth rest in hope / repousará em esperança*.

de pouca fé?".³⁷ Aqui vemos que ele repreende o medo excessivo deles; o que também faz quase da mesma maneira quando eles, carnalmente, temeram que ele fosse um espírito enquanto caminhava sobre as águas, por não estarem plenamente convencidos de que Deus era a porção deles, a sua herança, e vigiava sobre eles. Se estivessem, teriam corrigido estes medos carnis e imoderados, para que não impedissem as suas santas meditações sobre a providência poderosa de Deus, nem as suas orações por seu gracioso auxílio, nem quaisquer outros bons exercícios de suas mentes.

Assim vemos como a firme convicção de ser Deus a sua herança e o seu protetor, tanto na alma quanto no corpo, o seu instrutor tanto de dia quanto de noite, tanto por sua Palavra quanto por seu Espírito, tornava o homem de Deus seguro tanto na alma quanto no corpo.

E o que causou isto? Em parte aquilo de que falamos antes, em parte o que se segue: "pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção".³⁸ De sorte que as promessas já experimentadas e a firme expectativa de ver concluída nele a boa obra começada faziam-no repousar em esperança; e, tendo em mãos a causa de Deus, ele via como o Senhor não apenas vigiaria sobre ele em sua condição presente, mas também o guiaria para a imortalidade.

Contemplai como a sua certeza interna operava uma segurança externa; pelo que claramente percebemos que, onde há falta deste consolo e da fé na alma, há falta de paz e segurança no corpo. É a nossa incredulidade, pois, que gera e nutre os pensamentos errantes, e enche o nosso cérebro com fantasias

³⁷ Mt 8:26.

³⁸ Salmo 16:10.

suspeitas e ilusões estéreis, sonhando com perigos onde não os há e imaginando montanhas onde mal existem outeiros.

Fortaleçamos, pois, a nossa fé e certifiquemos as nossas almas de que a nossa carne comparecerá perante Deus; o que de tal modo operará em nós que nem a carne e o sangue nos abaterão com a segurança carnal no tempo da prosperidade, nem nos sobrecarregarão com terrores desesperados no tempo da adversidade.

Tampouco, como dissemos, devemos julgar Davi um estoico insensível, como se não sentisse aflições; mas sim que, pelo poder de Deus, ele era na tribulação um conquistador triunfante e, em todos estes perigos, pela fé, mais do que vencedor. Pois, assim como Deus reserva as suas alegrias indizíveis para os seus filhos em agonias intoleráveis, da mesma forma ele nunca os arma fortemente sem lhes preparar um campo onde devam lutar bravamente.

Oxalá esta alegria celestial estivesse em nós mais abundantemente e fosse praticada por mais homens; então o pequeno remanescente que hoje sempre a pratica não seria considerado nem chamado de rigorista; então daríamos testemunhos mais vivos de nossa fé eficaz às nossas próprias consciências; então ofereceríamos aos outros maior motivo para engrandecer o nome de Deus, os quais, ouvindo-nos praticar tal júbilo espiritual, poderiam ser incitados a uma santa emulação e dizer: "Certamente este é o poder do Espírito Santo, esta é uma alegria que não engana; bem-aventurados os que podem assim regozijar-se no Senhor". Oxalá o Senhor nos concedesse do Espírito e enchesse os nossos corações com tal júbilo; assim, outros indubitavelmente seriam mui tocados por nossos exemplos piedosos. Embora alguns zombassem de nós, como

fizeram com os apóstolos quando estes receberam o Espírito Santo, contudo outros se maravilhariam reverentemente com isso e, voluntariamente, o seguiriam.

Portanto, quando com o homem de Deus estivermos convencidos de nossa imortalidade tanto de corpo quanto de alma, e quando, tendo em mãos a causa de Deus, a praticarmos em boa consciência como ele praticou, regozijar-nos-emos certamente e sinceramente com ele.

E o que, pergunto-vos, no período da noite, em meio a trovões e relâmpagos, em terremotos, cometas e fenômenos celestes extraordinários nos deixa tão desanimados e fora de nós? A falta de fé. O que nos faz, na morte de nossos amigos, lamentar sem querer ser consolados? Paulo, em 1 Ts 4:13, diz-nos: a falta de esperança.

FIM.

SERMÃO 13. Do fugir das más companhias, da idolatria e do juramento.

Gn 42:9, 12, 14, 15, 21: Vós sois espias, e viestes para ver a fraqueza da terra. Não, mas viestes para ver a fraqueza da terra. Isto é o que vos tenho dito, dizendo: Vós sois espias. Nisto sereis provados: pela vida de Faraó, não saireis daqui, etc. Nós somos verdadeiramente culpados contra nosso irmão, etc.

José, um homem bom, e no entanto mente; da mesma forma que Ló era um homem bom, e no entanto relutou em apartar-se de Sodoma. Estas foram grandes ofensas. De onde provêm? Sem dúvida, do costume. José, estando entre homens profanos, contraiu algum cheiro de suas palavras. E Ló, embora a impiedade e a sodomia deles afligissem sua alma justa, ainda assim, pelo costume, teria permanecido de bom grado vivendo entre eles. Assim, em primeiro lugar, devemos aqui ser ensinados a evitar o mau costume e as más companhias. A segunda nota que daqui se observa pode responder a uma parte de uma dúvida nos dois exemplos anteriores de José e Ló. Pois alguém pode dizer que tanto José quanto Ló, sendo ambos homens bons, habitaram e mantiveram companhia com os ímpios, portanto nós também podemos fazê-lo. Mas pode-se responder que exemplos nada provam sem a garantia da palavra. E, quanto a José, Deus o enviara extraordinariamente para prover o sustento da família de seu pai; mas Ló escolheu habitar em Sodoma por cobiça (como se pode ler no capítulo treze deste livro, no versículo dez), e, portanto, esse desejo ganancioso era totalmente ilícito; e, embora o Senhor em misericórdia tenha diferido a punição por isso, Ele a puniu longamente na esposa de Ló, que foi transformada em uma estátua de sal, e nele mesmo e

em suas próprias filhas, com quem cometeu um abominável incesto. Portanto, vemos que não se segue que, porque eles habitaram entre os ímpios, nós também possamos fazê-lo.

Não era suficiente para José ter desagrado da mentira, mas ele deveria ter se absterido dela e a detestado no coração. Sem dúvida ele, sendo um homem piedoso, de outra forma a desaprovava; mas, porque não chegou a abominá-la, vemos como, com o tempo, foi levado a ela e, por assim dizer, a não fazer caso de consciência dela. Assim, não é suficiente para nós termos desagrado de vestes ilícitas, peças teatrais, divertimentos, conversas nocivas e ímpias, mas devemos detestá-los no coração, e muito mais na prática; caso contrário, pelas más companhias, podemos facilmente ser arrastados a segui-los. O recurso do médico deve ser usado em tempo de enfermidade, e a peste deve ser evitada fugindo-se dela; assim, devemos usar os meios para evitar o pecado pela palavra e pela oração, e, tanto quanto pudermos, evitar o lugar onde ele abunda, para não sermos infectados. E se ocorrer de não podermos evitá-lo (pois pode ser que o Senhor às vezes nos prove com a companhia de mundanos tolos, vaidosos e profanos, para ver como nos apegaremos a Ele), se então não pudermos evitar que nossos olhos contemplem a vaidade, que nossos ouvidos sejam preenchidos com graças desprovidas de graça e profanas na mentira, no juramento e na blasfêmia contra o nome do nosso Deus, mostrai então ao mundo que não sois do mundo, assegurai às vossas próprias almas que sois chamados e escolhidos pelo Senhor, não apenas por um frio tipo de desagrado por essas coisas, mas por um completo aborrecimento e detestação delas a partir do coração; caso contrário, pelo exemplo de José, seremos arrastados não apenas a aprová-las, mas também a cometer o mesmo, a nos esquecermos de nós mesmos e a

acumular a ira de Deus contra nós; de modo que, quando a destruição deles vier, a menos que o Senhor mostre misericórdia (mas, se O tentarmos, Ele não mostrará misericórdia), seremos participantes de todas as suas pragas e da vingança que o justo e retíssimo Deus ameaçou lançar sobre eles.

Versículo 14. *Novamente José lhes disse: Isto é o que vos tenho dito, dizendo: Vós sois espias.* José profere outra mentira. Assim vemos que o costume é uma questão séria, a qual o levava a isto, que ele não hesitasse diante de uma mentira; e, no entanto, sabemos que o mentiroso mata sua própria alma. Mas vede, ele não parou aqui, ele foi ainda mais longe. No versículo quinze: *Nisto sereis provados: Pela vida de Faraó não saireis daqui.* José exala o cheiro de idolatria por esse costume: ele desampara o Senhor e jura por aquele que não é Deus. Além disso, outra falta: ele chega perto do juramento falso e do perjúrio, porque o seu juramento aproxima-se muito de uma mentira, e sabemos que a inverdade e o juramento caminhando juntos constituem o perjúrio; e não pode ser de outra forma senão que aqueles que juram prontamente venham, às vezes, a perjurar.

José era um magistrado; os magistrados podem ir longe ao examinar, inquirir e perscrutar pessoas suspeitas quando estas comparecem perante eles, para que possam chegar à verdade da questão; mas afirmar de forma categórica e falsa é contra o mandamento de Deus e, portanto, uma ofensa grave.

Versículo 17. *Assim, ele os colocou sob custódia por três dias.* Ora, ele não os aprisionou por qualquer afeição corrupta ou desejo de vingança, mas há grandes razões para demonstrar que ele usou de grande sabedoria em seu procedimento. Primeiro, se José não tivesse agido assim, mas se fizesse conhecido a eles logo de início, eles, por vergonha, nunca teriam retornado ao seu

pai. Segundo, esse modo de lidar com eles foi um meio para humilhá-los. Terceiro, ele pôde agir assim para que pudesse ser mais plenamente informado sobre o estado de seu pai. E, por fim, o curto período de aprisionamento foi um sinal de seu amor por eles.

Versículo 18. *Então José disse: Fazei isso e vivereis, pois eu temo a Deus.* Como se ele dissesse: Não temais, pois eu temo a Deus, sou verdadeiro e justo. Portanto, não sofrereis dano algum, a menos que sejais homens maus e ímpios.

[*Eu sou um homem que teme a Deus*] Aqui está uma regra de vida cristã, especialmente para os magistrados. Todos devemos temer a Deus. Todos os que estão em lugar de autoridade devem saber que estão debaixo de Deus. José considerou isso não apenas agora, mas também no último capítulo de Gênesis, quando seus irmãos tiveram medo dele. Lede a partir do versículo catorze daquele capítulo até o dezenove, onde José diz: *Não temais; acaso estou eu no lugar de Deus?* E peço-vos que noteis o que essa consideração operou nele nos versículos vinte e vinte e um: *Vós bem pensastes mal contra mim; porém Deus o tornou em bem,* etc.

Ora, se tememos a Deus, devemos orar a Ele por nossos magistrados, para que Ele mantenha o Seu temor entre eles. Pois acontece que muitas vezes somos punidos por eles, justamente porque nunca oramos por eles.

Aqui estão regras neste temor a Deus para a religião, para orar a Deus e louvar a Deus; para a verdadeira guarda do sábado e para a conduta de vida. Primeiro, quando para o impedimento do temor a Deus quaisquer leis surgirem contrárias à palavra de Deus, devemos nos lembrar de não nos esquecermos de temer a Deus e de temer as Suas varas, se nos desviarmos da Sua palavra.

Segundo, se não fizermos no dia de sábado mais do que o homem ordena, mostramos que tememos mais ao homem do que a Deus. E, por fim, em todas as nossas ações e negócios, seja com o Senhor, seja com os homens, lembremo-nos de temer a Deus; pois, se não tememos a Deus, que maldade haverá que temeremos cometer? Abraão, quando chegou à corte de Abimeleque, temeu o adultério; ele não tinha outra razão senão esta: Porque o temor de Deus não estava naquele lugar. Daí, a saber, da falta do temor a Deus, provêm a embriaguez, a venda de mercadorias sem consciência, a opressão dos pobres e o acúmulo de riquezas para outro fim que não aquele determinado por Aquele que as deu, ou melhor, as emprestou; contra tudo o que, visto que o homem não pode fazer leis suficientes, seria de desejar que cada homem pudesse dizer verdadeiramente e de coração: Eu sou um homem que teme a Deus.

Versículo 21. *E disseram uns aos outros: Nós somos verdadeiramente culpados contra nosso irmão, visto que vimos a angústia de sua alma, quando nos rogava, e não o quisemos ouvir; por isso vem sobre nós esta angústia.* Cada palavra contém doutrina sobre doutrina. Primeiro, vemos quão necessárias são as aflições para nos fazer clamar a Deus. Por essa razão, pelas aflições sentimos o nosso pecado; ora, a menos que sintamos os nossos pecados, não clamamos a Deus. Pois, até que sintamos o peso dos nossos pecados sobre a nossa consciência, como se fosse um peso a nos empurrar para o inferno, esquecemo-nos de Deus: tolamente nos convencemos de que não temos necessidade, pois não vemos nenhuma. Portanto, as aflições são muito necessárias para nos lembrarmos de Deus, para clamar a Ele e para nos trazer também alguma segurança, por meio delas, de que somos filhos de Deus. Que a aflição seja tão necessária para sentirmos os nossos pecados, tanto a

experiência diária nos ensina, quanto os exemplos e testemunhos dos filhos de Deus nos confirmam. Os irmãos de José, durante todo o tempo de sua prosperidade, esqueceram o que haviam feito a José; mas agora, quando estavam em alguma angústia, caíram em si e começaram a prestar contas, e a colocar diante de si o seu duro procedimento para com o seu irmão. E Davi diz no Salmo 119, na nona parte daquele Salmo: *Antes de ser afligido, andava errado; mas (diz ele) agora guardo a tua palavra.* Assim, então, podemos concluir com ousadia que a aflição é algo necessário para nos trazer a Deus. E aqui podemos notar o grande amor e cuidado que o Senhor Deus tem conosco, e a Sua infinita bondade para conosco ao usar de todos os meios para a nossa salvação. Primeiro, o Senhor estabelece a Sua lei para nós, e Ele acrescentou também ameaças e maldições para tantos quantos a negligenciarem ou desobedecerem. Mas agora, se nem a lei pregada, nem ainda essas ameaças são capazes de incutir terror em nossos corações, então Ele usa de outro recurso: Ele toma as Suas varas e nos corrige paternalmente, por esse meio para nos mover a clamar a Ele, e Ele próprio, pelo nosso clamor, ter piedade de nós e misericórdia de nós. A pregação da lei é necessária, e as ameaças pela transgressão da lei devem ser usadas frequentemente. Os irmãos de José, depois de serem duramente ameaçados, começaram então a ser humilhados e a reconhecer a sua falta. O Senhor disse a Abimeleque: *Eis que morto és por causa da mulher que tomaste.* De modo que podemos ver aqui o fim das ameaças: ou elas trazem o homem ao conhecimento do seu pecado, e assim evitam a punição devida ao pecado; ou então apressam e acumulam maior punição sobre nós, se de outra forma não nos arrependermos. Depois que os irmãos de José foram ameaçados, eles foram humilhados, e assim Deus Se arrependeu da praga que tencionava trazer sobre

eles. Abimeleque, depois de ser ameaçado, devolveu a Abraão a sua mulher, e assim o Senhor absteve-Se de o destruir.

Ora, existem dois tipos de pessoas que gostariam que as promessas de Deus lhes fossem pregadas, e não a lei de Deus. Os primeiros são aqueles que gostariam de continuar no pecado. Quanto a estes, são como o cavalo e a mula, cujas bocas devem ser contidas com cabresto e freio. Há outro tipo que não gostaria de ter a lei, nem as ameaças dela pregadas a si; e estes são os que se sentem movidos pelas promessas de Deus. Mas não podemos ser movidos vivamente pelas promessas de Cristo, a menos que primeiro pela lei, e pelas ameaças de João, vejamos a medida completa da punição que os nossos pecados mereceram. Portanto, é muito necessário que primeiro tenhamos a lei pregada a nós, para que tenhamos um sentimento vivo dos nossos pecados.

Assim como aqueles que não queriam que a lei fosse pregada foram classificados em dois tipos, também os que sentem os seus pecados são de dois tipos: pois ou veem o pecado em geral, ou são humilhados de forma mais específica. Aqueles que sentem os seus pecados, e têm um gosto deles, e os veem em geral, e não especificamente; estes devem ser cortados de ambos os lados, devem ver o pecado de ambos os lados, devem entrar nos segredos do coração, pois ainda não aprenderam a discernir os pensamentos; eles devem ter até mesmo os seus próprios corações e pensamentos expostos diante deles. No terceiro capítulo aos Hebreus, somos exortados a não endurecer os nossos corações à palavra de Deus. Não endurecer os nossos corações, isto é, não apenas ouvir a lei pregada aos nossos ouvidos e não ir mais longe (pois assim ela nunca nos aproveita; pelo contrário, é o poder de morte para morte para nós), mas devemos permitir que ela penetre em nós, que tenha a sua

operação devida, que perfure e penetre até as próprias cogitações secretas de nossos corações; para que não apenas as nossas obras ímpias, as nossas palavras insípidas, mas também a fonte de todas estas, sim, a nossa natureza corrupta, as nossas afeições desenfreadas e indomáveis, o nosso coração, que é maravilhosamente culpado, nos sejam revelados, a fim de que venhamos a fazer caso de consciência dos nossos próprios pensamentos, porque os pensamentos são graves violações da lei de Deus, que, sendo Espírito, fez uma lei para o nosso coração, para os nossos pensamentos, para a nossa alma e consciência; e assim, sendo muito relutantes aos olhos de Deus em ofender por pensamentos vãos e ímpios, em lutar com a nossa carne e em ter as nossas afeições submetidas ao espírito, para que assim o nosso coração sendo reformado, todos os nossos membros possam ser conformes em todos os aspectos à vontade e ao mandamento do Deus Todo-Poderoso. E até este ponto devemos ser humilhados, se quisermos ser verdadeiramente humilhados perante o Senhor. E, na verdade, se não formos retamente humilhados perante o Senhor, dificilmente poderemos ter qualquer segurança de que somos filhos de Deus. Pois, sem essa humilhação, tendo tido algum gosto das promessas de Deus, assemelhamo-nos na maior parte das vezes à semente de que fala o nosso Salvador semeada em solo pedregoso, a qual por um tempo floresceu, isto é, apresentou uma bela aparência, como muitos hipócritas podem fazer agora; mas, não tendo raiz, nem qualquer fundamento na verdade, mostram quão incapazes são de subsistir, porque não têm profundidade de terra, e a semente da palavra nunca começou nem se enraizou em seus corações. De modo que devemos ser verdadeiramente humilhados perante o Senhor, e deve-se permitir que a palavra abra e exponha para nós os próprios segredos e pensamentos do coração.

Ora, aqueles que veem e sentem os seus pecados, e já estão humilhados mais especificamente, são humilhados ou pela pregação da lei a eles, ou pela aflição.

A aflição é do corpo ou da mente; destas, o Senhor, às vezes para nos humilhar, envia uma, às vezes a outra, às vezes ambas, e tudo para nos humilhar perante a Sua Majestade: quando Ele vê, por razão da corrupção de nossa natureza, que a pregação da lei não é suficiente para nos humilhar e para incutir aquele terror em nossos corações que nos prepararia devidamente para receber em nossos corações as doces e confortáveis promessas feitas a nós em Cristo, para que fossem tão enraizadas que continuassem crescendo até a idade madura e perfeita de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo; porque, digo eu, nosso amoroso Pai vê que a lei não nos bastará, por isso Lhe apraz em misericórdia, que não deixará caminho por tentar para a salvação de Seus filhos, preparar-nos afligindo-nos, a nós que não podemos ser verdadeiramente preparados pelo ouvir de Sua lei.

Ora, se a aflição é algo tão notável, e o Senhor opera até mesmo a vida eterna por meio dela muitas vezes para com aqueles a quem elegeu e chamou para serem Seus, quão amorosamente devem abraçá-la aqueles a quem o Senhor tão paternalmente a oferece? E quão paciente e alegremente devem suportá-la, visto que por meio dela podem assegurar-se de que Deus os separou do mundo e daqueles sobre os quais Ele não tenciona mostrar misericórdia no dia de Sua ira?

E, quanto àqueles sobre os quais o Senhor ainda não deitou açoite algum, que não o desejem, mas apliquem a lei de Deus e as ameaças dela aos seus corações para se humilharem por meio delas. É melhor ser humilhado por meio delas do que pela aflição, e ainda assim melhor pela aflição do que de modo

nenhum. Elogiar a aflição e desaprovar a pregação da lei é como se alguém elogiasse uma purgação dolorosa e perigosa, e desaprovasse uma boa dieta. Uma boa dieta é capaz, e é o meio comum ordenado por Deus para obter e conservar a saúde, o qual tantos de nós quantos não formos insensatos observaremos. Ora, se por falta de discernimento ou por desejo ganancioso negligenciarmos isso, e assim, ao ajuntarmos humores nocivos e ruins dentro de nós, colocarmos em perigo a nossa vida, ainda assim, para salvar a nossa vida, sofreremos a ação da mais forte purgação que o médico nos prescrever: assim a lei, isto é, o meio comum para nos tornar aptos a ouvir a palavra de paz e salvação, e deve ser por nós observada e aplicada a nós, para que por ela sejamos preservados em vez de sê-lo pela aflição; contudo, se o nosso misericordioso Senhor e único Médico de nossa alma olhar com terna compaixão para as nossas chagas, e vir que a moléstia de nossa alma é incurável sem a forte purgação da aflição, então devemos tomar com boa coragem, a menos que queiramos sofrer e ver a nossa infundável aflição. Assim, a purgação é boa, mas é mais sabedoria observar a dieta; e a aflição é proveitosa, mas se a lei pudesse ter lugar eficazmente, aquela seria desnecessária. Guardemo-nos, portanto, de nos enganarmos pensando que a aflição é o único meio de nos trazer a Deus, e assim negligenciarmos a devida preparação pela lei até o tempo da aflição. Vemos que aquela é o meio e não esta; e a aflição é de fato a maldição de Deus. Ora, a maldição de Deus é a verificação de Sua lei; e, embora apraza a Deus abençoá-la, como Ele sempre faz aos Seus filhos, pois todas as coisas cooperam para o bem daqueles que O amam, contudo ela não deve ser o meio para nos humilhar de preferência ao outro. O fim tanto da aflição quanto da ameaça é nos humilhar; e, portanto, seria melhor ser humilhado pela ameaça do que pela

experiência da punição; pois as ameaças da lei podem fazer isso tão bem quanto a aflição, se não formos insensatos.

Em nós mesmos podemos ter algum testemunho de nossa verdadeira humilhação em tempo de aflição; contudo, é difícil dizer por outros se aquele que agora sente a mão de Deus sobre si, e nunca antes sentira sinal algum do desagrado de Deus, está verdadeiramente humilhado por seus pecados, pelos quais é afligido, ou se parece estar humilhado devido à dor que suporta. Portanto, até mesmo aquele que é afligido deve examinar a sua própria alma para ver se está verdadeiramente humilhado, e sentir dentro de si mesmo uma dor por ter provocado a Deus de tão diversas maneiras a castigá-lo, reconhecendo a indizível misericórdia e longanimidade de Deus, por não o ter consumido de todo muito antes disso; para que, de outro modo, o diabo não o engane, como tem feito com diversos que por um tempo pareciam estar humilhados devido ao calor de sua dor; mas depois, quando o Senhor reteve a Sua mão, mostram o que era a sua humilhação: voltam novamente ao pecado como o cão ao seu vômito, e como a porca lavada a revolver-se no lamaçal. Mas, quanto àquele que sente o peso e o fardo de seus pecados, e o desagrado de Deus pelo pecado, e até geme, por assim dizer, sob o fardo do pecado, ele pode encontrar um conforto celestial e segurança do favor de Deus; pois, se vires um homem verdadeiramente humilhado, a esse considerarei, diz o Senhor. Para esse olharei, para o que é de espírito contrito e treme da Minha palavra.

Aqueles que são afligidos ou são instruídos previamente, tanto de onde vem a sua aflição quanto com que finalidade são enviadas, ou são ignorantes e nada sabem disso. Os que são ignorantes, quando se veem assim punidos, são levados a grandes apuros, olham apenas para a maldição de Deus, nunca

consideram as circunstâncias correlatas e que a causa disso é a transgressão da lei de Deus, e que é o pecado pelo qual Deus está irado, e aquilo que Ele neles pune; devido a essa cegueira, atribuem a causa de sua dor a bruxas, ou a causas naturais, ou à sorte, ou a alguma coisa semelhante; e, por causa disso, para se verem livres de sua dor, correm e cavalam a adivinhos, como os chamam, a bruxas, sim, frequentemente ao próprio diabo, e usam de todos os meios ilícitos que podem conceber. Mas para estes qual é o remédio? Certamente, primeiro, considerar que as suas aflições são enviadas por Deus. Segundo, inquirir em Sua palavra a causa que moveu o Senhor a lançá-las sobre eles. O Senhor, sem dúvida, responder-lhes-á a partir de Sua palavra que foi o pecado. Terceiro, o fim que o Senhor estabeleceu, que é o de nos humilhar. Ora, se considerarmos que o Senhor a enviou, que o pecado foi a causa dela, e formos verdadeiramente humilhados por causa de nossos pecados, então podemos ir confiantemente às águas do conforto e beber livremente da água da vida, a qual o nosso Salvador prometeu a todos os que forem a Ele para serem refrigerados.

Aqueles que são instruídos tanto de onde vem a aflição quanto por que e para que fim, esses comumente entristecem-se muito e arrependem-se seriamente; e, embora fiquem um tanto perturbados por não terem sido antes suficientemente humilhados, ainda assim não desfalecem, têm o amparo em si mesmos: consideram como certíssimo que o seu Deus, assim como é toda sabedoria e, portanto, conhece todas as coisas que são melhores, assim é infinito em misericórdia e assume para com os que O temem a afeição de um pai, e nada dá aos Seus filhos senão as coisas que possam ser melhores para eles; e, por isso, sabem que Ele açoitava como um pai ou corrige como um mestre-escola; e nenhum pai terno ou sábio mestre-escola

corrigirá o filho com açoites quando as palavras puderem servir. De modo que sabem que o Senhor tinha mesmo de tomar a Sua vara na mão antes de poder renová-los, e por isso Ele tenciona refiná-los, para que saiam das aflições como ouro refinado, a quem o Senhor fará vasos para a glória eterna.

O que se relata aqui das aflições dos irmãos de José podemos denominar mais propriamente pelo nome de temor do que de punição e aflição; pois eles foram apenas postos em medo e, embora tenham sido postos sob custódia, foi apenas por um tempo muito pequeno; e não lemos de nenhuma correção que lhes tenha sido imposta; não, depreende-se pela afeição de José para com eles, o qual não pôde conter-se, mas foi constrangido a romper em lágrimas quando se retirava deles, que ele se compadecia tanto deles como de seus irmãos; quando, pela sabedoria do espírito de Deus, fez parecer que lidaria muito duramente com eles, contudo esse amedrontar e assustar humilhou-os e moveu-os a confessar e a dizer uns aos outros: Nós somos inteiramente culpados contra o nosso irmão, visto que vimos a angústia de sua alma, quando nos rogava, e não o quisemos ouvir; por isso vem sobre nós esta angústia. E aqui vemos como confessaram a sua falta quando foram amedrontados, antes de sentirem qualquer punição sobre si; o que pode ser um argumento de que foi uma verdadeira humilhação de coração, com uma dor não da punição, pois nenhuma lhes fora ainda imposta, mas de seus pecados, os quais então trouxeram à memória, e isso pesou como um fardo sobre a sua consciência, de modo que viram os julgamentos de Deus prontos a proferir sentença de condenação contra eles, a menos que O impedissem por meio de um rápido arrependimento. Ao passo que, se tivesse sido feito e tivesse ocorrido em tempo de aflição que tivessem sido assim humilhados, seria difícil dizer se

fora feito verdadeiramente ou fingidamente, com um sentimento de seus pecados ou pela grandeza da dor que sustentavam, como foi dito antes.

Assim podemos aprender que o Senhor Deus não apenas, para nos humilhar perante a Sua Majestade, propõe-nos a lei e nos prega as ameaças dela, e então, se estas não tiverem lugar entre nós, deita as Suas varas e açoites sobre as nossas costas; mas, comumente, por Sua infinita sabedoria e misericórdia, antes de afligir, entre a pregação da lei e a aflição, Ele nos amedronta, Ele agita a vara da correção sobre nós; e, antes de punir, mostra sinais de desagrado e que O provocamos à ira; pelo que temos experiência de Sua grande misericórdia nesta terra entre nós neste dia. Temos tido a lei pregada a nós, eis que por estes vinte anos; mas onde está qualquer humilhação, qualquer confissão de pecados perante o Senhor? Pelo contrário, negligenciamos a palavra e a temos em desprezo entre nós, chegamos até a abominar o pão do Senhor, que é poderoso para operar a salvação de todos os que por fé dele se alimentarem; preferimos os nossos prazeres à guarda dos sábados do Senhor; estimamos o próprio Senhor (que nos fez do nada, comprou-nos por um preço, sim, o Seu próprio sangue, e que um dia chamará a todos perante Si para julgamento) como se fosse nada: viremos a orar a Ele com menos reverência do que a homens miseráveis; os nossos lábios proferem algumas orações a Deus, mas os nossos corações têm alguns outros deuses, a saber, o nosso ventre ou os nossos bens, nos quais totalmente nos deleitamos e nos quais unicamente confiamos. E, de fato, é lamentável que orações sejam ditas por muitos para manter um costume e uma formalidade, chegando a zombar de Deus e enganar as nossas próprias almas. Sofrerá o Senhor isso? É aceitável o sacrifício que não provém de um coração humilhado e preparado? Não,

Ele não o aceitará. Todas essas abominações estão na terra, e não terá o Senhor justa causa para nos visitar? Sim, para vir mesmo em juízo contra nós? E, contudo, vede a indizível misericórdia, a longanimidade e o excedente amor de Deus para conosco, que tem poupado as Suas varas por tanto tempo e ainda não nos destrói, mas, antes que a Sua vassoura de destruição venha para nos varrer, mostra-nos prenúncios de Seu desagrado; Ele agora começa a nos amedrontar, para ver se por este meio ainda pode nos humilhar e, assim, nos preservar daquelas pragas e julgamentos que presentemente Se propõe a trazer sobre todos os ímpios da terra.

Mas como nos amedronta o Senhor, e quais são os açoites com que Ele tenciona nos castigar? São muitos, e não podemos ver a todos, mas há três pragas principais que o Senhor está pronto a derramar sobre nós, e três maneiras pelas quais o Senhor nos amedronta, as quais são muito claras e manifestas, e quase toda criança pode perceber. Ele nos amedronta pelo temor da carestia e da fome, de que este tempo inclemente, estas águas imoderadas que temos tido, não podem deixar de ser temíveis sinais. Ele nos amedronta por sinais de uma peste vindoura entre nós, a qual já foi deitada sobre os pescoços de muitos de nossos irmãos nesta terra, não apenas longe, como em Yarmouth, em Norwich e em diversos outros lugares que não conhecemos, mas também nesta província, em Ely, não sabemos quão perto está de nossas próprias portas. Há uma terceira via pela qual Ele nos amedronta, e essa é mais temível do que todas as outras, a qual se dá pelos artificios secretos de nossos inimigos, que o Senhor incitou até para ameaçar separar-nos de Sua Majestade e de Sua palavra, e da continuidade do governo por Sua palavra entre nós, e um cativoiro, sujeitando-nos a falsos deuses e à ignorância de todas as leis e mandamentos de nosso bom Deus, a quem

somente servir é a perfeita felicidade. E este é um amedrontamento severo: os outros são severos pelo tempo que duram; mas esta punição, se vier, não terminará em tempo algum. Podemos vê-la em parte, e oxalá pudéssemos considerá-la tão bem e, finalmente, antes de sentirmos a vara, confessar os nossos pecados perante o Senhor, como fizeram os irmãos de José, a quem provocamos à ira, humilharmo-nos perante Ele, clamar por misericórdia e, pela oração, colocarmo-nos na brecha para evitar a punição preparada para nós.

Agora aprendamos aqui mais um ponto de sabedoria, o qual é: se Deus por vezes nos ameaçar amedrontando-nos, e Se assentar novamente por um pouco, e não suceder presentemente que sejamos punidos, não tomemos com isso ocasião para nos lisonjear e enganar, como se as varas de Deus estivessem totalmente ultrapassadas, como uma tempestade levada por uma nuvem; mas consideremos cuidadosamente quais foram as causas que O moveram a nos ameaçar, e sem dúvida acharemos que foram causas suficientes para O provocar a nos castigar; e, se não as quisermos trazer à mente e confessá-las enquanto nos é dado trégua, elas nunca cessarão de bradar e clamar nos ouvidos do justo e reto Juiz por vasos cheios de vingança para nos consumir totalmente.

Os piedosos, que temem ao Senhor e possuem um coração íntegro diante dEle, são por assim dizer prevenidos e plenamente preparados para quaisquer pragas que venham; eles sabem que nada se aproximará deles para lhes fazer dano, e conseguem ver um vislumbre das coisas de muito longe, pois o Senhor lhes revela de antemão o que tenciona fazer. Ele avisou a Noé, antecipadamente, sobre o grande juízo das águas, quando o mundo inteiro foi afogado por causa do pecado; Ele disse a Ló como pretendia queimar e ferver a imundícia de Sodoma; Ele

disse a Moisés, antes, como destruiria os egípcios; sim, e o profeta Davi fala verdadeiramente: *O segredo do Senhor é para os que o temem*. E, no entanto, apesar disso, os queridos filhos de Deus, quando nada mais resolve, devem então esperar pela aflição. E se for o caso de a aflição necessariamente vir, oremos a Deus para que lance sobre nós qualquer outra praga antes do que a fome de Sua palavra e a sujeição aos inimigos de Sua graça; sim, confessemos sinceramente os nossos pecados diante de Deus, como fez Davi diante da ameaça do Senhor por meio de Seu profeta. E se o Senhor nos desse a escolha (se parecesse bem à Sua Majestade) entre fugir diante de nossos inimigos, ou se desejaríamos ou escolheríamos antes uma carestia na terra ou uma peste, supliquemos de coração ao Senhor Deus que antes caíamos nas mãos do Senhor do que nas mãos de homens cruéis e perseguidores.

O resumo de tudo é:

- 1. Preceitos para fugir das más companhias, que são a praga de nossa alma. Devemos não apenas desaprovar, mas também detestar de coração o mau costume, para não darmos consentimento e estendermos as mãos ao pecado, como fizeram José e Ló.*
- 2. Acautelar-se contra o jurar por falsos deuses, o que é idolatria.*
- 3. Acautelar-se contra o jurar frequentemente, por medo do perjúrio.*
- 4. Como o Senhor possui dois meios para nos humilhar: a lei e a aflição.*

FIM.

SERMÃO 14. Dos Deveres Mútuos entre os Ministros e o Povo

Hb 13:17: Obedecei a vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossas almas, como quem deve dar contas delas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não vos seria útil.

Sempre que apraz ao Senhor Deus, por Sua providência, chamar-me para pregar a Sua palavra ao Seu povo (como no presente momento me chamou para junto de vós, reverendos pais e irmãos amados em nosso Senhor Jesus), meu desejo é tratar de uma porção de Sua santíssima palavra que possa ministrar matéria tanto para despertar e arrancar da caverna da ignorância aqueles que não conheceram a Jesus Cristo, nem a doçura de Sua graça, quanto para impulsionar aqueles que receberam alguma medida do Espírito de Deus, assegurando-lhes a salvação adquirida por Jesus Cristo, a um maior estudo e cuidado para aumentar este tesouro inestimável. O Senhor, por Sua grande misericórdia, apresentou-me, para o propósito desejado, um trecho que espero, pelo auxílio de Seu Santo Espírito, seja proveitoso tanto para vós quanto para mim. As palavras estão escritas no capítulo treze da Epístola aos Hebreus, no versículo dezessete: *Obedecei a vossos guias*, etc. O Espírito de Deus expõe mui claramente para nós neste lugar:

- 1. Primeiro, quais deveres os ministros de Deus devem ao Seu povo, declarados nestas palavras: Velam por vossas almas.*
- 2. Segundo, qual dever o povo deve a eles em contrapartida, expresso nisto: Obedecei a vossos guias e sede submissos.*
- 3. Terceiro, os frutos que provêm do bom cumprimento*

desses deveres para ambas as partes, isto é, tanto para o ministro quanto para o povo.

4. Quarto, qual é o perigo de não os cumprir bem.

Devemos primeiro falar dos deveres dos ministros. Mas, antes de entrarmos neles, é muito necessário considerarmos se é requerido ter um ministro ou não, e também para qual uso e fim devemos tê-lo. Pois, se não fosse necessário ter um pastor, seria em vão falar do dever de um ministro. Quando o Espírito Santo diz: *Obedecei a vossos guias*, etc., refere-se aos pastores da Igreja, aos dispenseiros da santa palavra de Deus. Pois foram estabelecidos sobre a Igreja de Deus pastores, doutores e presbíteros, que eram certos homens graves e sábios designados para zelar pela conduta dos filhos de Deus, atuando como auxiliares e ajudantes dos ministros de Deus na promoção de seu ofício; e, quando viam qualquer desordem entre os filhos de Deus, deviam admoestá-los disso; o que, se não resolvesse, faria com que, juntamente com toda a congregação, fizessem uso de admoestações; mas, se eles não fossem obedientes a isso, tal era a autoridade da Igreja que podiam excomungá-los, separando-os da comunhão dos santos e entregando-os ao diabo, para que por esse meio fossem levados ao arrependimento sincero de seus pecados e tivessem suas almas salvas. A esses guias o apóstolo ordena que sejam obedientes, não se referindo de modo geral a todo tipo de superiores e magistrados civis, como em diversos outros lugares da Escritura. Em Rm 13:1-3, Tt 3:1 e 1 Pe 2:13, devemos compreender isso neste lugar segundo as Escrituras. Na primeira epístola aos Tessalonicenses, no capítulo cinco, São Paulo escreve desta maneira: *Rogamos-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós e que presidem sobre vós no Senhor; e vos admoestam; e que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra. Tende paz entre vós.* Aqui

o apóstolo também fala daqueles que governam as consciências dos homens pelo ministério da palavra de Deus, e não dos magistrados civis. Vemos, portanto, que se entende que deve haver um guia sobre cada congregação, ao qual chamamos em nossa língua inglesa de pastor. Resta-nos apenas isto: que temos pastores, doutores ou mestres e ministros. Quão necessários eles são, o nosso Salvador Cristo testifica no capítulo nove de seu Evangelho segundo São Mateus: *E, vendo a multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes, como ovelhas que não têm pastor*. Esse povo de quem o nosso Salvador Cristo falava tinha os escribas e fariseus, grandes clérigos instruídos, doutores da lei, e no entanto Ele diz que careciam de pastores; e, por isso, ordenou aos Seus discípulos que rogassem ao Senhor da seara que enviasse trabalhadores para a Sua seara. Com isso, Ele nota que apenas aqueles que são trabalhadores são verdadeiros pastores. Ele compara os verdadeiros ministros a pastores fiéis, e o povo de Deus a um rebanho de ovelhas, tomando a ocasião desta parábola de acordo com aquela terra onde havia muitos montes, desertos e ermos, de modo que suas ovelhas, sem pastor, dispersavam-se perigosamente, visto que tantos lobos e feras selvagens ficavam à espreita em cada canto para devorar as pobres ovelhas.

Em caso semelhante estão aqueles que não têm um pastor que trabalhe fielmente na pregação da palavra de Deus, a qual é o instrumento que Deus designou para atrair o Seu povo para o aprisco de Jesus Cristo, onde ficam fora de perigo de destruição; ao passo que todos os que estão sem pastor andam errantes para a sua própria destruição. Tal desordem horrível existe onde a palavra de Deus não é verdadeiramente pregada. Em outro lugar Ele diz: *Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes quis Eu ajuntar os*

teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintainhos debaixo das asas, e tu não quiseste! Esse povo habitava todo junto, não estavam dispersos aqui e acolá, mas permaneciam inteiros naquela bela cidade de Jerusalém; contudo, porque não estavam na unidade do espírito da família de Deus, andavam dispersos em mui miserável desordem. Pois a Igreja de Jesus Cristo não está em um só lugar, mas dispersa e espalhada em diversos lugares por todo o mundo, e no entanto todos são de uma só família, todos de um só aprisco, e estão unidos em um só espírito; e, embora estejamos aqui, somos do mesmo número e rebanho daqueles que estão na Alemanha, contanto que sejamos da verdadeira fé de Jesus Cristo, pois a fé deles e a nossa é uma só, o espírito deles e o nosso espírito é um só, de acordo com as palavras do apóstolo: *Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos vós.*

Devemos, portanto, aceitar isso como a Escritura ensina: que o ministério de Sua palavra é a coisa mais necessária no mundo, o que não pode ser feito sem pastores fiéis e distribuidores da mesma. Pois, quando o Senhor gerar as vossas almas, o que Ele não faz por semente mortal, mas pela semente imortal de Sua palavra, Ele vos designará também um pai espiritual. Ele nunca estabelece reino algum sem designar um rei, e quando tem algum discípulo, providencia-lhe um mestre para instruí-lo e ensinar-lhe a Sua santíssima vontade. Pois isto é certíssimo: onde uma comunidade está sem governo, o estado é mui miserável; um homem não conseguirá viver ao lado de outro. Por outro lado, se houver governantes que usem de tirania, opressão e busquem enriquecer-se, juntando e rapando tudo para as suas mãos, a que miserável escravidão será o pobre povo reduzido? Assim é na

Igreja de Deus: se sobre ela forem colocados aqueles que são cegos, incapazes de alimentar o rebanho, que buscam o seu próprio prazer para encher os seus ventres, vestir as suas costas, enriquecer os seus cofres e viver como bem entendem, o povo de Deus estará em estado miserável, como cegos tateando fora do caminho, e serão devorados por seu adversário, o diabo (que, como leão rugindo, anda em redor, buscando a quem possa devorar), porque não sabem como resistir-lhe por uma fé firme, sendo assim levados cativos para o inferno. Isso provém de não se ter um pastor, ou de se ter um que não zele pelas almas de seu povo.

Pois o fim para o qual o Senhor estabelece pastores fiéis e trabalhadores em Sua Igreja é para que ensinem aos Seus filhos, a partir de Sua palavra, o caminho do céu de forma sincera e pura; e a tais guias devemos obedecer e por eles ser governados segundo a palavra de Deus. Nem devemos dizer no coração: *Quem subirá ao céu?* (isto é, para trazer do alto a Cristo) ou: *Quem descera ao abismo?* (isto é, para tornar a trazer dentre os mortos a Cristo), mas *a palavra de Deus está perto de ti, na tua boca e no teu coração*. Devemos, portanto, obedecer aos verdadeiros ministros e trabalhadores fiéis na vinha do Senhor, e aprender por aquela doutrina salutar que nos trazem como alcançar a salvação; pois não há outro meio no mundo para vir a Cristo senão pela pregação da palavra, conforme aquele dito de São Paulo: *A fé é pelo ouvir; e o ouvir pela palavra de Deus*; e, como ele fala um pouco antes: *Como ouvirão, se não houver quem pregue?*

Podemos, pois, extrair um argumento mui forte para provar que os ministros fiéis são designados por Deus para este fim: unicamente para trazer para casa os Seus filhos para o aprisco de Jesus Cristo. A verdadeira fé nos torna os únicos herdeiros do

reino dos céus; a fé não pode ser alcançada sem o ouvir da palavra de Deus pregada; a palavra por si mesma não pode ser pregada sem um pregador; portanto, os pregadores são os únicos meios designados por Deus para operar a fé em Seus filhos pela pregação da palavra de Deus e pela operação secreta do Espírito Santo, pela qual são feitos participantes das promessas. Todo aquele, pois, que não se contenta com esta ordenança de Deus, mas deseja alguma outra revelação do céu, nunca será participante dos benefícios de Jesus Cristo. Ele próprio declara na parábola do rico epulão que, quem não cresse nos mensageiros de Deus, que são os pregadores da palavra, não creria ainda que um ressuscitasse dentre os mortos para o instruir. Pois na palavra de Deus está estabelecida mui clara e manifestamente a regra verdadeira e certa para viver, e os meios para se alcançar a salvação. Portanto, é impiedade excessiva desejar qualquer outro meio para ser instruído senão pela palavra de Deus, que é a própria porta do céu, e as chaves dela são dadas aos verdadeiros ministros da palavra de Deus com tal poder que tudo o que ligarem na terra será ligado no céu, e tudo o que desligarem na terra será desligado no céu.

Tão maravilhosa é a misericórdia de Deus para com os Seus filhos nisto, que eles podem ter a certeza da salvação nesta vida; sim, tão certos podem estar dela como se já a tivessem em posse, e isso não pela pregação de anjos, mas por nossos próprios irmãos, homens mortais como nós, sujeitos ao pecado e a todas as enfermidades, por cujas mãos podemos ser ensinados diariamente, com quem podemos conversar familiarmente e de cujas mãos, através da palavra de Deus, podemos ter tão boa garantia disso como se o próprio Senhor falasse do céu. Se Deus falasse, não seríamos capazes de suportar o ouvir de Sua voz, mas seríamos totalmente tragados pelo medo. Como os filhos de

Israel ficaram aterrorizados com a voz do Senhor! Quando Ele lhes falou, fugiram e puseram-se de longe, e clamaram a Moisés: *Fala tu conosco, e ouviremos; e não fale Deus conosco, para que não morramos.* Que coisa vã e ímpia seria convencer-nos de que poderíamos crer se ouvíssemos o próprio Deus falar, ou se alguém viesse dos mortos para nos dizer o que devemos crer, quando a própria terra tremerá diante da voz de Deus? E o nosso Salvador Cristo nos diz claramente que, se não cremos nos verdadeiros pregadores de Sua palavra, não poderíamos crer ainda que uma alma condenada viesse do inferno para nos pregar; a razão é que a ordenança de Deus, que é imutável, designou os nossos irmãos para nos ensinarem o caminho da salvação.

E, na verdade, é um trecho notável aquele onde o nosso Salvador Cristo separa os Seus dos réprobos: *Rodearam-no, pois, os judeus e disseram-lhe: Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo, dize-no-lo abertamente. Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo tenho dito, e não o credes. As obras que Eu faço em nome de meu Pai, essas dão testemunho de Mim. Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas, como já vo-lo tenho dito. As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e Eu conheço-as, e elas seguem-me; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão.* Vemos, então, que é um grande argumento de reprovação quando os nossos corações são tão duros que não podemos crer no Evangelho de Jesus Cristo; pois esta é uma verdade infalível: que aqueles que são do Senhor, Ele os chama no Seu tempo, e eles permanecerão e nunca cairão; mas aqueles que não são dEle cairão, embora tenham sido hipócritas extremamente astutos em santidade exterior. Os filhos de Deus reconhecerão este meio e louvarão a sabedoria de Deus, que por ele os transformou completamente e

mudou todo o seu ser, santificando-os por Seu Santo Espírito e dando-lhes a certeza da salvação, a qual confessam que nunca poderia ter ocorrido sem a pregação da palavra. Essa autoridade é dada aos ministros para pronunciarem os terríveis juízos de Deus contra o pecado, e quem quer que seja que não se arrepende e não se converter do mesmo estará tão seguro da condenação eterna como se já estivesse no inferno.

Por outro lado, aos penitentes cujas consciências estão sobrecarregadas de dor por seus pecados, o ministro pode pronunciar as doces promessas do Evangelho: como Jesus Cristo morreu por eles e os absolveu perante o tribunal de Deus; e eles estarão tão seguros da salvação como se o nosso Salvador Cristo falasse do próprio céu (Ele que é a Verdade e não pode mentir) e dissesse: *Aqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos*. Isto é algo maravilhoso, e os filhos de Deus confessarão nisto uma bondade indizível do Senhor Deus, ao enviar os nossos irmãos com tal poder. Sendo, pois, isto tão necessário, aqueles que não confessam ser esta a ordenança e o meio designado pelo Senhor Deus para trazer os Seus filhos para o Seu Reino celestial, ou nunca ouviram falar de Jesus Cristo, ou então, em miserável hipocrisia, ouviram e professaram o Evangelho, o qual será um testemunho para as suas consciências, sim, para a sua total condenação.

Agora que ouvimos sobre a necessidade de um pastor e o uso para o qual ele é designado, é requerido que consideremos qual dever o pastor deve ao seu rebanho; pois, assim como o Senhor, quando estabelece um reino, escolhe um rei e também lhe dá, primeiro, um coração de rei antes de o assentar em seu trono; assim, quando prepara um pai espiritual para gerar almas para Si, Ele lhe concede dons e poder para fazer o mesmo, como São

Paulo testifica escrevendo aos Efésios: *Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo. Pelo que diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativo e deu dons aos homens.* De modo que primeiro o Senhor dá dons, e depois homens. Este deve ser o dever do ministro (como o Espírito Santo nos diz): velar pelas almas de seu povo, ser tão cuidadoso com elas que não permita que nenhuma pereça por sua negligência, mas, por seu trabalho fervoroso na pregação da palavra de Deus, edificar em uma fé mais forte aqueles que já foram gerados para o Senhor, e também ganhar outros para Cristo, aumentando assim o corpo místico de Cristo tanto quanto a sua diligência, pela bênção de Deus, for capaz de fazer.

- 1. Primeiro, portanto, é requerido no ofício do ministro que ele estude a palavra de Deus, que a leia diligentemente e também se entregue à oração.*
- 2. Segundo, depois de ter estudado a palavra de Deus, ele deve sair de seu gabinete de estudos para ensinar e instruir o seu rebanho, ministrando-lhe a doutrina salutar para o alimento de suas almas.*
- 3. Terceiro, ele deve viver uma vida piedosa, mostrando-se um exemplo e padrão de piedade para o seu povo imitar, para que as bocas que estão prontas a caluniar o Evangelho sejam fechadas; e deve velar pelo seu rebanho, para que não sejam enganados com falsa doutrina.*
- 4. Por último, ele não deve recusar dar a sua vida por eles.*

Quanto ao primeiro ponto, que os ministros devem entregar-se diligentemente à leitura, isso é manifesto no capítulo quatro da primeira Epístola a Timóteo, onde ele exorta Timóteo com estas palavras: *Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá.* Se o

ler a palavra de Deus não fosse muito necessário, sim, e o primeiro ponto dos ministros de Deus, esse fiel servo de Deus, São Paulo, nunca teria ordenado a Timóteo que usasse de tanta diligência nisso; ele que nunca moveu ninguém a fazer coisas que não fossem proveitosas, e ele próprio, para exemplo dos outros, praticava o mesmo. Portanto, é certo que São Paulo, usando de grande diligência nisso, encontrou tal utilidade que o moveu a exortar Timóteo, e nele todos os outros ministros, a agirem de igual modo. Mas se São Paulo, que era mais do que um ministro, a saber, um apóstolo, chamado para isso extraordinariamente pela boca do próprio Jesus Cristo desde o céu; se ele, digo eu, que foi colocado em tão alto ofício e chamado com tão digno chamado, entregou-se diligentemente à leitura e ao estudo da palavra de Deus, quanto mais devem fazê-lo os ministros que não têm um chamado tão excelente como o dele? O profeta Malaquias mostra uma razão para isso: *Os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens buscar a lei, porque ele é o mensageiro do Senhor dos Exércitos*. Se o povo deve aprender a vontade de Deus da boca do ministro, é necessário que ele próprio estude e leia a palavra de Deus diligentemente, onde a Sua santa vontade é revelada, para que seja capaz de declarar a mesma ao povo, fim para o qual o Senhor os colocou sobre o Seu povo. De modo que ele deve ser, por assim dizer, o celeiro do Senhor, e os filhos de Deus devem vir para aprender, e ele deve ministrar-lhes a doutrina necessária conforme a ocasião se oferecer, para que todas as diversas heresias sejam arrancadas do coração do povo e este seja trazido a Deus, para servi-Lo em verdadeira santidade, de acordo com a religião perfeita; e por isso podemos saber que, quem quer que não proceda assim, não é servo do Senhor. A leitura e a meditação na palavra de Deus são tão necessárias que o Senhor ordenou a Josué, sendo este um

magistrado civil: *Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes medita nele dia e noite.* Notando com isso quão difícil e impossível é para os magistrados governarem a comunidade de forma reta e ordeira sem o estudo contínuo da palavra de Deus, que é a regra perfeita e absoluta pela qual tanto os magistrados quanto todas as outras classes de pessoas devem medir os seus negócios e a conduta de sua vida. Por esta causa também não deve o magistrado civil ser ignorante da lei de Deus, para que as suas leis civis sejam estabelecidas de acordo com a lei moral, e por isso devem continuamente ler e meditar nela. Mas, se este é o dever dos magistrados civis, estar sempre familiarizados com a palavra de Deus, quanto mais é o dever dos pastores espirituais, cujo ofício consiste no ministério da mesma? O profeta Davi, no primeiro Salmo, quando descreve quem são os bem-aventurados, inclui-os neste número: *Aqueles que têm o seu prazer na lei do Senhor; e na Sua lei meditam dia e noite.* De modo que todo homem comum, se quiser ser bem-aventurado, deve meditar continuamente na palavra de Deus e ter nela todo o seu deleite e prazer.

O ministro, portanto, por necessidade deve ensinar o povo; ele deve aprender primeiro, pois não lhe é possível ensinar a outro aquilo que ele próprio não aprendeu. Esse é um forte argumento para provar a primeira parte a respeito de seu estudo e leitura da palavra; o que, assim como provamos ser o primeiro ponto em seu ofício, assim também, querendo Deus, faremos manifesto neste ponto de seu dever: que ele deve também ensinar a mesma, e não manter-se continuamente em seu gabinete de estudos enchendo-se de conhecimento até ficar tão cheio como uma pipa que não emite som quando nela se bate. Pelo contrário, ele deve sair de seu gabinete e pregar a palavra de Deus, e ministrar a doutrina salutar, declarando assim, pelo alimentar do rebanho de

Cristo, que ama ao seu mestre Cristo, de quem professa ser servo. Que esses clérigos profundamente instruídos, que se gabam e se vangloriam de tão profundo conhecimento e abundância de erudição, venham a público e mostrem o mesmo, para que possamos dar testemunho de que assim é; pois, se são servos do Senhor, não devem ter o conhecimento sepultado em si mesmos, mas em seus lábios, para que os filhos de Deus sejam ensinados por ele a alcançar a salvação. Pois o Senhor ordenou a pregação de Sua palavra como o único meio pelo qual reúne os Seus eleitos; e para esse fim deu dons aos homens, para que, pelo trabalho deles, o corpo de Jesus Cristo fosse aperfeiçoado. Ele não lhes deu um talento para esconder na terra, mas para negociar e aumentar; estejam certos, portanto, de que, quando o nosso Rei vier a pedir-nos contas, eles serão tratados tão duramente por não terem negociado e aumentado o talento para a Sua glória quanto seriam se o tivessem lançado fora com desprezo. O ministro da palavra de Deus deve, portanto, não apenas ser instruído, mas também deve ensinar; pois como pode ser um ministro da doutrina senão no aspecto de que ensina, executando o ofício de seu ministério? E esse ensinar nada mais é do que pregar a palavra de Deus sinceramente e pura, com zelo pela glória de Deus e desejo de salvação de nossos irmãos; e, em segundo lugar, uma administração reverente dos sacramentos, segundo a ordem e instituição de nosso Salvador Jesus Cristo. Todo aquele, pois, que não trabalhar assim não é ministro do Senhor, mas um salteador e espoliador do povo de Deus, que se intromete no ministério apenas para encher o ventre com o suor do rosto de outros homens.

Ora, assim como é necessário que o ministro, além da leitura e do estudo da palavra, também a ensine; assim ele deve cuidar para observar a ordem correta de ensinar, e não inventar

doutrinas de sua própria cabeça. Mas, se ele quiser ser um bom construtor, o seu fundamento deve ser Jesus Cristo, pois ninguém pode lançar outro fundamento; e sobre o mesmo ele não deve construir madeira, feno ou palha (pelo que se entende todas as questões curiosas e inúteis, e a vanglória vã), mas deve construir ouro, prata e pedras preciosas (por cuja substância preciosa se nota a mais excelente e pura doutrina do Evangelho). E nisto conhecereis o seu argumento: se abate os pecadores obstinados e de cerviz dura, ameaçando-os com o rigor da lei e os terríveis juízos de Deus contra os violadores dela; e, ao contrário, cura as consciências machucadas e feridas pelo pecado com as doces promessas do Evangelho. Se alguém, pois, trabalhar para lançar outro fundamento e usar de outra ordem de doutrina que não esta, é um anticristo, isto é, contra Cristo, e não cristão.

Ele deve ensinar-lhes todo o conselho de Deus e nada reter; mas tudo o que diz respeito à salvação de seu rebanho, isso ele deve ensinar-lhes. Sim, tão absoluta deve ser a sua doutrina que não deve haver ponto algum da vontade de Deus, pertencente à salvação de Seus filhos, que o ministro não seja capaz e diligente para declarar. Portanto, é necessário e preciso que se acrescente um raro dom de Deus, que é o único que abre o entendimento deles para que compreendam as Escrituras, nas quais a santíssima vontade de Deus é revelada e nada do que é necessário para a nossa salvação é omitido; de modo que quem não conhece as Escrituras necessariamente erra e é enganado. Mas o ministro, que deve declarar todo o conselho de Deus aos Seus filhos, deve ser mui perfeito nelas.

Além disso, ele deve convencer, repreender, exortar e incitar, primeiro a si mesmo a um grande cuidado em cumprir fielmente o seu dever; depois deve também, por todos os meios,

impulsionar os piedosos, suave e amorosamente, exortando-os a reterem firmes a confissão de sua esperança, na certeza da fé, tornando a sua eleição mais bem conhecida a si mesmos por sua vida piedosa. E, para melhor os conduzir nisto com boa vontade e grande prontidão, ele deve colocar diante deles a maravilhosa misericórdia do Senhor Deus demonstrada para com eles, no fato de os ter escolhido dentre todo o mundo para serem herdeiros de Seu reino, onde reinarão para sempre em alegrias tão indizíveis que nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais penetrou no coração do homem. Ele não deve ter vergonha de repreender e censurar aqueles que não querem ser obedientes ao Evangelho, mas permanecem ainda chafurdando em seu pecado; e, se as admoestações salutareis não resolverem, não deve poupar de trovejar os justos juízos de Deus contra eles, até os ter abatido ao inferno com os pavores decorrentes disso; e, após o verdadeiro arrependimento, erguê-los até os céus e fortalecê-los diariamente mais e mais; de modo que ao impenitente ele deve pronunciar a condenação, porque este se encontra ainda debaixo da lei e sob a maldição da lei, e estará seguro de ser atormentado eternamente se não se arrepender; mas ao penitente, que trabalha com uma consciência sobrecarregada pelo pecado e está ferido de dor por causa dele, ele confortará com as benditas promessas do Evangelho, declarando-lhe que não está debaixo da lei, mas debaixo da graça, e assim o edificará em uma fé viva em Jesus Cristo.

Isto deve o ministro fazer tanto publicamente quanto de forma privada; pois não é suficiente que pregue a palavra de Deus abertamente no púlpito, mas deve ir à casa de cada homem e ali instruir diligentemente tanto a ele quanto à sua casa no temor de Deus; e não, como é o costume de alguns, ir à casa das pessoas para contar-lhes uma história e lisonjeá-las com belas palavras e

discursos bajuladores, com o fim de encher o ventre à mesa alheia ou obter algum outro benefício que andam a caçar. Estes são mercenários e bajuladores do tempo que se intrometem no ministério por amor ao lucro e porque gostariam de viver ociosamente, não tomando trabalho algum para o seu sustento, mas, contrariamente ao mandamento de Deus, vivendo do trabalho dos outros; estes não são verdadeiros ministros, mas sim tais como o profeta Malaquias fala no primeiro capítulo de sua profecia. O verdadeiro pastor não deve ter tal propósito; mas, assim como é seu dever trabalhar para ganhar as almas de seu povo para Jesus Cristo, assim deve usar de todos os meios, tanto públicos quanto privados, que possam promover o seu ministério e torná-lo proveitoso. Poderíamos provar em diversos lugares da palavra de Deus este seu dever, tanto pelo exemplo de nosso Salvador Cristo, o padrão perfeito para todos os homens seguirem, que não apenas pregou abertamente na sinagoga, mas privadamente nas casas dos homens. Os apóstolos fizeram o mesmo, e São Paulo testemunha isso no capítulo vinte dos Atos com estas palavras: *Não me esquivei de anunciar-vos coisa alguma que útil fosse, ensinando-vos publicamente e de casa em casa*. Este é o dever de um bom pastor. A razão disso é muito boa, porque aquilo que é falado geralmente a todos é considerado por muito poucos ou por ninguém; de tal modo Satanás tapou os ouvidos dos homens e cegou o seu entendimento, que ou não querem ouvir de todo, ou, ouvindo, nunca aplicam o mesmo às suas consciências; e, portanto, para evitar isso, o ministro não hesitará em instruí-los privadamente, quando não terão a oportunidade de aplicar aos outros homens aquilo que é falado particularmente a eles mesmos. Por esse meio, se o Senhor assim tiver designado, eles podem ser trazidos para casa, ou então ter o testemunho de Sua palavra em suas consciências, para torná-los inescusáveis no último dia.

Além disso, isto ele não deve fazer raramente, uma vez ou outra no mês, ou a cada trimestre, pois não pode assim desobrigar a sua consciência diante do Senhor, que o designou para alimentar o Seu rebanho continuamente; e este não pode viver e continuar sem alimento, assim como a alma não pode viver a menos que seja continuamente alimentada e nutrida com o leite da palavra de Deus. Ele deve, portanto, alimentá-los continuamente, como vemos que aquele cuidadoso pastor, São Paulo, fez quando se despedia para partir de Éfeso, depois de ter confiado a guarda do rebanho de Deus aos presbíteros da Igreja e de os ter advertido sobre os falsos mestres que os importunariam após a sua partida, e por isso os exortou a vigiar. *Portanto, vigiai*, diz ele, *lembrando-vos de que, por espaço de três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós*. Essa diligência deve haver nos ministros para estarem sempre ensinando, para que, se o Senhor não abençoar em um tempo, possa abençoar em outro; eles não sabem o tempo em que o Senhor chamará qualquer um de Seu rebanho, por isso o ministro deve usar os meios diligentemente em todos os tempos, quer a tempo, quer fora de tempo, como São Paulo escreve a Timóteo: *Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na Sua vinda e no Seu Reino: prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo*, etc. Não é pequena coisa ter um encargo como este que aqui é estabelecido, e que é dado a todos os ministros tanto quanto a Timóteo, para que, assim como hão de responder perante o tribunal de Deus, quando os segredos de todos os corações forem abertos, preguem a palavra com insistência, puramente e continuamente, quer a tempo, quer fora de tempo, não omitindo ocasião alguma que possa ser proveitosa. É costume dos homens considerar fora de tempo se não for o Dia do Senhor, e por isso não deixarão um pequeno negócio de outros dias para ouvir a

palavra de Deus pregada, a qual tende ao bem-estar deles. Os ministros devem trabalhar por causa deles tanto fora de tempo quanto a tempo; mas se eles forem mais lembrados de seus prazeres mundanos ou negócios do que da salvação de suas almas, o sangue deles será sobre a sua própria cabeça.

Mas, quando o ministro estudou assim a palavra diligentemente, pregou-a puramente, declarando o conselho de Deus, exortou tanto suave quanto severamente, trabalhou para ganhar as almas dos homens tanto pública quanto privadamente, e isso mui cuidadosamente, tanto fora de tempo quanto a tempo, em que fim dará tudo isso? Paulo pode plantar, Apolo também regar, mas é Deus quem deve dar o crescimento. Embora o ministro trabalhe com o maior fervor, cumprindo o seu dever de forma absoluta, contudo, se Deus não abençoar e aumentar o mesmo, tudo é em vão. Como, portanto, o ministro é a boca de Deus para falar ao povo, assim deve ele ser a boca do povo e orar ao Senhor tanto por si mesmo quanto por eles, para que o Senhor o abençoe e a eles, e conceda que o ministério de Sua palavra seja proveitoso tanto para si mesmo quanto para eles, e que a glória de Deus seja aumentada por meio dele. Assim lemos que o nosso Salvador fez, o qual, sendo verdadeiro Deus tanto quanto homem, e tendo poder em Si mesmo para santificar os ouvidos e os corações dos que O ouviam, e para tornar a Sua pregação proveitosa na medida que Ele próprio quisesse, contudo, para exemplo de todos os outros que viriam depois, orou ao Seu Pai tanto por Si mesmo quanto por nós. São Paulo também, em todas as suas epístolas, testifica quão continuamente faz menção deles em suas orações. Os ministros, portanto, devem orar, e isso sem cessar, tanto privadamente por si mesmos quanto abertamente na congregação; e esta promessa fez o nosso Salvador: que tudo o que pedirmos ao Pai em Seu nome nos será concedido.

Na administração dos sacramentos, ele deve também ser mui circunspecto; e embora as crianças devam ser recebidas na Igreja pelo batismo, e não devam ser recusadas, porque as promessas pertencem tanto a elas quanto aos adultos, contudo devem ser batizadas na fé dos pais, pois não há promessa feita aos infiéis. O ministro, portanto, deve requerer uma prestação de contas desta fé daqueles que trazem crianças para serem batizadas, para que não venha a selar uma folha em branco e, assim, profanar o sacramento, o qual não pertence a ninguém senão aos fiéis. Além disso, ele não deve admitir todos os homens que vêm precipitadamente para comer a carne e beber o sangue de Cristo, pois isso não é matéria simples; mas primeiro eles devem comê-Lo pela fé, a partir da palavra de Deus, e quando o tiverem feito, o ministro administrará a eles os selos externos do pão e do vinho, para confirmar e fortalecer a sua fé.

O terceiro ponto dos ministros é: ele deve viver uma vida piedosa, mostrando-se um exemplo para todo o seu rebanho, para que a palavra de Deus não seja caluniada por causa de seu mau comportamento; pois, embora ele pregue a melhor doutrina, se a sua vida for ímpia e contrária à sua doutrina, tal é a sutileza de Satanás, que por esse meio trará o Evangelho ao desprezo e fará com que seja considerado coisa vã pelos homens, porque o ministro ensina uma coisa e faz outra. Isso seria matéria grave e intolerável: que o ministro abrisse as bocas dos ímpios para blasfemarem do Senhor Deus e de Sua santíssima palavra, que é o poder de Deus para a salvação. Portanto, São Paulo, juntamente com a sã doutrina, dá este encargo a Tito: *Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós.* O apóstolo viu que não era pequena a ocasião para usar de

tão pesada admoestação: que, acima de todas as outras coisas, se junte à sã doutrina uma vida piedosa, sim, tal exemplo de gravidade, integridade e todas as outras boas obras condizentes com a palavra mais salutar, que homem algum seja capaz de reprovar em aspecto algum, para que o adversário desdenhoso e despeitado contra a verdade se envergonhe de abrir a boca, visto que não é capaz de acusar o ministro de impiedade alguma; pois a própria palavra é tão perfeita e absoluta em todos os aspectos que ninguém pode achar falta nela. Mas se o ministro, contrariamente à palavra, vive ímpia e profanamente, ele não apenas adquire má fama para si mesmo, mas também dá ocasião aos inimigos e desprezadores da verdade para caluniarem mui impiamente o preciosíssimo Evangelho de Jesus Cristo. O ministro deve, portanto, viver uma vida piedosa e irrepreensível, como um exemplo de boa conduta para todo o seu rebanho.

Além disso, o Espírito de Deus, ao dizer que eles devem velar pelas almas dos homens, declara um cuidado maravilhoso que o ministro deve ter para com a sua própria alma; pois, se ele é obrigado a velar pelas almas dos outros homens a fim de que sejam salvas e não se percam, e enquanto isso permite que a sua própria se perca, o que ele ganhará? Na verdade, de nada lhe aproveitará que todo o seu rebanho seja salvo, se ele próprio for condenado. É manifesto na primeira Epístola aos Coríntios, no capítulo seis, que nenhum injusto herdará o reino dos céus. Portanto, o ministro deve, por necessidade (segundo a admoestação de São Pedro), dar diligência para fazer firme a sua vocação e eleição por sua vida piedosa e boas obras, tanto quanto qualquer outro, se quiser aprovar-se como filho de Deus e herdeiro da vida eterna. Seria coisa vã lisonjear-se no pecado por causa de seu ofício e pensar que Deus lidará mais misericordiosamente com ele por causa disso; quando é

certíssimo que, assim como a salvação da humanidade vem pelos méritos de um só, que é Jesus Cristo, assim há apenas um meio para o homem alcançá-la, isto é, por uma fé verdadeira e viva em Jesus Cristo; e quem quer que não possa assegurar-se nesta vida, pela prova de sua fé, de que é filho de Deus, embora possa persuadir-se e lisonjear-se imensamente com outra esperança vã, tudo será sem propósito; pois ele pode estar certo, seja ele ministro ou outro qualquer, de que nunca provará das alegrias reservadas para os filhos de Deus. No capítulo vinte dos Atos, onde São Paulo entrega o encargo da Igreja e do rebanho do povo de Deus aos guias dela, dá este encargo primeiro: *Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a Igreja de Deus, que Ele resgatou com o Seu próprio sangue*. O ministro deve velar pelas almas de seu rebanho, mas, primeiro, pela sua própria, pois aquele que não pode guardar a sua própria alma, muito menos poderá guardar as almas dos outros; aquele que não sabe governar a si mesmo, não pode governar a outrem. O ministro deve velar pelas almas de seu rebanho, alimentando-as de forma tão cuidadosa e cautelosa com doutrina salutar e necessária, e ansiando de tal modo pela salvação de todos, que não deve permitir que nenhum pereça por sua culpa; portanto, acima de tudo, é requerido que ele guarde a sua própria alma mui segura.

Então, quando ele prega a condenação aos obstinados e àqueles que permanecem em seus pecados, tropejando os juízos de Deus contra eles porque não querem se arrepender, para por esse meio os abater e trazê-los à percepção de sua miséria, ele deve estar seguro de que o mesmo não se aplica a ele próprio. Por outro lado, quando prega sobre a eleição e a remissão dos pecados pelos méritos de Jesus Cristo, ele deve ter um testemunho assegurado e infalível em sua própria consciência de que é um

vaso eleito do Senhor, que foi remido pelo sacrifício de Jesus Cristo e que desfrutará de todas as promessas do Evangelho, como todos os outros filhos de Deus; se ele não estiver seguro disso, o seu estado é pior do que o de todos os outros homens; pois, ao pregar a condenação aos outros, condena a si mesmo, e ao oferecer o reino dos céus aos outros, exclui-se totalmente; de modo que aquele que ajuda a outrem a sair de um poço cai ele próprio tão profundamente no mesmo que não é possível a homem algum tirá-lo de lá.

Por fim, o ministro deve não apenas ler e estudar a palavra de Deus, pregá-la puramente por meio de exortações e todos os outros meios que possam ser proveitosos, usando-os tanto pública quanto privadamente, continuamente a tempo e fora de tempo, orando também por seu rebanho para que o seu ministério lhe seja proveitoso, e estabelecendo-se como exemplo de toda a piedade perante eles, velando cuidadosamente por suas almas; mas ele deve também amá-los tão calorosamente que a sua própria vida não lhe seja preciosa por causa deles. Essa afeição terna e amorosa estava naquele bom filho de Deus, São Paulo, como é manifesto em sua Epístola aos Tessalonicenses, onde escreve desta maneira: *E não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros, ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados; mas fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos. Assim nós, sendo-vos mui afeiçoados, de boa vontade queríamos comunicar-vos, não somente o Evangelho de Deus, mas ainda as nossas próprias almas, porquanto nos éreis muito queridos.* Tão singular amor tinha ele para com eles, que lhe eram mais caros do que a sua própria vida; essa afeição ele não nutria apenas por eles, mas por todos os filhos eleitos de Deus, e sofria todas as coisas por amor dos

eleitos, para que também eles alcançassem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna.

A razão disso é que, onde quer que o Evangelho seja sincera e puramente ensinado, há sempre adversários que buscam a destruição dele, perseguindo aqueles que o professam, para o grande desânimo dos filhos de Deus, os quais, tão logo tomam sobre si a profissão de Jesus Cristo em verdade e com boa consciência, são imediatamente combatidos com grandes lutas de aflição, que seriam capazes de fazê-los abandonar a fé de Jesus Cristo e a profissão do Evangelho se o Senhor não os mantivesse de pé nessa angústia. O apóstolo, portanto, a quem o Espírito Santo preencheu com toda a sabedoria, sabendo que a cruz era o maior impedimento para o Evangelho que poderia haver, e também que onde o Evangelho fosse verdadeiramente professado, ali a cruz não estaria ausente, porque por meio dela o Senhor conduz os Seus filhos à glória, de um grande desejo que tinha pela edificação da Igreja de Jesus Cristo, sofreu voluntariamente todo tipo de aflições, para por elas confirmar e fortalecer a fé dos filhos de Deus; e regozijava-se por sofrer por amor da Igreja, para a utilidade deles, visto que, pelo seu exemplo, o Senhor não apenas operava neles uma maior credibilidade e crença no Evangelho, mas também um zelo tão fervoroso que estavam prontos e dispostos a sofrer todo tipo de aflições por causa dele, e isso com grande alegria. Ao passo que, se o apóstolo, que lhes pregava essas boas-novas, tivesse recuado diante do testemunho de sua doutrina quando quaisquer aflições lhe fossem impostas por causa dela, o povo que era guiado por ele — provendo assim o Espírito de Deus — teria se desviado da verdade e até mesmo endurecido os seus corações contra ela. Mas esse filho de Deus estava tão pronto a confirmar a fé do povo de Deus por esses meios que, quando lhe foi dito

por um profeta chamado Ágabo que seria preso em Jerusalém e entregue nas mãos dos gentios, sendo ele rogado pelos irmãos para que não subisse, os quais até com lágrimas lhe suplicavam isso, então Paulo respondeu e disse: *Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus.* Essa afeição deve haver em cada bom ministro para com o seu rebanho: que, por amor das almas deles, esteja pronto a sofrer todas as coisas, sim, até a dar a sua vida para a confirmação de sua doutrina, o fortalecimento da fé deles e a glória de Deus. O nosso Salvador Cristo, também, aquele bom pastor, não recusou dar a Sua vida por Suas ovelhas; e, na verdade, naquele trecho de São João, Ele declara de forma notável a diferença entre o bom pastor e o mercenário: *Eu sou, diz Ele, o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. Mas o mercenário, e o que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebatava e dispersa as ovelhas. Ora, o mercenário foge, porque é mercenário, e não tem cuidado das ovelhas.*

Este trecho nos ensina claramente que os ministros da palavra de Deus não devem ser mercenários, tais que não têm cuidado de seu rebanho, mas respeitam apenas o seu próprio proveito; e, em tempo de perigo, desampará-los-ão, por mais que antes tenham alimentado o rebanho. Mas os verdadeiros ministros não devem ser assim; eles não devem medir o seu dever e afeição para com o seu rebanho de acordo com o seu proveito, mas devem saber que foram colocados sobre eles para velar por suas almas, para defendê-los do diabo, aquele lobo voraz, pela salutar palavra de Deus, e não para vigiar pelo seu próprio ganho. E por isso ele será conhecido: se em tempo de perigo permanecer ao lado de seu rebanho e não o desamparar; antes, de preferência a que eles

pereçam, dará a sua vida por amor deles; pois, se essa afeição não estiver neles, o caso é mui manifesto de que não são bons pastores, mas mercenários.

Para a verdadeira compreensão deste ponto, consideraremos quando os ministros podem fugir; pois, se negássemos que pudessem fugir em qualquer tempo, não diríamos a verdade; pois o nosso Salvador Cristo ordenou que, quando nos perseguissem em uma cidade, fugíssemos para outra. É manifesto também que o próprio Salvador Cristo fugiu, como quando os judeus pegaram em pedras para Lhe atirar, Ele Se ocultou e saiu do templo; e passou pelo meio de todos eles, e assim retirou-Se. E no capítulo dez de João lemos que, quando procuravam prendê-Lo, Ele escapou de suas mãos e retirou-Se para além do Jordão; contudo, mais tarde, quando o tempo determinado em que deveria sofrer era chegado, Ele não fugiu. São Paulo também e Barnabé, como aparece no capítulo catorze dos Atos, estando em Icônio, quando se fez um assalto tanto dos gentios quanto dos judeus com os seus chefes para os ultrajarem e apedrejarem, percebendo-o, fugiram para Listra e Derbe, cidades da Licaônia. No entanto, como declarei antes a partir do capítulo vinte e um dos Atos, em outro momento Paulo subiu de boa vontade a Jerusalém para dar a sua vida pela glória de Deus. De modo que, se negássemos que se pudesse fugir em qualquer tempo, negaríamos as palavras de Cristo, que nos ordena fugir em tempo de perseguição; e, novamente, se disséssemos categoricamente que podem fugir, não estabeleceríamos diferença alguma entre o verdadeiro ministro e o mercenário.

Devemos, portanto, notar isto: se ocorrer de o povo sobre o qual ele está colocado encontrar-se em perigo de ser seduzido por falsos mestres daquela doutrina mais verdadeira e salutar de Jesus Cristo, tendo recebido ainda apenas um gosto, por assim

dizer, dela e não estando fundamentados, ele não deve em caso algum fugir e dar lugar, ainda que isso lhe custe a vida; pois seria um caso perigoso fugir então, porque a sua constância em selar a sua doutrina com o seu sangue pode confirmar maravilhosamente a fé de seu rebanho e atraí-los adiante por seu exemplo, para antes morrerem pela profissão de Jesus Cristo do que negá-Lo; ao passo que, ao contrário, se ele fugisse, eles não poderiam senão desviar-se da verdade, não estando fundamentados nela, ao verem o seu pastor ocultar-se. Mas quando essa afeição e amor estão no ministro para considerar que está desposado com Jesus Cristo para defender a Sua esposa e Igreja de seus adversários, e para trazê-los, por assim dizer, pela mão ao noivo, de quem tem tão singular cuidado que nunca os desampará — ainda que por estudo fervoroso venha a encurtar a sua vida, e todos os médicos do mundo lhe digam claramente que isso porá fim aos seus dias se não desistir do mesmo —, contudo, digo eu, quando ele tem tal amor e afeição pelo seu povo, cujas almas trabalha para alimentar e nutrir com laços da palavra de Deus, que entregará a sua vida nas mãos de Deus e se entregará à Sua providência, e antes terminará os seus dias trabalhando e estudando por amor de seu rebanho do que, retirando-se e salvando a sua própria vida, permitir que careçam; então, sem dúvida, o Senhor, por Seu Santo Espírito, ensinar-lhe-á quando poderá, sem perigo para o seu rebanho, sim, com o consentimento de todos eles, partir e salvar a sua vida das mãos de seus adversários. Como vemos pelos exemplos de Jesus Cristo e de Seus apóstolos, que às vezes fugiram e salvaram as suas vidas, e outras vezes permaneceram firmes e sofreram todas as coisas pacientemente. Assim ensinará Ele aos Seus verdadeiros e fiéis ministros quando é bom fugir e quando não é. Temos conhecido muitos ministros piedosos que despenderam o seu tempo estudando e ensinando os seus rebanhos, e

desejaram antes a salvação deles do que as suas próprias vidas. Observadas todas essas coisas, o ministro prestará contas com alegria ao Senhor, e incitará o seu povo a ser agradecido ao Senhor, que lhes mostrou tal misericórdia a ponto de colocar sobre eles um ministro tão amoroso e cuidadoso, que tem tanta fome e sede de sua salvação que estima a sua própria vida menos do que ela.

A segunda parte concernente ao dever do povo para com o seu ministro.

Agora que declaramos o dever dos ministros, segue-se que mostremos em seguida o dever do povo para com os seus ministros, que é a segunda parte de nossa divisão; e, na verdade, esta declaração do dever do ministro mostra mui manifestamente o outro; pois, se o ministro é obrigado a aplicar-se ao estudo e a exercitar-se diligentemente na leitura, e, tendo estudado, a apresentar-se e ensinar ao povo todas as coisas necessárias para a sua salvação, e, além disso, deve estabelecer-se como padrão vivo de conduta piedosa para eles seguirem, não deixando meios por tentar pelos quais possa gerar as almas deles para Deus, tanto na vida quanto na doutrina; e deve velar tão cuidadosamente por suas almas que, antes que elas pereçam, deve dar a sua vida por elas: o que fará o povo, então, por ele, por seu amor e afeição inteiros?

O Espírito Santo nos diz nestas palavras: *Obedecei-lhes e sede submissos*. De modo que a obediência é o dever do povo para com o seu ministro. A razão disso é mui boa, visto que o caso é que o ministro deve trabalhar para trazê-los para casa, para Jesus Cristo, pelo Evangelho, que é o poder de Deus para a salvação: se o povo, não obstante as suas dores, permanecer obstinado, em que fim resultará o seu trabalho? Tudo será em vão, o povo não

se aproveitará dele, e ele próprio ficará entristecido e incomodado com a dor de ver a desobediência deles. O povo, portanto, deve ser obediente aos seus ministros que trabalham para o seu proveito, o que é uma grande graça de Deus que opera tudo isso em todas as criaturas, quando dá ao povo corações obedientes para serem governados por Sua palavra, para cujo fim estabeleceu os ministros dela. E assim como é matéria grave e das mais perigosas ser obediente a tais superiores que nos conduzirão para fora do caminho, rumo à destruição, aos quais o nosso Salvador Cristo chama de guias cegos, que juntamente com o povo caem no poço; assim é, ao contrário, a maior virtude tornar-se obediente aos verdadeiros pastores e ministros da palavra de Deus. Esse tem sido sempre o encargo que os apóstolos lançaram sobre os filhos de Deus, de cuja matéria São Paulo, em sua Epístola aos Filipenses, como em diversos outros lugares, requer, depois de ter declarado a grande humildade de Jesus Cristo, no fato de Se ter tornado obediente até a morte de cruz; daí tomando ocasião para a sua exortação: *Portanto, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor.*

Depreende-se de suas palavras que os filipenses, a quem escrevia, tinham sido mui obedientes ao seu ministério desde aquele tempo em que aprovou a Deus tocar o coração deles com o cuidado de sua salvação por meio de sua pregação; sim, tão obedientes eram que não apenas em sua presença entre eles usavam de grande submissão à sua doutrina, mas muito mais em sua ausência declaravam a sua obediência, no fato de que com grande empenho trabalhavam para torná-la proveitosa, praticando a mesma em sua vida e conduta; pelo que pode parecer que o apóstolo não necessitava de os ter exortado a este

dever de obediência, estando já tão adiantados e propensos a isso; mas podemos por meio disso aprender quão necessária coisa é que o povo seja obediente, e isso não em pequena medida, mas a ponto de serem capazes de moldar as suas vidas de acordo com a palavra de Deus em todos os pontos, a qual ele lhes prega de forma sincera e pura para o alimento de suas almas rumo à vida eterna, a qual nunca poderão obter a menos que se tornem obedientes para serem ensinados e instruídos pelas mãos do ministro através da mais pura palavra de Deus, a qual, com a operação do Espírito Santo, opera a fé nos filhos de Deus, pela qual apreendem os méritos de Jesus Cristo e têm a Sua justiça, obediência e santidade imputadas a eles pela livre graça e misericórdia de Deus, tão certamente como se em suas próprias pessoas as tivessem realizado, sendo assim feitos herdeiros do reino que Cristo por Seu sangue adquiriu para eles. É necessário que todos quantos desejam ser salvos sejam obedientes ao ministro, a quem Deus colocou sobre eles como Seu instrumento para os conduzir ao Seu reino celestial, como antes vos declarei.

E, para melhor incitá-los a uma obediência contínua, ele acrescenta isto: *Operai a vossa própria salvação com temor e tremor*. Como se dissesse: Irmãos amados, assim como até agora vos submetestes para serdes reformados pelo mui glorioso Evangelho de Jesus Cristo, e nos obedecestes no Senhor para o aumento de vossa fé e a certeza de vossa salvação; assim vos rogo que continueis, e até mesmo com temor e tremor opereis a vossa salvação; pois, se vos tornardes obstinados no fim e desobedientes àqueles que trabalham no Senhor para vosso proveito, digo-vos verdadeiramente que toda a vossa obediência anterior de nada vos aproveitará; pelo contrário, o vosso fim será pior; sede humildes, portanto, e reverenciai os vossos mestres no Senhor, para que possais com grande humildade, como convém

aos filhos de Deus, receber as promessas. E para que os adversários não vos convençam de que esta vossa obediência e disposição voluntária em seguir o Evangelho provieram de vossa própria natureza, para por esse meio vos arrastar a desobedecer aos ministros de Deus — aos quais não podeis desobedecer sem também desprezar a palavra e Aquele que os enviou, caindo assim de toda a graça —, digo-vos, pois, claramente, que isso nunca veio de vós mesmos, pois é Deus quem opera em vós tanto o querer como o realizar, e isso não por vosso merecimento, mas por Seu próprio bom prazer.

Vemos, então, que o povo deve obedecer ao seu ministro e prestar atenção diligente para ser ensinado por ele em todo o conselho do Senhor concernente à salvação de suas almas; coisa que também o nosso Salvador Cristo manifesta no capítulo dez de João: *As minhas ovelhas*, diz Ele, *ouvem a minha voz, e Eu conheço-as, e elas seguem-me*, etc. O nosso Salvador Cristo dá-nos aqui um sinal notável para conhecermos os filhos de Deus, e este é: se ouvem a Sua voz e O seguem; pois os que não querem ser obedientes a Ele não são dEle, nem tampouco participantes daqueles benefícios que Ele adquiriu para os Seus. Mas porventura dirá alguém: É verdade que, se um homem não obedecer à voz de Jesus Cristo, não é para Ele; mas onde está Jesus Cristo para que possamos ouvi-Lo e obedecer-Lhe? Ó irmão, guarda-te de buscar tais cavilações para manter a tua obstinação, pois não podes assim livrar-te de teu dever para com o teu ministro; mas se confessas ser teu dever obedecer a Jesus Cristo, digo-te claramente que não deves obedecer menos ao ministro, pelo fato de ele trazer a mensagem de Cristo, do que se Ele próprio estivesse presente. Pois Ele, sendo a própria Verdade, disse claramente em favor dos ministros: *Quem vos ouve a vós, a Mim me ouve; e quem vos rejeita a vós, a Mim me*

rejeita; e quem a Mim me rejeita, rejeita Aquele que me enviou. Que coisa nefanda seria recusar o ministro e ser desobediente a eles, quando o caso é tal que desobedecer-lhes é não apenas um desprezo de Cristo, mas também de Deus Pai, que é um juiz severo para Se vingar de todos os Seus inimigos?

Mas os que são do aprisco de Jesus Cristo serão obedientes ao seu pastor, de tão boa vontade como as ovelhas o são. A razão disso é extraída da natureza da ovelha, que é a mais simples de todas as criaturas para se defender por si mesma e, no entanto, mais proveitosa do que qualquer outro gado; quando uma delas se desvia do caminho, fica presa nos espinhos e sarças, pronta para se perder em cada poço ou buraco, sim, sujeita a mil perigos, e não pode ajudar-se a si mesma no menor deles; e, quando o pastor a traz para casa, quão obediente ela é, e alegre por ser guiada por ele por medo de cair em perigo semelhante! Assim é requerido dos filhos de Deus: que sejam obedientes como ovelhas; sim, ainda que se trate do mais sábio ou poderoso no mundo, ele não deve desdenhar tornar-se tão simples como uma ovelha se quiser entrar no reino dos céus; pois, até o momento em que o Senhor, por Seu instrumento, o ministro, os traz para casa, para o aprisco de Jesus Cristo, eles andam errantes em inumeráveis perigos, e não são mais capazes de se livrar deles do que a pobre ovelha é de se salvar do lobo. Mas, quando são trazidos para casa, então veem a sua enfermidade e quão grande necessidade têm de um pastor para os preservar e ajudar em tantos perigos que tendem à destruição tanto do corpo quanto da alma; então obedecem alegremente àquele que é cuidadoso em guiá-los no caminho da salvação com a santíssima palavra de Deus, e em refrigerar as suas almas famintas com aquele alimento e leite celestial. O Espírito Santo diz que devem nascer de novo, e isso não de semente mortal, mas da semente imortal

da palavra de Deus, a qual vive e permanece para sempre. E, portanto, é necessário que sejam obedientes ao seu pai espiritual, que os gerou com a palavra de Deus, para que ele possa estender alegremente uma afeição paternal para com eles; coisa a que o apóstolo São Pedro os exorta: *Desejai afetosamente, como meninos novamente nascidos, o leite espiritual, não falsificado, para que por ele vades crescendo*. O apóstolo mostra aqui uma razão familiar por que devem ser obedientes: eles são como crianças recém-nascidas. Vemos que as criancinhas não são capazes de guiar a si mesmas, e nem sequer de se alimentar ao princípio, mas devem ser guiadas e nutridas pelo auxílio de seus pais até que sejam capazes de se sustentar por si mesmas. Assim devem os filhos de Deus ser guiados e nutridos pela palavra de Deus, para que possam crescer de força em força, de fé em fé, até que cheguem à idade perfeita em Cristo. Portanto, é necessário que o povo seja obediente ao ministro, a quem o Senhor deu a Sua palavra para distribuir aos Seus filhos, e para aumentar e fortalecer a fé deles em Jesus Cristo.

Mas alguns dirão: “Isto é dado apenas aos ministros? E se eles ensinarem os seus próprios conceitos, e não a pura palavra de Deus, fazendo-nos crer que estamos em um estado feliz, quando nos encontramos na maior miséria, e no entanto desejamos ser direcionados para o verdadeiro caminho da salvação?”. Respondo que deves, portanto, provar a doutrina que ele traz pela pedra de toque da palavra de Deus, e ver se ela concorda com esta. Pois o fato de o Senhor conceder o entendimento e a interpretação das Escrituras aos ministros não é sem grande causa que o faz, visto que os designa pelo poder de Sua palavra — como o meio sem o qual nada podem fazer — para reunir os Seus filhos, sim, para pela espada afiada da palavra penetrar em suas almas e consciências para a total matança do pecado, e com

a excelente virtude da mesma palavra curá-los novamente. Coisa que se os ministros, por sua parte, não executarem fielmente na ordem em que antes tratei, ao falar do dever dos ministros, até mesmo daquele dom o Senhor exigirá contas tão estritamente que o ministro carregará o perigo de cada alma que tiver perecido por sua culpa.

Contudo, nem por isso o povo estará desobrigado; pois deve provar a sua doutrina (como eu disse antes) e acautelar-se para não ser seduzido; pois, se o for, morrerá em seus próprios pecados. Se alguém disser que é ignorante, verdadeiramente digo que se encontra em perigo; mas se Deus lhe mostrou tal misericórdia a ponto de torná-lo desejoso de ser instruído no caminho reto para a salvação, peça ele conhecimento das mãos do Senhor, nunca cesse, mas seja importuno perante o Senhor suplicando o Seu Santo Espírito para operar nele toda graça espiritual, para operar nele a verdadeira fé e para assegurar-lhe a sua salvação, postos de lado todos os outros interesses mundanos; e use de grande diligência em dar ouvidos à palavra de Deus, e seja obediente à mesma. Além disso, afaste-se de toda má companhia e frequente a companhia dos piedosos, e sem dúvida o Senhor o fortalecerá para fazer a Sua vontade, por meio do que conhecerá a respeito da doutrina se ela é de Deus ou não, de acordo com a regra que o nosso Salvador Cristo nos dá para conhecê-la: *Quem fala de si mesmo busca a sua própria glória; mas o que busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro*. E a tais devemos obedecer no Senhor.

Agora vemos que, assim como é nosso dever obedecer ao verdadeiro ministro, e a tais que cuidadosamente velam por nossas almas com a mais salutar palavra de Deus; assim devemos acautelar-nos para não nos deixarmos seduzir por falsos mestres; e, portanto, devemos provar a sua doutrina pela

palavra de Deus. Mas, por último, se alguém pregar a Jesus Cristo sincera e puramente, tendo alguma enfermidade, não devemos por isso rejeitá-lo, mas obedecer-lhe por amor à verdade; e considerar que todos estamos sujeitos a enfermidades, e alguns mais do que outros; e, portanto, é nosso dever cristão admoestá-lo disso; e, sem dúvida, se ele for servo de Deus, o Senhor lhe dará mais força contra a mesma.

Além dessa obediência, o dever do povo para com o seu ministro deve estender-se mais longe, e devem também reverenciá-lo e dar-lhe honra, caso contrário é certíssimo que a obediência não poderá ter lugar. O que podemos ver pelo exemplo da mulher de Samaria, a qual, não obstante a grande cortesia de nosso Salvador Cristo em dizer-lhe quem Ele era e o que poderia fazer por ela, no início não quis obedecer-Lhe, mas passou a zombar e a contradizê-Lo mui irreverentemente; mas quando Ele tocou a consciência dela e expôs a sua impiedade, de modo que ela viu claramente que Ele era um homem de caráter diferente do que ela pensava, então começou a reverenciá-Lo e disse: *Senhor, vejo que és profeta*, e então Lhe obedeceu e desejou aprender dEle. Assim, antes de obedecer, ela concebeu uma reverência por Ele e O considerou como um profeta.

É também manifesto no capítulo dois dos Atos que, quando o maravilhoso milagre não pôde levar o povo a obedecer aos apóstolos, mais tarde, quando Pedro, com o seu sermão contundente, tocou os corações deles de tal maneira que sentiram o poder que Deus lhes dera, começaram a reverenciá-los; e, enquanto antes não tinham vergonha de dizer que estavam cheios de mosto, agora clamavam: *Homens irmãos, que faremos?*. Palavras que declaram claramente a reverente opinião que haviam concebido deles, e depois disso tornaram-se obedientes a eles. A experiência comum nos mostra o mesmo,

pois qual de vós confiará a sua causa a qualquer advogado, a menos que tenha uma opinião reverente de que ele pode vos favorecer, e uma firme confiança de que fará o melhor que puder para o andamento de vossa causa? Da mesma forma na medicina, não há homem que confie a sua vida nas mãos do médico, a menos que esteja primeiro convencido de que ele pode, com a ajuda de Deus, aliviar a sua dor, e de que ele está disposto também a fazer o que estiver ao seu alcance; a menos, digo eu, que o homem esteja assim convencido a respeito do médico, não se entregará em suas mãos, nem obedecerá às ordens que ele prescrever. Assim é nisto: o povo deve ser obediente ao ministro, portanto deve reverenciá-lo, ou então não é possível que lhe obedeça. O apóstolo São Paulo amplia de forma notável a honra devida aos verdadeiros e fiéis ministros: *Os presbíteros que governam bem, diz ele, sejam tidos por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina.* Como se dissesse: sejam esses presbíteros, que são designados para vigiar e atentar para os costumes e conduta dos filhos de Deus, se executarem esse encargo fielmente, tidos em dupla honra; mas, acima de tudo, sejam honrados os fiéis ministros, tais como trabalham na palavra; por quê? Os outros são inspetores de vossa conduta exterior, mas estes têm um ofício de outra natureza: velam por vossas almas, o que tende à salvação tanto do corpo quanto da alma.

Além disso, é necessário que também temam ao ministro, ou então de modo algum poderão reverenciá-lo e honrá-lo; pois onde não há temor, toda honra está ausente e, por conseguinte, todo dever é extinto. E esse temor não deve ser um temor fingido e simulado; mas, quando o homem comparecer perante o ministro para lhe fazer qualquer pergunta, deve considerar que

vem falar com o mensageiro do Senhor, a quem deve ouvir tão bem como se o próprio Senhor estivesse presente. Pois isto é certíssimo: onde está um ministro fiel que prega sincera e puramente a palavra, é o mesmo que se o próprio Senhor habitasse pessoalmente entre nós; e Ele próprio verificou isso, dizendo: *Quem vos ouve a vós, a Mim me ouve*. E, portanto, convém que demos uma prova de nosso temor, amor e obediência para com o Senhor, recebendo a Sua palavra com o temor e a reverência que convém aos Seus súditos, embora esta proceda da boca de um homem mortal. É coisa comum entre nós que o embaixador de um príncipe seja recebido com grande honra e reverência, sim, a sua mensagem deve ser recebida tão indubitavelmente como se o próprio rei estivesse presente, sim, os que desprezarem a sua autoridade serão considerados tão hediondos como se resistissem e se rebelassem contra a própria pessoa do rei. E serão os embaixadores do Deus vivo, que é o Rei de todos os reis, recebidos menos dignamente do que os outros, cuja autoridade é maior e a mensagem mais pesada? Verdadeiramente, quem quer que desdenhe prestar este dever de temor e reverência ao ministro, esteja certo de que não desdenha a ele, mas ao Senhor que o enviou.

Mas alguns objetarão: “O que faremos, faremos um deus de nosso ministro, e deve ele ser tão temido como dizeis?”. Respondo-te que não pretendo nada disso; pelo contrário, considero maldito aquele que reivindicar tal dignidade para si mesmo. Mas este temor deveis prestar não à pessoa, mas ao seu ofício, que é, pela palavra de Deus, perdoar os vossos pecados e dar-vos a garantia de que estão lavados pelo sangue de Cristo, se estiverdes verdadeiramente arrependidos deles; e de que fostes feitos herdeiros do reino dos céus, do que não deveis duvidar. Ao contrário, se não estiverdes arrependidos, por seu ofício ele

tem autoridade para ligar os pecados aqui na terra de forma justa para a condenação eterna, a qual os impenitentes podem estar tão seguros de sofrer como veem a luz do dia: temei-o, portanto, digo eu, não como homem, mas como ministro de Deus. Com que temor reverente os gálatas receberam a Paulo! Ele próprio relata que o receberam como a um anjo de Deus, sim, mais do que isso, receberam-no como ao próprio Cristo Jesus. E isso não foi pela excelência de sua pessoa, a qual ele próprio testemunha que era simples, humilde, vil e desprezível para todo o mundo, sim, e sujeita a todas as enfermidades; mas receberam-no com tal temor e reverência por causa daquela excelente mensagem que lhes trouxe, por aquelas boas-novas que publicou entre eles, e por ser ele um ministro do Evangelho de Jesus Cristo, que é o poder de Deus para salvar todos os crentes. Assim reverentemente devem todos os filhos de Deus temer o seu ministro, justamente pela dignidade de seu ofício e ministério; pois, se não o temessem, de modo algum poderiam obedecer à palavra quando ele os repreende severamente por seus pecados. Mas, tal como uma esposa leviana, enquanto o seu marido lhe agrada, por tanto tempo e não mais lhe será obediente; pois se ele mostrar uma feição severa, por puro amor, para afastá-la de algumas condições depravadas, então começará ela a zombar, a irritar-se e a enfurecer-se e, em vez de lhe obedecer, odiá-lo-á mortalmente e o desprezará; assim é com o povo: se não estiverem em temor da autoridade que Deus deu ao ministro, obedecer-lhe-ão não mais do que enquanto ele pregar coisas agradáveis; pois, quando ele tocar as suas consciências ameaçando com os juízos de Deus contra o seu pecado, então não o poderão suportar, mas endurecerão os seus corações não contra ele, mas contra o Senhor que o enviou, e assim desviar-se-ão para a sua total destruição. Os filhos de Deus devem,

portanto, temer o seu ministro e ser obedientes à palavra da verdade que ele lhes traz.

Quando o povo chega a este ponto, de obedecer voluntariamente ao ministro e, com temor e reverência, submeter-se para ser guiado pela pura palavra de Deus, deve mostrar ainda mais a sua obediência para com ele, e deve também estar pronto a fazer por ele tudo o que estiver ao seu alcance; coisa que São Paulo fervorosamente deseja dos tessalonicenses: *Rogamos-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós, e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; e que os tenhais em grande estima e amor; por causa da sua obra.* Onde o Espírito Santo mostra uma razão por que devem reconhecer os seus ministros que cuidadosa e fielmente executam o seu ofício, que é por causa da sua obra; e a sua exortação é, em efeito, isto: Irmãos, esta única coisa peço encarecidamente de vossas mãos: que não sejais tão esquecidos a ponto de esquecerdes aqueles que trabalham entre vós no Senhor e que, por Sua designação e por grande misericórdia para convosco, estão colocados sobre vós com o fim de vos admoestar de vossos pecados, e de vos incitar pela palavra de Deus a um maior zelo pela glória de Deus e a andardes mais circunspectamente diante dEle; rogo-vos, digo eu, não vos esqueçais deles, mas tende-os em amor singular; sim, que nada vos seja mais caro do que tais pessoas, por causa desta obra que tomaram em mãos; pois digo-vos verdadeiramente que não há trabalho debaixo do Sol tão proveitoso para vós como este, o qual não traz abundância de prata e ouro corruptíveis, nem grandes reinos e impérios deste mundo que hão de perecer e ter fim; mas este proveito vem de seu trabalho, a saber, a salvação de vossas almas, tesouro tal que todo o mundo, não, nem mil mundos se lhe comparam; por esta causa, amai-os.

Além disso, é dever deles também prover-lhe todas as coisas necessárias, para que ele possa ter com que suprir a sua carência pelas mãos deles, como podemos provar por diversos lugares da Escritura. No capítulo seis aos Gálatas, o apóstolo dá este mandamento: *E o que é instruído na palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui.* A razão é mui boa: se o mestre-escola se esmera em ensinar, os discípulos devem a ele outras coisas necessárias. Tal é a sutileza de Satanás, que se enfurece e ruge contra o Evangelho de Jesus Cristo, cujo alcance ele vê que é a decadência de seu reino; quando por nenhum outro meio pode destruir o mesmo, ainda assim investe poderosamente contra ele, desviando os corações do povo de sustentar e manter os pregadores dele, para que estes, sendo oprimidos pela penúria, sejam constrangidos a abandonar o seu ministério. De modo que não é de admirar que o apóstolo dê tão estrito encargo sobre isso, vendo que tão grande perigo poderia advir. *Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós colhamos as carnis?* Se os ministros dão ao povo ouro, é muito que este lhes dê palha em troca? Contudo, há uma diferença maior entre aquilo que o ministro distribui entre o povo e aquilo que recebe dele do que há entre o ouro e a palha. Pois ele lhes dá, pela pregação da palavra, o reino dos céus; que tesouro se pode comparar a isso? E não lhe darão de seus bens mundanos para manter o seu sustento? Verdadeiramente, seria sinal de excessiva infidelidade, e um argumento manifesto de que não somos cristãos, mas verdadeiros pagãos, se recusássemos alimentar o ministro que trabalha para o nosso proveito. É manifesto na lei que os sacerdotes que serviam ao altar viviam do altar: *Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o Evangelho, que vivam do Evangelho.*

A razão natural nos ensina isso, e no entanto está escrito também na Escritura que ninguém milita a sua própria custa, pois o soldado recebe o seu soldo. Nem planta alguém uma vinha e não come de seu fruto, pois para esse fim a planta, para desfrutar do fruto. E, novamente, quem apascenta o rebanho e não come do leite do rebanho? Mas se o caso é tal em matérias terrenas, que todo homem desfruta do fruto de seu trabalho e é mantido por ele, quanto mais devem os ministros e pastores viver de seu rebanho, a quem são tão proveitosos e por amor de quem tomam tantas dores? Se, portanto, quereis ter um tal colocado sobre vós, que não recuse dores em estudar noite e dia, em pregar a palavra a tempo e fora de tempo, em exortar e tentar todos os meios para vos fazer bem, e que vos ame tão ternamente que a sua própria vida não lhe seja preciosa por vossa causa, deveis saber que é vosso dever prover todas as coisas necessárias para ele; pois não deveis fazer dele vosso escravo, mas deveis ministrar-lhe de tal modo que ele possa entregar-se inteiramente ao fiel cumprimento de seu dever, sem ser desviado por outras preocupações. Se o Senhor ordenou que não se amordaçasse a boca do boi que trilha o trigo, muito menos se deve privar o ministro das coisas necessárias para preservar a sua vida. O trabalhador é digno de seu salário.

Quão maravilhosamente zelosos foram os gálatas no cumprimento deste dever, quando não teriam recusado arrancar os seus próprios olhos, se fora possível, e dá-los ao apóstolo! Palavras que, embora sejam de supererrogação, expressam tal amor e prontidão em administrar os seus bens mundanos que teriam arrancado os seus próprios olhos e dado a ele também, se por esse meio pudessem tê-lo favorecido. Verdadeiramente, há boa causa para que amem assim e provejam para o seu ministro que trabalha fielmente; pois, se o filho não pode recompensar as

dores e a bondade de seus pais ao trazê-lo a este mundo e prover as coisas necessárias para a sua educação, nem o discípulo as dores de seu mestre, que lhe adornou o peito com sabedoria e conhecimento, muito menos pode o filho de Deus recompensar o seu pai espiritual que o gerou para o Senhor. Não te recuses a dispensar parte de teus bens mundanos àquele que te trouxe tão celestial tesouro, sem o qual o teu estado seria mais miserável do que a condição dos animais brutos.

Mas porque pode parecer excessivo ao homem de mente mundana, que nada respeita senão as coisas temporais, pensar que deve ser tão liberal para com o seu ministro a ponto de lhe prover tudo de que necessita (embora os filhos de Deus que já são chamados, e provaram quão doce o Senhor tem sido para eles por meio do ministro, a quem o Senhor usou como instrumento para os trazer para casa, não pensarão muito em cumprir o seu dever, e isso mui liberalmente, ao proverem para o seu pastor), compreenderéis de que maneira deveis prover para ele. Primeiro, deveis cuidar para que ele tenha o suficiente para manter a si e à sua família com o alimento necessário e vestuário para os seus corpos. Segundo, deveis dar-lhe com que manter a hospitalidade, para que seja capaz de acolher honesta e decentemente os estrangeiros que vêm a ele para pedir o seu conselho em matérias de consciência concernentes à sua fé e salvação. Terceiro, deveis prover-lhe livros para o seu estudo, e todos os que possam enriquecer o seu conhecimento, pelo que possa ser mais capaz de responder e ajudar em todas as dúvidas daqueles que vêm a ele. Assim deveis prover para ele, para que não seja perturbado com preocupação alguma que o possa desviar ou impedir no cumprimento de seu dever. E quando o apóstolo diz: *reparta de todos os seus bens*, não se entende de modo algum que os vossos bens devam estar ao prazer dele, ou

que o devais fazer abundar em superfluidade, com a qual se fartasse até rebentar, como dizem; não há tal coisa, mas sim prover para ele pelas causas acima mencionadas.

Aqui podem fazer uma pergunta: se devem pagar dízimo a tais ministros que vivem impiamente, porque falamos apenas do dever que devem aos verdadeiros ministros e fiéis trabalhadores nos negócios do Senhor. Compreendereis, portanto, que, embora ele viva impiamente, se ensina a verdadeira doutrina, nada lhe retenhais, mas dai-lhe o que lhe é devido, para que, se aprouver ao Senhor convertê-lo de sua impiedade, ele vos ame ainda mais ternamente e tenha mais cuidado sobre vós. Mas se ele ensina falsa doutrina, não a palavra de Deus puramente, mas as suas próprias invenções, ainda assim, porque tendes consciência de não perturbar a comunidade e buscais antes a paz do que a discórdia, dai-lhe o que lhe é devido, para que a vossa diligência em cumprir o vosso dever o mova a um maior cuidado com o dele; ou então, se o Senhor não lhe der essa graça, ainda assim deixareis com isso um testemunho em sua consciência para a sua condenação. Além disso, onde tais ministros são colocados sobre o povo, como os que vivem impiamente, falsos mestres ou cães mudos, é certíssimo que o Senhor os estabeleceu para castigar o povo por seus pecados.

Por último, o povo deve orar continuamente tanto por si mesmo quanto por seu ministro, para que o Senhor lhe conceda os dons perfeitos de profetizar, e a nós corações obedientes à palavra, para que o Senhor seja glorificado em nossa vida e conduta; coisa que São Paulo deseja em suas epístolas, como no capítulo quatro aos Colossenses: *Perseverai em oração*, diz ele, *velando nela com ação de graças; orando também juntamente por nós, para que Deus nos abra a porta da utência, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual também estou preso; para que*

o manifeste, como me convém falar. Coisa semelhante ele requer no capítulo seis aos Efésios. Em ambos os lugares, o apóstolo nota quão necessária coisa é para o povo orar não apenas por si mesmos, mas também por seu ministro, visto que o Senhor Deus não dá os Seus dons senão àqueles que fielmente O invocam e continuamente suplicam o mesmo de Sua mão. Convém ao povo, portanto, orar por seu ministro, para que o Senhor derrame sobre ele a abundância de Seu Espírito, que lhe possa abrir os mistérios de Sua santíssima palavra, para que seja capaz de lhes ensinar todo o conselho do Senhor. Na segunda Epístola aos Tessalonicenses, no capítulo três, ele usa estas palavras: *Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor tenha livre curso e seja glorificada, como também o é entre vós; e para que sejamos livres de homens dissolutos e maus; porque a fé não é de todos.* Aqui dá o apóstolo também o encargo de que a congregação ore pelo florescimento do Evangelho e por seus fiéis ministros, para que a palavra seja pregada e a Igreja de Cristo com isso aumentada; ele ordena que orem pelo estado pacífico dos ministros, para que o Senhor os livre das mãos de seus adversários, os quais buscam não tanto a destruição dos ministros, mas a derrocada do Evangelho, porque não têm fé para se tornarem participantes das promessas dele, a qual é unicamente o dom de Deus para os Seus filhos que hão de ser salvos; pois se todos os homens fossem salvos, todos teriam fé, mas porque nem todos podem ser salvos, nem todos podem ter fé. Vemos, então, um meio notável para alcançar aquelas coisas que nos são proveitosas, a saber, pela oração. Se, portanto, desejais um tal pastor que vos ame, e vós a ele em contrapartida, orai ao Senhor por um assim. Se quereis que ele seja capaz de vos ensinar, e vós próprios sejais feitos obedientes à sua doutrina, orai de coração. Se o quereis ter por muito tempo, orai ao Senhor para o conservar entre vós, e para lhe dar favor aos

olhos dos magistrados, e para o defender de todos os ímpios adversários, para que possais viver pacificamente juntos e serdes edificados em uma fê firme pela palavra de Deus, sem perturbação alguma.

Ora, assim como é dever de toda a congregação geralmente orar junta e em comum acordo tanto por si mesmos, por seu ministro, príncipe, magistrados e todas as outras pessoas; assim é dever de cada homem particularmente, em sua própria casa, orar por eles, e isso não uma ou duas vezes, de vez em quando, mui raramente, mas diariamente, sim, continuamente. Assim farão tanto o ministro quanto o povo o seu dever, para o seu maravilhoso conforto e glória.

A terceira parte concernente aos frutos que provêm do bom cumprimento desses deveres, tanto para o ministro quanto para o povo.

Estes deveres assim realizados trazem maravilhoso proveito. E, em primeiro lugar, se o ministro cumprir o seu dever em pregar, exortar, viver, orar e velar por seu rebanho com aquele zelo pela glória de Deus e aquele desejo de salvação de seu povo que deve, este proveito ele terá: o Senhor abençoará o seu trabalho, e ele prestará contas de forma aceitável e alegre, e isto que em muito ultrapassa todo o resto: salvará a sua própria alma e, porque foi servo fiel sobre o pouco, o Senhor o constituirá governador sobre o muito, sim, no Seu reino de bem-aventurança.

Se o povo cumprir o seu dever para com o ministro em obedecer-lhe, reverenciá-lo, temê-lo, amá-lo e prover-lhe todas as coisas, e, por último, em orar fielmente por ele, farão dele um homem alegre, e incitá-lo-ão com grande alegria a fazer por eles tudo o

que puder; e, mesmo em grandes aflições, a lembrança da obediência e fê constante deles ministrará abundância de consolação, de modo que ele será forçado a dizer com o apóstolo Paulo: *Porque, que ação de graças poderemos dar a Deus por vós, por todo o gozo com que nos regozijamos por vossa causa diante do nosso Deus?* Assim o encherão de alegria e ganharão de tal modo o seu coração que, se ele tivesse mil vidas, de bom grado as daria por amor deles para lhes fazer bem; e, além disso, o Senhor o abençoará em grande medida, por amor deles, com conhecimento, para que possa ser mais proveitoso para eles, e no fim as suas almas serão salvas, o que é um tesouro indizível que em muito ultrapassa todas as outras coisas.

Além disso, embora o povo não cumpra o seu dever, mas se torne obstinado, e se enfureça e ruge contra o fiel ministro que zela por eles, de modo que lhe aflijam o coração através de sua desobediência, contudo, se ele cumprir o seu dever em ler, pregar e outros pontos que já declarei, ele salvará, apesar disso, a sua própria alma; e também, se for a vontade de Deus, pela sua diligência os ganhará; se não, deve contentar-se em submeter a si e ao seu agir à vontade do Senhor, e saber que a palavra de Deus terá o seu efeito para torná-los inescusáveis no dia terrível, pelo que o Senhor será tão grandemente glorificado como se fossem salvos.

Novamente, se o povo cumprir o seu dever fielmente no Senhor para com o seu ministro, sendo este um homem de vida ímpia ou um mestre não tão zeloso e verdadeiro como deveria ser, ou o Senhor o removerá e colocará sobre eles um pastor fiel, ou o converterá e o conduzirá a cumprir o seu dever mais cuidadosamente, ou então suscitará outros auxílios para eles. Assim as almas deles serão salvas e ele perecerá.

A quarta parte do perigo por não cumprir estes deveres fielmente.

Agora que vimos os grandes frutos que provêm do bom cumprimento desses deveres tanto para o ministro quanto para o povo, podemos por meio disso ver que perigo se segue do contrário, isto é, de não os cumprir. Pois, ao passo que se os ministros cumprirem o seu dever fielmente o Senhor abençoará os seus trabalhos, de modo que a sua prestação de contas possa ser aceitável e as suas almas salvas; assim, ao contrário, se não cumprirem o seu dever verdadeiramente, como devem, e não buscarem a glória de Deus por suas ações, o Senhor pronunciou pela boca de Seu profeta Malaquias que trará uma maldição sobre eles, e amaldiçoará as suas bênçãos, e corromperá a sua semente, e lançará esterco em seus rostos. Assim lidará o Senhor com tais servos infiéis, de modo que nada prosperará, mas até a sua própria semente será corrompida, e ele será chamado a uma prestação de contas estrita, e carregará o fardo não apenas de seus próprios pecados, mas de todos os pecados do povo, e cada alma que tiver perecido por sua negligência lhe será cobrada, e assim se tornará um notável diabo no inferno para ser ali atormentado com dor eterna e intolerável.

Finalmente, se o povo não cumprir o seu dever para com o ministro, enchê-lo-á de dor e tristeza, deixando-o maravilhosamente perturbado em espírito, nada alegre em sua vocação, mas sempre lamentando; e, além disso, o Senhor endurecerá o coração do povo, para que a palavra não lhe seja proveitosa, mas sim, como São Paulo testifica, um cheiro de morte para morte, e no fim serão recompensados no fogo do

inferno que nunca se apagará, onde o seu bicho não morre, mas haverá choro e ranger de dentes.

RESUMO GERAL:

1. *Assim aprendemos, primeiro, quão necessária coisa é ter ministros na Igreja de Deus, porque sem eles o povo estaria como ovelhas sem pastor, prontas a serem devoradas por seu adversário, o diabo. Segundo, que o Senhor os designou para este uso: para por eles reunir o número daqueles que serão salvos pela pregação da palavra, com a qual lhes deu poder para abrir o céu a todos os crentes, e dar tão boa garantia de sua salvação pela palavra como se o próprio Jesus Cristo estivesse presente para certificar a mesma; e, ao contrário, para fechar a entrada de todos os impenitentes no reino dos céus, e ligá-los para a dor eterna, da qual estarão tão seguros como veem a luz que brilha no dia. E, portanto, convém a todos os que desejam ser salvos aprender o caminho da salvação com eles, e dar-lhes ouvidos, porque o Senhor não estabeleceu outro meio no mundo para se alcançar o conhecimento dela, e disse claramente que, quem não crer na verdade pelas mãos deles, não crerá ainda que alguém viesse do céu para lhes dizer quem será salvo, e outro do inferno para lhes dizer quem está condenado.*

Ouvimos também que, quando o Senhor determina gerar almas, estabelece pais espirituais aptos e capazes para esse propósito, pelo fato de lhes conceder dons para a realização desse negócio; e com isso aprendemos em que consiste o dever desses pais espirituais ou ministros, o qual achamos consistir em quatro pontos principais: 1. Ele deve ler e estudar a palavra de Deus diligentemente, para que possa

ser capaz de ensinar e instruir o seu povo. 2. Tendo estudado, deve apresentar-se e ministrar a doutrina salutar, para que as almas deles sejam refrigeradas; pois para isso deve estudar, para ter conhecimento para eles, e não cantar para si mesmo e para as suas musas, não se enchendo tanto de conhecimento até se tornar como uma pipa que não emite som; antes, deve guardar o conhecimento não apenas em seu coração, mas também em seus lábios; pois o ministro deve ser a boca do Senhor, de onde o povo de Deus deve saber a vontade e o conselho de Deus. Deve também observar a ordem correta de ensinar, isto é, edificar sobre o verdadeiro fundamento, Jesus Cristo; pois quem edifica sobre qualquer outro fundamento é um anticristo, e não ministro de Deus, mas mensageiro de Satanás. Além disso, deve por todos os meios impulsionar os piedosos a crescerem na piedade, abater os obstinados e duros de coração com os terríveis juízos de Deus, e depois erguer os penitentes com as doces promessas do Evangelho; o que deve fazer não apenas abertamente no púlpito entre a congregação, mas também privadamente em cada casa, porque a doutrina geral não conduz o povo a tal consideração de seu estado como quando são particularmente admoestados de seus pecados e exortados a arrepender-se deles. Assim deve o ministro trabalhar para tornar a sua doutrina proveitosa, e isso continuamente, não supondo suficiente que seja feito de vez em quando, mas deve fazê-lo a tempo e fora de tempo, não omitindo oportunidade alguma em que o Senhor possa chamar alguns para a Igreja de Cristo; e para que Deus Se digne a abençoar o seu ministério, ele deve orar continuamente por si mesmo e por seu povo, tanto pública quanto privadamente, e ser mui circunspecto na administração dos sacramentos. 3. Deve viver uma vida

piedosa e estabelecer-se como exemplo para o seu rebanho seguir; e tanto mais deve atentar de perto para todos os seus caminhos porque os adversários, se algo estiver de outro modo que não bem com os ministros, imediatamente com a boca aberta blasfemarão do Evangelho, que é puríssimo e irrepreensível; ao passo que, se não tiverem do que acusar o ministro, tampouco poderão culpar a palavra contra a qual investem para derribar, se fosse possível, tomando ocasião pelo ministro para culpar a palavra. Por outra causa também deve ele viver irrepreensivelmente, e esta é porque deve velar pelas almas dos outros, encargo que não pode cumprir a menos que seja capaz de velar pela sua própria. Em terceiro lugar neste aspecto: para que a sua eleição seja firmemente conhecida por ele mesmo, para que, pregando a eleição aos outros, não seja ele próprio um réprobo. De modo que, quando ameaçar os juízos de Deus contra os outros, condenará a si mesmo, e quando erguer os penitentes com as promessas, ele próprio cairá no poço de sua própria condenação, e ninguém será capaz de o consolar. 4. Por fim, deve amar o seu rebanho tão calorosamente que deve dar a sua vida por eles. Mas porque seria contrário às palavras de nosso Salvador Cristo dizer que ele não poderia fugir em tempo algum, e, por outro lado, se dissermos que pode fugir, não estabeleceríamos diferença alguma entre os verdadeiros ministros e os mercenários, ouvimos que o Senhor ensinará os Seus fiéis ministros por Seu Santo Espírito quando é bom fugir e quando não é. Isto é o que aprendemos concernente ao dever dos ministros.

2. *Na segunda parte, ouvimos o dever do povo para com os seus ministros, o qual aprendemos consistir, primeiro, na obediência, porque seria de todo em vão e um trabalho*

infrutífero para o ministro ensinar o povo se este não fosse obediente à sua doutrina; e também porque é impossível para qualquer um ser salvo se não for obediente à palavra de Deus, além da qual o Senhor não estabeleceu outro meio para o homem alcançar o conhecimento da salvação, e por isso a deu aos Seus ministros para ser pregada sincera e puramente ao Seu povo. E aqui aprendemos, de passagem, que o povo deve acautelar-se para não ser seduzido com falsa doutrina e invenção humana; portanto, devem provar se a doutrina concorda com laços da palavra de Deus, e então serem obedientes a ela. Segundo, além da obediência, aprendemos que devem também reverenciá-lo, porque não podem obedecer à sua doutrina a menos que tenham uma opinião reverente dele, como vemos pela mulher de Samaria e pelo povo que São Pedro converteu. Terceiro, é necessário que o temam, pois onde não há temor, a honra e a reverência necessariamente devem estar ausentes. E assim ouvimos que devem temê-lo, não em relação à sua pessoa, mas por causa de seu ofício; não como ele é homem, mas pelo fato de ser o mensageiro e ministro de Deus. Quarto, devem amá-lo, e isso sinceramente de todo o coração, estando prontos a ajudá-lo em todas as angústias. Quinto, devem prover para ele, para que possa manter a si e à sua família, acolher os estrangeiros e comprar livros, para que não seja desviado do cumprimento de seu dever por preocupação mundana alguma. Sexto, devem orar por ele continuamente, e por si mesmos também, para que ele seja capaz de ensinar, e eles de receber a palavra proveitosamente.

3. *Estes deveres sendo bem cumpridos trazem este proveito: o trabalho do ministro será proveitoso, a sua prestação de contas aceitável e a sua alma salva. O povo tornará o seu ministro alegre e amoroso para com eles, disposto a*

trabalhar para o seu proveito, e no fim reinarão juntos no reino dos céus. Também, se o ministro cumprir o seu dever fielmente, embora o povo não cumpra o seu, ele salvará a sua alma. Da mesma forma, se o povo cumprir o seu dever, e não o ministro, o Senhor proverá de modo que desfrutem da felicidade eterna.

4. *Por último, se estes deveres não forem cumpridos, aprendemos em quão grandes perigos estão os que negligenciam o mesmo: o trabalho do ministro será amaldiçoado, ele será chamado a uma prestação de contas estrita e responderá por cada alma que tiver perecido, tornando-se assim um diabo no inferno para sempre. Se o povo não cumprir o seu dever, afligirá o seu pastor, tornando-o improfícuo, e no fim serão atormentados nas trevas exteriores para sempre.*

O Senhor de todo o poder lide misericordiosamente conosco por amor de Seu querido Filho Jesus Cristo, e conceda tal graça tanto aos ministros de Sua palavra, para que possam cuidadosamente cumprir os seus deveres com aquele temor de Seu nome, aquela reverência de Sua Majestade, aquele zelo de Sua glória e aquele desejo de salvação de Seu povo que devem; e que o povo possa receber tão obediente e voluntariamente a Tua palavra e os ministros dela, como for mais para a Tua glória e o proveito de suas almas: para que, após esta vida terminada, possamos habitar juntos em Teu reino de glória com o Teu Filho, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a quem, contigo e com o Espírito Santo, três pessoas e um só Deus verdadeiro e sapientíssimo, seja toda a honra e glória para sempre.

Amém.

FIM.

SERMÃO 15. Da Confissão de Pecados

Pv 28:13: O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia.

Há duas partes neste versículo: o *Encobrir dos pecados com punições*, e o *Confessar com misericórdia*.

Não é de meu costume restringir um preceito geral, mas, de acordo com as circunstâncias, falar de coisas gerais de modo geral.

Aqui, ensina-se tanto a evitar o pecado de encobrir os pecados quanto a praticar a virtude de confessá-los.

Uma matéria não observada; pois muito se tem falado contra o erro, mas a verdade não tem sido ensinada tão perfeitamente, o que é a causa do pequeno avanço do Evangelho.

Exemplo na Consubstanciação e Transubstanciação no Sacramento, onde a verdadeira maneira da presença de Cristo não é conhecida porque não tem sido ensinada como deveria.

Exemplo nos dias santificados supersticiosos, a ruína dos sábados do Senhor; os homens agora não hesitam em trabalhar também no Dia do Senhor, porque não foram ensinados a santificá-lo.

Exemplo do jejum da Quaresma, no qual, tendo sido repreendido o abuso do jejuar, e o modo do jejum correto tão pouco exposto, veio a suceder que os homens não sabem como jejuar verdadeiramente.

Exemplo da disciplina carniceira outrora introduzida; não se falando da verdade da disciplina, isso faz os homens pensarem

que falar dela agora é fazer de cada um um Papa em sua própria paróquia.

Da mesma forma quanto à confissão auricular: tendo sido reprovados os seus abusos grosseiros, mas o uso correto da confissão passado sem ensino, os homens não se importam em confessar nem a Deus nem aos homens; e, se fazem um ou outro, é antes pelos mandamentos dos homens do que pela consideração do juízo e das misericórdias. Por meio disso também toda consulta e exame são tirados do ministro, a quem o exame não deve ser negado, embora nem todas as coisas devam ser reveladas. E, novamente, o reconhecimento dos pecados e a reconciliação privada e pública cessaram totalmente.

Meus irmãos, pregai a verdade, pregai a verdade; pois, pela falta disso, veio a suceder que, primeiro, não se provê a paz das consciências dos homens; segundo, os nossos ganhos não são tão grandes quanto as nossas perdas; terceiro, Deus não é glorificado.

A paz de consciência não é cuidada: pois quando sabes o que não deves fazer, a tua consciência imediatamente te acusa por fazeres o mal que não devias; mas, porque não és ensinado o bem que deves fazer, não podes persegui-lo com conforto.

As nossas perdas têm sido maiores que os nossos ganhos, porque o bem dos homens não tem sido provido por meio de edificá-los. Pois, embora ouçam falar contra os pecados, vendo decair a piedade e a religião — não sendo o Dia do Senhor celebrado com reverência, não estando os homens preparados para a recepção do Santo Sacramento, nunca jejuando, nunca confessando, etc. —, os fracos não são sustentados nem atraídos, mas desviam-se; a boca do adversário não é fechada, mas

escancarada, porque a verdade não é suficientemente falada e praticada.

Deus não é glorificado: pois aqueles que são ganhos não o são de forma tão verdadeira, mas tornam-se hipócritas; e muitos não são de todo ganhos, porque a verdade não é plenamente entregue; pois, ouvindo falar contra algumas coisas, são levados a heresias contrárias, pelo fato de não estarem fundamentados na verdade, a qual ensina a si mesma e também os erros, assim como o bem mostra o mal e a si mesmo também.

Devemos, pois, ensinar, amar e praticar as coisas boas, assim como devemos reprovar, odiar e não fazer aquilo que é mau. Modo de ensinar que, por não estar em uso, não conseguimos agora obter crédito para ele, estando as mentes do povo acostumadas com outro tipo de ensino.

A confissão é privada ou pública.

Privada: primeiro a Deus, segundo aos homens; primeiro pelos nossos próprios pecados, segundo pelos pecados dos outros.

Pública: primeiro a Deus com os homens e diante dos homens; segundo a Deus e aos homens.

Aquilo que não pode ser feito publicamente deve ser feito privadamente. E se algum exercício público vier a ser feito com fruto, o privado deve te preparar para ele, como a leitura, o jejum, a oração, a consulta, o admoestar-te e repreender-te a ti mesmo. E sem a confissão privada, nunca confessaremos publicamente.

A confissão a Deus nunca deve ser omitida, nem aos homens quando a ocasião for necessária.

Embora os homens carnaís de todos os tipos pensem que é coisa fácil confessar a Deus; contudo, se considerarmos quão dificilmente somos levados a confessar aos homens, podemos por aí saber quão relutantes somos em confessar verdadeiramente a Deus; o que aparece tanto nos não regenerados quanto nos regenerados.

Como Adão, por exemplo, que se envergonhou da nudez de seu corpo; mas, quando olhou para a sua alma, declarou-se inocente e tratou de transferir o seu pecado para a mulher, e a mulher para a serpente. Cada um dirá que é pecador; mas quem dirá em que pecou, ou o reconhecerá quando for acusado disso? Sim, uma miserável sorte de desculpas será alegada; pois todos são talhados à semelhança de Adão.

Os regenerados também estão dispostos a confessar, pois todos nasceram de novo, mas em medida semelhante a crianças, por muito tempo mais carnaís do que espirituais; quanto mais nos afastamos da imagem de Deus, tanto mais prontos estamos para ser enganados e para encobrir pecados.

Assim, Abraão e Davi, sendo padrões da misericórdia de Deus, são também padrões de nossa fraqueza. Abraão ao negar que Sara fosse sua esposa, tanto a Faraó quanto a Abimeleque; a confissão de Davi não foi vista logo no início: o pecado fora deixado por ele, contudo ele não se arrependera; o pecado passara, mas a graça não viera: o seu coração esteve duro até que o profeta esteve com ele, conforme o Salmo 32, que é um salmo de perdão de pecados, no qual, não obstante, ele mostra a hipocrisia de seus corações; pois, estando em grande aflição, como um odre seco, não pôde então chegar a confessar o seu pecado. Isto é geral: Jó 33:9: *Limpo estou, sem transgressão; puro sou.*

E não vos maravilheis de que os homens sejam relutantes em confessar, pois a confissão pressupõe a acusação; e quem acusará a si mesmo nominalmente, a menos que seja movido pela graça ou esteja demente? Sim, sendo acusado, que natureza cederá, vendo que dor, que tristeza, que vergonha, que humildade devem necessariamente seguir-se? Pois o pecado é gravíssimo, Deus é glorioso, a lei é santa. É difícil de ser encoberto, a punição é temível, um preço precioso é rejeitado; e quem verá os juízos de Deus, condenando-se a si mesmos, e não estará pronto a desesperar? Naturalmente, portanto, confessar não podemos.

Tendo cometido o pecado, não o farias agora; mas onde está a graça para amar a Deus? Quão difícil é, então, confessar onde Deus não dá a graça!

Devemos começar por nós mesmos. Tenho me maravilhado de muitos que podiam chorar amargamente pelos pecados de outros homens, mas não podiam verter uma lágrima pelos seus próprios; mas, quando sentires a dor do pecado em ti mesmo, então poderás retamente reconhecer os pecados dos outros; então terás alcançado alguma boa medida desta graça. E, tendo escapado, com o profeta em Ez 9, podes cair sobre o teu rosto, clamar e dizer: *Ah! Senhor Deus! Destruirás Tu todo o restante de Israel, derramando o Teu furor sobre Jerusalém?*

Tendo confessado o meu próprio pecado, devo então olhar para os outros, e para os juízos de Deus contra os outros, e assim para as misericórdias mostradas aos outros, para que eu possa aprender a evitar e remover os juízos, e a obter e continuar na misericórdia pela confissão.

E embora não tenhamos Neemias para confessar publicamente, Ne 9, contudo que alguns se ponham na brecha privadamente

para orar pelo povo, para que o povo também ore por nós; e cada um deve lamentar tanto mais quanto o seu chamado requer. De quem não reconheceste os pecados, de seus pecados sois participantes; e se não admoestares e não fizeres o que puderes com os teus parentes e amigos para os recuperar, não te podes desculpar de ser culpado da iniquidade deles; mas se te entristeceres, confessares e orares privadamente pelos pecados de teu irmão, então poderás evitar a vanglória no público.

É verdade que podemos usar os meios privados e no entanto negligenciar os públicos, mas devemos ler humildemente com o eunuco e orar com sentimento, para que as orações dos outros no público possam ser proveitosas; e, sentindo carências nos meios privados, devemos desejar o auxílio dos públicos.

A confissão pública a Deus com os homens e diante dos homens dá-se quando geralmente se confessam os pecados gerais, ou alguns pecados particulares, como antes dos sacramentos.

A ação de graças nunca pode ser recebida a menos que a confissão de indignidade vá adiante; e, portanto, as orações usualmente começam com a confissão de pecados e juízos; contudo, muitos se abstêm e não se importam em vir à confissão de seus pecados; mas devem saber que a boca do ministro serve para confessar os pecados deles.

Quando a Igreja ofendeu a Deus, então todos devem confessar, Lv 18, Dn 9, Ed 9.

Nenhuma coisa é mais agradável a Deus do que a confissão, nada mais desagradável do que o encobrir; quanto mais pública, mais aceitável.

Mas nisto é requerido discernimento e afeição, pois não apenas ofendem os que não confessam, mas também aqueles que

confessam pecados gerais e não particulares, sem verem em que e de que maneira pecaram; portanto, uma lista detalhada do número e da grandeza de seus pecados deveria ser feita, e assim a formalidade e a hipocrisia seriam evitadas. Trabalha, pois, para ver o teu pecado no tempo da confissão, e diz: “Senhor, move o coração do ministro e do povo para confessar o meu pecado quando eu olhar para ele”.

A falta não está apenas no discernimento, mas na afeição também; pois se um homem vem confessar ao ministro, ele abaixará a cabeça, embora apenas dois ou três estejam presentes; mas não te importes com quão publicamente o fazes.

Devemos ser tocados de outra forma que não quando cantamos salmos; deve haver reverência no dobrar dos joelhos, pois debes dar o teu corpo e o teu coração também. O publicano não precisa ser ensinado a baixar os olhos, pois o coração humilde rebaixará o teu olhar. Novamente, devemos dar bom exemplo em nosso gesto exterior para incitar outros a virem reverentemente perante o Senhor. Se a confissão é assim aceitável, então, quando formos receber mais graça, devemos ser mais humilhados no reconhecimento de nossos pecados; e, para que o façamos como devemos, devemos trabalhar por uma percepção mais profunda de nossa indignidade por causa de nossos pecados.

O caminho para obter misericórdia é, tão logo vejamos os nossos pecados, reconhecê-los. *Confessei-te o meu pecado, e Tu perdoaste a culpa do meu pecado*, não apenas o meu pecado. O devedor ama muito a quem muito foi perdoado, porque muito entristeceu. O filho pródigo, retornando após muita tristeza e confissão humilde, encontrou muita bondade. Embora tenhamos sido filhos ingratos, haverá mais amor em um homem natural do que no Senhor?

Nos pais e senhores naturais, quando os seus servos e filhos confessam, a ira cessa; não provém isto do Senhor? E não nos mostrará Ele favor? Dá-te Deus este encargo: que se teu irmão se arrepender setenta vezes sete vezes, deves perdoar-lhe? Convince-O isso, confessando verdadeiramente que lhe perdoará? E não será o Senhor misericordioso para contigo se confessares, dando-te a remissão de teus pecados e a santificação de teus pecados? Sim, Deus é mais misericordioso do que o homem quando o homem verdadeiramente confessa.

Devemos orar para que o ministério seja recuperado, para que, sendo os ministros humilhados, o povo também se junte a eles.

Outro tipo é confessar aos homens e não apenas a Deus, caso contrário é hipocrisia; como o é também se confessarmos aos homens e não a Deus.

Devemos confessar aos homens quando lhes devemos algum dever, ou quando havemos de receber um benefício por meio deles. Devemos-lhes dever quando somos admoestados; segundo, quando os ofendemos.

Àqueles que usam de bons meios e vêm com autoridade, devemos confessar, Mt 18. Onde deve haver um ceder ou um proceder com processo posterior, Lc 17. Requer-se que o homem reconheça, ou não poderá ter perdão.

Onde os homens que ofendem são admoestados: “Confessarei”, dizem eles, “a Deus, não a vós”; quando o Senhor requer que isso seja primeiro feito aos homens: *Primeiro reconcilia-te com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta a Deus.*

Ofendemos os nossos irmãos quando os prejudicamos; segundo, quando somos autores ou conselheiros para que façam o mal; ou, terceiro, quando lhes damos mau exemplo.

Seja que os tenhamos prejudicado em seus corpos, bens ou bom nome. Lv 6:4, no mesmo dia em que o sacrifício devia ser oferecido, no mesmo dia devia ser feita a restituição. E onde o juízo é ameaçado, se os homens recusarem satisfazer as partes, Deus não perdoará, Ele que também é ofendido; pois Deus requer confissão, e o homem, satisfação.

Muitos encarregaram outros de fazer o mal e praticaram o mal com outros; um sendo humilhado, o outro não se convencerá de que assim é; mas, tendo-os ferido em suas almas, embora por confissão não os possamos recuperar, contudo devemos nos envergonhar diante deles, para que assumam para si a causa do pecado. Se pensarmos nessas coisas em nossos estudos, mas não as praticarmos, as nossas orações não serão aceitáveis.

Havemos de receber benefício quando queremos conselho deles, ou queremos ser confortados por eles; e queremos conselho quando somos tentados ao pecado, ou acusados em nossas consciências pelo pecado.

Embora os homens não nos possam acusar, contudo há muitas vezes pecados especiais com os quais não conseguimos obter paz com Deus, ou poder para os vencer; estes devem ser confessados aos homens, para que possamos obter força na sabedoria, Tg 5.

Onde considero o *reconhecer* como sendo mais do que o *confessar*; pois um homem não pode reconhecer uma coisa sem que necessariamente a confesse; mas ele pode confessar, e no entanto não reconhecer. E ali o apóstolo fala de recuperar alguém do pecado quando são tentados, como todo o escopo do texto mostra.

Na acusação, o diabo lançará o pecado em nossa conta, e a consciência fica cauterizada tanto na razão quanto na afeição; então deve haver recurso aos nossos amigos.

A experiência, dolorosa o bastante, testemunhará isto: alguns por matérias leves enforcaram-se, os quais, se tivessem aberto as suas dores, poderiam ter sido recuperados, como o foram alguns cujas gargantas foram costuradas, e outros que foram achados deitados nas águas.

Deus estabeleceu a comunhão dos santos, e se não quisermos participar de seu conselho, podemos ser derrubados por não revelar, como outros o foram.

Há outra percepção mais alta da teologia e melhor fé da piedade quando há dor pelo pecado; ou pela tentação a um pecado; ou, terceiro, por jazer no pecado e não conseguir sair dele, e também por ser incitado a pecados grosseiros.

Muitos homens jazendo em um pecado, quando nem por oração, nem por jejum, nem por ouvir, nem de outro modo conseguem sair dele, devem buscar força nos outros e desejar as suas orações.

Os papistas querem nos ver ligados aos ministros; São Tiago é mais amplo.

Sair do pecado é o melhor caminho para nos envergonharmos e o reconhecermos; e esse meio usado claramente afugentará Satanás para longe de nós.

As tentações são muitas vezes pensamentos estranhos, de blasfemar contra Deus e de ferir gravemente a quem mais amamos, e muitas outras coisas semelhantes.

A Família do Amor tinha estas tentações, e muitos outros que foram entregues grosseiramente porque, lutando com uma má consciência, não usaram os meios para sair. E estas coisas são lançadas sobre os homens como correções por coisas passadas, como remédios para coisas que estão por vir, e como incitamentos à oração.

Nenhum remédio é tão grande como revelá-los ao teu amigo que te ama e orará contigo.

Escolha deve ser feita daqueles a quem revelaremos; especialmente de um pai espiritual deve ser a nossa escolha: espiritual para discernir bem a tentação, e com sabedoria para prescrever um remédio.

Não aqueles que dizem que é tolice, diminuindo o pecado, o qual deve ser pesado como ele é, para que a justa proporção do juízo de Deus possa ser vista; nem tampouco aqueles que o agravarão, para que não te aterrorizem excessivamente.

Quando o pecado luta, então o conhecimento intelectual não prevalecerá tanto, sendo Satanás um sofista tão sutil.

Um pai ele deve ser, um irmão, uma irmã, um homem justo, como diz São Tiago, o qual deve ter a afeição de um pai para com a compaixão, a discrição e o não lançar em rosto. *Compaixão*, para que o coração sangre como o de um terno pai e mãe; para que, embora o pecado não seja nosso, tenhamos um sentimento mútuo; pois o misericordioso é bem-aventurado, o qual acompanha o pobre de espírito. *Discrição*, para que, sendo o pecado oculto, nunca vá além do que a causa exige.

O lançar em rosto é coisa tal que amedronta a muitos, porque é propriedade dos homens mundanos manter os homens sob sujeição por esse meio; mas esses pais não o devem fazer.

Embora seja verdade que muitos, encontrando um tal pai, não o usarão como pai; o que abate o espírito de um bom pai, o qual, se em sabedoria apenas tocar em algo que possa ser pensado como revelado, é julgado como se o fizesse para lançar-lhes em rosto.

FIM.

SERMÃO 16. Dos Primeiros Efeitos da Cruz de Cristo — Parte 1

Gl 6:14-15: Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo. Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum, mas sim o ser uma nova criatura.

Tendo concluído em um tratado recente a doutrina da verdadeira observação do sábado, como um auxílio para nutrir a religião naqueles que já são chamados, propusemo-nos agora, considerando o pequeno avanço na profissão cristã — o qual deveria ser encontrado nesta madureza do Evangelho mais gloriosa e abundante —, tratar de matéria que, por ser mais condizente com aqueles que até agora não provaram quão doce é Cristo e o Seu Evangelho, e mui proveitosa para a nossa época insensível, na qual Cristo está quase totalmente desamparado, possa gerar algum amor pela religião e iniciar, ao menos, algum cuidado de nossa profissão em nós. E para vos livrar de mais suspense de mente e de conjecturas entre vós mesmos sobre o que seria esta coisa, trata-se da confortável doutrina de Cristo crucificado e das alegres novas da paixão de Cristo.

A respeito do que, por não conhecer ninguém que tenha ido até o fim nesta matéria, mas ou, se escreveram sadiamente, o fizeram de forma mais econômica do que um argumento tão excelente merece, ou, se alguns trabalharam mais amplamente, o fizeram de forma mais corrupta do que a história do Evangelho lhes permite; pela graça de Deus, propus-me, e pela bênção de Deus realizarei, escrever sobre esta matéria mais amplamente. Agora, para um prefácio ou preparação para isso, fizemos escolha daquela santa protestação de Paulo em Gl 6:14-16: *Mas*

longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo. Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum, mas sim o ser uma nova criatura. E a todos quantos andarem conforme esta regra, paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus.

O apóstolo, tendo escrito contra tais mestres corruptos e falsos profetas que, depois de ele ter pregado a liberdade do Evangelho, trabalhavam para introduzir novamente o governo político das cerimônias judaicas e misturar os rudimentos fracos e pobres da lei com a gloriosa profissão do Evangelho; e tendo declarado já que a fé firme dos cristãos não necessita da pompa pintada das cerimônias, mostra nos dois versículos imediatamente anteriores a estes que esses falsos apóstolos e ousados doutores da circuncisão não seguiam um bom curso, tanto porque buscavam evitar a aflição e a perseguição — pois, sendo um povo híbrido e uma companhia monstruosa de cristãos e judeus, queriam estar seguros em ambos os lados e não sofrer dano de parte alguma —, como também porque carnalmente buscavam a sua própria glória, crédito e estima, gloriando-se do cortejo solene e do número notável de discípulos que instruíam e treinavam após si em sua profissão.

Ora, neste lugar, Paulo, opondo o seu ministério sincero ao evangelizar carnal deles, e a fé pura dos cristãos às relíquias impuras dos judeus, diz com ousada ênfase e piedosa protestação: *Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*, etc. Como se dissesse: Deus livre que eu me glorie em qualquer coisa que não seja nisto: que conheço pela cruz de Cristo o perdão dos meus pecados, que a Sua justiça me é imputada, que as minhas iniquidades estão cravadas na Sua cruz e sepultadas na Sua morte, de modo que

doravante não sou tão tentado pelas coisas deste mundo, nem faço grande caso de quão baixamente o mundo me considere. Pois por que haveria de fazê-lo? Sei que não é relevante se somos circuncidados ou incircuncidados, porque não encontro benefício em ser circuncidado, nem dano algum em ser incircuncidado; mas nisto tenho conforto e motivo de glória: em que me tornei uma nova criatura em Cristo e estou livre de todas as outras exhibições da pompa judaica. E isto ousa afirmar com ousadia: que este motivo de glória não é meu somente, mas de todos os outros ministros fiéis que ensinam, e de todo o outro povo piedoso que voluntária e diligentemente abraça esta doutrina da cruz de Cristo.

Brevemente vemos, então, nestes princípios, primeiro, que a cruz de Cristo, por mais obscura que seja, é mais digna de gerar alegria do que todas as exhibições de cerimônias, por mais gloriosas que pareçam, porque opera em nós estes excelentes efeitos que as outras nunca podem realizar: crucifica-nos para este mundo e faz-nos tornar novas criaturas. Por fim, mostra-se que esta não é uma doutrina variável ou particular, mas geral; não uma afeição privada de Paulo, mas uma alegria comum a todos os ministros, e não aos ministros somente, mas a todo o Israel e companhia de confessores que têm a sua alegria quer no ensinar sadiamente, quer no aprender sinceramente sobre Cristo crucificado, de modo que todos terão a alegria de que Paulo desfrutou se guardarem a regra que Paulo observou; por cujos deveres, tanto dos pastores quanto do povo, insinua-se que quem quer que voluntariamente desamparar ou desdenhosamente rejeitar esta doutrina não é do número dos verdadeiros ministros, nem membro algum dos verdadeiros israelitas.

E se considerarmos mais profundamente quão numerosas e quão grandes foram as cruces de Cristo por nós, e com isso notarmos

quão infielmente são pensadas pela maior parte dos confessores; se virmos a pouca meditação nelas, a escassa gratidão por elas, os pequenos frutos de mortificação em ser crucificado para o mundo, os poucos sinais de santificação em tornar-se nova criatura, os quais provêm delas; facilmente admitiremos a necessidade de esta doutrina ser ensinada, e o conforto dela ser aprendido, especialmente vendo que, na velhice do Evangelho, temos tão poucos que verdadeiramente se gloriam em Cristo crucificado e tantos inimigos da cruz de Cristo, tanto entre os que ensinam como entre os que são ensinados.

Quanto aos inimigos da cruz de Cristo, eles são ou inimigos declarados, ou amigos não sinceros. Os inimigos declarados são ou aqueles que estão destituídos de toda religião, ou aqueles que são seduzidos por uma religião falsa. Os que estão sem religião são os ateus, os epicuristas e os mundanos, para os quais Cristo crucificado é motivo de riso e de zombaria, sendo Cristo ridículo aos seus olhos e absurdo em seu julgamento. Os que são corruptamente seduzidos (omitindo turcos e judeus) são os papistas supersticiosos ou os heréticos errôneos. Os papistas supersticiosos, não obstante a sua cruz de madeira e as suas bandeiras pintadas, e apesar de seus Domingos de Paixão e Sextas-Feiras Santas, são os maiores inimigos da paixão e da cruz de Cristo. Pois a dolorosa experiência ensinou que estes inventos tolos dos homens, tendo apenas cruzado o limiar das portas da Igreja, expulsaram, com a repugnância de sua presença, as santas ordenanças de Deus; visto que, não podendo os homens suportar as cruzes e aflições que são inerentes aos verdadeiros cristãos, inventaram para maior facilidade uma cruz de madeira; e quando estavam cansados de ouvir os seus pecados imundos serem expostos para os conduzir a Cristo,

providenciaram uma solução para isso: e em vez da pregação, instituíram o canto da missa.

Pelo que verdadeiramente se pode dizer das cerimônias supersticiosas e da religião cristã o mesmo que o escritor pagão relata a respeito do ouriço e do sátiro; o qual, acolhendo o ouriço que encontrara como seu hóspede, foi tão picado por seus espinhos eriçados que se viu constrangido a sair de sua casa. Um péssimo hóspede desalojando o seu anfitrião, um inquilino perigoso despossuindo o seu senhorio. Contudo, sabemos que estes adoradores supersticiosos fingiam uma grande devoção a Cristo em seu Domingo de Paixão, na construção solene de sepulcros, no entoar de diversas canções, algumas vezes no tom de Pilatos, outras no de Herodes, outras no dos fariseus e outras no dos discípulos; em tudo o qual o diabo os privou do uso puro e da devida consideração de Cristo crucificado. E, no entanto, alguns destes odiariam um judeu, alguns cuspiriam em um judeu, alguns chorariam ao ouvir o nome de Cristo e teriam pena de Sua morte. Delongo-me mais nestas coisas para tornar os juízos de Deus nelas instruções proveitosas para nós, incitando os homens à gratidão por sua libertação, se em verdade foram libertos, isto é, se não são agora tão profanos quanto antes eram supersticiosos, não abandonando o pecado, mas apenas mudando-o.

Quanto aos heréticos errôneos, para não falar de todos, adicionemos algo sobre a mui pestilenta Família do Amor, os quais erram o alvo por escassez tanto quanto os outros erram por excesso. Pois, ao falarem do nascimento, morte e ressurreição de Cristo, estes homens, como tolos que fogem de um extremo, correm a toda pressa para o extremo oposto; e, portanto, estes infelizes, imaginando para si mesmos um Cristo espiritual, devem ser tão rejeitados quanto os papistas devem ser

lamentados. Pois, após o papado, ainda restou alguma causa de alegria, visto que a verdade da história nos foi deixada; mas estes indivíduos, sob o pretexto de não serem cerimoniais, mas desejando ser inteiramente espirituais, tudo nos tiram e, no entanto, mui enganosamente, parecem conceder tudo. Se demandardes algo sobre o nascimento de Cristo, eles o concederão; se perguntardes se Ele nasceu da semente de Davi e da Virgem Maria, confessá-lo-ão, mas compreendendo isso segundo esta alegoria: que Maria, como dizem, significa doutrina, e Davi o serviço amado; de modo que este é o julgamento deles sobre o nascimento de Cristo: que Ele nasceu da doutrina do serviço do amor. Da mesma maneira, concederão a ressurreição da morte de Cristo e o Seu sepultamento, mas neste sentido: que Cristo sofre em nossa natureza sufocada e é crucificado quando o pecado morre em nós, e quando eles sofrem pela doutrina do amor; e que, depois de terem sofrido e começarem a ser iluminados, então Cristo ressuscita neles; e, por fim, quando a luz da natureza obtém alguma luz de julgamento mais clara, então Cristo está pronto para vir para o juízo. Assim, muitos que recusaram o Papa anticristão caíram nas mãos de ateus anticristãos e, tendo evitado as fezes do papado, chafurdaram mui imundamente no lamaçal da heresia. E isto quanto aos inimigos declarados.

Agora, quanto aos amigos não sinceros: dos quais uma classe não é bem instruída, e os outros não são amigos mui fiéis. Os amigos não instruídos, sob o pretexto de nada saberem senão a Cristo, condenam toda a erudição humana, as artes e as ciências, e todas as profissões manuais; e estes homens, embora até agora não tenham mergulhado na heresia, contudo, sem a graça especial de Deus que os previna, encontram-se na estrada principal, prontos a serem instruídos na heresia; e assim, sendo

sábios e justos em excesso, não podem em verdade gloriar-se na cruz de Cristo. Os amigos infiéis, sendo tanto protestantes quanto confessores, embora não sejam ateus declarados, mas deem alguma aparência de apoio ao Evangelho, nem se gloriam principalmente em Cristo, nem verdadeiramente se entristecem por seus pecados, os quais, não obstante, são tão grandes que nem a virtude da morte de Cristo, nem o poder de Sua ressurreição aparecem em suas vidas ou em suas mortes; e estes homens estão ou por graus tendendo ao ateísmo profano, ou são instruídos para serem papistas supersticiosos e heréticos grosseiros.

Contrários a todos estes inimigos declarados e amigos não sinceros são aqueles que meditam tão verdadeiramente no nascimento, morte e ressurreição de Cristo que, chorando principalmente por seus pecados, julgam este o maior conhecimento: conhecer a Cristo crucificado, e consideram esta a sua maior alegria: gloriar-se na cruz de Cristo. Por cujo conhecimento, não de qualquer Cristo espiritual e imaginado, por cuja alegria, não na cerimônia ou superstição, trabalham para crucificar o mundo; não para abandonar ou negligenciar totalmente as coisas necessárias desta vida, esforçam-se por conter, não por destruir a sua carne; e, finalmente, para tornarem-se novas criaturas, e contudo não para viverem aqui como anjos. Assim vemos quão necessário este tratado será, tanto para que sejamos libertos das superstições dos papistas, dos conceitos monstruosos dos heréticos, da meditação sinistra de pessoas não instruídas e da consideração carnal dos confessores mundanos, quanto por meio dele chegarmos a algum fruto sadio da morte de Cristo, e a partir da percepção do fruto gerar a fé, para que da verdadeira fé possa brotar o

verdadeiro amor, e do nosso amor possa crescer a verdadeira prática.

Agora, para vir às palavras do nosso apóstolo: *Longe esteja de mim*. Ele aqui mostra como a sua escolha proveio de um propósito estabelecido e que, em relação a isto de que fizera uma escolha sadia e especial acima do resto, ele abominava e considerava como vil todas as outras coisas. E esta frase veemente é usada pelo apóstolo em coisas que devem antes ser detestadas do que disputadas contra, como em Rm 3:4. Quando Paulo abomina a blasfêmia contra a graça de Deus, no fato de que a incredulidade de alguns devesse anular a fidelidade de muitos, ele clama: *De modo nenhum!* E quando queria mostrar o seu sincero ódio aos acusadores da justiça de Deus, Rm 3, diz: *De modo nenhum!* Como também no fim do mesmo capítulo, o apóstolo, opondo-se com mais veemência à objeção daqueles que diziam que, visto que a justificação vinha da fé, viveriam como quisessem e tornariam a lei de Deus sem efeito, diz: *Longe esteja de mim*. Da mesma forma em Rm 6, abominando aqueles que voluntariamente divorciariam a santidade de vida da justificação e permaneceriam no pecado para que a graça de Cristo abundasse, ele rompe em: *De modo nenhum!*

Assim, pois, o Espírito Santo usa esta frase quando quer mostrar que algo deve ser inteiramente odiado, ou fala de algo que deve ser principalmente escolhido e preferido. E o sentido do apóstolo em escolher, acima de tudo, gloriar-se em Cristo crucificado, e em não se entristecer por nada mais do que por aquilo que impede a cruz de Cristo, nada mais é do que declarar que todo aquele que se gloria em qualquer coisa mais do que em Cristo crucificado se desvincula de todas as coisas que estão em Cristo, e até agora não pode assegurar a si mesmo pertencer a Cristo;

como também mostra quão necessária glória é esta, visto que não há conforto na salvação, nem sinal de filho de Deus naquele que ou não se gloria nisto, ou, pelo menos, não anseia por isso.

“Gloriar-me”. Notai: ele não diz: “Longe esteja de mim que eu não use, pense, fale ou faça outra coisa que não a cruz de Cristo”; mas ele deseja que a sua afeição não esteja ligada principalmente a coisa alguma, a não ser a Cristo. Nem devemos daqui inferir, de forma inadequada, que não devamos comer, beber, vestir-nos, casar-nos ou andar em algum ofício honesto de vida; mas isto devemos aprender: que não fixemos os nossos corações nessas coisas, de modo que a nossa alegria nelas se torne maior ou igual ao gloriar-se na cruz de Cristo; mas sim que, tendo esposas, sejamos como se as não tivéssemos, e comprando, como se não possuíssemos, e usando deste mundo, como se dele não usássemos. Pois, de outro modo, as coisas deste mundo desvanecem-se e, portanto, não são coisas tais em que devamos desejar deter as nossas afeições.

Em 1 Co 2:2, o apóstolo, falando de coisa semelhante, diz: *Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado*; não tenciona mostrar que não sabia outra coisa, ou que negaria aos homens o conhecimento das línguas, das ciências ou dos ofícios manuais; pois sabemos que ele era fariseu, instruído em boa erudição aos pés de Gamaliel, e como relata de si mesmo falar em línguas tanto quanto qualquer dos outros apóstolos, e que era fabricante de tendas, exortando também em algumas de suas epístolas os homens a obterem os seus sustentos com algum ofício honesto; mas o seu sentido é que ele não julgava coisa alguma digna de ser conhecida, ou não cobiçava conhecimento algum como excelente em relação e em comparação com o conhecimento de Cristo e dEle crucificado. E, portanto, visto que havia alguns entre os coríntios — um povo

mui famoso por sua erudição e conhecimento — que se compraziam no conceito de seus grandes dons e ciências, o apóstolo, não carecendo dessas coisas, protesta diante deles que nunca fizera deste conhecimento humano o escopo completo, rumo e fundamento de seus trabalhos, e que nunca os usara como o tesouro de seu coração, embora soubesse até que ponto dar-lhes a devida reverência, o seu devido tempo e lugar nos outros; mas que os estimava naquela medida em que lhe serviam para melhor oferecer o seu serviço a Jesus Cristo.

Novamente, não devemos aqui pensar que o apóstolo não conhecia pais, magistrados e governantes, os dons dos homens e os deveres a serem dados a cada um destes; mas se via que os homens se gloriavam em si mesmos, em seus títulos e em suas dignidades, então não os conhecia segundo a carne, isto é, não os estimava por essas coisas, mas tanto os conhecia no espírito quanto podia alegrar-se de que fossem novas criaturas. E, portanto, os homens não devem pensar que por estes dons somos o que somos, mas que a cruz de Cristo é o alvo para o qual apontamos, sem a qual toda autoridade, erudição e conhecimento são amaldiçoados por Deus.

Não obstante, vemos que é fraqueza de discernimento rejeitar todas as outras coisas, sendo elas em si mesmas os bons dons de Deus, como fizeram os nossos amigos não instruídos, como se o conhecimento e a prática das artes, ciências, línguas e ofícios manuais contaminassem o homem, ou como se o homem fosse mais santo por não usar desses meios externos. Mas em nossos dias poucos sofrem desta enfermidade de tal austeridade supersticiosa, e em nossos tempos descuidados os homens não são tão excessivamente sábios e entorpecidos no discernimento a este respeito; mas a maioria dos homens, ao contrário, gloria-se tanto ou mais nestas coisas do que na cruz de Cristo; e este é

o mal de que a maioria dos homens tem empanturrado, este é o mal contra o qual o apóstolo investe. Pois embora os homens concedam que em Cristo deve-se gloriar, contudo as suas obras mostram que se gloriam em algo mais do que na cruz de Cristo; e se mostram alguma alegria para com a religião, é antes feito para favorecer os seus próprios dons do que para dar qualquer crédito a Cristo.

Quantos, peço-vos, em nossos dias se gloriam na impiedade aberta, como o adúltero em suas concupiscências, o homem irado em sua vingança, o homem avarento em suas riquezas, o homem invejoso em sua emulação, e o homem ambicioso em suas honras? Por que aprendem os homens senão para obter promoção? Por que trabalham os homens senão para alcançar proveito? Por que tomam os homens tais dores senão para no fim colherem prazer? Tão longe estamos de nos gloriarmos em Cristo crucificado que os homens agora se gloriam em pecados abertos, e isso de forma tão manifesta que a avareza e a ambição, rastejando sob a capa da virtude, pleiteiam por capacidade e sustento, por lugar e prestígio, sem os quais, como dizem, o homem não pode fazer o bem. Mas estes homens que assim trabalham mais por promoção, proveito e prazer do que por encontrar a Cristo crucificado, e não conseguem encontrar a alegria incomparável de serem novas criaturas, podem porventura carregar a face de cristãos, mas certamente, pelo chamado externo, até agora não pertencem a Cristo.

E em que se deve gloriar nessas coisas externas? Admita-se que um homem tivesse toda a erudição, autoridade, riquezas e crédito; não são eles comuns tanto aos ímpios quanto aos piedosos? Não são tão transitórios e insuficientes que, quanto mais o homem tem deles, mais deseja ter? Tornam eles o possuidor melhor? Podem afastar o mal dele? Podem ministrar

conforto à consciência aflita? Podem fazer-nos alegrar na hora da morte? Ou podem salvar-nos da confusão perante o tribunal de Deus? Certamente isso não está no engenho, na eloquência, na erudição, nos amigos, na glória, nas riquezas e na autoridade — coisas que os ímpios sabem melhor como abusar do que os piedosos como usar —, mas em Cristo, que foi feito maldito, e em Sua cruz, que foi uma bênção para nós. Sendo assim, bem fez o apóstolo em gloriar-se nisto acima de tudo. Pois, por mais que um homem fosse bom, glorioso, instruído, bem-educado, de tal autoridade, ele deve curvar-se perante o tribunal de Deus e ali cair como um miserável cativo, a menos que tenha usado essas coisas para a glória de Deus e, acima de tudo, se gloriado na cruz de Cristo.

Mas vejamos agora o que se entende pela *cruz de Cristo*. Alguns a entendem como as aflições que ele sofreu pela profissão de Cristo, porque o apóstolo diz em outro lugar como trazia em seu corpo as marcas de seus sofrimentos. Mas este sentido seria mui árduo de se aceitar: que não nos gloriássemos em nada senão na aflição; embora esta seja uma verdade: que podemos nos alegrar naquelas aflições que sofremos por amor de Cristo. Novamente, a cruz de Cristo, tomada pela aflição, não se pode dizer que seja uma causa principal de o mundo estar crucificado para nós, ou de estarmos crucificados para o mundo, embora em algum aspecto possa ser considerada uma causa inferior. Além disso, se compararmos este trecho com outros lugares das Escrituras, acharemos que deve ser entendido como a cruz que Cristo sofreu por nós, antes do que a cruz que nós sofremos por Ele, como em 1 Co 2:2, onde o apóstolo trabalha para nada saber, assim como aqui em nada se gloria mais do que em Cristo crucificado, como o chama naquele lugar, ou na cruz de Cristo, como fala neste lugar.

O sentido do apóstolo, então, brevemente é este: longe esteja de mim que eu me glorie principalmente em qualquer coisa que não em Cristo crucificado, porque Ele pode me apresentar irrepreensível perante o tribunal de Deus; Ele cravou os meus pecados na Sua cruz; Ele é o Cordeiro imaculado que foi sacrificado por mim, e me apresentará tão limpo e sem mancha perante o Seu Pai como jamais fui criado. Pelo que Paulo, sabendo que a cruz de Cristo era capaz de realizar todas estas coisas, tinha boa causa para que ele então, e nós agora alcançando em alguma medida o mesmo conhecimento, nos gloriássemos em Cristo crucificado, por quem somos crucificados para o mundo.

Primeiro, devemos notar que aqueles que com deleite jazem no pecado, ou não têm desejo de sair do pecado, não podem gloriar-se na cruz de Cristo. Pois, se és imundo e queres ser imundo ainda em tua carne, como ousas presumir gloriar-te na carne açoitada e rasgada de Jesus Cristo? Podes tu, ó miserável, ainda gostar e amar tanto este mundo, quando mais feres e traspassas a Cristo com os teus pecados do que Ele jamais foi ferido com espinhos e cravos? Ou podem os espinhos de Cristo crucificado ser-te preciosos, quando os espinhos das preocupações mundanas tanto te deleitam e sufocam? Como podes ainda ferver em tua ira, quando te lembras de quão mansamente Cristo crucificado sofreu a amarga ira de Seu Pai por ti? Buscas grandes coisas neste mundo, considerando que Cristo nasceu por ti tão humildemente, viveu tão pobremente e morreu por ti tão dolorosamente? Certamente podes pertencer a Cristo na eleição secreta, mas, reinando os teus pecados assim com deleite em ti, não tens segurança de Cristo pelo teu andar.

Bem, ao contrário: tu, pobre pecador, sentes as concupiscências de tua carne repugnantes para ti, de modo que até tremes ao

lembrar o lugar, o tempo, a ocasião em que o pecado te alcançou, e sentes mais terror ao pensar neles do que jamais sentiste prazer em cometê-los? Então, para teu conforto, lembra-te: os teus pecados estão perdoados, a preciosa carne de Cristo foi rasgada por ti; e tu, vendo a ira de Deus devida à tua carne contaminada, receberás misericórdia, porque a carne crucificada de Cristo absolve a imundícia de tua carne e a punição devida a ela. Novamente, começa o mundo a ser vil aos teus olhos, e envergonhas-te de que o teu coração tenha estado por tanto tempo fixado nas coisas terrenas, e as preocupações espinhosas agora ferem e vulneram o teu coração com tristeza? Então lembra-te de que a cabeça de Cristo foi coroada de espinhos, e Cristo por ti desprezou o mundo, sendo as Suas mãos e pés por ti cravados, o Seu lado traspassado, o Seu corpo inteiro por ti crucificado. Estás irado contigo mesmo por teres sido tão dado à ira, e podes de boa vontade assumir o julgamento sobre ti mesmo porque abusaste da presença de Deus e contaminaste a Sua santa casa ao vires ali com um coração irado? Então lembra-te de como Cristo por ti sustentou a ira da indignação de Deus para retirar de ti a imputação de tua ira. Não podes contentar-te em ser um verme entre os homens, e por assim dizer pisado? Pensas mais vilmente de ti mesmo do que de qualquer outro? Tens medo agora da hipocrisia, e sentes-te perturbado por não teres buscado a Deus com mais fervor, e nunca desejaste tanto o favor dos homens como agora desejas o favor de Deus, e consideras uma grande misericórdia ter um pé na sepultura? Então lembra-te de quão vil Cristo Se fez para te tornar precioso para Deus; considera como Ele foi o servo de todos, o opróbrio dos homens, um verme e não um homem, pisado até pelo pior tipo de homens, para que te livrasse de tua vanglória e orgulho secreto. Estás entristecido por teres presumido da misericórdia de Deus, e pensas agora que não há mais, nem tanto bem em ti

como nos outros homens, e que não és apenas um pecador, mas um pecador vilmente infectado, não te apoiando em opinião alguma de uma vida civil? Estás agora tão profundamente mergulhado no desespero quanto antes estavas inflado de presunção? Traz à mente que Cristo foi não apenas rejeitado pelos homens, mas por Deus, para te trazer ao favor tanto de Deus quanto dos homens, e que Ele Se perturbou quando disse: *Meu Pai, se é possível, passe de Mim este cálice*; lembra-te de como Ele trabalhou em suor e agonia, não em um suor frio, mas de modo que o sangue quente foi constrangido a correr de Suas veias; contempla como Ele foi pendurado entre o céu e a terra, como que cuspidor de um e amaldiçoado no outro, e sofreu a tristeza de Sua alma para te livrar da presunção por Sua poderosa humildade, e para te socorrer do desespero por Sua dolorosa cruz.

Para ser breve, há dois tipos de homens que não podem gloriarse nesta cruz de Cristo: um, porque têm uma opinião de sua própria justiça; o outro, porque estão insensíveis pela segurança de seus pecados. Quanto ao primeiro, porque o sentimento da chaga nos faz valorizar o bálsamo, e a percepção do pecado opera uma alegria na libertação do pecado; é certo que não podem alegrar-se no perdão do pecado os que nunca puderam lamentar pela culpa e gravidade do pecado, que são a causa da morte de Cristo. Pelo que o nosso Salvador Cristo, em Lc 23, vendo certas mulheres seguindo-O com lamentação e chorando porque um homem tão bom e inocente devesse ser entregue à morte, diz-lhes: *Filhas de Jerusalém, não choreis por Mim; chorai antes por vós mesmas*, ensinando-lhes que a causa mais especial de seu choro era a sua própria iniquidade, que era a causa pela qual Ele agora haveria de sofrer a morte.

Ora, então, porque somos ignorantes, muitos não veem os seus pecados e, por essa causa, não podem chorar por eles. Pois não precisam de alegria os que não sentem tristeza, não precisam de conforto os que não provam dor, não precisam de libertação os que não estão em prisões; e ninguém pode verdadeiramente gloriar-se na cruz de Cristo senão os que veem que os seus pecados crucificaram a Cristo. Pelo que, para ajudar a nossa cegueira em ver, e o entorpecimento em sentir o pecado, devemos vir à lei de Deus e aos juízos de Deus a ela associados. Por que não podem os homens chegar à visão de seus pecados? Porque não conhecem a lei. Por que não têm os homens uma percepção de seu pecado? Porque não consideram as ameaças da lei. De modo que o remédio para nos fazer ver o pecado é o conhecimento da lei; o remédio para nos fazer sentir o pecado é a percepção dos juízos de Deus ameaçados na lei.

E por que não podem os papistas alegrar-se em Cristo, mas imaginam outras histórias? Não é porque imaginaram uma persuasão dissimulada da lei, pensando que a lei pode ser guardada pelo homem, medindo a interpretação da lei e a observação dela pelos pecados grosseiros, e não de outra forma, como faziam os fariseus, considerando toda a interpretação espiritual dos mandamentos apenas como bons conselhos, e não como preceitos necessários? De modo que eles, não vendo a lei espiritual, nem a si mesmos carnaís, não podem ver-se vendidos sob o pecado. Os apóstolos conheciam os pecados grosseiros tão bem quanto eles como sendo as violações da lei de Deus; sim, e os filósofos mundanamente sábios podiam confessar o mesmo; mas Paulo via além: que cada pequeno pensamento rebelando-se contra o espírito e lutando contra a lei era pecado — com o que eles nunca sonharam. E, portanto, Paulo, perscrutando a sua corrupção tão profundamente, considerava-se até como um

escravo ou homem morto, por mais que antes pudesse ter se considerado, e de fato se considerava, um homem tão íntegro quanto o melhor deles.

Se nós, da mesma forma, olharmos de perto para a lei, vendo as coisas boas que são ordenadas e as coisas más que são proibidas, e sendo ambas infinitas, e então nos considerarmos a nós mesmos como infinitos, não sendo as nossas afeições angelicais, mas toda a nossa natureza corrupta e toda a nossa vontade rebelde, isto nos livrará de toda justiça imaginada e nos fará abandonar o apego à nossa própria perfeição; pois, achando a lei ordenando coisas boas tão abundantemente e proibindo coisas más de tantas formas, e então vendo-nos cometer tantas coisas más e deixar de fazer tantas coisas boas, não seremos apenas convencidos de sermos pecadores, mas confessaremos que somos os mais miseráveis pecadores. Mas por que não são as nossas afeições movidas com a percepção do pecado, assim como no entendimento temos a visão do pecado? Porque os nossos olhos estão ainda fixados nas coisas ordenadas e proibidas, e com isso não olhamos para as maldições da lei e ameaças contra os que cometem as coisas más e omitem as coisas boas.

FIM.

SERMÃO 17. Dos Primeiros Efeitos da Cruz de Cristo — Parte 2

Gl 6:15: Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum, mas sim o ser uma nova criatura.

Como falamos do primeiro fruto da cruz de Cristo, que foi estarmos nós crucificados para o mundo e o mundo crucificado para nós, assim agora havemos de falar do segundo efeito, isto é, sermos feitos uma nova criatura. E aqui notai, de passagem, que embora não se faça aqui menção expressa da ressurreição de Cristo, como antes se fez da cruz de Cristo, contudo ela é necessariamente entendida, e isso de acordo com o sentido e costume do Espírito Santo; porque, assim como é a virtude da cruz de Cristo que crucifica o pecado em nós, assim é o poder de Sua ressurreição que nos ergue para a novidade de vida; e assim como Cristo morreu por nossos pecados, assim também ressuscitou para a nossa justificação, Rm 4; e assim como morreu para nos purificar de nossos pecados, assim também para crucificar o pecado em nós; e assim como ressuscitou para nos imputar a justiça, assim também para operar em nós a justiça e a santidade.

No fato de o apóstolo falar aqui de uma *nova criatura*, como também faz em 2 Co 5:17: *Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é*, etc., somos ensinados que não é suficiente sermos crucificados para o mundo, mas devemos ser também novas criaturas; devemos não apenas despojar-nos do velho homem, mas devemos revestir-nos do novo homem, e aquilo que retiramos de um devemos acrescentar ao outro: não basta morrer, a menos que nasçamos de novo; não basta ser corrompido, a menos que sejamos mudados. Pois assim como não foi suficiente

para Cristo ser crucificado, mas devia também ressuscitar; assim não é suficiente para nós sermos libertos da culpa e corrupção do pecado, que recebemos de Adão, mas devemos também ser revestidos daquela justiça e ser feitos participantes daquela santidade que flui de Cristo, de modo que assim como nenhum de nossos pecados nos será cobrado, da mesma forma toda a obediência de Cristo é tão plenamente nossa como se nós mesmos a tivéssemos realizado.

Agora, para melhor conceber o que é ser uma nova criatura, devemos considerar, por um lado, o que está em Ef 4:22-24: *Que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; e vos renoveis no espírito da vossa mente; e vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade*; e, por outro lado, o que está em Cl 3 :9-10: *...visto que já vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou*. Brevemente, a palavra importa em isto: que tudo o que perdemos na primeira criação devemos receber na segunda; e tudo de que fomos privados por Adão, temos restaurado em Cristo.

Adão, não na substância, mas nas qualidades, foi feito à semelhança de Deus, e nós somos novas criaturas, feitas participantes da natureza divina, como testemunha Pedro, não em coisas essenciais, mas em qualidades santas para assemelharmo-nos ao Criador. E assim como Adão no princípio, e nós em Adão, fomos feitos sábios, justos, santos e em perfeita felicidade, e tanto ele quanto nós através do pecado perdemos esta imagem celestial, em Cristo ela é renovada tão plenamente que Ele é a nossa sabedoria e retira de nós a ignorância; Ele é a nossa justiça e nos absolve de nossos pecados; Ele é a nossa

santidade e nos livra de nossa corrupção; Ele é a nossa redenção e nos restaura a nossa liberdade.

E porque somos então renovados quando somos um povo sábio, justo, santo e aguardando a vinda de Cristo, devemos de nossa parte em alguma medida ter a nossa sabedoria terrena mortificada, a sabedoria espiritual renovada, as nossas afeições terrenas mortas, as afeições piedosas vivificadas, a nossa velha conduta subjugada, e a nossa conduta de agora em diante nos céus; não devemos viver como costumávamos, mas as nossas vidas devem ser mudadas para a obediência da palavra, o que devemos testificar em pensamento, palavra e obra. Brevemente, então, somos renovados pela fé em Cristo, quando cremos com certeza que Cristo Jesus nos foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção, e pelos frutos da fé, não nos conformando com este mundo, mas sendo transformados pela renovação de nossa mente, e revestindo-nos do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade.

Primeiro, portanto, devemos crer que Cristo nos é feito sabedoria, porque naturalmente o nosso entendimento é obscurecido, sendo alheios à vida de Deus pela ignorância que há em nós. Quão cegos somos por natureza, e que necessidade temos do Espírito de Cristo para nos iluminar, o profeta Davi, mesmo naquela imagem de uma nova criatura no Salmo 119, por suas frequentes orações pelo mesmo, abundantemente declara. E quando aprouver a Deus assim nos iluminar, então devemos trabalhar por uma garantia em nossas consciências de termos os nossos pecados plenamente absolvidos na morte de Cristo, e de nos assegurarmos de que a justiça de Cristo em Sua ressurreição nos é tão certamente imputada como se tivéssemos praticado toda a justiça; e embora tenhamos sido pecadores como os outros, contudo os nossos pecados não nos serão cobrados.

Isto os filósofos e homens sábios nunca puderam ver pela luz da natureza, porque é um mistério de mistérios estar indubitavelmente convencido de que, por amor de Cristo, apareceremos justos perante o tribunal de Deus como se nunca tivéssemos pecado, mas tivéssemos cumprido toda a lei de Deus. Pois somos imputados justos assim como Cristo foi um pecador imputado; e assim como esperamos pelas alegrias do céu como se tivéssemos praticado toda a justiça que Cristo só realizou, assim Ele suportou as dores do inferno como se tivesse cometido todos os pecados que nós só cometemos.

Além disso, Ele deve ser a nossa santidade, isto é, a nossa carne deve ser de tal modo crucificada na Sua carne, e a Sua santidade deve ser de tal modo comunicada a nós, que, de adoradores profanos, nos tornemos verdadeiramente religiosos; de blasfemadores do nome de Deus, puros usuários do nome de Deus; de transgressores do sábado, observadores do sábado; de governantes descuidados, governantes cuidadosos; de desobedientes, obedientes; de cruéis, mansos; de impuros, castos; de injustos, justos; de maldizentes, encobridores das enfermidades dos outros; de pessoas que deixavam os seus pensamentos correrem sem controle, cuidadosos vigias até de nossas menores afeições.

A carência do conhecimento disso é punida pela diabólica corja da Família do Amor. Eles dizem que Cristo neles é o seu novo nascimento; nós dizemos que o novo nascimento é operado em nós pelo Espírito de Cristo, enxertando-nos em Cristo. Eles dizem que a obra da santificação é perfeita nesta vida; nós dizemos que ela é iniciada aqui e continuada, mas terminada na vida por vir. Pois, assim como a nossa sabedoria não é perfeita neste mundo, a menos que seja pela imputação da sabedoria de Cristo, mas ainda cresce por graus, e não somos perfeitos logo

de início na fé que abrange a imputação da justiça de Cristo a nós, e crescemos de fé em fé; assim a nossa sabedoria não é aqui tão perfeita quando somos renovados, mas manchada de muitas imperfeições. E como vemos no nascimento natural que as crianças não são logo de início homens velhos, mas da infância crescem para a meninice, da meninice para a juventude, e da juventude para a idade perfeita e velhice; assim também no nascimento espiritual crescemos de força em força, de medida em medida, até chegarmos à perfeição. A nossa sabedoria é frequentemente cativa, a nossa fé é frequentemente fraca, a nossa justiça é frequentemente maculada, a nossa santidade é frequentemente corrompida.

Agora, assim como na cruz de Cristo os nossos pecados são absolvidos; assim como na plenitude de Cristo temos sabedoria; assim como em Sua ressurreição temos justiça; e pela operação de Seu Espírito Ele nos comunica a Sua santidade; assim também em Sua vinda aguardamos firmemente a plenitude de nossa redenção nEle, que por nós nasceu, por nós viveu, por nós morreu, por nós ressuscitou, por nós ascendeu, que vive em nós e virá novamente para nos remir, livrando as nossas almas do pecado, da dor e do opróbrio, e os nossos corpos da enfermidade, da dor e da tribulação, limpando de nossos olhos toda lágrima e livrando-nos da morte, miséria e corrupção; por quem todos clamamos em nossas aflições: *Ora vem, Senhor Jesus*, o qual transformará o nosso corpo abatido para ser conforme o Seu corpo glorioso, no tempo em que aguardamos a realização disso, quando Ele vier do céu com os Seus anjos para ajuntar os eleitos e os réprobos, uns para receberem a sentença de salvação, os outros para receberem a sentença de condenação.

Somos agora novas criaturas pela fé em Cristo, pela esperança de nossa redenção através dEle, mas o seremos de fato; somos

aqui renovados em justiça, em santidade, em sabedoria, mas em parte; contudo temos remanescentes de pecado, como aqueles que nem pelo pecado para a morte pecam — graças a Deus —, nem por razão de nossa própria corrupção estamos totalmente livres de pecado. E, portanto, tínhamos necessidade de aguardar por Cristo que virá como Redentor, o qual nos livrará plenamente de nosso orgulho, de nossa ingratidão, de nossa incredulidade e de tudo o que possa impedir a glória de Deus ou a nossa salvação; o qual nos livrará de toda enfermidade, pobreza, dor e calamidade em nossos corpos, para que a liberdade que agora retemos pela fé a tenhamos então em fruição e mui absoluta posse, o que, quando se aproxima, deve fazer-nos levantar as nossas cabeças e nos alegrar.

Sendo assim feitos novos pela fé em Cristo, não devemos parar, mas testificar esta fé aos outros por meio de frutos, não nos conformando mais com o mundo, mas assumindo uma nova conduta, à semelhança dAquele que nos chamou. De nada serve dizer que és cristão se não fores, com isso, uma nova criatura, como o apóstolo prova em 2 Co 5:17. Estes frutos estão em parte na alma, e em parte no corpo: na alma devemos ser renovados em nosso entendimento, em nossas memórias e em nossas afeições.

Como o nosso entendimento outrora esteve obscurecido concernente às coisas de Jesus Cristo, assim de agora em diante devemos cobiçar entender nada mais do que a Cristo Jesus, e dEle crucificado; como as nossas memórias foram tão prontas em reter, quanto os nossos entendimentos em receber as coisas terrenas, assim agora, esquecendo as coisas desta vida, devemos principalmente lembrar daquelas coisas que não perecem com a memória, mas são celestiais, espirituais e eternas; como costumávamos amar, odiar, gostar e desgostar para nós mesmos,

agora devemos amar, odiar, gostar e desgostar para a glória de Deus. Devemos, portanto, orar para que o Senhor forme em nós novos corações, para que, assim como fomos inclinados à carne, sejamos inclinados ao espírito; e assim como devemos ter novos corações, também devemos trabalhar por novas afeições. O nosso amor, o qual, como disse, estava misturado com o amor-próprio, deve ser direcionado para o serviço do Senhor; a nossa ira, que se dava em defesa de nossa própria causa, deve agora ser empregada na manutenção da glória de Deus, e toda força que houver em nós deve ser gasta em favor do Senhor.

E no entanto devemos ir mais longe nesta obra de regeneração, oferecendo ao Senhor os nossos corpos, assim como oferecemos as nossas almas, para que, assim como apresentamos os nossos membros como servos da imundícia e da iniquidade, assim agora apresentemos os nossos membros como servos da justiça para a santidade, tendo de agora em diante novos olhos, novos ouvidos, novas línguas, novas mãos e novos pés.

Os nossos olhos algumas vezes cobiçaram a pompa papista, foram arrebatados com deleite nas criaturas de Deus, mas carnalmente e sem glória alguma para Deus; foram altivos, cheios de orgulho, carregados de desdém, nutridores de imundícia, as portas da morte para as nossas almas, e levados pelo desejo avarento das coisas mundanas; agora devem ser renovados, não na substância, mas em seus deveres: o que quer que contemplemos com eles, devemos fazer com que sejam instrutores da alma por meio disso, e todas as coisas que parecem belas aos olhos nesta vida, onde as criaturas estão contaminadas, devem nos incitar à beleza do Criador, que é infinita; devemos testificar a nossa humildade, a nossa piedade, a nossa castidade e as nossas retas afeições por meio deles.

Os nossos ouvidos, os quais foram mais levados pelo canto vão dos papistas do que pelo canto reverente da Igreja, e que mais avidamente atenderam a mentiras do que à verdade, que ouviram o pecado sem dor e se preencheram de canções impuras, devem ser de tal modo moldados e refeitos que os entreguemos apenas à palavra, a discursos edificantes e à comunicação casta voluntariamente; e tudo o que ouvirmos contrário a isso, que os tapemos e tornemos conhecido o nosso sincero desagrado.

As nossas línguas, no tempo passado, quer orando ignorantemente, vãmente e supersticiosamente, quer não orando de todo, abusando do nome de Deus em discursos irreverentes, sem caridade, impuros e falsos, colocaram-se contra o Senhor e Seu povo; agora devem ser as porta-vozes de nossos corações em entendimento, verdade e sinceridade, orando ao Senhor; devem ser as mais gloriosas promotoras da glória de Deus; devem ser temperadas e temperadas com sal, com graça, com reverência, com mansidão, castidade e verdade, como as testemunhas sinceras de uma mente renovada.

As nossas mãos, tendo sido levantadas a falsos deuses, estando cheias de sangue, violência, concupiscência, suborno, engano e falsidade, devem agora ser estendidas ao Deus verdadeiro, e mostrar o Seu poder no socorro aos necessitados, no dar esmolas, no ajudar os aflitos, no punir toda imundícia, suborno e falsidade até o limite.

Por fim, os nossos pés, que correram tão velozmente para a consagração e para a ressurreição, que correram tão rápido para o serviço de ídolos, para caçadas, brigas de ursos e peças teatrais no dia de sábado, que estiveram tão cheios de desobediência desdenhosa, tão prontos a derramar sangue, tão rápidos e ágeis no dançar, tão peritos em carregar as coisas de outros homens,

devem agora correr para a Igreja de Deus, para o ouvir da palavra, para oferecer puras orações, para receber os sacramentos, e devem agora correr tão rápido para longe daqueles exercícios profanos no dia do Senhor; devem agora nos carregar para as prisões, para os enfermos, para a casa de luto; de agora em diante devemos numerar os nossos passos e ordená-los retamente, para a glória de Deus e o bem de nossos irmãos.

Assim convém agir àqueles que querem reivindicar com conforto a morte e ressurreição de Cristo, a saber: assim como desejamos ter os nossos pecados perdoados por Sua cruz, assim devemos desejar ter os nossos pecados em alguma medida eliminados pela virtude de Sua cruz; e assim como desejamos ter a imputação da justiça de Cristo por Sua ressurreição, assim devemos orar pela comunicação de Sua santidade em alguma medida para operar em nós a justiça pelo poder de Sua ressurreição, trabalhando de agora em diante para ter a nossa conduta nos céus e, ressuscitados com Cristo, buscar as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus, Cl 3 :1.

Mas, infelizmente, muitos homens queriam tê-Lo como um Cristo para responder por seus pecados, para que possam ser justificados, mas não trabalham para que Ele crucifique o pecado neles, pelo que pudessem ser mortificados; e o que é isto senão fazer zombaria de Cristo? E no entanto não pretendo aqui excluir o perdão dos pecados por Cristo, pelo contrário, antes concedo um contínuo perdão dos pecados através de Cristo, acrescentando apenas isto: que assim como desejamos ter os nossos pecados perdoados, assim devemos desejar tê-los purificados. Nem sonho com estar limpo sem pecado, ou com qualquer perfeição imaginada nesta vida; mas requiero que não jazamos ciente e voluntariamente no pecado; e embora não

possamos chegar à perfeição, contudo que nos esforcemos por chegar à perfeição. Pois diz-se que somos novas criaturas não por estarmos perfeitamente renovados, mas por estarmos em renovação, e, encontrando os remanescentes de pecado resistindo à obra do novo nascimento, aguardamos por Cristo, o Redentor, para pôr fim ao pecado em nós.

Pelo que devemos acautelar-nos da doutrina dos heréticos, que imaginam grandes coisas de perfeição, como também da profanidade dos hipócritas e confessores dissimulados; não devemos ser nem demasiadamente justos, nem demasiadamente pecadores; nem demasiadamente sábios, nem demasiadamente tolos; nem buscar a Cristo apenas fora de nós, nem imaginar qualquer Cristo espiritual dentro de nós; nem, com os orgulhosos heréticos, devemos nos comprazer com qualquer justiça inerente, nem devemos descansar em Cristo sem o novo nascimento, como os protestantes sonolentos; pois, se jazes no pecado, não estás em Cristo, porque as coisas velhas já passaram, e as coisas novas sucederam ao seu lugar. É maravilhoso que os miseráveis heréticos não possam ver as suas imperfeições, quando ainda sentem fome e comem, sentem sede e bebem, às vezes sujeitos à enfermidade, às vezes necessitando de casamento, e morrendo tão bem quanto os outros homens; coisas todas de que estariam livres se estivessem perfeitamente investidos em Cristo e já tivessem entrado no reino da glória, onde não necessitaremos de comer, beber, dormir, onde não casaremos nem nos daremos em casamento, pois ali habita a incorrupção e a imortalidade. Não são eles mais perfeitos nesta vida do que necessitam destas coisas externas, e ainda se mostrarão imperfeitos enquanto se mostrarem necessitados delas.

Nós, então, gememos aqui sob a enfermidade e esperamos pela nossa perfeição na vida por vir; e esta é a excelência do cristão. Mas onde está esta sabedoria, onde está esta fé na justiça de Cristo, onde está este novo coração, nova mente e novas afeições? Onde estão estes novos corpos, onde está esta coragem ousada na perseguição e o olhar confortável para Jesus Cristo que virá como Redentor, de modo que com um coração alegre possamos pensar em nossa ressurreição? Infelizmente, somos ainda apenas pintainhos, somos apenas como crianças, somos apenas como bebês em Cristo e noviços tenros, ainda apegados ao berço e presos às nossas faixas; e bem estamos se assim for, e se ainda trabalharmos por crescer.

Mas consideremos mais detidamente as palavras do apóstolo: *Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum*. Ouvimos antes que os falsos apóstolos e os secretos detratores da pregação de Paulo não se opunham a que o Evangelho fosse pregado, mas, juntamente com isso, queriam introduzir o governo de Moisés e a disciplina das tradições judaicas. Contra esta mistura da lei e do Evangelho, de Moisés e de Cristo, o apóstolo combate, temendo que um pouco de fermento levedasse toda a massa.

Contra tais desvios, os pregadores de nossos tempos têm grande necessidade de pregar, pois muitos fazem uma mistura confusa da religião: não são papistas declarados, nem protestantes sadios, os quais, não por qualquer motivo de consciência, mas para o alívio de sua carne, providenciam um abrigo seguro contra as tempestades de perseguição. Os judeus gloriavam-se de serem circuncidados, os gentios gloriavam-se de não serem circuncidados; mas ambos se gloriavam erroneamente, diz o apóstolo, visto que deviam antes gloriar-se de que Cristo Jesus

foi crucificado do que de terem o seu prepúcio cortado ou não cortado.

Novamente, por circuncisão neste lugar, o apóstolo entende todas as outras cerimônias, tomando a parte pelo todo, com o que gostaria de mostrar que nenhuma cerimônia, de qualquer natureza, nem mesmo a circuncisão — de que os seus doutores tanto se vangloriavam —, podiam fazer algo para uma nova criatura. Ora, se as cerimônias de Moisés, que em seu tempo e lugar tinham alguma autoridade da parte de Deus, não eram eficazes para isso, então as tradições humanas, que em tempo algum e em lugar nenhum estão em época oportuna ou têm crédito — visto que nunca foram autorizadas pelo Senhor —, não podem ser meios nem frutos, nem causas nem efeitos da regeneração. Se, pois, os judeus foram enganados com as suas cerimônias, como os papistas o foram por suas tradições, o que pensaremos de nossas tradições? Pois, se o Senhor não tolerou as Suas próprias ordenanças, que por seu tempo foram legítimas, então nunca tolerará tradições que nunca foram Suas, mas do homem.

O que diremos, então? Temos papistas pomposos e protestantes políticos. Perguntai aos papistas se eles se gloriam na cruz de Cristo e se são novas criaturas; eles dizem que sim, e mostram-nos em suas cruzes, altares, dias santificados, deuses de metal, banners, crucifixos, ressurreição, no benzer-se com os dedos, em traçar cruzes ao deitar-se, em traçar cruzes ao levantar-se, em seu óleo, sal, hóstias, bacias, cinzas e coisas semelhantes. Aqui está a glória deles. Bem, suponhamos que tivéssemos de lidar com os papistas mais instruídos: os judeus não apenas se gloriam em suas cerimônias e circuncisão, mas pensavam ser boa política reter estas coisas com a pregação do Evangelho; e os nossos papistas mais sutis confessarão que não se devem

gloriar especial e unicamente em suas tradições, mas querem-nas misturadas com o Evangelho como auxílios necessários e promotores dele. Mas em qualquer ordem que sejam colocadas, delas Paulo aqui os faz lembrar que nada importam para uma nova criatura.

E como em matérias civis os tolos, para evitar um extremo, correm para o outro, alguns, vendo as superstições destes homens, e que a religião papista é mais cheia de cerimônias do que a religião judaica, imediatamente afirmam que nem o batismo, nem a falta de batismo; nem o receber o sacramento, nem a falta dele; nem o ouvir, nem o não ouvir; nem o orar, nem o não orar, é eficaz para uma nova criatura. E estes anabatistas e a herética Família da Doutrina do Amor rejeitam os dias santificados a ponto de retirarem também o Dia do Senhor; e como, sob o pretexto do Evangelho, retiram os dias determinados de jejum que os judeus tinham, rejeitam o jejum por completo e abandonam totalmente esse exercício, a menos que mantenham um sábado no descansar do pecado e continuem o jejum no jejuar do pecado.

Assim vemos como navegamos entre duas rochas e entre dois bancos de areia, e, portanto, necessitamos do leme do Espírito de Deus e do governo da palavra para navegar retamente. Não devemos pensar que o apóstolo, ao falar de uma nova criatura, exclui, mas antes inclui os meios para chegar a esta nova criatura. Pois tanto o nosso Salvador Cristo como os apóstolos ensinam, tanto pela prática quanto pelo preceito, que devemos ouvir a palavra, oferecer as nossas orações, receber os sacramentos e reverenciar a verdadeira disciplina. Primeiro, o nosso Salvador Cristo nos exorta a examinar as Escrituras, as quais testificam dEle, e ordena àqueles que têm ouvidos que ouçam, falando mui severamente até contra os que não ouvem

frutuosamente. Paulo, em 1 Ts 5, nos adverte a não extinguirmos o Espírito, nem desprezarmos as profecias. E em 1 Pe 2:2, o apóstolo exorta os judeus, como crianças recém-nascidas, a desejarem o leite espiritual não falsificado da palavra. Quanto à oração, além de o nosso Salvador Cristo ter recomendado o uso dela aos Seus discípulos, também prescreveu a eles e a nós uma forma de oração, pela qual pudéssemos balizar as nossas petições. E Paulo frequentemente incita as igrejas às quais escrevia a frequentarem continuamente este exercício. Dos sacramentos o apóstolo fala abundantemente em 1 Co 10, 1 Co 11 e 1 Co 15, como também da disciplina em 1 Co 4, 2 Co 5 e 2 Co 10. E embora os apóstolos tenham revogado o sábado judaico, substituíram-no pelo Dia do Senhor, At 20, 1 Co 16, Ap 2. E embora não tenhamos um tempo prescrito de jejum, como tinham os judeus, contudo sabemos que Cristo disse aos Seus discípulos que haveria um tempo para jejuar, quando lhes fosse tirado o noivo; e os apóstolos, em sua eleição e instituição de pregadores, jejuaram. De modo que nada afirmamos que ajude à verdadeira alegria senão a nova criatura e os meios para a nova criatura.

Resta: *E a todos quantos andarem conforme esta regra, paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus.* Para que o apóstolo pudesse mostrar que isto não era prerrogativa especial de si mesmo somente, mas um benefício comum a todos; não uma obra de supererrogação nele, mas um dever requerido dos outros, ele diz: *E a todos quantos*, etc. Como se dissesse: não espere homem algum ter paz em sua consciência, e misericórdia das mãos de Deus, a menos que se possa assim gloriarse na cruz de Cristo. E, de passagem, observai esta marca de um mestre fiel: ele não lança encargo algum sobre os outros antes de o ter

aplicado a si mesmo, e a partir de sua própria prática nos aconselha.

A palavra que ele aqui usa é uma *regra*, pela qual ele nota coisa tal de que o homem cristão não pode bem carecer, sendo um instrumento principal que opera em nós a mortificação e a santificação. Ele não a denomina um bom conselho ou um bom aviso que podemos adotar e deixar de lado ao nosso prazer — o que, se pudéssemos fazer, estaria bem, e se não o fizessemos, não seria de grande importância, como os papistas consideram a interpretação espiritual da lei que o nosso Salvador Cristo usa em Mt 5. Pois o papado, que não é melhor do que uma teologia rústica, pensa que seria uma boa coisa se pudéssemos viver de forma tão cuidadosa; mas descarta esta coisa como um encargo, e não quer reconhecê-la como uma regra com a qual se encontram obrigados perante o Senhor.

Uma regra, sabemos, é comumente usada na construção, no nivelamento ou no enquadramento, pela qual uma coisa é feita sob medida para outra e, portanto, de uso comum para carpinteiros, pedreiros, geômetras ou outros que medem todas as coisas pelo esquadro e compasso. Ora, porque há uma construção gloriosa na palavra, e o homem necessita continuamente de ser edificado em Jesus Cristo, de ter as suas afeições niveladas, o seu coração moldado para a fé e obediência, o apóstolo toma emprestada esta palavra *regra*. Mas que regra é esta? *Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser...*, etc. De modo que devemos especialmente nos gloriar em nossos pecados perdoados, no mundo crucificado, em nossos corações, corpos e almas renovados. Esta é a regra de todos. E por quê? Não é antes um efeito do que uma regra? Sim, mas é comum pôr o nome do efeito pela causa, e o fruto pelo meio; como podemos ver em Tg 1:27: *A religião pura e imaculada para com Deus... é*

esta: visitar os órfãos...; isto é, o efeito e fruto da verdadeira religião, que Deus requer com o ouvir de Sua palavra, é visitar os órfãos. E em Is 58:6: *Porventura não é este o jejum que escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade...*, etc.? Isto é, não é este o fruto do jejum que escolhi? E assim também se entende a respeito do sábado no mesmo lugar, cujo fruto e efeito é descansar do pecado.

Mas por que, então, o Espírito Santo nomeia antes o efeito do que o meio, o fruto do que a causa? Justamente porque, embora tenhamos os meios, se não os usarmos para o efeito, seria totalmente infrutífero; como vemos muitos confessores carnaís que descansam por muito tempo nos meios, mas não fazem caso de consciência em mostrar o efeito deles. O que então? Devemos de tal modo descansar nos efeitos que, com os heréticos de nosso tempo, devamos desprezar os meios? Não comeremos e beberemos porque não vivemos só de pão, mas de toda palavra que procede da boca de Deus? Não construiremos porque, a menos que o Senhor ajude, em vão trabalha o construtor? Pelo contrário: assim como confessamos que os meios sem o efeito são infrutíferos, assim afirmamos que, para chegar ao efeito, devemos usar cuidadosamente os meios. Pelo que, porque a causa que não produz o seu efeito de nada vale, o efeito é antes estabelecido do que a causa.

Não separe o homem aquelas coisas que Deus ajuntou. Se descansarmos em nossos sacramentos, como os judeus em sua circuncisão, nunca veremos o fruto deles. Se guardarmos o sábado, se usarmos o jejum até que os nossos corpos se tornem mui flexíveis, e não trabalharmos para nos tornarmos uma nova criatura, tudo é em vão; separamos aquelas coisas que Deus ajuntou, isto é, o fruto dos meios. Novamente, se, por outro lado, pensarmos que agora devemos obedecer e não ouvir a palavra

— se for tudo o que Deus requer fazer o bem —, e não orar, ou que podemos crer o suficiente sem o auxílio dos sacramentos, enganamo-nos com uma falsa imaginação de justiça, e fazemos tão grande divórcio, por outro lado, dos meios em relação ao efeito, como antes fazemos uma separação do efeito em relação aos meios.

Perguntai agora aos papistas qual é a sua regra, e eles mostrarão muitos meios, como a regra dos eremitas, dos frades dominicanos, dos seus monges franciscanos, dos seus frades agostinianos e coisas semelhantes. Indagai deles quais regras têm de seus efeitos; dirão que saíram do mundo para viver no monaquismo, têm as suas tonsuras, peregrinações, flagelação de seus próprios corpos, votos voluntários e monásticos, tradições e coisas semelhantes. Mas vinde à outra turba, que é pior do que as bestas do Egito, desamparando a doce terra de Canaã, e eles negarão todos os meios e, por mais que se gabem de efeitos, contudo, em efeitos puros, são os mais estéreis hipócritas. Se fossem tão sábios como Salomão, ou tão santos como Davi, ou tão zelosos como Paulo, ainda assim poderiam frequentar o templo, e considerar uma bênção estar em Sião, e alegrar-se na companhia dos cristãos.

Mas, deixando estes, aprendamos que, tanto quanto rejeitamos as tradições dos fariseus, tanto devemos tomar o suave jugo de Cristo; e usemos cuidadosamente da palavra, e com a palavra juntemos a oração, e à oração acrescentemos a prática, usando dos sacramentos, e por eles cresçamos na fé, para que pela fé cresçamos no arrependimento; e, com a causa unindo o efeito, nunca divorciemos os meios do fruto, porque Deus não Se agrada nem com as nossas cerimônias infrutíferas, se descansarmos nos meios, nem com a nossa santa hipocrisia, se recusarmos a Sua ordenança. Esta regra, o apóstolo diz, é tanto

para os pregadores quanto para o povo: para os pregadores, porque opôs esta regra contra a regra de certos falsos mestres; para o povo, no fato de os nomear aqui como o *Israel de Deus*.

Por esta palavra *paz*, ele quer dizer o favor de Deus, ou o bom êxito em nossos empreendimentos; por *misericórdia*, ele entende a bondade de Deus em perdoar os nossos pecados e socorrer as nossas enfermidades. Primeiro, é provável que ele fale destas coisas aos mestres tanto para desencorajar os falsos mestres quanto para encorajar os puros pregadores do Evangelho contra todos os gloriosos ataques de seus adversários. Novamente, porque os pregadores da palavra tomaram sobre si a guia e o governo do povo tanto na vida quanto na doutrina, e em dar bom exemplo ao irem e virem diante deles, ele previne a sutileza de Satanás, que poderia, pelas más calúnias dos falsos apóstolos, mover estes homens a alguma negligência em seu chamado. E para afastar esta tentação, o apóstolo Paulo faz com que se lembrem desta regra e, propondo aqui uma promessa, encoraja-os, não obstante as suas perseguições, contra todas as investidas dos homens, e assegura-lhes a misericordiosa proteção de Deus.

Esta promessa do favor de Deus aos Seus fiéis ministros não está apenas neste lugar, mas é usada em outras partes pelo Espírito Santo, como em Dt 33:11. Moisés, o homem de Deus, abençoando as tribos de Israel, diz assim de Levi, o sacerdote do Senhor: *Abençoa o seu poder, ó Senhor, e aceita a obra das suas mãos; fere os lombos dos que se levantam contra ele e dos que o odeiam, para que nunca mais se levantem*. Assim ele conforta Levi, mostrando que o seu ministério não seria desprezado sem vingança. E em Zc 3:1-2 diz-se: *E Ele me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor. Mas o Senhor*

disse a Satanás: O Senhor te repreenda, ó Satanás, sim, o Senhor; que escolheu Jerusalém, te repreenda. Onde vemos que, onde estão os verdadeiros ministros de Deus, há uma luta com Satanás, que está pronto contra eles; mas, contudo, estão diante do anjo, isto é, Cristo, o qual esmagará a força orgulhosa de Satanás, de modo que ele não será capaz de resistir-nos.

E Cristo mostra que tem um ministério comum em e com a Sua pregação, por eles exortando a uns, por eles também ameaçando a outros; e, portanto, assim como lhes deu dons para a Sua glória, assim está armado de poder para confundir a todos os que levantam a mão altiva contra eles. Por isso Ele tanto autoriza os Seus apóstolos, dizendo-lhes: tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu.

Nem esta ou promessas semelhantes concernem apenas àqueles que em todos os pontos de doutrina e disciplina são sadios e sem erro, mas mesmo àqueles também que, retendo cuidadosamente o fundamento — que é Cristo Jesus —, por alguma fraqueza de discernimento edificam madeira, feno ou palha, como podemos ver em 1 Co 3. Pelo que, se um homem prega que todos estamos condenados pelo pecado, e que não há salvação sem Cristo, e nenhuma condenação para os que creem em Cristo, e ensina que devemos ser crucificados para o mundo e tornar-nos novas criaturas, embora não faça todas as outras coisas perfeitamente e de forma absoluta, contudo, guardando este fundamento, ele achará misericórdia. Mas se um homem destruir o templo de Deus, isto é, trabalhar mais para o estabelecimento de cerimônias e manutenção de erros do que faz para manter e estabelecer o poder do Evangelho, o Senhor certamente o destruirá.

Assim, como não ousamos dizer que um homem que prega puramente a Cristo crucificado, embora falhe em alguns pontos menores de disciplina, será condenado; assim afirmamos que um homem que mantém corrupções, e em nada trabalha para pregar a cruz de Cristo, e negligencia a doutrina de ser crucificado para o mundo e de se tornar uma nova criatura, deve temer que, se não se arrepender, o Senhor o destruirá. Pois se destroem o templo de Deus, isto é, o povo de Deus, ao não ensinarem a verdade e ao impedirem de entrar na verdade não apenas a si mesmos, mas aos outros, o Senhor indubitavelmente destruirá tais pessoas.

Este trecho serve muito também para o nosso conforto contra a heresia e o papado, porque assim como Deus promete paz e misericórdia aos que pregam e abraçam a doutrina de nossa salvação por Cristo, assim ameaça, ao contrário, com a Sua maldição e vingança tanto os pregadores quanto os seguidores da doutrina contrária, por mais que esperem por um bom dia ou desprezem o rebanho de Cristo. Pois o mesmo Deus que fez dos israelitas um povo valente em perseguir os seus inimigos, enquanto continuaram na regra que Ele lhes havia designado, abateu-os e fê-los fugir diante de seus inimigos quando abandonaram esta regra, de modo que um perseguia a dez deles, e dez punham em fuga a cem deles. Puguemos e recebamos com ousadia, pois, esta doutrina de Cristo, e não tenhamos a quaisquer falsos mestres, visto que a sua suposta felicidade será amaldiçoada, e a nossa suposta miséria será abençoada. Maldição que manifestamente aparece em muitos papistas hoje, que se tornam rebeldes, traidores e assassinos, como também em heréticos que se tornaram dementes e loucos, vigiando o Senhor sobre eles para o mal e não para o bem.

E sobre o Israel de Deus. Aqui, com os pregadores, o apóstolo junta o povo de Deus, mostrando que os que de boa mente ouvem e com cuidado abraçam a doutrina de que pela lei somos condenados pelo pecado e pelo Evangelho somos salvos através da fé em Cristo, e, portanto, de agora em diante se esforçam por ter este mundo crucificado para si e si mesmos para o mundo, e por se tornarem novas criaturas, também serão salvos e acharão misericórdia e paz.

Israel propriamente significa aquele que prevalece com Deus. Ora, porque havia o Israel segundo a carne, de que muitos se gloriavam, ele aqui fala do Israel segundo o espírito, como fala dos judeus em Rm 2, e, portanto, chama-o o *Israel de Deus*, fazendo distinção entre aquele Israel fingido, que repousa na cerimônia e título exterior do nome, e aquele verdadeiro Israel, cujo louvor provém de Deus e não dos homens. Antes, os judeus tomavam para si todo o privilégio da aliança de Deus, mas agora os gentios também estão contidos na aliança, porque, abolidas todas as cerimônias, há um só pastor e um só rebanho.

Esta promessa, então, não pertence mais a todos os confessores do que a todos os pregadores, mas unicamente àqueles que são verdadeiramente chamados para serem o verdadeiro Israel de Deus. Pelo que devemos aprender que nem todos os cristãos obterão misericórdia e paz, mas os cristãos de Deus, isto é, os verdadeiros cristãos na vida e na doutrina. Pelo que todos os cristãos fingidos devem temer o seu estado, saibam eles muito bem dizer o seu catecismo, tenham sido muito bem batizados ou confirmados, venham eles mui frequentemente à Igreja para ouvir a palavra e receber o sacramento. Ora, se Israel, o amado de Deus, não se gloriando na cruz de Cristo, não sendo crucificado para o mundo, não sendo nova criatura, não achará

misericórdia e paz, que conforto havemos de esperar nós, sendo gentios carentes das mesmas coisas?

E no entanto devemos nos lembrar da consolação acima mencionada: que, embora os cristãos sejam em alguns pontos crianças na doutrina, no discernimento, na vida e na conduta, contudo, se com cuidado retiverem o fundamento e sobre ele edificarem uma vida piedosa em verdade e sinceridade, embora em alguma fraqueza, enfermidade e imperfeição, obterão misericórdia e paz no fim.

A verdade desta promessa e a ira certa de Deus sobre os ímpios podem aparecer para nós tanto na vida quanto na morte dos cristãos verdadeiros e fingidos, ao vermos que misericórdia e paz aparecem em uns, e que angústia e impaciência rompem em outros. Os queridos mártires de Deus nem temiam a morte, por um lado, mas alegravam-se por terem sido considerados dignos de sofrer pela verdade, nem eram insensíveis e rudes como se não sentissem dor, por outro lado. Os heréticos instruídos que pareciam querer sofrer, ou cederam sendo vencidos pela dor, ou então morreram como troncos e pedras, estando meio mortos antes mesmo de serem executados. Quanto aos outros que morreram em seus leitos, o Senhor deu uma distinção manifesta entre os verdadeiros profetas e os falsos mestres, entre os cristãos confessores e os papistas obstinados. Os filhos de Deus sempre trabalharam por fazer confissão de sua fé, por tornar conhecida a sua esperança, por testemunhar a sua abundante alegria à sua partida, nem vencidos por medo imoderado, nem desfalecendo em excessivo torpor; os outros morreram, alguns desesperadamente sem esperança, alguns presunçosamente sem verdadeira fé, alguns murmurando sem alegria alguma.

FINIS.